

DISTOLESCENTOPOGRAFIA

OU

**DISTOPIA ADOLESCENTE
GRAFADA EM ALTO-RELEVO**

OU

À SUA ESCOLHA



VERA CRUZ

DISTOLESCENTOPOGRAFIA

OU

**DISTOPIA ADOLESCENTE
GRAFADA EM ALTO-RELEVO**

OU

À SUA ESCOLHA

São Paulo/2017



Distolescentopografia é o resultado do trabalho desenvolvido no curso de Redação com os alunos da 2ª série do Ensino Médio da Escola Vera Cruz, coordenado pelo professor Luiz Venâncio Rodrigues Aiello. As ilustrações foram feitas pelos alunos da 2ª série do curso de Artes Visuais, sob a coordenação da professora Maria Celina Pinto de Gusmão.

Sumário

Prefácio: unbehagen? Prof. Luiz Venâncio Aiello	10
Sorte de principiante Tomás Furtado dos Santos	12
A casa de papel Manuela Julian Gontijo Alves Pinto	22
Se faz feliz e engessa Natasha Coin de Carvalho Fernandez	25
Caneca azul de bolinhas amarelas Lia Glogowski Cruz	29
Não aguenta mais Carolina de Almeida Martins Ferreira	33
Manhã Theo Adler	38
Assombro Laura Baratho Maia Coelho	40
Divã Catharina Martins Miguel Helito	43
Ironia Beatriz Bonaventure Pizolio	48
Joaquim Sofia Tremel Alves	54
Eu tenho medo Marina Horowicz Sutton	57
Vício Julia Soares Calamita	62
À sua escolha Maria Eduarda Figueiredo Balestero	68
Othilia ou Cabra marcada para morrer ou Egoфонia ou Ela sentia cócegas Dora Cavalcanti Ehrlich	74
Solicitação de Morte Laura Novelli de Miranda Oliveira	81

O Julgamento	
Leonardo Vacaro Nogueira	84
E as ondas quebram na praia	
Julieta Visoni Calliari	89
Tragédia	
Carolina Pereira de Aguiar	92
A Estátua	
Max Fahrer	96
Nenhuma borracha apaga o destino	
César Melo Campêlo	100
O maravilhoso Hotel Retom	
Rodrigo Ades Buscato	105
Delírios de uma mente sem razão	
Ana Soares Rodrigues dos Santos	109
Sodacep	
Sofia Mazzucchelli Pompeu de Toledo	113
A Proposta	
Marina Saab Juliatto	119
Ócio	
Julia Murachovsky	123
Concepção	
Julia Fazolare Maurano	130
(A)traídos	
Luzia Rocha de Barros e Silva	133
A fúria do inocente	
Caetano Prestes Ramos	136
Primeiro amor	
Catarina Walter	140
Hipocampo	
Giulia Fusco de Setti Alves	143
Mundo Perigoso	
Bruno Lopes Cassorla	148
Ilusão	
Fabio Marinho Lutz Motta	153
O homem na sua bolha	
Larissa de Gouveia Salzano	156

A punição	
João Tadeu Gaipo Matsumoto	158
O dia em que fui sequestrado	
Camillo Maida Magalhães	161
Não é mais uma história trágica brasileira	
Bruno Pereira Bojikian	168
O faxineiro exemplar	
Nuno Kuschnaroff Barbosa	171
Vovó vigarista	
Carolina Carneiro Naspitz	176
Sem identidade	
Renan Guerrero Carminatti	181
Me habita	
Lígia Macedo Campos	183
Biju	
Ana Pacheco Gavião	188
Volúpia	
Juliana Carvalho Chaves	190
Coraberta	
Lia Abrão Ballak Dias	192
O café da manhã é uma hora sagrada	
Helena Bousquat Árabe	195
Em família	
Marina Trigo Gonçalves da Costa	202
Ana Lua	
Marcela Mattar Sande	204
Invisível	
Gabriela Gorenstein Lerner	210
A maior qualidade de ser eu mesma	
Gabriela Herzberg Gorski	212
A silhueta desejada	
Maria Clara Vieira Paschoal	215
Uma menina diferente	
Maria Izabel Marangoni Brandão Fialho Gandini	219
Doby e seus amigos	
Ricardo Breinis	223

X	
	Rita Tiné Torkomian 226
Efeito Colateral	
	Latife Hasbani 230
Mariana e seus quilos de felicidade	
	Sabrina Thethê Danieli Leite 232
O apartamento	
	Mariana Vicente 238
O vício invisível	
	Fernanda Brollo Forte 241
Depois que coloquei os óculos	
	Pedro Fernandez Tonso 245
Vozes	
	Sophia Buzzacaro Braz 250
Uma chance de recomeçar	
	João Novaes Baccarini 254
Primeira vez	
	Manuela Mello Boaventura 256
As dificuldades de adaptação	
	Pablo Cayres Dutra 260
Feimata	
	Rafael Pluciennik Faustinoni e Silva 262
Invasão	
	Pedro Pimentel Dall 'Acqua 266
Aces	
	Eduardo Paione Freitas 269
É poder demais...	
	Gustavo Iochua Mejlachowicz 270
A viagem de um nordestino à Somália	
	João Pedro Quitério de Figueiredo Cerqueira 273
Algo para lutar	
	Tito Mansilha da Costa Mina 276
Será que?...	
	Marina Kiyomi Hashiba Maestrelli 283
O Assassinato	
	Diego Barros Silveira 286
Poder de vingança	
	Dora Correa Tavares 291

O beijo do amor falecido	
Fernando Rossi Lameiro	296
Colcha de retalhos	
Isabela Hargreaves Rainer	302
Só mais uma notícia	
Pedro Hotimsky Iguelka	306
Um sonho arruinado	
João Kerr Guimarães Bidetti	309
Cegonhas ou vaginas?	
Rafael Gouvêa Bacal	311
Paixão impossível	
Henrique Lima Gabionetta Zini	316
O dia em que fugi da polícia, ou quase isso	
Luiz Henrique Campos da Costa Manso	321
Nova mensagem	
Luiza Souza Zakaib	325
Reviravolta	
André Katz Zagury Fragelli	328
Saindo da rotina	
Beatriz Fantin Trighetas	332
Gritos, gritos, gritos...	
Beatriz Ferreira Silva	336
Duck Tales	
Fábio Barbiellini Safadi	341
Empate do poder	
Maria Fernanda Assumpção Azzoni	345
A valsa em lá menor	
Olivia Pinto Bueno de Campos Bicudo	348
A dúvida	
Pedro Gribel de Castro Mendes	351
O homem de cabelos escuros	
Ana Luiza Robazzi Mussolin	355
Conhecimento	
André Pisaturo de Moura	358
Filho desejado	
Luana Abu Jamra Rosato	362
A Van	
Bruno Canepa Tosi	364

Esse mundo ainda tem jeito	
João Paulo Conti Pereira Luiz	367
Super-homem	
Letícia Carvalho Di Fiore	368
A Preguiça	
Júlia Napolitano Rivitti	372
O dia em que minha vida mudou	
Rafael André Sollberger Cembranelli	374
Vingança	
Dalmo Dallari Oliveira Lima	378
Dois irmãos	
Bruno Spina Soares de Oliveira	384
Só mais um dia	
Gabriel Gorga Guimarães	387
Uma noite histórica para o futebol	
Fábio Fernandes Teixeira	392
Uma amizade e suas consequências	
Luiz Gustavo Campos de Siqueira	397
O fracasso	
Maria Clara Novaes Antoniazzi	402
A grande luta	
Lucas Zanquetta de Oliveira Lima	405
O meu, o seu, o nosso: Pacaembu	
Guilherme Pestana Brom	408
Créditos das ilustrações	411
Créditos gerais	412

Prefácio: unbehagen?

Prof. Luiz Venâncio Aiello

Já no final do século XVI, o jovem Hamlet se perguntava – crânio seco numa mão, coração pulsando na outra – sobre ser ou não ser. Séculos afora, a pergunta percorreu a palavra de muitos outros jovens – Werthers, Holdens, Álvares, Rimbauds – , ficcionais ou não; e hoje ela se renova, tornando-se topográfica: o ser ou não ser transforma-se, enfim, num estar ou não estar. Bem-estar ou mal-estar? Em que mundo queremos estar? Como queremos estar no mundo?

Essas e outras questões aparecem neste livro. Vejamos: no final de 2016, terminamos nosso curso da 1ª série do Ensino Médio do Vera usando a “utopia” como tema das disciplinas de Redação e Filosofia; já em 2017, encaramos um novo desafio: olhar para o mundo em seus aspectos distópicos, fissuras e contradições, observando como nos posicionamos nele, com nossos bem e mal-estares. Passamos por textos, filmes, séries, palestras, longas discussões e, sobretudo, pelo ato de escrever: tanto textos argumentativos quanto narrativos.

Nesse caminho, uma palavra foi trazida a nós pelo professor e psicanalista Christian Dunker em visita à escola: *unbehagen*. Trata-se de um termo usado por Freud para dar conta do mal-estar na civilização, funcionando também como metáfora topográfica: é a ausência de “clareira” nas selvas das nossas vidas. Pois bem: vejo neste livro uma parada, uma “clareira” enfim.

Mas não apenas isto: esses contos tristes, alegres, irônicos, poéticos, ambíguos como os nossos adolescentes me confirmam que a pergunta do jovem Hamlet, mesmo transformada, permanece; e me reafirmam o poder da escrita como ferramenta fundamental de

construção da subjetividade. Se escrever é, essencialmente, posicionar-se, escolhendo como *estar* no mundo, esses contos nos mostram que *bem-estar, mal-estar* ou *em que mundo queremos estar* são dúvidas que só a escrita de cada um dos nossos alunos é capaz de nos responder; ou perguntas que lhes farão continuar perguntando – e escrevendo. Boa leitura!



Lidia Castanha Silva

Sorte de principiante

Tomás Furtado dos Santos



Bruno Canepa Tosi

Então.

Eu não devia ter ido praquela festa.

Eu não devia ter ficado duas horas num canto sem fazer absolutamente pxrra nenhuma.

Eu não devia ter tomado o Aperol.

Eu não devia ter tomado mais Aperol.

Eu não devia ter feito amizade com um bando de moleque alterna do cxxxlho que não faz nada da vida a não ser fumar mxconha.

Eu não devia ter aceitado ler em voz alta um trecho do Necronomicon com um bando de gente alterna que eu nem conheço.

Eu não devia parado ao meio pra tomar mais Aperol.

Eu não devia ter acidentalmente cortado a garganta de um dos caras alternas que ficou poucas porque eu tinha parado pra tomar mais Aperol.

Eu não devia ter deixado o sangue cair nas páginas do Necronomicon.

Eu devia ter corrido junto com a multidão em pânico para fora da casa conforme os muros começaram a se deformar, formando olhos nas paredes enquanto um cheiro de enxofre enchia o ar e um líquido escuro vazava de rachaduras no chão ao invés de ir pegar mais Aperol.

Eu devia ter me declarado pra crush enquanto nós éramos envolvidos em um mar de dentes afiados e fogo frio, que nos corroía até o fundo de nossas almas.

Mas agora já foi.

Agora eu estou aqui.

Em uma dimensão paralela, fora do alcance do tempo e do espaço.

Jogando contra o deus lovercraftiano Macha-Tchalkjuna uma partida de xadrez-roleta-bilhar-paradoxal-Vostroniana-quadrimensional-hypercubenica-strip-poker.

É basicamente yu-gi-oh.

E a parte do strip poker é inexistente, sendo uma decisão corporativa da Hasbro, que só colocou strip poker no título pra vender mais.

Valendo a minha alma, a alma da crush, a alma do meu amigo gordo e a alma do Marcos.

Mas fxda-se o Marcos.

Então a partida é pela alma de três pessoas.

Então começa a partida.

Ele usa pote da ganância pra comprar duas cartas do deck dele.

Usa destruição de cartas pra destruir todas as cartas de ambas as nossas mãos.

Eu não sei jogar yu-gi-oh, então eu não faço ideia do que qualquer uma dessas cartas que eu tenho na mão faz, então tudo bem.

Os dois compram 5 cartas dos seus decks respectivos.

Ele usa pote da avareza e compra todas as cartas que ele tinha perdido e volta para a mão dele.

É só uma versão melhor do pote da ganância, é só isso.

Ele usa destruição de cartas para limpar os decks nas nossas mãos de novo.

Tá bom então.

Pego outra mão de cartas.

Ele não gosta da mão dele e usa destruição de cartas de novo.

Ele faz um som de um molusco imitando um peru.

Ficando gradualmente mais desesperado.

Nós fazemos mais uma mão de cartas.

Ele usa pote da ganância de novo.

Eu olho pra trás:

amigo gordo cresceu asas e está voando por aí, extremamente feliz consigo mesmo, enquanto a crush virou um pote de argila.

Marcos ainda é o Marcos.

Ele usa livro de Tayou para escolher qualquer monstro do deck dele e usar em combate, ele começa a retirar cartas do deck dele pra procurar por um personagem de monstro.

Olho pra baixo.

Vórtex de almas em um ciclo de eterno sofrimento e angústia, servindo de resposta para o que vai acontecer comigo e as almas das pessoas por quem eu sou responsável caso eu falhe nessa partida.

Eu ainda não usei nenhuma carta.

Ele só tem duas cartas no deck dele sobrando, ele perde em duas rodadas, a criatura ativa explosão mágica - uma carta que só entra em ação na rodada seguinte.

A carta dá 300 de dano para cada carta que o jogador descarta.

Ele descartou 55 cartas.

Eu tenho 10.000 pontos de vida.

Na próxima rodada, ele vai me dar 16.500 de dano.

As minhas cartas estão em coreano.

Fxdeu.

Olho ao redor.

Meu amigo gordo que recentemente virou um pássaro botou um ovo.

Mais sons de moluscos imitando um peru.

Chego à conclusão de que esse som é o equivalente a uma risada humana frente a um horror indescritível universal.

Começo a divagar.

Primeiro uso do cérebro em dois anos para a formação de algo construtivo.

Meu amigo é metade pássaro.

Meu amigo gordo botou um ovo.

Pássaro só bota ovo quando ocorre fecundação.

Meu amigo gordo teve sexo!

Meu amigo gordo perdeu a virgindade antes de mim!

Eu pergunto pro meu amigo gordo se ele já teve sexo.

Ele fala que sim.

Eu pergunto quando.

Ele responde que foi durante a festa.

Eu pergunto com quem ele transou.

Com... a crush.

Sons de um molusco imitando um peru se intensificando.

Eu fico quieto.

Marcos ainda está aqui.

Sentimentos de impotência começam a ebulir.

Marcos pede pra jogar no meu lugar.

Sentimentos de frustração interna se intensificando.

Começo a ficar vermelho.

Entra um monte de ciscos nos meus olhos.

Começo a soluçar incontrolavelmente no chão.

Macha-Tchalkjuna concorda com a proposta de Marcos.

Marcos tira um deck da sua pochete e aplica sobre as cartas todos os efeitos que aconteceram na rodada anterior com o meu deck.

Ele usa pote da ganância e compra duas cartas adicionais.

Ele completa exódia e vence o jogo.

Os sons de um molusco imitando um peru param subitamente.

Continuo chorando incontrolavelmente.

Visualize a imagem de um deus cefalópode com cara de cu.

A aposta era pela alma de três pessoas...

O cefalópode desenvolve um dedo e com ele emite um estalo.

Amigo gordo e crush revertidos aos seus estados naturais.

Amigo gordo, crush e Marcos são transportados de volta para a sua dimensão de origem em um flash de energia.

Eu continuo lá.

Fazendo birra.

Entidade abissal me encarando com sei lá quantos olhos.

Continuo chorando em posição fetal.

Ele pergunta se eu estou bem.

Não.

Ele pergunta se eu quero tomar alguma coisa.

Eu peço pra ele me deixar em paz.

Ele continua me encarando.

Ele se senta do meu lado.

Começa a fazer cafuné na minha cabeça.

Gradual diminuição dos níveis de desespero.

Consigo me acalmar.

Ele diz que ele pediu uma pizza de calabresa que chegou agora e ele está indo pagar o entregador e depois já volta.

Ele sai da sala de visitas.

Depois de uns cinco minutos, me recomponho e me levanto.

Começo a caminhar pela casa.

Chego numa prateleira de história em quadrinhos.

Tem muito Sandman e Jodorowsky.

Eu adoro Sandman e Jodorowsky.

Pego alguns volumes que eu não tenho e volto pra sala de visitas.

Ela está sentada na mesa, a pizza é metade calabresa, metade marguerita.

Eu me sento.

Ninguém fala nada por uns três minutos.

Pergunto se ela gosta de Sandman.

Sim.

Passamos uns trinta minutos falando mal do Marcos.

Continuamos a conversa.

Surge uma dor de estômago.

Saio correndo em direção ao banheiro.

Pilulas vermelhas flutuando na privada.

Dou a descarga.

Volto pálido uma meia hora depois e com uns três quilos a menos.

Peço uma fatia de calabresa.

Ela pergunta se eu estou bem.

Sim.

Pergunto se ela já ouviu falar de xadrez-roleta-bilhar-paradoxal-Vostroniana-quadrimensional-hypercubenica-strip-poker.

Ela fala que não.

Eu respondo que se estiver afim, eu posso ensiná-la.

A casa de papel

Manuela Julian Gontijo Alves Pinto

Era cedo quando os pais saíram da casa de papel. Deixaram lá seus dois filhos, de nomes ainda desconhecidos, em vista de uma viagem de negócios. “Se cuidem, pequenas grandes crianças”, dizia o pai ao largar a menina de oito e o menino de doze sozinhos na casa de papel, prontos para cuidar um do outro. Deixavam seus filhos se despedindo calorosamente, garantindo-lhes sua volta, comprometendo-se a aquecê-los com mais do que meras despedidas.

Quem diria que as crianças realmente se cuidariam e seriam totalmente impecáveis ao longo dos primeiros dias? Dividiram as tarefas adequadamente, claramente priorizando os momentos de lazer, mas não por isso deixando de executar suas funções de forma dedicada, mantendo a casa de papel branquíssima, como sempre, mantendo suas paredes sempre claras, preparando refeições cuidadosamente e sendo, como o previsto por seus pais, confiantes crianças pequenas, porém grandes. Crianças, mas não animais. Jovens seres racionalmente responsáveis. “Oh, mas que crianças controladas e admiráveis, pequenos anjos educados, bonitinhos, mini-adultos!” seus pais diriam, se pudessem observá-los. Mas toda aquela esperteza não se manteve tão sensata.

Após os primeiros dias, as crianças, antes contidas, começaram a ficar inquietas. Havia se esquecido num primeiro momento que os pais, mesmo carinhosos e teoricamente preocupados, não haviam informado sobre a data de sua volta. E mesmo que o tivessem, os irmãos juntos,

excessivamente acostumados à nova rotina, não sabiam dizer quando esse dia chegaria, reparando na falta dos pais justamente através da falta de recompensas normalmente oferecidas pelo bom comportamento (aquele que as crianças conscientemente realizam sabendo que assumirão o perfil tão valorizado: seres pequenos, porém grandes, crianças maduras, espertas, obedientes e impecáveis).

Com isso, o segundo momento da independência deles foi marcado pelas travessuras. Não mais submetidos a ordens, não mais recompensados pela dita contenção, as crianças passaram a explorar sua independência. Através de criação de receitas inusitadas na cozinha, preenchimento das paredes de papel antes brancas com desenhos e mais desenhos, dispersão dos móveis, passaram a executar brincadeiras não tão responsáveis, mas não tão nocivas. Até que descobriram o fogo.

Sem controle pela falta de importância e atenção, representadas pelas tais recompensas, as crianças, agora travessas, esqueceram o quão inflamável era a casa de papel e tiveram juntas a brilhante ideia de fazer o jantar em uma fogueira a ser acendida no meio da sala de estar – também de papel.

Juntaram os materiais que puderam, quebraram cadeiras, folhas secas recolhidas da rua e acenderam a tal fogueira que, como as crianças, manteve-se contida num primeiro momento, mas só no primeiro. E o primeiro momento nem sempre é duradouro.

E esse segundo momento foi marcado pelo fogo crescente na casa de papel. As crianças, irracionalmente entretidas, observavam seu crescimento com admiração, maravilhadas com o poder da fogueira. Fogo que, de maneira também travessa – mas bonita – passou a consumir as paredes de papel e os desenhos e novas e velhas receitas e os móveis

reposicionados e as pequenas grandes crianças, embasbacadas, mas não assustadas, com o consumo irracionalmente nocivo – mas belo – nem se preocuparam ao perceber que elas mesmas seriam consumidas.

A menina, vendo a fogueira alcançar seu irmão, sorria despreocupada, e o menino, em perigo, cometia o mesmo erro. Eles, juntos, só passaram a se preocupar quando as chamas lhes tocaram fervorosamente. Quando passaram a torrar seus pequenos dedinhos, perninhas, seus pequenos corpos, também condenados não só a sumir junto com a sala, a cozinha, junto com os quartos, todos de papel, mas condenados também a nunca mais receber recompensa nenhuma, jamais.

Os pais trouxeram as recompensas que nunca seriam usufruídas. Trouxeram muitas, muitas recompensas visando a recuperar o tempo excessivo que passaram lidando com os tais negócios. Voltaram com as recompensas, mas também recompensados. Recompensados com a transformação de suas crianças e de todos os seus papéis em uma mancha de cinzas e um terreno de terras agora inférteis.

Se faz feliz e engessa

Natasha Coin de Carvalho Fernandez



Julia Abramczyk

As coisas não são como deveriam ser. Nada deveria. Esgotou-se a naturalidade na passagem do tempo e cá estamos. Vivemos para os outros sem saber quem realmente somos... Eu não sei. Na necessidade de parecer, nunca se é de fato; precisa-se de um grupo e então há mutação, mutilação. Somos mutáveis e, inclusive quando fugimos de um padrão, seguimos outro. Na esperança de se sentir bem consigo mesmo, é nebuloso diferenciar se o bem-estar vem do que se sente profundamente ou do que a massa julga como certo. Talvez você pense estar se amando, mas se ame porque sente que outros lhe amarão.

Eu desejava uma saída, talvez um escape ou uma prova de ação sincera. Queria, almejava, sonhava em ver uma pessoa mais alheia ao sistema, mais próxima de si. Fui para a aula e encontrei as caras de

sempre; eu tive conversas, mas eram as de todo dia; troquei olhares comuns; mergulhei mais um dia num vazio tão raso que me afoguei. Mas eu ainda buscava.

Chegava em casa, minha família agia como em qualquer outro dia. Não queria que fosse apenas mais um; queria dias intensos, diferentes, mesmo que em mínimos e significativos detalhes. Mas caímos no esquecimento em relação ao diferente. Meus pais já não tinham o mesmo brilho no olhar como nas fotos antigas, era um amor de chama apagada o seu amor pela vida.

Vivemos de rotina. Quase todo dia eu acordo, me arrumo, como, vou à escola, tenho aula, tenho aula, volto para casa, como, estudo, como, vou dormir. Meus pais acordam, quase nem comem, vão ao trabalho, trabalham, comem, trabalham, voltam para casa, comem, revisam o trabalho, comem e dormem. Quando me arrumo em meio à minha rotina, inconscientemente faço escolhas de acordo com o que os outros irão pensar. Meus pais se adequam e se submetem aos chefes, e em comum temos a submissão.

Após o jantar, também feito de rotina, subo ao meu quarto e penso. Como melhorar meu dia seguinte, como tentar novas relações, como tentar novos assuntos, como modificar meu mundo a fim de confortar-me? Ou então, posso esquecer tudo em que acredito e tentar ser feliz no escuro.

Mais um dia no carro, olhando pela janela para a cidade cinza, com pessoas duras e sérias. De novo, entrando pelo mesmo portão e chegando à sala, converso, anoto, levanto, me remexo, mas nada torna

meu dia um dia novo. Um dia passa no calendário, mas não na vida. Sento-me atolada, numa areia movediça coberta de indiferença, até que uma festa surge como possibilidade de mudança no meu cotidiano.

Arrumo-me, absorta em expectativas; então percebo que deveria estar atraente. Reflito que minhas expectativas e as de todos giram em torno de relações comerciais, a mulher é o produto e, em relações hétero, o homem o comprador; mas relevo os pensamentos negativos. Chegando lá, vejo que estava certa. As meninas dançando sensualmente e os meninos a uma distância suficiente para observá-las, avaliá-las e então decidirem em qual ou quais irão investir.

Eu fujo, vou embora o mais rápido que posso, pois não posso mais viver aquilo, ninguém me compreende. Quem conversava comigo mais intensamente tem apenas uma compreensão momentânea. Estão todos cobertos por hipocrisia; inclusive eu, pois para ser um ser social, é necessário se adequar minimamente. Mas estou consciente, sofro a cada passo.

Ando, ando quilômetros na imensidão; vejo cores, pessoas, padrões. Vejo sorrisos e olhares tristes, ou até mesmo sorrisos tristes, ou sorrisos em tristes olhares. A tristeza é errada, vende-se como felicidade. Mal sabem eles que ninguém nunca é feliz, são sentimentos paralelos, um compensa o outro, um ajuda o outro. Somos seres “multisentimentais”, mas a sociedade não aceita isso. Dopa-se como come balas e chicletes, de forma que, no fim, tudo volte e vire, gire, balance como um redemoinho de emoções.

“Sorria, você está sendo filmado”. E se eu não puder sorrir? Devo fingir a cada instante, imersa em litros e litros de superficialidade. Todos querem ser alguém para os outros, então o esforço faz com que

a pessoa se desencontre. Cada vez tentando se encaixar mais e mais, faz-se com que nasçam diversas dúvidas em quem que já não se encaixa em si mesmo. Alienamos a nós mesmos sem sermos obrigados a isso, porque somos induzidos a fazê-lo. Regras, muros e montanhas dividem o certo e errado desde que nascemos, vivemos no concreto, mas somos sentimentos líquidos. Seres humanos são feitos de dúvidas, do imaginário, do impreciso, mas também do tato, do visível. Os muros consomem o líquido fictício.

Um sorriso é uma expressão. Banalizam-na, pois sendo valorizada, entende-se que deve ser a única estampada. O choro, lágrimas de desencaixe explodem entre quatro paredes. Evita-se desabar em público, já que pessoas felizes são peças com mais utilidade em jogos de quebra-cabeça. Não sabemos lidar com a tristeza, pois fomos criados para exalar alegria: andar, pensar, falar, cheirar, olhar alegre e felizmente. Quando alguém chora, entra-se em desespero. Quando alguém sorri, sorrimos também. Então eu percebo: “ajusto-me a mim, não ao mundo”. Não posso mudar o mundo, mas a mim. Eu sou meu mundo paralelo, preciso de pessoas que possuam mundos paralelos que se identifiquem com os meus.

Caneca azul de bolinhas amarelas

Lia Glogowski Cruz



Sento-me na cadeira. Tomo um gole daquele café com dois pinguinhos de leite que está na minha caneca azul de bolinhas amarelas. Arrumo tudo como havia arrumado ontem e no dia anterior. Os monoblocos empilhados no centro. Minha caneta preta preferida no canto direito. As canetas coloridas em cima das folhas. Do lado esquerdo, os três livros de química que vou usar. Na gaveta, todos os meus resumos de prova dos três anos de colegial. No canto direito, em cima da caneta preta, ao lado das canetas coloridas, os diversos tipos e cores de *post it*, bem pertinho da minha caneca azul de bolinhas amarelas com um café que será tomado e repostado aproximadamente seis vezes nesta tarde ensolarada.

Toca o despertador, 23:30. Agora eu posso dormir por, nem mais, nem menos, seis horas e trinta minutos. Já sei o que acontecerá depois: minha mãe me acordará com elogios, uma torrada queimada e, se eu der

sorte, uma xícara de café. Antigamente, eu achava tudo isso uma beleza, até gostava da torrada queimada. Mas que idiota que eu era, quem gosta de torrada queimada? Só que minha mãe enche tanto o meu saco pra comer que acabo comendo logo.

Acabo de fechar os olhos e toca meu celular. Que dia é hoje mesmo? Ah, hoje é sábado, com certeza é a Flávia tentando me tirar de casa. Desligo sem nem atender, coloco no modo avião. Que saco essa menina, ela está completamente perdida na vida, só que ela precisa colocar na cabeça que eu não sou perdida na vida, eu tenho planos e não vou ficar saindo que nem uma inconsequente como ela faz.

Ops, azar. Eu realmente odeio quando minha mãe inventa de me trazer torrada na cama. Ela sabe que faz meses que não como no café da manhã, não adianta nem tentar, mas mesmo assim, ela cisma em me trazer torrada. Jogo aquilo fora e vou buscar meu café. Sento-me na cadeira. Tomo um gole do café que estava na minha caneca azul de bolinhas amarelas. Arrumo tudo como havia arrumado ontem e no dia anterior.

Às 19 horas, toca meu despertador, hora do jantar em família. Fico puta, ainda não estudei tanto quanto deveria. Porém, já briguei muito com a minha mãe a respeito desse jantar. Eu sei que é aniversário do meu irmão e que eu devo ir, só que já estamos em outubro, faltam poucos meses para a primeira fase da Fuvest. Eu não tenho tempo de ficar indo a jantares inúteis. Nada disso adianta, minha mãe não me dá escolha.

Tomo um banho longo e resolvo colocar aquele vestido que eu tanto amava no colégio. Nossa, quanto tempo fazia que eu não usava um vestido... Olho no espelho, lembro-me de ter certa dificuldade em fechar o zíper. Estranho, dessa vez até que foi bem fácil. Nossa, será que sempre sobrou esse pedaço de tecido nas laterais? Lembro que meu peito ficava

magnífico nesse decote, agora parece tão pequeno, será possível ter diminuído? Tiro a roupa e olho meu corpo, faz tempo que não me olho pelada. Eu consigo ver minha clavícula tão saltada, minha barriga sem nem uma gordurinha, os ossos da minha bacia aparecendo, minhas coxas não se encostando mais, minha bochecha não mais macia, meus pulsos muito finos, meus dedos muito magros. Lágrimas enchem meus olhos, eu percebo como eu estou feia. Não quero que ninguém me veja.

Coloco de volta meu moletom, meus fones de ouvidos, tranco a porta. Sento-me na cadeira. Tomo um gole daquele café frio com dois pingüinhos de leite que estava na minha caneca azul de bolinhas amarelas. Arrumo tudo como havia arrumado ontem e no dia anterior. Falta pouco, penso.

É Fevereiro, hoje é o dia, finalmente. Eu não suporto mais não saber o que vai acontecer em seguida. Finalmente eu vou saber se esse inferno vai acabar, se eu passei ou se vou ter que fazer tudo de novo. Não quero que ninguém veja o resultado antes de mim, vou odiar ver a cara de pena da minha mãe se eu não passar.

Passei.

Primeiro dia da faculdade, lembro-me como se fosse ontem da minha felicidade ao ver que tinha passado. Agora eu vou ser feliz. Quando chego em casa, após o primeiro dia, sinto-me exausta, não poderia imaginar que eu teria tanta coisa para fazer. E então eu respiro. Sento-me na cadeira. Tomo um gole daquele café com dois pingüinhos de leite que está na minha caneca azul de bolinhas amarelas. Arrumo tudo como não arrumava há algum tempo. Os monoblocos empilhados no centro. Minha caneta preta preferida no canto direito. As canetas coloridas em cima das folhas. Do lado esquerdo, os três livros que vou

usar. Na gaveta, todos os meus resumos de prova dos três anos de colegial. No canto direito, em cima da caneta preta, ao lado das canetas coloridas, os diversos tipos e cores de *post it*, bem próximos da minha caneca azul de bolinhas amarelas. Lá estou eu, de novo. E de novo.

Não aguenta mais

Carolina de Almeida Martins Ferreira



Carolina de Almeida Martins Ferreira

5:30 da manhã. O despertador toca.

5:45. De novo.

Os olhos sem forças para abrir. A cabeça dói ao ouvir o som irritante do despertador se repetindo sem parar.

5:50. Mais uma vez.

O mau humor aumenta.

Os olhos não conseguem se mexer, como se as pálpebras estivessem grudadas. Faz força para abri-los. Levanta da cama com dificuldade, arrastando o corpo pesado pelo chão. É um sacrifício. Abre o armário e, ainda de olhos fechados, pega a primeira camisa e a primeira calça que sente com o toque de seus dedos enrugados. Veste-se lentamente. Vai ao banheiro.

6:30. Atrasado.

Calça seus sapatos, pega sua maleta e vai em direção à cozinha, pega um pedaço de pão e vai mastigando-o rapidamente em direção ao elevador. Quebrado. Desce os sete andares correndo. Entra no carro e vai para o seu escritório, mas como de costume, logo após dez minutos já está enfiado no meio do trânsito infernal.

7:30. Chega ao trabalho. Atrasado.

Desce do carro, aperta o botão do elevador e sobe os doze andares.

Caminha com passos apertados até sua mesa, mas procurando ser discreto ao mesmo tempo, para seu chefe não perceber.

- Carlos! - grita seu chefe.

Tarde demais. Ele se aproxima com as suas grossas sobrancelhas franzidas e um olhar de desaprovação e, então, começa a gritar e dar sermões na frente de todo o escritório. Só que Carlos já não ligava mais, revirava os olhos e apenas balançava a cabeça, não ouvindo as palavras que o chefe dizia. Quando o sermão acaba, Carlos senta-se em sua cadeira, abre seu computador e começa a ler os textos que estavam para

ser publicados, esforçando-se para manter seus olhos abertos e prestar atenção. Impossível. Pega uma xícara de café e toma lentamente. Volta para o computador.

Lê mais algumas páginas. A irritação aumenta.

Depois de dois cigarros, volta para sua mesa. Lê mais páginas. Para. Olha ao seu redor e observa todos à sua volta, sentados, com suas costas encurvadas e com os olhos vidrados em suas telas pequenas, apertando as teclas rapidamente com seus dedos cheios de calos. “Patético”, pensa. Volta para a sua tela e continua a ler seu texto. É um sacrifício. Olha para o relógio e observa os ponteiros se mexerem de forma muito lenta, quase como se estivessem parados.

Toma mais uma xícara de café.

20:30. Vai para casa.

Mais trânsito. A irritação vai aumentando.

21:40. Chega em casa.

Aperta o botão do elevador. Lembra-se que está quebrado. O mau humor cresce. Sobe os doze andares de escada arrastando seus pés e resmungando.

Esquenta no micro-ondas uma lasanha de queijo e presunto. Depois de cinco minutos, senta-se em seu sofá velho enquanto come sua lasanha e assiste ao jornal. Coloca o prato na pia junto com a louça suja de uma semana e meia. Fuma um cigarro. O telefone toca, é sua mãe, mas decide ignorá-la. Toma um banho quente e dorme.

5:30 da manhã. O despertador toca.

A cabeça dói.

5:45. De novo.

A irritação aumenta.

5:50. Mais uma vez.

O nervosismo é tão grande que não dá para controlar. Consumido pela angústia e pela irritação, Carlos joga o despertador no chão com força. O som dele se quebrando é satisfatório.

A claridade machuca os olhos. A cabeça dói. É um sacrifício para se levantar.

Tudo volta a se repetir. Ele não aguenta mais essa vida.

7:40. Chega atrasado no trabalho, de novo.

Senta-se em sua mesa e começa a ler mais textos. É difícil manter os olhos abertos e prestar atenção. Toma uma xícara de café.

Volta ao texto, mas não consegue se focar, dessa vez não está mais preocupado com o trabalho. Não aguenta mais aquele lugar e nem aquelas pessoas. Observa todos à sua volta, escuta o barulho dos teclados sendo apertados, das pernas balançando e de unhas sendo roídas. A inquietação é enorme. Ficar ali sentado e aturar tudo aquilo é extremamente difícil. Tenta se controlar, mas é quase impossível. A irritação vai crescendo mais e mais.

Seu chefe, com aquele rosto estúpido, vem lhe dar mais uma bronca. É demais. Tenta se controlar, mas é difícil. Sente seu coração pulsando mais rápido, seu corpo esquentando e suas veias saltando. Olha à volta e vê os risos, os cochichos, a inquietação. Não suporta. Sua mão está tremendo. Quando percebe, está fora de controle e não consegue aguentar. Dá um soco em seu chefe. Forte. Descontando toda a raiva e angústia que já sentira.

No momento, é um alívio, sente-se mais leve; mas, de repente, é agarrado por duas pessoas. Não consegue se mover. Não entende direito o que aconteceu e o que está acontecendo, mas não pode negar que se sente mais leve. Começa a ouvir um barulho de sirene policial se aproximando do local. Quando se dá conta, vê seu chefe jogado no chão, desacordado e sangrando.

Os policiais chegam e levam-no para a prisão.

O dia seguinte com certeza não será monótono.

Manhãs

Theo Adler

Eram 6:10 da manhã de segunda-feira e lá estava Freitas, aluno do segundo ano, sonolento, arrependido por ter ido dormir tarde apenas para ver Fantástico até o final por causa da matéria sobre a vida dos chimpanzés da Malásia que eram motoristas de táxis na pequena e remota cidade de Limbang. No dia anterior, estava super curioso para conhecer mais sobre essa extraordinária espécie e seu comportamento ímpar. Depois, arrependido, culpou os pobres macacos pela sua indisposição.

Era assim que Freitas levava a vida, culpando os outros pelos seus erros. Tirava nota baixa, culpa do professor. Atrasava-se para compromissos, culpa do motorista. Furava a bola, culpa da bola.

Ninguém suportava isso. Freitas tinha poucos amigos, sentia-se solitário. Frequentava a terapia três vezes por semana. Seu terapeuta dizia para ele crescer, assumir mais suas próprias responsabilidades, mas Freitas relutava, dizia que eram coisas que não podia controlar; porém, no fundo, sabia que o especialista tinha razão: era hora de mudar.

Melhor dia, impossível. Era dia de prova de matemática e Freitas precisava de nota oito para passar de ano, pois tinha zerado todas as avaliações até ali. Mas aquele era o dia da virada, pensou. Com sangue nos olhos, pulou da cama, enxaguou o rosto, passou desodorante, perfume e foi tomar café da manhã. Preparou um belo suco de laranja

e comeu uma torrada com manteiga e geleia. Voltou para seu quarto, trocou-se, colocou as lentes de contato e chamou o Uber. O motorista chegaria em seis minutos.

Freitas estava animado com as possibilidades que o universo lhe reservaria a partir de então. Talvez pudesse criar novos laços, novas amizades; talvez melhorar as suas notas... Quem sabe, finalmente, viver ao máximo o potencial que todos sabiam que ele tinha. Ele se sentia determinado a cumprir com todos esses objetivos logo!

A primeira missão do dia já estava à sua frente: a prova. Sabia que seria difícil, talvez a prova mais complicada de todas que já tinha feito, mas para quem tem determinação, o impossível é questão de opinião!

Finalmente, o Uber chegou à sua casa e ao receber a ligação do motorista, Freitas se lembrou de um detalhe: como poderia tirar oito na prova sem saber o conteúdo? Colando? Mas quem se arriscaria a passar os resultados para alguém de quem sequer gosta?

Foi quando ele percebeu que não havia esperanças para a avaliação. A recuperação era iminente. Um enorme sentimento de frustração tomou conta de si: do que importa determinação sem os meios para sua conquista?

Freitas cancelou o Uber e voltou a dormir.

Assombro

Laura Baratho Maia Coelho

Em todas as terças, Isadora não chegava à escola com um sorriso no rosto ou com o passo apertado para se sentar em seu lugar preferido, pois ao entrar na sala e encontrar as cadeiras alinhadas em formato circular, sabia o que a esperava. Como em todas as outras terças-feiras desde fevereiro, seu futuro e de todos alunos de sua classe seria o assunto por 45 minutos consecutivos. 45 minutos nos quais ela poderia ter assistido mais um episódio de sua série favorita, ouvido 15 vezes qualquer música de sua playlist ou ter dormido um pouquinho mais. Mas não, a menina era obrigada a ouvir sobre escolhas de faculdade, que ela devia já ter começado o cursinho e sobre como a vida adulta estava prestes a começar.

A cada palavra do homem lá na frente, Isadora se encolhia mais na cadeira, seu coração começava a bater mais rápido e nenhuma palavra do que ele dizia fazia sentido. Não é que ela não quisesse conversar sobre o assunto ou pensar em seu futuro, isso ela até queria; mas seu medo era maior, e a cada dia ele crescia, ganhava forma e a consumia toda vez que alguém lhe perguntava sobre ela escolher USP ou Unicamp.

Quando voltava para casa e deitava em sua cama, o monstro dentro dela ganhava corpo, cara e voz. Era uma mulher de aproximadamente 30 anos, em cuja aparência não havia nada de errado, que usava um robe xadrez três tamanhos maior e cujo cabelo ficava preso em um coque desarrumado, como se ela não se importasse com sua aparência. A moça sempre estava sentada em um sofá, que aparentava

ser no porão, assistindo televisão e comendo algum tipo de salgadinho industrializado. Tinha um semblante desanimado e se mostrava entediada com tudo que se passava na pequena tela à sua frente.

Pela primeira vez, Isadora decidiu que iria se comunicar com ela, tentar entender quem ela era e o motivo pelo qual se encontrava ali. Uma mensagem, um aviso, existiam várias vias possíveis, mas a única coisa que a moça de coque desarrumado fazia, na verdade, era não fazer nada. Enquanto Isadora tomava café, se arrumava, pegava o ônibus, estudava, pegava o ônibus de volta e deitava na cama diariamente, a mulher ia cada vez mais se metamorfoseando no sofá em que se sentava havia meses.

- Olá... Quem é você? - Perguntou Isadora, acanhada.

A mulher apenas mexeu a cabeça, não moveu mais nenhum de seus músculos e encarou a menina como se a conhecesse e soubesse muito bem de todas as suas aflições e medos.

Com o passar do tempo, aumentou o espaço que essa mulher ocupava na cabeça de Isadora; tudo que ela pensava começou a se resumir a descobrir quem era aquela figura, mas a falta de progresso a consumia.

Isadora parou de fazer várias coisas que demandavam sua cabeça, ficando completamente focada em observar a moça do coque. Ao mesmo tempo, a única coisa que lhe ajudava a desocupar a mente daquele problema era assistir televisão: via várias cores e letras passarem em frente aos seus olhos o dia inteiro, mas elas não lhe traziam nenhum sentido ou resolução para o caso em sua cabeça. Seu medo e seu desejo estavam em um só lugar.

Até que a menina começou a fazer parte de seu quarto como se fosse mais uma almofada, mais um daqueles enfeites que não fazem nenhuma diferença e que ninguém se dá o trabalho de tirar de lá. Passou a fazer parte sem se fazer realmente presente, sem ser notada. Passou a não trazer nenhum incômodo às pessoas que moravam em sua casa, não fazendo barulho, não gerando custos e não fazendo perguntas inconvenientes.

Finalmente, o que faria no futuro não era mais um problema: tinha problemas maiores, bem maiores, do tamanho da sua cabeça, de todos os seus pensamentos, de suas horas, dias, semanas e meses.

Numa bela terça-feira, Isadora percebeu, ao se olhar pela primeira vez no espelho, que estava vendo uma imagem conhecida: uma mulher envelhecida por algo que não era o tempo, com um coque desarrumado e um semblante desanimado, desinteressado de tudo à sua volta.

Seu medo era ela, ela era seu medo; o medo do futuro, de não fazer nada que importasse, que desse dinheiro, que desse “estabilidade”, o medo de simplesmente não fazer. Todo aquele terror tinha tomado mais forma do que ela imaginara e se tornou ela mesma, de carne e osso, com toda a energia que a juventude trazia.

Ela passou a ter total noção de si, do espaço que ocupava naquele mesmo quarto em que morara durante toda a sua vida. Um dia, quando a porta estava entreaberta e era possível ver um fraco fio de luz que vinha do corredor, ela se levantou com um pouco de dificuldade, fechou a porta e finalmente apagou as luzes.

Divã

Catharina Martins Miguel Helito



Julieta Visoni Calliari

Já parou para pensar no que você realmente é? Somos como nascemos ou apenas o que acreditamos ser? O porquê das coisas. É essa a minha maior questão: o motivo de sermos assim, com tantas vozes na cabeça, com sentimentos contraditórios, instintos, vontades... Será que eu sou assim só por causa de um astro insignificante que estava lá no céu na hora em que eu nasci? Que merda, a gente acha que é tudo, mas no fundo não somos nada.

*

De repente, o universo paralelo onde as coisas acontecem em nossas cabeças enquanto dormimos foi quebrado pelas “vozes”:

- Bom dia! Ei, acorda! Você vai perder a aula!

- ACORDA, PORRA! SEU LIXO, VOCÊ QUER REPETIR DE ANO?

Enquanto isso, meu corpo cansado e pesado sobre a cama ainda nem dava sinais de vida, apesar de toda a tortura dentro dele já ter começado. Nesse dia, eu me atrasei mesmo; na verdade eu nem fui à escola.

No momento em que eu me levantei, aquele quarto cheio de itens que me lembravam da pessoa em que eu havia me tornado, aquela bagunça sem nome, sem lugar no mundo, que viria a ser uma decepção para qualquer um que lhe botasse fé, já que nada do que fizesse iria dar certo, desanimou-me. Eu só queria voltar a dormir para não ter que viver com o peso de ser eu, mas nem isso eu podia fazer, minha cabeça não deixava.

- Enquanto você estiver dormindo, nada na sua vida vai mudar, você pode até esquecer das coisas, mas elas ainda estarão aí.

- É por isso que você é esse fracasso ambulante; imagina só, nesse momento, todos os seus amigos lá na sala de aula, concentrados, estudando, ou pelo menos fazendo algo da vida, diferente de você, que não se dedica a nada e depois se faz de vítima. Ah, me poupe, você não vai voltar a dormir de jeito nenhum.

Ok, eu resolvi me trocar, mas ao chegar em frente ao espelho e tirar a blusa, lá estava outro monstro que perseguia a minha paz, o

meu corpo. Ele nunca seria como o que todos julgam bonito, ou que eu julgasse suficiente. Aquela barriga sem definição, aquelas pernas pálidas, braços fracos, a falta de forma. E novamente, as vozes:

- Não sei porque tanta tristeza, isso é tudo sua culpa. Seus dias gastos dormindo, comendo, seu sedentarismo...

- O seu corpo é o mais feio entre todos na sua escola, se vissem você por baixo das roupas, ninguém te levaria a sério...

Fui para minha escrivania ver se ocupava a cabeça com algo além de mim mesmo. Abri meu computador e mergulhei no mundo dos falsos sentimentos, das falsas crenças, belezas plásticas e corpos alterados, do politicamente correto via facebook, e uma angústia ensurdecadora tomou conta de mim, talvez por saber que tudo aquilo era irreal e que mesmo assim todos seguiam cegamente; ou apenas porque eu queria ser tudo aquilo e sabia que nunca chegaria lá, eu nunca seria alguém admirável.

Essa é minha rotina, tirando a parte de faltar na escola. Sou eu contra eu, um relacionamento corrosivo, injusto, mas que no fundo – por mais que eu não admita – nunca foi minha culpa, é algo que eu fui conduzido a sentir. Mas novamente, por que tudo isso? Eu condeno o outro por me sentir numa prisão, mas sou eu mesmo que tiro a minha liberdade de apenas ser... ou não? Quem está me controlando?

- Ah, você se acha o Freud, agora!? Para de ser tão idiota, só porque você é infeliz consigo mesmo, fica com esse mimimi sobre os “rótulos”, sobre o “ser ou não ser”, pelo amor de Deus, o mundo é assim, e se você não se encaixar, você não serve! Pode parecer fútil o que eu

estou dizendo, mas a verdade é essa... Se você não for bem na escola, não arranjará trabalho e não ganhará dinheiro; e se não tiver um corpo belo, nunca arranjará alg - - -

É por isso que eu bebo, apenas nesses momentos essas vozes param e eu finalmente me vejo livre. Caramba, como isso é cansativo!

O dia seguinte já é outra história. Eu acordo destruído. Chegando à escola, todos me olham com cara de desgosto, como se nunca tivessem tido uma ressaca na vida. Ah, sem falar de quando eu entro na sala de aula... Meus professores me tratam que nem um nada, uma vergonha, e isso só me desanima mais ainda...

Essa merda que chamam de vida deveria ser renomeada como ciclo das desgraças, parece que a catástrofe que é ser eu nunca se esgota.

“A gente supera o dia com Deus e Rivotril”: essa é minha frase, meu slogan. E realmente, sem meus remédios eu acho que eu não conseguiria enfrentar nem um dia mais cinza... A questão é que meus pais não sabem disso, eu compro com a minha mesada esses remédios do meu amigo, cujo pai é farmacêutico.

Um dia, eram cinco da matina e eu acordei com o choro histérico e irritante da minha mãe vindo do meu banheiro. Ela tinha entrado lá para pegar pasta de dente, e ao abrir meu armário, caíram as embalagens vazias das quais eu usava o conteúdo para preencher o vazio de dentro de mim. Eu soube que tinha me ferrado, mas também, né, quem é besta o suficiente para esquecer de esconder o maior segredo da sua vida? É surreal! Como pude?

Meu pai chegou para ver o que estava acontecendo e enquanto isso eu fingia dormir. Foi doloroso ouvir da boca dos meus pais que eles achavam que eu estava enlouquecendo, que eu só servia para trazer problemas e que o melhor mesmo era procurar ajuda de um profissional. Que raiva, até parece que eles nunca sentiram tristeza na vida!

*

- Obrigada por se abrir para mim dessa forma, para sua primeira vez você não se saiu nada mal. Que tal voltar aqui semana que vem? Eu vou te passar meu número, e qualquer coisa pode me ligar que eu estarei à sua escuta.

Eu não respondi. Odeio psicólogos.

Ironia

Beatriz Bonaventure Pizolio

O Ironia era um bar de frequência da classe média, cenário de grandes porres e vexames, de promessas de bêbados esquecidas no dia seguinte. Em uma pacata quarta-feira à noite, o público era pequeno, uma ou duas mesas ocupadas, os garçons encostados nas paredes ou jogando cartas. Uma mulher tomava um uísque sentada no balcão, pernas cruzadas, cabelo preso, brincos de ouro. Segurava firmemente com as longas unhas vermelhas a bolsa com o logotipo falsificado da Channel no fecho. Pelo sorriso abobalhado, não era seu primeiro copo. Um frasco de fluoxetina era visível em seu bolso.

Um homem cruzou a porta do bar guardando a chave de um Fiat no bolso e arrumando o paletó. Percorreu o local com os olhos caídos e se deteve na mulher do balcão. Aparentava a mesma idade que a dela. Aproximou-se, sentou-se a um banco de distância, pediu uma cerveja, observando a mulher com o canto do olho. Ela bebericava uísque alheia ao mundo à sua volta. Depois de minutos de silêncio, ele se virou e perguntou:

- Posso lhe pagar outra bebida?

- Sou casada, nem tente - ela respondeu, sem lhe dirigir o olhar.

O humor do outro azedou diante da resposta grossa.

- Não parece - sussurrou audivelmente.

- Como assim, não pareço? - ela se virou, irritada, agarrada ao copo.

- Está num bar, em plena quarta-feira à noite, não usa aliança, não tem idade para ser casada e usa um decote sugestivo.

- Imbecil - a mulher respondeu à análise crítica do desconhecido, voltando a olhar para o fundo do copo.

- Você fala como se fosse melhor que eu - o outro respondeu, terminando a cerveja, batendo violentamente o copo no balcão e fazendo sinal para o garçom tornar a enchê-lo - Está num bar vazio, bebendo sozinha no meio da semana e brigando com um completo desconhecido.

Ela se calou, reconhecendo a sensatez do argumento ou simplesmente aceitando que não valia discutir com um sujeito daqueles. Mais alguns minutos de silêncio durante os quais o homem acendeu um cigarro. A mulher torceu o nariz diante de tal ato, mas permaneceu calada, o que aparentava ser algo raro em sua natureza. Sem aviso, o homem começou a rir, gargalhando com um prazer conformado.

- A que ponto chegamos, não é? - ele declarou - A que ponto miserável minha vida chegou para eu me encontrar nessa situação? Desempregado, sem esposa e sem filhos, prestes a ser despejado e a sucumbir aos vícios do álcool e do cigarro. Ah, que saudade daqueles tempos de faculdade e ensino médio... Ah, naqueles tempos eu achava que tudo era possível.

- Você provavelmente tinha aquelas ideias tolas sobre o rumo da sua vida - a mulher acrescentou, iniciando outro copo de uísque - Sobre como seguiria uma carreira, conheceria a mulher dos seus sonhos, teria

filhos e a casa perfeita de condomínio com um jardim e uma dupla de cachorros. Trabalharia algumas horas por semana e envelheceria em uma casa de férias à beira-mar.

- Era assim que você queria sua vida?

- Era.

Silêncio. Os dois bebiam, perdidos nos próprios pensamentos, as recordações e os sonhos passados.

- Mas em vez disso, eu acabei aqui: noivado desfeito, deserddada pelos pais, tentando concluir o doutorado e dividindo o aluguel com uma artista de rua - a amargura na voz da mulher era quase palpável - Gastando dinheiro que não posso em álcool em um bar vazio no meio da semana e conversando com um estranho tão miserável quanto eu.

- Um brinde à maravilhosa vida de adulto - o homem disse em tom sarcástico, erguendo seu copo, que recebeu uma batida de leve em um brinde.

Ambos beberam. Silêncio de novo no bar. Buzinas e gritos encheram a rua lá fora e o cheiro de algo gorduroso se espalhou pelo ambiente, vindo da cozinha. A mulher pegou o frasco de remédios do bolso e engoliu uma pílula.

- Antidepressivos e álcool? Não é uma boa combinação - o homem desaprovou, observando a cena.

- Cigarros, álcool e direção? Não é uma boa combinação - a mulher respondeu, em tom idêntico.

Silêncio de novo. O grupo sentado na mesa do canto riu escandalosamente, observando um documentário na TV. Um celular tocou e um dos garçons saiu do aposento, brigando no telefone.

- O que você faria? - perguntou o homem, se virando para a mulher, com o copo em uma mão e o cigarro na outra - O que você faria de diferente se simplesmente saísse desse bar, mandasse tudo e todos à merda e simplesmente fosse fazer o que quisesse com a sua vida?

A mulher pensou um pouco, tomou um gole, riu sozinha. Virou-se, deu uma tragada no cigarro do outro.

- Achei que não fumasse - o homem disse - Depois do seu discurso "cigarros, álcool e direção".

- Eu não fumo - ela respondeu, devolvendo-lhe o cigarro - Larguei há dois anos, depois de sete anos fumando.

Ela pensou mais um pouco, bebeu outro gole.

- Eu venderia tudo que eu tenho em um daqueles brechós e mercados velhos, me mudaria para uma cidade qualquer do México e trabalharia de garçonne em um daqueles bares imundos, aproveitando as praias de dia até decidir o que fazer da minha vida. Ou não - ela disse, dando de ombros - Eu simplesmente ficaria lá pelo resto dos meus dias, dormindo em um apartamento minúsculo e usando o mísero salário para pagar as contas, mas com a satisfação de que estaria fazendo o que ninguém esperava que eu fizesse.

- Nada mal - o homem respondeu, terminando o cigarro e jogando-o fora - Acho que eu pegaria um avião, iria atrás daquela garota

da minha adolescência que se mudou para os Estados Unidos e iria viver aquele sonho do cinema de trabalhar como escritor frustrado até subir na vida e conseguir o sucesso.

Os dois se olharam e caíram na risada diante da impossibilidade e da idiotice da situação: ambos presos em vidas miseráveis, sem coragem ou vontade de fazer algo a respeito, preferindo mergulhar no álcool e nas drogas e continuar com a vida como estava.

- Nós não vamos fazer nada disso, não é? - a mulher disse, pegando outro copo.

- Não, provavelmente não. Não há nada nos segurando e mesmo assim não vamos fazer nada.

- Um brinde à nossa estupidez - a mulher disse e os dois bateram os copos de vidro.

Conversa vai, conversa vem, na madrugada, a mulher se levantou, cambaleando, e pediu para o garçom lhe chamar um táxi. Virou-se para o homem, que a acompanhou até a porta.

- Então... foi um prazer falar coisas sem sentido com você, estranho - ela disse, estendendo-lhe a mão.

- Igualmente - ele respondeu, apertando-lhe a mão. Os dois se encararam - Você deveria correr atrás do que você quer. Vender suas coisas e ir pro México e trabalhar como garçom. Eu digo, de verdade.

- Talvez eu vá - a mulher respondeu depois de encará-lo por um tempo - E você deveria ir atrás da garota que se mudou para longe. De verdade.

- Talvez eu vá.

Havia um quê de ironia, divertimento e tristeza na voz de ambos. O garçom anunciou que o táxi chegara. Sem mais o que falar, saíram do bar e andaram em direções opostas, sem trocar despedidas ou telefones.

Na noite seguinte, uma pacata quinta-feira, o Ironia continuava sem muitos clientes, um ou outro casal e um grupo de solteiras. A mulher sentou-se no mesmo banco da noite anterior, as mesmas unhas, a mesma bolsa, as mesmas pílulas e a mesma bebida. Só há uma coisa diferente: o cigarro na mão direita, empunhado de forma elegante.

O homem entrou no bar guardando as chaves do carro no bolso, percorrendo-o com o mesmo olhar da noite anterior, a mesma expressão de tédio no rosto. Deteve-se na mulher sentada no balcão. Aproximou-se, sentou-se a um banco de distância, pediu uma cerveja. Os dois não se olharam. Depois de alguns minutos de silêncio, ele se virou e perguntou:

- Posso lhe pagar outra bebida?

Joaquim

Sofia Tremel Alves



Cansado de acordar às 9h, se preocupando com as 12h e ao mesmo tempo revivendo as merdas que fizera três dias antes, Joaquim vivia em um conflito entre o futuro e o pretérito imperfeito, mas nunca estava no presente. De tanto debater consigo mesmo sobre o que fora feito e o que ia fazer, acabou não fazendo nada. Vivia em sua própria rotina maciça, baseada nas ordens do pai, que apenas pensava na própria barriga redonda. Quase alcançando os trinta, ainda vivia com os pais, pura humilhação.

Costumava sair de casa com frequência. Já que não aguentava a própria companhia, evitava espelhos ao máximo e nunca olhava nos olhos de ninguém. Vagava pelos bares baratos da Jaú na esperança de

encontrar um conhecido que lhe desse um prazer instantâneo de uma conversa banal, mas acabava sempre sentado sozinho, com um livro que nunca acabava de ler, porque a concentração era comprometida pela ansiedade, ou talvez pela quantidade de cervejas que tomara.

Seu único e mais orgulhoso feito fora a faculdade de Desenho Industrial que cursara logo após o fim do ensino médio. Era um sonho que tinha desde muito novo, já que admirava muito a paisagem urbana e concreta de São Paulo. Foi uma época bastante complicada com sua família, pois seu pai, desde que ele era criança, lhe ensinara a ser operário da sua empresa de pneus; a mãe, meio estúpida, era outra submissa aos desejos do velho e não dava nenhuma opinião, nunca.

Dona Marieta era o único membro da família que se salvava, era a avó de Joaquim, uma feminista doidona que daria o resto de sua vida por seu neto, ela que pagara a faculdade do menino com o pouco que sobrava da sua aposentaria de professora de História. Era a heroína do jovem, que sempre se considerou um lixo perto de todos à sua volta.

Joaquim fizera o curso com a maior alegria do universo, foi a melhor fase da sua vida e, mesmo meio solitário, sentia que fazia parte de algo importante e significativo. Em seus planos, iria conseguir uma vaga em uma pequena indústria de azulejos que se localizava ao lado da fábrica de pneus do pai, e assim poderia colocar todas as suas ideias geométricas em pequenos quadrados de cerâmica que talvez fossem encontrados em um lar de uma família feliz, do jeito que ele sempre desejou ter.

Os donos da fábrica vizinha, que eram conhecidos de Joaquim desde sua adolescência sonhadora, haviam prometido uma vaga para quando o menino acabasse a faculdade tão desejada e assim ele seria

capaz de seguir o destino que já havia escrito. Aos 25 anos, já estava no fim do curso, pouco faltava para finalmente sair do inferno da casa de seus pais e ter seu aguardado canto nos azulejos.

Mas foi em dezembro, uma semana antes do Natal, que tudo começou, ou acabou: durante um jantar normal de terça, chegou a notícia de que a única e querida Dona Marieta havia falecido. O tremendo idiota do pai contava os detalhes como se esperasse, ou até mesmo quisesse, que a mãe tivesse morrido. Dizia que Marieta havia sido atropelada enquanto voltava para casa, sem nenhum peso na voz além da preocupação com um fornecedor que não entregara os materiais no prazo. Joaquim, em prantos, não conseguia acreditar que sua querida parceira havia aprontado tanto dessa vez. A última constatação do pai antes de acabar a segunda pratada e se retirar, sem ao menos levar o prato à pia, foi a de que Joaquim teria que sair da faculdade, já que não pagaria escola de desenho para ninguém.

A partir daquele momento, a cabeça de Joaquim nunca mais foi a mesma, agravaram-se todos seus distúrbios e complexos, virou operário do pai porque havia perdido todas as esperanças e expectativas, e assim passou a acordar às 9h, preocupando-se com as 12h e com as merdas que fizera três dias antes.

Eu tenho medo

Marina Horowicz Sutton



Marina Horowicz Sutton

Roberto era um homem que tinha muito medo. Um medo excessivo de tudo e todos. Não gostava de sair de casa e sempre que o fazia era por obrigação, sua casa era o único lugar em que se sentia seguro. Gostava de lá porque não precisava fingir, fingir que não tinha medo, fingir que se sentia confortável em realizar tarefas diárias que o apavoravam, fingir que seu coração não estava batendo o mais rápido que podia, esconder suas mãos frias e suadas de estranhos repugnantes que só desejavam lhe perturbar. Ele não entendia e, francamente, não tinha o mínimo interesse. Não o leve a mal, Roberto não se achava melhor que os outros, só carregava, em seu interior, uma pontada de arrogância que era parte de um simples mecanismo de defesa desenvolvido para se sentir melhor durante seus dias excruciantes. Era uma vida solitária,

muitas vezes se sentia um andarilho nômade, vagando pelos cantos, total e completamente sozinho; mas considerando suas alternativas, a solidão era a melhor opção e a sua amiga de longa data. Roberto detestava contato humano, detestava cumprimentar pessoas mais rasas que uma poça d'água, detestava o mundo pelo simples fato de não se sentir pertencente a ele e era estranho a seus ordinários habitantes.

A mãe de Roberto, dona Silvana, acreditara que era só uma fase durante sua juventude, quando não tinha muitos amigos – na verdade, nenhum amigo. Ela dizia que iria passar, que todos nós nos sentimos um pouco aéreos em relação ao mundo às vezes. Infelizmente, dona Silvana estava errada, afinal se passaram 20 anos e Roberto continuava um menino medroso. Quase toda vez que pisava para fora de sua casa, sentia-se uma aberração e seus dias eram sofridos e longos, repletos de desprezo (por todos os lados) por passar a maior parte deles tentando se adequar a uma árdua rotina e fingindo não ter medo.

Assim, um dia (um longo dia), após 8 horas consecutivas realizando um trabalho inútil, rodeado por pessoas medíocres, dentro de um lugar estúpido, Roberto chegou em casa. Retirou os sapatos, o paletó e a calça e deixou tudo lá, jogado na entrada. Tomou seus remédios (nem sabia seus nomes ou para que serviam), foi até a janela da sala, fitou a vista extasiante e se espreguiçou. Uma espreguiçada fervorosa que o inundou de alívio e paz. Estralou seu pescoço e suas costas, como se estivesse se desprendendo de todo o peso do dia. Já estava tudo bem, não precisava mais ter medo. O sol fulminante das 4 da tarde iluminava sua alma cinza, intoxicada pelos ares nocivos da cidade. E por 5 inteiros minutos o homem se deixou iluminar e completar por aquele sol escaldante e delicioso de seu horário preferido do dia. Depois, abriu a geladeira, pegou uma Coca- cola, ligou a televisão, deitou na cama e afundou até o dia cessar.

Subitamente o alarme tocou e toda a calma do homem foi substituída por um grito agonizante. Seu coração batia forte, sua cabeça pesava: era hora de acordar. Roberto levantou seu tronco cadavérico e esforçou-se para ver as horas: eram 5:47 da manhã. E num jato, toda a ansiedade e preocupações do dia caíram sobre o seu corpo sonolento ao som do atordoante estrondo do alarme. Permaneceu por alguns instantes sentado, ainda meio dormindo, repensando toda a sua vida, sentindo a dor do dia corroer as sua entranhas, perfurar sua pele e machucar suas feridas ainda não cicatrizadas do dia anterior.

Ele não queria passar toda a sua vida assim, sentindo medo. Ele queria fazer alguma coisa pra mudar e assim o fez: decidiu, pela primeira vez, tirar um dia de folga. Essa ideia lhe encheu de uma sensação estranha, uma confiança e uma alegria repentinas. Ligou para o trabalho afirmando estar doente, o que lhe deu uma pontada de medo devido à reação de seu chefe, mas assim que este o liberou, tudo ficou em paz e, outra vez, Roberto voltou a dormir. Acordou mais feliz do que nunca estivera, outra sensação desconhecida, e seu dia foi bom: um dia sem medo, apenas momentos jubilosos e jatos de sol. A alma trêmula do homem medroso se acalmou, ao menos, até o dia acabar.

Era o dia depois do dia seguinte, alguma feira da semana. Roberto não estava nada contente, na verdade estava bastante ansioso e decidiu tomar seus remédios. Ele não tinha mais paciência para nada: para colegas infames com piadas toscas e gente superficial, para ele bastava. Seu dia anterior foi fantástico e a vida é inútil, pensou Roberto, de que adiantava ir trabalhar, ver gente, ter medo quando eu podia ter uma vida repleta de dias fantásticos?

E assim uma nova etapa na vida do homem começou: decidiu não ir mais ao trabalho, ligou todos os dias inventando uma desculpa nova e

quando ficou sem mais ideias de doenças contagiosas, disse que tinha um tumor cerebral inoperável e assim o deixaram em paz. Sua alma se tornou completa, os dias eram longos e belos, sua casa era um palácio e ele era o rei, não um simples bobo da corte. E graças à era tecnológica, Roberto não precisava falar com uma alma viva sequer e acredite, a vida era cor-de-rosa.

Dia sim dia não, brotavam papéis na entrada de sua casa. A maioria, ultimatums e notificações de contas não pagas. Roberto estava pouco se fodendo e as notificações se tornaram matéria-prima para seus aviõezinhos de papel. E assim se passaram os dias: Roberto no ápice do ócio e mais e mais papéis enfeitando a sua porta. Ele fingia não estar em casa. Já tinha se tornado perito nisso, de vez em quando ouvia vozes oriundas de homens de terno e gravata caçando dinheiro e chamando seu nome. No começo calmas, distantes e formais, e à medida que o tempo ia passando, mais impacientes. Não muito tempo depois, chutando a porta e resmungando algum palavrão envolvendo seu nome. Ele continuava pouco se fodendo. Roberto ia se esgueirando pelos cantos, driblando o sistema muito precariamente, tudo por sua liberdade. Mas não tinha sofrido as consequências, ainda.

Alguém esmurrou a porta umas 3 ou 4 vezes, agressivamente. Roberto acordou. Os golpes continuaram até o momento em que culminaram nela abrindo e dois policiais, além de um homem baixo e gordo, Geraldo, o síndico do prédio, entraram no apartamento. Levando em conta as questões legais e não as morais, Roberto estava infringindo um contrato por não pagar suas contas. Após uma curta discussão, duas tentativas (falhas) de fuga e uma ameaça de uso de arma de choque, o conflito se resolveu com a expulsão de Roberto de seu apartamento. Não

deu tempo de levar muitas coisas, apenas uma mala de roupas, pois seus outros pertences tiveram que permanecer no apartamento para tentar acertar a dívida. O mais trágico de tudo: Roberto agora morava na rua.

Então, olhando para os lados, não vendo mais paredes que o excluía do mundo e de seus perigos, Roberto sentiu medo. Tudo em seu campo de visão parecia estar pronto para lhe devorar, era aterrorizante. O silêncio de uma rua quase vazia lhe dava a sensação de que algo muito tenebroso poderia acontecer, a clareza da lua minguante acrescentava um tom macabro à melodia sinistra da noite. Esse poderia ser o cenário perfeito para o seu fim, ou coisa muito parecida. O homem parado na esquina parecia carregar uma arma, o gato saltando pelas calhas parecia ser o chefe de uma gangue de felinos que planejava lhe atacar. A lata de lixo lembrava a silhueta de um monstro, grande, escuro e apocalíptico, cuja forma era sombria e maligna. Tudo era intensamente assustador. Roberto não estava mais pouco se fadando, Roberto se fadava.

Vício

Julia Soares Calamita

Tic, tac, tic, tac. O tempo parece não passar. Rufus balança sua perna em gestos curtos e rápidos. Simultaneamente, alisa sua barba rala e morena. Tic, tac, tic, tac. Sete horas. Rufus levanta da cadeira e sai da sala onde se encontrava. Entra no elevador com um homem elegante:

- Já vai tão cedo, Rufus? Um diretor como você deve ter inúmeros compromissos.

Rufus não responde, só acena a cabeça e sorri maliciosamente. Ao sair do elevador, o homem sorri, mas ele não responde. Rufus parece estar com pressa. Voa até o carro e se encaixa em seu assento. Cruza o cinto sobre sua barriga circular. Dirige alguns minutos e chega ao seu destino. Entra em uma espelunca, o ambiente lhe é familiar. Quadros velhos e empoeirados cobrem as paredes enquanto uma mesa quase degradada de sinuca está no meio do espaço. Senta-se em um banco e ajeita suas pernas longas e tortas perto do balcão. Seus olhos logo acham, entre diversas bebidas, seu objeto de desejo. Rufus chama o homem por trás da longa mesa apressadamente: ele nem escuta o pedido e já coloca o líquido amarronzado em um copo curto. Rufus toma o primeiro gole, tudo parece melhorar. Seu corpo aceita a bebida como se fosse o remédio para tudo. Sua pressa para.

- Dez horas, Rufus. Você não quer ir pra casa? Já chamei seu táxi, ele está a sua espera - diz o homem atrás do balcão.

Rufus nem olha para o homem, tira sua carteira de couro preto do bolso e coloca duas notas de cem no balcão. Dirige-se à porta.

- Até amanhã, Toni - diz Rufus, de um jeito quase incompreensível, cambaleando, e sai da espelunca.

Após exatos 11 minutos, Rufus chega em sua casa. Entra pela porta da frente e se dirige até a escada em es

piral, quase caindo em todo trajeto. Anda por um corredor longo e largo, passa por duas portas e abre a terceira discretamente. Rufus escuta uma voz delicada vindo do fundo do quarto.

- Olha que horas são, achei até que tinha morrido.

- Ainda não, Angela - responde Rufus, irritado.

- Um dia a bebida ainda te mata.

- Um dia, quem sabe - responde Rufus, com um ar irônico.

Ela não responde. Ângela se vira na cama de casal. Rufus tira seus sapatos e se deita ao lado dela, de terno ainda. Ele adormece em questão de segundos.

Trim, trim, trim. Rufus acorda com seu despertador tocando. Sete horas da manhã. Em sua cabeça, todo som parece se ampliar. Mesmo assim se levanta. Ângela não estava mais ao seu lado. Toma um banho demorado. Desce as escadas e encontra suas duas filhas na sala de jantar com sua esposa.

- Bom dia, minhas queridas.- Diz Rufus, dando um beijo em cada de suas filhas.

- Bom dia, papai - as duas crianças falam sincronizadamente.

Ângela nem sequer olha para o marido.

- Já são sete e meia, meninas, temos que ir, se não vocês vão chegar atrasadas! Vão pegar as mochilas e vamos!

As duas meninas loiras e de olhos escuros correm para pegar suas mochilas. Ângela e Rufus continuam sem trocar olhares. Ângela se levanta e encontra as duas meninas na porta, elas gritam tchau para o pai. Rufus bebe sua xícara enorme de café e toma uma aspirina. Logo, pega as chaves do carro, tranca a porta e sai para o trabalho.

Rufus chega ao escritório. Tic, tac, tic, tac. O tempo parece não passar. Inquieto, Rufus balança sua perna em gestos curtos e rápidos. Sete horas. Ele sai. Chega à espelunca. Fica lá por mais horas. Volta para casa. No dia seguinte tudo se repete, só que a cada dia Rufus passa mais e mais tempo bebendo. Assim, dias se passam.

- Eu não aguento mais, Rufus. São cinco horas da manhã. Não dá mais pra ser assim, você precisa mudar.

Rufus não responde. Deita na cama e capota.

No dia seguinte Rufus acorda com chacoalhões.

- Que porra é essa, Ângela?

- Vem comigo agora. Nós vamos a um lugar.

- Não vou mesmo.

- Ou você vem nesse momento ou isso tudo acabou. Eu vou querer o divórcio.

Marrento, Rufus se levanta da cama, veste uma roupa e segue sua mulher. Eles entram no carro e ela dirige até uma casa térrea, toda branca. Eles entram, praticamente todos os móveis são brancos. A recepcionista faz um sinal para que eles entrem em uma sala, na porta tem um nome: Dr. Marvin Sawyer.

- Rufus, Ângela me contou do seu estado. Se você continuar assim, sinto muito, senhor, mas você vai morrer. Seu fígado não aguentará mais. Você sabe disso, conversamos da última vez. - Diz o doutor, após o casal sentar à sua frente. - Se você continuar, Ângela você já pode ir planejando o funeral - continua Marvin.

Ângela começa a chorar. Rufus não responde. Prefere ficar calado, franze a sobancelha como se levasse tudo aquilo muito a sério. Ele sabe que aquele era um ultimato. Após uma hora de consulta, os dois saem de lá.

- Coloquei você para fazer reuniões e conversar sobre isso, Rufus.

- Uhm.

- Isso é sério, Rufus, eu não consigo mais viver assim. Me preocupando com você desse jeito. Você tem que ir, vai te fazer bem.

- Uhm - Rufus responde.

- Para de fazer grunhidos e me responda! Quantos anos você tem?

Rufus não responde.

- Rufus!

- Ângela.

Furiosa, Ângela olha para Rufus e não fala mais nada. Nesse momento Rufus decide falar:

- Se te fizer feliz eu vou.

- Você vai? Sério? - Ângela pergunta, surpresa, mas feliz com a resposta.

- Sim - responde Rufus, secamente.

.....

- Faz quanto tempo que está sóbrio Rufus? - um homem de meia idade, com óculos redondos fundo de garrafa, pergunta com um ar preocupado.

- Vai fazer um ano. - Rufus responde com um sorriso esboçado.

Todos da sala aplaudem.

- E como você se sente?

- Me sinto bem, muito bem.

- Estamos orgulhosos de você, Rufus.

Rufus sorri, mas não responde nada. Após uma hora, todos são liberados. Rufus vai até seu carro, ele sorri para si mesmo, sente-se orgulhoso. Liga o motor e começa a dirigir. Passa por uma avenida e faz uma curva. Na mesma hora, um caminhão bate na lateral de seu carro. Há um barulho estrondoso. O carro é esmagado como se fosse um brinquedo de plástico. Tudo para.

À sua escolha

Maria Eduarda Figueiredo Balestero



Maria Eduarda Figueiredo Balestero

Caro leitor, aqui o senhor pode escolher o título do conto que me ponho a escrever. No momento, temos duas opções; fique à vontade para escolher aquele que mais lhe agradar ou interessar: “Minhas memórias póstumas” ou “Vivendo a vida e a morte como se tivesse ingerido 20 litros de café”.

Outro ponto que eu gostaria de trazer é justamente um alerta prévio de que seria útil se o senhor pensasse bem antes de continuar a leitura, pois ela pode ser longa demais, além de exaustiva (bom deixar expresso que possui muitos parênteses chatos também), bagunçada e, de certa forma, um pouco perturbadora. Posso lhe assegurar.

Sou um homem peculiar, o único da minha espécie neste planeta. Enfim (eu lhe avisei, não me diga depois que não e nem fale mal de mim pelas costas, já estou farto), começemos finalmente essa longa trajetória que será narrar a minha morte e pré-morte (tentarei ser breve).

Meu nome é, ou era (ainda fico um tanto quanto confuso sobre como me referir a mim, já que passei por aquele processo que chamam de morte) Orestes Felício. Um jovem de 21 anos de idade que carrega até hoje (mesmo depois do falecimento), desde o dia 12 de abril de 1992, um horrível fardo (ai de mim!). Uma terrível doença que apenas o sono é capaz de amenizar (pelo menos era o que eu pensava até então). E sim, os mortos adoecem também.

Obviamente que, levando em conta a vida que eu levava, a senhorita morte (sim, ela é uma moça alta de cabelos vermelhos que veio me buscar) parecia ser a mais eficiente saída para me livrar de tal fardo (fui burro de acreditar nisso, nessa balela). Foi no que deu, caros amigos. Enfim, morri. Me atirei do décimo quarto andar e a tal morte me deu um beijo ardido na boca, que por alguns instantes fez-me achar que tudo haveria de ficar bem e que eu nunca mais sofreria com a minha doença (ai de mim, enganei-me brutalmente).

Imagino que você deva estar se perguntando, meu caro leitor, que raio de doença é essa sobre a qual tanto falo, a qual foi motivo de minha horrorosa morte. Pois bem...vou lhe dizer da maneira mais simples que

conseguir... E, repare... é pela primeira vez que estou a descrever a minha doença no papel. Digo MINHA doença pois só pertence a mim mesmo. Ninguém mais no mundo carrega o que eu carrego (ai de mim!).

Chega de enrolação, lhe direi agora do que se trata. Sofro de... Estou certo de que ainda não conseguiram achar um nome decente para isso... Pois bem, vamos dizer que eu sofro de um certo excesso de ideias e pensamentos que, embaralhados e misturados, saem da minha boca, assim, meio que sem pedir licença (aliás, vazam por todos os orifícios possíveis, falo mais que a boca, literalmente).

Não tenho controle sobre nada. Absolutamente nada, meus amigos. O ritmo aqui é uma espécie de São Paulo virada de ponta cabeça, 50% mais nebulosa. Sou inteiramente a minha linha de raciocínio (que parece montanha russa, daquelas com mil loopings) e sou obrigado, o tempo todo, a falar tudo o que passa pela minha cabeça desgraçada. Está certo que todos nós temos uma linha de pensamento um tanto quanto bagunçada, porém, o que me diferencia de você é que, no meu caso, tenho de expor tudo do jeitinho que está a todo o momento. Não tem filtro nem peneira (ai de mim! Sorte a sua não ter que carregar o que carrego).

Como disse, o sono tornou-se uma forma de escape e continua sendo até hoje uma coisa que valorizo mais do que tudo (sim, os mortos também dormem). Veja você que fim me foi imposto... Ai de mim! Mesmo me matando, em busca do sono eterno e profundo, ela me persegue e me atormenta. Eu estava redondamente enganado... A vida após a morte promete ser ainda mais desgraçada do que a anterior. Previna-se para não vir para cá carregado de expectativas.

Era uma segunda. Era sim. Pelo que eu me recordo, era uma segunda-feira o dia em que caí morto, ou melhor, atirei-me do décimo quarto andar e depois me vi morto... Segunda-feira, dia da semana que vem depois do domingo. Pois bem... era uma segunda e era também, além de ser o dia mais bosta da semana (pode me questionar se eu estiver equivocado, mas duvido muito que esteja), o dia em que eu teria de encarar o meu primeiro texto (e o dia do meu primeiro beijo, como já mencionado anteriormente, em parceria com a moça vermelha). Sim, haveria de escrever, pela primeira vez, um texto como este para me despedir do mundo. E eu o teria feito se não estivesse tão ansioso para me matar (a ideia de me matar me afundava desde os 10 anos, mas naquele dia ela pulsava intensamente como um coração taquicárdico de um atleta estilo Usain Bolt quando corre).

Nunca havia escrito um texto antes, pois as mãos nunca conseguiram acompanhar o ritmo do pensamento e confesso que não tinha o menor interesse. Desistia da tarefa depois de 2 minutos e o que conseguia escrever parecia mais um amontoado de palavras pouco conectadas e sem nexos, quase ilegível e difícil de decifrar... Apenas eu conseguiria entender o que ali estava escrito. Frustração.

Caro leitor, repare, esse é um fato indispensável para compreender o que sou hoje (se é que ainda posso ser considerado algum ser). Após morrer e cair “na real” de que as coisas iriam continuar iguais (e que minha patologia continuaria a perturbar não só a mim, mas a todos os defuntos ao meu redor que teriam de ouvir durante incontáveis horas a minha estridente e insuportável voz de gazela), veio-me uma vontade inexplicável de tornar palpável o oral novamente. Mas dessa vez, eu sentia que estava no caminho certo.... Transformar toda a bagunça

que eu vomitava sem parar em algo concreto se apresentou como uma necessidade, uma emergência. Uma chavinha se virou dentro de minha desgraçada cabeça.

Foi assim que se deu. Aflorou em mim esse desejo (o qual nunca havia se dado o trabalho de mostrar a cara enquanto eu estava vivo) e quando pisquei o olho, estava já com um notebook na mão (sim, temos tecnologias um pouco mais precárias aqui, porém basta para se distrair). Decidi que passaria a escrever e escrever até que caísse no sono. E conforme eu escrevia, aquele tsunami de ideias e pensamentos parecia que finalmente conseguia organizar todo o desorganizado de coisas. Tudo parecia mais claro dentro de mim. No começo, ainda era difícil de entender, mas fui aprimorando a escrita enfim. Agora, compreende-se o que eu escrevo e até disseram-me que quando falo, consigo dar pequenas pausas de 5 segundos, o que antes era impossível.

Desde que sentei a bunda para escrever após ser tomado por tal desejo (estranhíssimo), encontrei uma outra maneira de aliviar o meu sofrimento e não parei desde então. Ainda é difícil viver essa morte... Será que a terceira virá para melhor? Dá para se matar quando se está morto? Queria mesmo era levar uma morte que nem uma capivara, nadando num lago geladinho, sem stress.

Reafirmo a vocês, queridos leitores e amigos; não é uma morte sossegada, não senhor! Mas sem dúvida nenhuma, encontro-me menos pior do que quando era vivo. Pelo menos, enquanto eu escrevo, as ideias escorrem para o papel e não mais pela boca o tempo todo. Ficou mais suportável conviver comigo mesmo. Passei a dormir e escrever. Reservo apenas uma hora do dia para vomitar palavras com 5 segundos de pausa para um cachorrinho bonitinho que dorme debaixo da árvore azul (plantei-a assim que cheguei no quintal de casa). Uma hora eu durmo,

outra escrevo... outra hora bato um lero-lero com a criaturinha, noutra durmo, escrevo mais um pouco e mais um pouco, e durmo, escrevo, durmo, durm

Othilia

ou Cabra marcada para morrer

ou Egoфонia

ou Ela sentia cócegas

Dora Cavalcanti Ehrlich

Frascos e mais frascos de remédios se amontoavam na cômoda herdada por três ou quatro gerações de mulheres da família que ficaram viúvas em algum momento da vida. As revistas de palavras cruzadas dos anos noventa acumulavam pó, intocadas por mais de vinte anos. O emaranhado de agulhas e linhas de crochê ornamentava o topo da tevê, que passava uma reprise do Chacrinha. Três empregadas cochichavam na cozinha enquanto o motorista, Maicon, tomava seu café com leite. Ele era como uma múmia, um túmulo calado com o qual Othilia não se importava. Mas se as mulheres estivessem no quarto, teriam o mesmo valor que todos os objetos que mofavam ali havia anos.

O ronco escandaloso se ouvia do portão do grande casarão, localizado no subúrbio do Recife. Toda a cidade sentiu o brusco levantar da velha, que acordara com o suave toque da cuidadora:

- Dona Othilia, é hora do remédio.

- Não preciso de remédio, Cleuza. Eu preciso mesmo é morrer logo. Se tiver remédio pra morrer, eu quero. E anda logo, menina, que eu vou mijar nas calças.

Ela não usava calças havia anos. Talvez mais de uma década. E Cleuza não era uma menina havia muito tempo. Foi andando a custo até o banheiro, sem querer o apoio de nenhuma das três pobres mulheres que com ela viviam. Levantou o blusão com a foto dos bisnetos estampada, abaixou a calçola rosa-choque e fez xixi de pé, sujando o banheiro todo, pois mirava para todos os lados, menos para dentro do vaso. Voltou para o quarto apoiando nas duas paredes e derrubando todos os quadros, que odiava, pois tinha de vê-los todos os dias havia quase noventa e quatro anos.

Cleuza foi colocando os quadros de volta no lugar enquanto sua colega, Sandra, misturava um copo grande de água com seis comprimidos gigantescos moídos.

- Dona Othilia, tome aqui. Você não bebe água desde ontem.

- Desde ontem, eu fui ao banheiro quatro vezes. E você me limpou todas elas, como não lembra? Se eu fui ao banheiro, é porque estou bem hidratada.

A empregada, irritada, saiu do quarto e foi resmungar com a cozinheira, Maria das Dores. Enquanto isso, Othilia bebia todo o copão d'água que Sandra havia deixado na cômoda, como se fosse uma criança que brincou por horas e ficou morrendo de sede.

Maria das Dores cozinhava a macaxeira para o almoço enquanto temperava o bife para todas as crianças da família, que era “sua” desde os anos sessenta, mas só de mentirinha. Os sábados no grande casarão onde moravam a viúva e seus objetos eram animados, mas todo mundo

sabia que tinha a ver com a morte. Era preciso que ela morresse logo. Claro que ninguém queria que Dona Othilia morresse sem o amor da família que ela própria pariu e sustentou. Mas isso era falso.

Ela não queria saber dessa família que só existia aos sábados, do meio dia até duas da tarde. Para ela, a família de verdade já tinha sumido da Terra fazia tempo. Jazia a alguns palmos de profundidade. Plínio, o homem que mais se importou com uma mulher na história do mundo, esperava por Othilia havia vinte anos, emaranhado nas raízes da mangueira que perfumava o quintal da grande casa.

Os filhos, netos e bisnetos apenas fingiam se importar com sua vida porque ela estava acabando. Antes, não era bem assim. O almoço daquele sábado foi como todos os outros: primeiro, chegou a filha mais velha com a comida, seguida de netos que, apesar de velhos, eram mimados, e os bisnetos, que Othilia fingia não achar que eram pirralhos insuportáveis. A salada foi um papo chato, que parecia ser escolhido a dedo, todas as semanas, especialmente para que a velha não se interessasse. De lado, alguém sempre ficava responsável por perguntar se ela encontrou as amigas da ginástica durante a semana, ou se foi ao médico especializado em... velhos à beira da morte. Dessa vez, a designada para essa função, que quase todos achavam pedante, era a bisneta paulista, que quase nunca vinha e por isso mesmo era a única que realmente tinha saco para aquele papo sobre a morte, misturado com lembranças de quando Gagarin viajou para o espaço e decisões sobre quem herdaria qual objeto da casa, e mais importante de tudo, a própria casa.

O salgado era bobó de camarão insosso com uma discussão política extremamente rasa. Othilia sabia que, depois de viver a ditadura inteira entre os intelectuais comunistas nordestinos recebendo até

mesmo Jorge Amado para tardes de domingo em sua casa, nada seria tão rico e inteligente. Muito menos as conversas dos netos, formados pela universidade do Facebook – a qual ela tinha prazer em dizer pra si mesma – e só pra si mesma – que não conhecia. Ah, que saudade sentia de Plínio... À beira da morte, começava a achar que seria melhor viver na ditadura, em meio àquela inteligência toda e perto do seu amor, do que viver a – mentirosa e jovem – democracia perto de tanta gente fraca e sem profundidade, que de uma forma ou de outra, saiu de seu próprio ventre.

A sobremesa, para contrariar os sonhos que Dona Othilia sabia que não se realizariam, nunca era bolo de rolo com sorvete. Naquele sábado, estranhamente, tinha até banana com brigadeiro para as crianças, mas não era algo muito comum, tendo em vista que o jambeiro da frente da casa estava sempre cheio e todo mundo implorava para tirarem os frutos dali, senão o seu cheiro de “cocô podre” deixaria toda a casa fedendo. Todos pensavam assim, menos Othilia, que tinha tanto amor pelo jambeiro e seus frutos, podres ou não, quanto tinha por Plínio, mas não o explicitava tanto assim. A sobremesa de verdade era sempre um jogo fraco de xadrez, que todo mundo sempre a deixava ganhar. Ela não entendia o motivo dessa covardia toda. Daquela vez, se divertiu mais, porque jogou com a bisneta paulista, que não entendia os esquemas “bondosos” da família, e não queria entender. E foi mais divertido ainda, porque ganhou sem esforço e sem ninguém jogar mal de propósito: a menina era uma péssima jogadora por natureza. Na hora do cafezinho, os netos brincavam de videogame, para o aborrecimento da matriarca, que sempre fazia um esforço mental tremendo para lembrar os jogos de sua infância.

Naquele dia, em especial, ela estava irritada, como quase sempre ficava quando estava acordada. Gostava muito da bisneta paulista,

principalmente porque ela não caía no conto da família encantada que todos inventavam e cultivavam desde que Plínio estava para morrer. Mas mesmo tendo um carinho pela menina, eram muitas perguntas iguais às de sempre para responder. Era sempre aquele mesmo ar de “pé na cova” em todas as conversas e ações. Isso, infelizmente, a adolescente aprendera com o resto inútil da família.

Queria, como em todos os outros sábados, sair andando pelas ruas daquele bairro, que era marginalizado para além dos portões de sua casa. Imaginava morrer atropelada, em um suicídio disfarçado de descuido senil. Queria que tudo acabasse logo. Mais do que nunca, talvez.

Aproveitou o incomum momento em que ninguém fingia ligar pra ela, já que não ligava de verdade, e foi andando com suas pernas fracas até a porta dos fundos da casa, que dava para o quintal com todas as árvores frutíferas e animais peçonhentos que a velha pudera ver nos últimos anos. A patrulha familiar era tão grande que não conseguia ver nada para além da casa. Chegou ao ponto em que queria até mesmo ver ratos saindo de bueiros ou baratas ao lado de seus ovos nojentos envoltos por esgoto, queria ver tudo, menos a reprise do Chacrinha e os netos bagunçando a sua casa e de Plínio.

Num esforço dorsal, olhou o topo da mangueira. Queria que um fruto maduro caísse com força sobre sua cabeça. Que lindo, que romântico: morreria onde Plínio jazia. E seria enterrada logo em seguida, enquanto ouvia o choro falso das filhas, pra ficar ali, do lado dele, ajudando a regar as raízes velhas da árvore frutífera.

Em mais um esforço dorsal, ajoelhou-se perto da base da grande planta. Não sabia como ninguém ainda não havia ido procurar por

ela. Comemorava seu raro momento de liberdade limitada. Buscava a eternidade e achava que sabia onde achar. Era com a calçola rosa-choque toda cheia de terra e pequenos insetos rastejantes. E com as mãos mortas de Plínio apodrecendo junto às dela.

Não deu outra: Othilia começou a cavar como um cachorro de desenho animado que procura por um osso enterrado, mas em câmera lenta. Sabia que não acharia seu amado, mas tudo bem, porque eles se encontrariam em uma outra dimensão. Ah, que vontade que aquela admiradora de Gagarin tinha de ir para outra dimensão, através de um buraco negro! Ou através de uma pessoa envolta por um manto negro.

O buraco no solo que Sandra havia regado pela manhã serviria apenas como sofá. Espaço físico para o corpo descansar enquanto a alma passearia pelas dimensões multi-universais. A velha se deitou no seu manto natural cavado a custo. Não queria sair de lá nunca mais. Estava pronta e planejara tudo muito rápido. Depois de algumas horas sem comida e água, toda mijada e cagada com os restos do último dos almoços de falsidade de todo santo sábado, morreria em paz. Só faltava, agora, a família não ligar pra ela. E nem fingir que ligava. Queria ser verdadeiramente esquecida ali pra sempre. Como fora esquecida implicitamente por tanto tempo, não seria tão difícil.

Começou a ouvir seu nome sendo gritado pelos quatro cantos da casa. Demorou. Ficou desesperada. Quando percebeu que estava em desespero, queria que ele a matasse logo. Teve uma ideia brilhante e rápida: fingir que tinha morrido mesmo, seria coberta por terra, que a asfixiaria de vez. Então, tudo estaria acabado.

No melhor exemplo da boa atuação mórbida, a velha Othilia jogou os braços pra cima como os mortos-vivos dos filmes antigos. Tinha que

fazer um barulho de velha morrendo. Arregalou os olhos, abriu a boca como quem vai ao dentista e respirou fundo. Queria que aquela fosse a bela última vez. Em seguida, soltou um balido estridente.

Egofonia.

- Esse barulho veio do quintal. Bora ver se vovó Othilia tá lá!

Os descendentes chegaram correndo aos fundos da casa grande e viram a atuação brilhante acontecer. A bisneta paulistana já chorava. A neta mais perua e interesseira segurava o riso de alegria. Os bisnetos menores achavam bom, só não sabiam o porquê. A filha mais velha tremia.

Chamaram o motorista para pegar o corpo dela e levar ao quarto. Depois de tantos abraços cínicos em tantos sábados, já passava das duas da tarde e não era mais hora de tocar em Dona Othilia. Nem mesmo morta. Maicon chegou. Quando foi pegar a defunta pelo pé, denunciou todo o plano infalível.

Ela sentia cócegas.

Solicitação de Morte

Laura Novelli de Miranda Oliveira



Laura Novelli de Miranda Oliveira

O tempo passava e mais nada fazia sentido para ela. A dor havia tomado conta daquele corpo. Viver naquela realidade havia se tornado um desespero, cada hora era uma tortura. A senhora, com suas rugas e seu corpo fino, parecia que cairia a qualquer instante. Chamava-se Nina.

Seus olhos opacos e sem brilho desviaram da fila à sua frente para a enorme placa à sua esquerda:

MORTES PERMITIDAS PARA HOJE: 3.692.457

- Não dá pra ir mais devagar?!

A voz masculina tirou Nina de seu transe. A fila havia andado. Era sua vez. A senhora deu dois passos cambaleantes.

- Boa Tarde – exclamou uma jovem atendente com dentes perfeitos. – Bem vinda ao Terminal 37 de Atendimento às Solicitações de Morte. Eu preciso do seu número de atendimento para consultar sua solicitação.

Mãos trêmulas colocaram um papel com alguns números rabiscados em cima da mesa. A atendente digitou em seu computador.

- Aqui diz que a causa da sua solicitação é dor causada por doença incurável. Eu preciso da sua Dispensa de Vida assinada por um médico para continuar seu processo.

Mãos trêmulas colocaram outro papel em cima da mesa.

- Está tudo certo, Dona Nina, pode prosseguir para o Terminal 38 de Atendimento, para pegar sua senha.

Nina deu alguns passos cambaleantes para a outra fila. Lá, uma mulher reclamava em voz alta:

- Alguém já viu esperar tanto tempo para uma transferência de mundo? Aqui tudo funciona muito devagar, não é nada comparado à Terra 13. Lá, eu solicitei minha morte e em 9 meses já estava aqui...

- Presta atenção!! – O homem atrás de Nina esbravejou.

A fila havia andado. Nina deu dois passos cambaleantes.

- Não é minha culpa se um monte de imbecis morrem por acidente todos os dias e não deixam vaga pra gente que realmente precisa. O governo que deveria investir mais nos Programas de Prevenção à Morte Acidental... - continuou a mulher.

- Olha pra frente, velha idiota! - o homem esbravejou.

A fila havia andado. Nina deu dois passos cambaleantes.

- ... Além do que, na Terra, todo mundo morre desordenadamente e desorganiza todos os outros mundos. Só espero que na próxima Terra as coisas funcionem direito...

- Caralho, anda logo!

Nina sentiu duas mãos empurrando-a para a frente. Ela caiu e bateu a cabeça. Sangue escorreu pelo chão. Os médicos da Prevenção de Morte Acidental chegaram. A senhora perdeu a consciência.

Nina abriu seus olhos, mas não reconheceu onde estava. Ela se levantou e se surpreendeu com a ausência de dor. Olhou para suas mãos: as rugas tinham desaparecido. Um homem se aproximou:

- Bem vinda à Terra 15. Morte acidental ou planejada?

Nina abriu um sorriso.

- Acidental.

O Julgamento

Leonardo Vacaro Nogueira

Os primeiros raios de sol passavam pelas grades da cela e Fukushū já estava acordado, meditando. Estava com um comichão na barriga e sentia falta de seu chá matinal. Um saquê também serviria. Ele olhou pela janela e percebeu que, pela posição do sol, o conselho já estava reunido e provavelmente decidindo sua sentença, apesar dele já saber qual seria.

De repente, sentiu uma presença atrás dele: virou-se e viu Shinigami. Ele vestia um quimono preto, trazia consigo um tanto na cintura e fumava um cigarro de palha.

Fukushū se sentou calmamente na cama, virou para Shinigami e disse:

- Achei que ia demorar mais alguns minutos antes de você vir.
- Não vim pra te levar, ainda não. Eu vim saber o porquê.

Shinigami disse isso e sentou-se em um banco que não estava ali antes.

- Não vai me oferecer um? - indagou Shū.

Shinigami sorriu, tirou outro cigarro de palha do ar, deu a Shū e o acendeu com seu dedão.

- Então você quer saber por que eu fiz o que fiz...

Shinigami assentiu.

- Por vingança.

Shinigami franziu a testa.

- Você sabe que Okubyōna nem sempre foi Imperador, certo?

- Ele era o mais famoso general de Furuidesu, se não me engano - disse Shinigami.

- Ele era a lei, mas ele não era a justiça. Ele era mau e eu sofri por causa de sua maldade.

- O que ele fez?

Shū deu uma tragada profunda no cigarro.

- Um dia ele foi até meu vilarejo, era um lugar esquecido atrás de uma montanha e ele chegou no pior momento possível. Todos os homens estavam na colheita e as mulheres estavam no vilarejo, então ele dividiu o grupo em dois: Okubyōna liderou o grupo que ia saquear as casas enquanto o outro iria para o campo; lá eles nos aprisionaram, enquanto Okubyōna estuprava e matava as mulheres e seus homens roubavam nossas casas.

Um silêncio incômodo se instaurou dentro da cela. Era possível ouvir o cigarro queimando sozinho.

- Eu me lembro de quando fui buscá-las, mas não sabia disso tudo. Sinto muito. - disse Shinigami.

Shū levou o cigarro à boca deu outra profunda tragada.

- Eu já te disse porque eu fiz, mas sinto que, sem contar o “como”, a história fica incompleta.

Shinigami não disse uma palavra, mas era visível que estava interessado na história, havia um brilho em seus olhos negros.

- Okubyōna possuía um palácio e uma lavoura onde seus prisioneiros trabalhavam. Foi para lá que eu fui. Foi onde eu trabalhei dias e noites sem parar. Onde passei meses sem comer e sem dormir. Onde éramos chicoteados apenas por existir. Onde vi todos meus amigos morrerem e eu me tornei o único sobrevivente da vila.

Deu mais uma tragada.

- Era como se eu estivesse no inferno, mas a dor e o ódio não me deixaram sucumbir. Minha alma não iria me deixar morrer ali. Não daquele jeito...

De repente, um guarda começou a bater nas grades da cela com seu bastão de bambu.

- Com quem você está falando!? - disse o carcereiro.

- Com minha consciência - disse Shū.

- É bom mesmo. O que você fez foi desumano.

Enquanto o guarda virava as costas para ir embora, a fumaça do teto desceu e preencheu a área invisível do corpo de Shinigami.

- Além de assassino, agora me chamam de louco também.

Shinigami deu uma risada: - o que você fez depois?

- Sete anos se passaram e Furuidesu morreu, de velhice ou assassinado, pouco me importa. Mas Okubyōna se tornou o novo imperador, provavelmente o pior que já tivemos, e consegui fugir da lavoura na festa de posse. Fugi para a floresta e desmaiei de cansaço, mas sobrevivi e comecei a desenvolver meu plano. Voltei para a cidade com outro nome: Nise, um samurai. Por três anos me infiltrei na sua guarda e tomei sua confiança. Num momento decisivo, pude ter minha vingança. Durante uma noite de comemoração, eu fui até seus aposentos e matei sua mulher e seus dois filhos; matei-os de forma rápida, não eram eles que tinham que sofrer. E foi assim que vim parar aqui.

Os dois ficaram em silêncio novamente, não fumavam mais, já que os cigarros haviam chegado até o fim.

- Como você se conseguiu se passar por um samurai? - perguntou Shinigami.

- Meu pai era um samurai, ele me ensinou tudo o que pode antes de morrer e eu não tinha mais outra vida, então tomar a identidade de outra pessoa foi fácil.

O silêncio era mais mortal que Shinigami.

- Você sabe que, para os samurais, tudo é sobre honra, certo?

- Sim - replicou Shū. - Me dê o tanto.

Shinigami sorriu e deu a adaga para Shū.

- Você é um homem honrado, Fukushū, merece mais do que ser enforcado em praça pública e não deve dar mais nenhuma satisfação para Okubyōna.

Shinigami disse isso, fez uma reverência e desapareceu.

Shū se ajoelhou pela última vez, abriu seu kimono e enfiou a faca em seu estômago. No mesmo instante, ele sentiu o cheiro do chá matinal de sua mulher e sorriu.

E as ondas quebram na praia

Julietta Visoni Calliari

A morte, a morte, a morte. Malditos românticos, nada é bonito na morte!

“Aqui jaz Virgínia. Admirada por ninguém. Sofreu mais do que pôde aguentar.” Como se não bastasse ter vivido cinquenta e nove anos de pura frustração! Sou a definição de angústia, raiva, tragédia, tristeza...

Ah! Mas agora o foco é outro, impactar. Sim, impactar! Afinal, do que vale a morte se nada tiver deixado? Os críticos pagarão. Quando minhas últimas palavras soarem, o reconhecimento será inegável. Sim, inegável... A sala que habito será um museu em minha memória! “Em homenagem a uma gênica que, finalmente, obteve o reconhecimento que merece”.

O começo está próximo. Meu corpo já não aguenta o peso a que foi submetido. Os frascos de remédios, esses pequenos ditadores, nunca mais sentirei a dor de ser controlada. Estranho... Não consigo me lembrar da liberdade, será que saberei distingui-la? Melhor ainda, será que já a presenciei? Sim! Agora me lembro, os lindos dias que começavam e acabavam quando eu queria. Tudo destroçado por uma melancolia tão... palpável? Exatamente a palavra que procuro, a melancolia é minha acompanhante.

Estantes de mármore tão glamourosas, os verdes campos e o doce aroma das flores, organizadas de forma tão estrita... tudo consumido por um nome. Um nome tão tolo, banal! Dona de casa. Basta!

Nenhum ser humano gostaria de ser chamado assim, ou melhor, merece ser chamado assim. Eu sou muito mais do que isso. Entretanto, me tratam como uma mísera acompanhante, uma mobília que responde perguntas escassas com sim ou não. Mas o começo está por vir, e todos verão, todos lembrarão. Nunca mais um nome tão excêntrico será usado junto do meu! Ninguém ousaria. Dona de casa... mas que palavra monstruosa!

Vejo as horas passando, são cinco. O som incômodo do relógio penetra esta casa... Que barulho fatídico quando nada além deste se escuta! Rio do tempo. Como já dizia Orlando: “O tempo, embora faça desabrochar e definhar animais e plantas com assombrosa pontualidade, não tem sobre a alma do homem esse mesmo efeito.” Todavia, está na hora.

Giro a maçaneta que preludia meu último contato com tudo que conheço e chamo de familiar. Londres, gostaria de ter o mesmo olhar que Clarissa sobre essa cidade: “Nos olhos das pessoas, no bulício, na pressa ou lentidão dos transeuntes; na algazarra e no fragor; carruagens, automóveis, autocarros, caminhões, homens-sanduíche aos tropeções ou de passo arrastado; realejo e fanfarras; no triunfo, no tinido ou na estranha melodia de um aeroplano lá no alto, estava aquilo que ela amava: Londres, a vida, este momento de junho.” Mas não consigo ouvir, e o barulho do momento não está de acordo com meus sentimentos. Ao contrário, ele só insere caos. Chega! Liberdade, reconhecimento, impacto, todos tão próximos...

Ali está o rio, e aqui estou eu, atada aos meus pensamentos. O momento chegou em que me desprendo deles. Realizo meu término mecanicamente. Minhas dúvidas, meus defeitos, meus pensamentos

afundam. O rio me cerca abruptamente, minha transparência se evidencia. O meu último suspiro esmaga, quebra, interrompe. As amarras se soltaram, sou consumida. Uma última voz sussurra... e nada mais.

“Debaixo desta árvore, estão enterradas as cinzas de Virgínia Woolf. Nascida a 25 de janeiro de 1882, morta a 28 de março de 1941. A morte é o inimigo. Contra você eu vou arremessar-me, invicta e inflexível na morte! As ondas quebram na praia.”

Tragédia

Carolina Pereira de Aguiar



Manuela Levy de Almeida

Tragédia. Tragédia. Tragédia. Será que a vida é feita de outras coisas? Ou serão apenas tragédias? Tristeza, melancolia, saudades. Se existe a felicidade, ela é desconhecida por mim. Perdi tudo que tinha, se é que tinha.

Sou um homem em seus 40 anos, sem esposa, sem filhos, sem família, sem nada. Desempregado e vivendo de uma mísera herança da recentemente falecida avó.

Algo me diz que houve uma tragédia em minha infância. Mas eu não me lembro. Talvez eu tenha passado a minha vida inteira tentando esquecer o que quer que tenha acontecido, o que realmente funcionou.

Meu cérebro entendeu o recado. Acho que até de uma maneira equivocada, pois eu não me lembro de nada da minha infância. Será que eu tive infância?

Minha vida só faz sentido a partir dos meus 17 anos, quando entrei na faculdade de direito. Talvez isso tenha sido a única notícia boa da minha existência. Morava com a minha avó, Paloma. Não sabia ao certo o que havia acontecido com meus pais, e sempre que eu perguntava, ela me dizia que era complicado, mas que a morte deles tinha sido honrada.

Durante a minha vida de faculdade, eu não tive amigos. Não tive namoradas ou namorados. Não tive a oportunidade de experimentar. Eu era perturbado pelo fato de não lembrar de literalmente nada do que havia acontecido alguns anos antes. Estava perdido. E minha avó não era das melhores ajudas. Parando pra pensar, era das piores. Fico até aliviado que ela tenha morrido.

Durante minha vida inteira, ou parte dela, minha avó escondia tudo de mim. Na minha casa, não tinha porta-retratos ou qualquer tipo de coisa que remetesse ao passado. O grande ditado dela era “esqueça o passado e foque no futuro”. Nunca tive certeza do porquê dela ser tão determinada a esquecer o passado. Essa incerteza me matava por dentro. Mas, de novo, eu estava perdido e ela era meu único contato, então eu relevava.

Aos 22 anos, fiz uma promessa para mim mesmo: assim que a velha batesse as botas, eu estaria 100% determinado a descobrir o que ela tanto escondia de mim. Será que era algo que eu havia feito?

Passei os 17 anos seguintes da minha vida como um ninguém. Não saía e não arrumava emprego. E não era por falta de oportunidade

ou esforço. Tentei mais do que tudo me relacionar com as pessoas. Meu currículo era impecável. Mas não importava a situação, no final tudo acabava da mesma maneira. Eu escutava “já preenchamos a vaga” ou então “você não faz meu tipo”. Quando eu olho para essa situação agora, eu acho engraçado.

Duas semanas antes da morte da minha avó, eu já estava farto de todas as mentiras e mistérios. Resolvi, então, descobrir o que havia acontecido. Naquela altura, já havia me convencido de que eu havia feito algo. E que talvez não tivesse sido eu a fazer a escolha de esquecer do passado. O que eu fiz? Por que tinha que esquecer tal ocorrido?

Um porão. Como eu nunca soube da existência dele, eu não sei. Era sujo e tinha um cheiro peculiar. Um cheiro que eu já conhecia.

Será?

Meu corpo estremeceu, senti um frio momentâneo. Sorri.

Ah, o sorriso. Disse a mim mesmo “Com que saudades que eu estava!”

Os arranhões na parede, os gritos abafados de socorro, as marcas do machado no chão, ah, o machado, o cheiro peculiar. Senti-me vivo. Que ironia, não?

Eu me lembrei.

“Olívia, minha pequena e indefesa irmãzinha Olívia. Proporcionou-me a melhor sensação que eu já tivera.”

“Que saudades”.

Jurei me acertar com quem me fez esquecer. Por quê me fez esquecer?

Medo. A única razão que eu encontrei.

Paloma, minha amada avó, sua respiração ofegante, suas roupas rasgadas, me deixarão saudades. Nunca pensei que sufocar alguém pudesse ser tão revigorante. Muito obrigado por me proporcionar essa oportunidade.

Pela primeira vez, depois de 28 anos, eu sabia quem eu era.

A Estátua

Max Fahrner



Max Fahrner

Meu nome é Eustáquio. Eu era um cara muito preocupado. Minha mulher, Lúcia, sempre reclamava comigo. Meus negócios me deixavam assim. Como um empreendedor comum, a situação naquele momento era de dor de cabeça e não teria alívio tão cedo. Acho que isso veio principalmente quando meus filhos nasceram, João e Arthur, gêmeos. Como se já não bastasse, ela sugeriu que nos mudássemos para uma cidade menor. São Paulo não era ideal para eles. Acho que ela temia que eles ficassem iguais a mim. Que saudade...

Então fomos. Foram as duas horas de estrada mais longas de minha vida. Estresse tomava conta de tudo. Não paramos. Ao chegarmos,

ver a casa nova animou o clima. Era bem cuidada, isolada e tinha o tamanho certo para nós. Os irmãos já saíram brincando no gramado de trás, que para eles, viciados em futebol, parecia um estádio. Na porta, havia aqueles sinos dos ventos, que ia do tom mais grave para o mais agudo. Ventava muito naquele dia.

- Amor, me ajude com os objetos - disse Lúcia.

Eram tantos!... Achava estranha a quantidade de coisas das quais sequer me lembrava. Ao menos, conforme decorávamos a casa, ela ia tomando vida. O sol foi-se tarde, já estávamos todos cansados pelos gols, pela mudança, pela viagem. De alguma maneira, eu tinha que relaxar.

- Vamos conhecer a cidade! Nada que um vinho e um bom som não cure. - sugeriu Lúcia.

- Pois bem. Mas, e as crianças?

- Chamaremos uma babá.

Meu estado mental não mudava. Eu ainda era aquele cara preocupado, parecia que minha cabeça não tinha saído de São Paulo. Eram oito da noite quando a babá tocou na porta. Apresentou-se com um “boa noite” alegre, parecia até um exagero. Carmen era o nome. Desconfiava dela. Acertamos tudo e então, partimos em busca de descanso.

*

Eram por volta de onze da noite quando já estávamos pagando a conta de um barzinho mequetrefe que conseguimos achar.

- Amor, atende o celular pra mim? Deve ser a babá, vou pagar a conta e já venho - disse Lúcia.

- Alô.

- Boa noite, senhor Eustáquio, né? - disse a babá.

- Isso. Tudo bem por aí?

- Sim, os meninos já estão na cama dormindo.

- Ótimo, então porque ligou?

- Não é nada demais, só queria perguntar uma coisa.

Ela falava mais baixo do que antes. Pelo jeito adentrava ao quarto.

- Não quero atrapalhar a mudança, mas posso tirar essa estátua do quarto dos meninos? Ela me assusta muito...

Não lembrava que tínhamos uma estátua. Não lembro de tê-la pego, nem sequer de tê-la visto na casa.

- Só um segundo...

...

- Amor, a babá falou no telefone sobre uma tal estátua no quarto dos meninos, você que colocou ela lá?

- Eustáquio, do que você está falando?

O vento crescia rapidamente. Eu conseguia escutar os sinos da casa batendo um no outro.

- Não há nenhuma estátua nossa na casa! Do que você está falando?

...

- Carmen?

A linha caiu. Só lembro de alguns gritos e pessoas correndo atrás de nós. Provavelmente não pagamos a conta. O lugar não era longe da nossa casa. O caminho parecia mais demorado do que a viagem daquele dia.

Era um silêncio inigualável. A luz do poste iluminava a rua de maneira pobre. Era tarde da noite. Escancarei a porta da frente. Os sinos já não tocavam mais. Carmen, João e Arthur eram perguntas sem resposta. Reviramos a casa de canto em canto, escada em escada, cômodo em cômodo. Não havia nenhum dos três lá. A lua brilhava mais branca que neve. E o que era escuro tornou-se um breu infinito.

E ventava...

Nenhuma borracha apaga o destino

César Melo Campêlo



Juliete Visoni Calliari

A nona sinfonia de Beethoven toca em volume crescente. Pedro abre os olhos e se curva, deparando-se com uma cortina cinza de aproximadamente 5 metros de altura, que lentamente vai se abrindo e aos poucos revela uma paisagem azul-marinho, tendo como protagonista o Cristo Redentor. Ele beija a testa de sua mulher, que ainda dorme ao seu lado, levanta e caminha até sua cozinha. No caminho, uma voz feminina de tom suave o acompanha por todo corredor:

– Senhor! O café está pronto a 28°C e seu bolo de canela com noz moscada lhe aguarda.

- Muito obrigado, Iris. Agora, por favor, acorde suavemente Isadora e projete em minha lente as notícias de hoje.

Em um piscar de olhos a capa do jornal O Globo aparece em sua frente: O GLOBO, 13 DE JANEIRO DE 2270; O FUTURO ESTÁ À VISTA; o empresário Pedro Batista, detentor do monopólio mundial de produção de água terá em mãos hoje o tão cobiçado aparelho fabricado pela polêmica empresa Ultratopia, que, como o mundo inteiro sabe, permite que o usuário receba mensagens textuais sobre acontecimentos futuros em sua vida...

O bilionário vai perguntando à sua assistente se alguma encomenda havia chegado, quando uma bandeja platinada flutua até a sua frente:

- Aqui está, senhor!

Sob a bandeja, há uma caixa inteiramente preta com escritos dourados que formam a palavra Ultratopia. Pedro vai abrindo a caixa, mas passos pesados aproximam-se ao seu lado. Ao virar, encontra sua esposa:

- Bom dia, amor! Dormiu bem?

- Não foi uma noite tão boa, o bebê anda bem agitado na barriga nestes dias.

Pedro se aproxima e beija a barriga de sua cônjugue. Nesse momento, ele avista uma criança franzina com sardas na cara gargalhando e uma espécie de animal que lembra um cachorro, porém totalmente platinado, com uma tela de LED no lugar dos olhos, com uma bola em sua boca e pulando em direção ao garoto. Quando a criança vê a grávida à

sua frente, acaba transferindo todo seu estado de alegria para um estado de raiva e faz o trajeto de volta ao seu quarto. Pedro, indignado, exclama para a criança:

- Daniel! Temos que conversar, essa sua atitude não pode mais ser tolerada!

Pedro segue seu filho até o quarto e, chegando, depara-se com vários desenhos espalhados pelo chão e o moleque claramente tenta escondê-los embaixo de sua cama. Pegando um desenho que Daniel esqueceu, Pedro vê que ele representa uma mulher com uma grande barriga rabiscada de vermelho, enquanto uma pessoa pequena claramente segura alguma espécie de objeto pontudo em suas mãos.

Pasmo e assustado ele grita a seu rebento:

- O.. que é.. isso?! Você... você enlouqueceu, menino?! Não tem mais conversa, vá para a cápsula da vergonha!

Sem hesitação, Daniel caminha para uma cápsula que, quando penetrada, envolvida o ocupante com cabos de borracha, deixando-o sem capacidade de exercer qualquer tipo de movimento, enquanto uma máscara de plástico é colocada em sua boca. No fim do corredor, é possível ouvir:

- Está tudo bem, amor?

- É.. Sim.. sim, o Dani apenas está de malcriação, nada que a cápsula não resolva.

Chocado e com medo de contar para sua esposa o que de fato ocorreu, o pai se encaminha à cozinha, onde tinha deixado a caixa e vai até sua biblioteca. Lá ele se senta em uma enorme poltrona de couro. Sentindo-se confortável, finalmente a caixa é aberta. Dentro dela se encontra uma esfera preta com um espaço liso e dourado que aparentemente serve para ativar o dispositivo. Com os dedos trêmulos, seu polegar encosta na região dourada. Nesse momento, o empresário é rodeado por um véu branco que aparenta ser formado por pixels, até que desse véu, parte dos pixels vão se juntando e acabam por formar a frase “seu filho matará sua mulher”. Atônito, Pedro não acredita no que vê e ativa novamente a esfera. A mensagem se repete, e outra e outra vez. Sabendo que o dispositivo não possui falhas, como já fora provado e confirmado pela própria empresa a ele, o homem acaba entrando em um estado em que sabe que não poderá fugir de seu destino. Fora de si, ele coloca na cabeça que deve agir rápido.

Com uma objetividade metódica que apenas um ser feito de fios poderia ter, ele anda com passos rápidos e retilíneos em direção ao quarto de seu filho e se depara com o menino preso na cápsula da vergonha. Pedro vê o fio que parte da máscara de plástico que envolve a boca de seu filho e percebe que está conectado a um painel em que está escrito “O2”. Olhando nos olhos de Daniel, Pedro parece não estar são e diz:

- Antes você do que meu amor.

O cabo é desconectado do painel a partir de um puxão. Após um minuto, é possível ver que uma alma não habita mais o corpo que ali se mantém em pé por estar envolto em cabos.

Tentando raciocinar sobre o que realmente aconteceu após seu ato de monstruosidade, gritos altos o interrompem. Pedro corre, de maneira totalmente desorientada, até a sala da casa, de onde parecem vir os gritos. Sua esposa está evidentemente em trabalho de parto. Pedro dá ordens a Iris para iniciar o procedimento de parto caseiro, já que sabia que a casa vinha com essa função, pelo fato de ter pago por uma versão Maximum. Mãos metálicas saem de um alçapão encontrado no teto e abaixo de Isabel uma cama também aparece. Ela é colocada pelas mãos na cama e é auxiliada por Iris. O procedimento é feito com muito esforço. Parece que algo não ocorre bem. Pedro, em desespero, grita:

- Iris! Isso é normal!? Resolva isso de alguma forma, imediatamente!

- Senhor, não posso atuar sobre isso, parece algum problema do organismo de sua esposa e...

- Eu não quero saber! Iris, faça algo!

- Farei o possível, senhor.

Após incontáveis minutos, o único som que toma conta da casa é um choro. O bebê nasce. Porém, Isadora continua sofrendo:

- Amor... acho que ... amor... cuida bem dele... amor... você é o homem mais poderoso do mundo agora... você tem o futuro... em suas mãos...

Agora, apenas o som de duas respirações tomam conta da casa.

O maravilhoso Hotel Retom

Rodrigo Ades Buscato

Atrasado de novo. Desse jeito, não chegaria a tempo para o jantar. Sinal verde. Cortou o trânsito, virou a esquina e acelerou. Vai dar tempo. Chegando ao portão do condomínio, estacionou o carro. Seguiu reto, passando pelo salão de jogos, pela piscina aquecida e pela quadra esportiva. “Por que a porra do elevador tem que ficar tão longe? Espero que eu não encontre aquele vizinho chato no caminho”.

No jantar, não teve muita falação. A esposa comia distraidamente, sem notar a presença do marido. O filho não queria nem olhar para o próprio pai. Estava irritado com ele por causa de algum assunto que nenhum dos dois lembrava mais. Nada fora do comum. Depois de comer, Maurício se sentou no sofá para praticar sua atividade preferida: assistir TV. Ele passou a mão por sua barba, já meio grisalha, pegou o controle remoto e, mantendo sempre uma expressão apática no rosto, ficou passando os canais. A única coisa em que conseguia pensar era que teria que acordar cedo no dia seguinte para ir trabalhar no consultório médico. “Por que que o fim de semana demora tanto, hein?”

De repente, um comercial prendeu sua atenção: “Está cansado da sua rotina? Quer escapar da sua vida monótona? Venha para o Hotel Retom, prometemos que você passará o final de semana perfeito. Isso não é propaganda enganosa! Você terá o fim de semana dos seus sonhos aqui no Hotel Retom. Se estiver disposto a pagar um certo preço, é claro. Ligue para o telefone abaixo e reserve seu quarto!” Ele rapidamente anotou o número.

No dia seguinte, Maurício perguntou a alguns colegas de trabalho se eles já tinham visto a propaganda do tal Hotel Retom. Não. Ao chegar em casa, perguntou à sua mulher se tinha visto a propaganda. Ela também não vira. Perguntou a seus amigos. Ninguém tinha visto. Maurício decidiu então procurar o maldito hotel na internet. Não tinha site. Na verdade, não havia nada sobre ele. Cada vez que alguém falava que não sabia o que era o Hotel Retom, a curiosidade aumentava. Decidiu que iria ligar para o número que tinha anotado.

- Alô, é do Hotel Retom?

- Sim senhor, como posso ajudá-lo?

- Vocês são bem difíceis de achar, sabia?

- Bem, nossos serviços são muito exclusivos, por isso somos discretos. O que posso fazer pelo senhor?

- Vocês dizem que podem me dar o final de semana perfeito, certo? Essa eu quero ver! Gostaria de reservar um quarto.

- Certamente, senhor. A van do hotel passará em sua casa e lhe trará até aqui. Mas primeiro preciso lhe informar sobre o preço que o senhor terá que pagar por sua estadia.

- Dinheiro não é problema! Pode deixar que acertamos isso quando eu estiver aí.

- Mas, senhor... - Maurício desligou.

No dia seguinte, sexta-feira, ele chegou em casa do trabalho, fez suas malas rapidamente e avisou para sua família que teria de ficar fora uns dias. “É coisa do trabalho. Volto na segunda.” A van chegou. Ele colocou suas coisas no porta-malas e seguiu viagem. Não demorou muito. O hotel ficava em uma parte bem rica da cidade. Era praticamente uma mansão. Na recepção, uma linda mulher o cumprimentou:

- Boa noite, senhor, bem vindo ao Hotel Retom. Seu quarto fica no final do corredor, mas antes de continuar é preciso que o senhor saiba o preço de sua estadia...

Maurício ficou bem puto: - Escuta aqui, eu não quero saber de dinheiro enquanto estiver aqui. Já falei que tenho bastante e que vou pagar qualquer preço por dois dias de paz. - Ele pegou a chave do quarto e foi embora.

Que lugar maravilhoso! O fim de semana foi realmente perfeito, como prometido. Maurício pôde relaxar e aproveitar bem. Havia uma grande piscina, muito melhor do que aquela do seu condomínio, um barzinho com vários drinques para experimentar, algumas espreguiçadeiras, um serviço de quarto impecável e, claro, uma gigantesca TV de alta definição com 400 canais. Maurício estava feliz. Porém, a hora de pagar a conta se aproximava. Algumas vezes por dia, um funcionário vinha tentar explicar algo importante sobre o preço. Mas ele nem queria saber.

Chegou a hora do checkout. “Me siga, por favor. Vou levá-lo até a área onde o pagamento é feito.” O funcionário guiou Maurício até uma sala totalmente coberta por um pano preto.

- Não estou entendendo. Que lugar é esse?

- Aqui é onde o pagamento é efetuado, senhor.

- Mas como eu vou pagar se não tem máquina de cartão de crédito ou algo parecido?

- É que aqui não se paga com dinheiro, senhor.

- Ora, que palhaçada é essa? E por que essa sala é tão estranha? Para que serve esse pano preto?

- Para não sujar, senhor.

- Sujar de quê?

- De sangue, senhor - disse o funcionário, enquanto esfaqueava Maurício várias vezes no peito.

O vizinho chato de Maurício acordou por causa de um grito na manhã de segunda-feira. Um grito de mulher. Ele pôs a cabeça para fora de seu apartamento e olhou em direção ao corredor. Lá, a mulher de Maurício estava paralisada. Aos seus pés, estava um grande saco de lixo com o corpo do marido dentro. Junto ao saco, havia um cartão em que se lia: "Mais um cliente satisfeito."

Delírios de uma mente sem razão

Ana Soares Rodrigues dos Santos

Era uma mulher bonita, cabelos cacheados, olhos de jabuticaba, pele morena, sorriso simpático. Andava calma em sua direção e nas pontas dos pés quase tocava sua barba, podia sentir sua respiração. E a alguns centímetros de sua boca, sussurrava palavras num tom doce, palavras que Leonardo não era capaz de entender.

Transtornado, Leo acordava mais uma vez de um sonho com a mulher que vivia até então em sua cabeça, desde seus 8 anos de idade. Mais um dia começava no apartamento mais bagunçado da rua Jericó. Era café no tapete, China in box pelo chão, maquete, desenhos e discos espalhados por todos os cantos.

Sentado no sofá de couro já desgastado, Leo corria pelos canais de TV em busca de algo razoável às 11:52 de uma manhã de quarta-feira. O telefone toca e, distraído, ele deixa a TV ligada em algum canal de notícias qualquer:

- Alô, Leo aqui.

- Oh, Lelo, é a mamãezinha.

- Ah... Oi, mãe - faz uma encenação dramática enquanto se enforca ao responder a mãe.

- Liguei para saber se você continua sonhando com aquela mulher fantasma. Tenho medo de você voltar a ver esses fantasmas.

- Sim, mãe, continuo sonhando com ela. Mas, fantasma, mãe? Já te falei mil vezes que sei que ela existe, só não a achei ainda! - fazendo cara de birra.

- Leonardo, para com essas suas ideias, vou ligar pro seu psiquiatra.

- Tá bom, faz o que você quiser, você nunca me escuta mesmo... Mas como você está? - muda de assunto drasticamente.

- Estou ótima, apenas com saudades... Você nem liga mais pra mim.

Ah, para com isso mãe, tenho estado ocupado ultimamente, muitos... - algo na TV chama a sua atenção.

- Muitos o quê?

- Já te ligo mãe, preciso fazer umas coisas...- diz ele afobado, meio assustado, desligando o telefone.

NOTICIÁRIO

“Menina de 22 anos é atropelada na Rua Fradique Coutinho na noite de terça-feira.”

Coração apressado. Suor. Olhos arregalados. Era a mulher dos seus sonhos. Ela tinha sido atropelada a algumas ruas de sua casa.

Será que ela tinha morrido? A mulher dos seus sonhos, morta? Não era possível, ele precisava saber mais, 14 anos se resumiriam a um atropelamento? Não podia ser verdade.

Liga para a mãe:

- Mãe, a mulher dos meus sonhos existe, ela apareceu na TV, é ela, eu sei que é ela. Mas ela precisa de mim, mãe. Ela se chama Clara. Eu preciso salvá-la.

- Leonardo, respira, o que você está falando? De onde você tirou essas coisas? Você tem tomado os seus remédios? Fernaaandoo! Venha aqui - grita para o pai.

- Oi, querida, o que está acontecendo? - diz o pai nervoso.

- Leonardo diz ter visto aquela moça na TV, ele quer ir atrás dela.

- Está acontecendo de novo, vamos ligar para o psiquiatra, vou até a casa do Leo, você fica aqui.

- Mãe, eu ainda estou aqui, o que está acontecendo? Vocês estão exagerando, eu estou bem. Mãe, mãããe? - A ligação tinha sido encerrada.

O pai chega ao apartamento junto a um carro branco, na companhia de dois homens.

- Pai, o que está acontecendo? Quem são eles? Por que eles estão aqui?

Agora ele podia ver direito, na blusa dos dois homens estava escrito *Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena*. Mais uma vez, ele estava sendo medicado por algo que ele não tinha; a mulher existia, ele tinha certeza. Não vou deixá-los me levarem embora, pensou. Não vou, estou tão perto de conhecer a menina que finalmente tem nome... “Clara”, é ela, meu amor.

Ele estava agitado, chutava pra tudo quanto é canto, os homens o agarraram, ele não parava de se mexer, gritava, gritava o nome de Clara e falava coisas sem sentido. Ele estava louco. Colocaram nele uma camisa de força e o jogaram no banco de trás como um fardo. Humilhado, ele seguiu para o Sanatório Barbacena; logo ele, pensava, logo o único que sabia a verdade. “Eu não sou louco”, repetia incansavelmente.

Chegando lá, era um prédio branco que aparentava uma certa paz. Ainda com a camisa de força, porém mais calmo, ele caminhava para seu quarto. Era hora de dormir, todo dia às 20:30 tinha que voltar para seu quarto e dormir.

Ele tinha uma vizinha que chegara às 7 da manhã do Hospital das Clínicas, toda estropiada de uma tentativa de suicídio. Com seus olhos de jabuticaba, ela se aproximou e sussurrou tão perto que seus lábios sentiram o vento do seu hálito. E ele finalmente entendeu.

Eles se olharam e é claro que parecia loucura. Mas em um mundo que acredita que tudo que não carnal é loucura, inevitavelmente duvidarão que dois espíritos se encontrem, não é mesmo?

E eles se encontraram.

Sodacep

Sofia Mazzucchelli Pompeu de Toledo



Isabela Hargreaves Rainer

Estariam no breu se não fosse pela velha lamparina pendurada. Com a porta trancada, os sete cidadãos da pequena cidade se perguntavam o porquê de se encontrarem naquela sala e porque não conseguiam sair.

O cômodo estava vazio, a não ser por uma cruz tauxiada firmada acima da porta.

- Caros colegas, não sei como nem porque viemos parar neste aposento, mas creio que temos que manter a calma e trabalhar juntos para sairmos daqui – disse Sandoval, um jovem executivo.

Todos acenaram com a cabeça, locomoveram-se até a porta e começaram a tentar quebrá-la. Percebendo que os esforços do grupo eram ineficazes, Sandoval observou à sua volta e viu que uma pessoa permanecera sentada no chão, em um cantinho onde a parede parecia meio mofada, mas a garota não aparentava se importar muito.

- Não vai ajudar não, menina? - disse Augusta, lojista de meia idade.

- Acho que não, ainda não decidi - respondeu Patrícia, com toda sua teimosia de adolescente.

- Como pretende sair daqui então? - Augusta não aprovava Patricia na medida em que já vira nas câmeras de sua loja a pivete roubando cigarros durante a noite.

- Sei lá... - Patrícia realmente não se importava.

- ENTÃO PORQUE NÃO AJUDA, CRIANÇA? - Dona Augusta perdeu a paciência.

- Porque eu tô com preguiça.

Enquanto Patricia falava, as luzes da sala esmaeceram e quando se acenderam novamente, Patricia havia desaparecido.

Todos ficaram em silêncio por alguns segundos, processando o que havia acabado de acontecer, mas logo o silêncio se rompeu em um estrondo e todos começaram a vozear intensamente.

- Pobre menina... Para onde será que ela foi?! - bradou Lúcia, mulher jovem de beleza invejável.

- Quem se importa?! A pivete sumiu, mas nós ainda estamos aqui desorientados! - articulou Ian, homem de meia idade.

O ajuntamento se entreolhou por alguns segundos, enquanto a taciturnidade reinava outra vez, quando Inês resolveu se pronunciar pela primeira vez desde que acordaram naquela sala:

- Pelo menos a garota conseguiu sair daqui e não tem que passar nem mais um minuto neste local detestável com essas pessoas repugnantes... Eu a invejo.

A luminescência novamente cessou e Inês sumiu.

- Não compreendo o funcionamento deste “sistema” de saída do cômodo - pensou Alvarez, o jovem milionário da pequena cidade.

- Deve existir algum tipo de padrão... - disse Sandoval.

Os olhos de Lúcia brilhavam ao ouvir a voz aveludada de seu paquera. Ian olhava para Lúcia, Lúcia olhava para Sandoval, Sandoval olhava para si mesmo.

- Nos esforcemos, pois, para achar esse padrão! - proferiu Ian.

Debateram por alguns minutos, mas novamente a discussão não levou a nada.

Augusta se levantou desapontada com a ineficiência do raciocínio lógico grupal e disse:

- Não consigo mais ficar pensando nisso... Tudo que eu queria era meu sofá e um grande bolo de cenoura com cobertura de chocola...

O processo se repetiu e em um instante Augusta havia sumiu.

- Bom, creio que eventualmente iremos todos desaparecer desta sala sem saber aonde iremos parar, portanto proponho que aproveitemos o tempo que nos resta... - falou Lúcia mirando Sandoval, que sorriu de volta.

A troca de olhares entre os sujeitos serviu para lan como uma navalha perfurando seu estômago. Corria atrás de Lúcia já fazia meses, mas a jovem nunca lhe dera nenhuma atenção.

Lúcia sabia que lan a desejava, e isso influenciava ainda mais sua aproximação com Sandoval. Apreciava a maneira como lan fazia de tudo para agradá-la, mas achava prazeroso o olhar estampado na cara dele ao vê-la flertando com outro, um outro que seria socialmente visto como um melhor partido.

A beldade se aproximou de Sandoval e, fitando-o, sorriu com os olhos. Quando percebeu que Sandoval lhe mandava um tipo de sinal ambíguo, deu-lhe um beijo.

As luzes se apagaram. Agora restavam somente três.

- Não acredito, cara! Eu não acredito que você fez isso! Filho da puta! Vai se foder! Eu quero que você queime no inferno para toda a eternidade! - esbravejou Ian, levantando o punho fechado à altura da cabeça e tomando passos largos e ligeiros em direção ao companheiro.

Quando a pele grosseira dos nós dos dedos de Ian se chocou com a maçã do rosto avermelhada de Sandoval, o apagão regressou.

Agora a sala estava silenciosa, não se podia ouvir nem ao menos o inflar e desinflar dos pulmões dos dois homens que se olhavam intensamente sem trocar nenhuma palavra. Sandoval esfregava de leve o olho roxo com as costas da mão esquerda, enquanto Alvarez o fitava com um olhar de reprovação.

- Você não precisava ter feito isso, sabe...- Alvarez rompeu o silêncio - tipo, o coitado realmente tava correndo atrás dela já fazia tempo...

- Tu não sabes de nada sobre a vida ainda, rapaz... É apenas um jovem imberbe, quando crescer vai entender que não tem que se importar com as reações dos outros sobre seus atos... Eles que se danem!

Sandoval calou-se por alguns segundos, mas ao perceber que o parceiro não iria responder, prosseguiu:

- Convenhamos que sou mais bonito, jovem e bem-sucedido do que aquele coroa, é evidente que uma moça tão sensual quanto Lúcia se sentiria mais atraída pela minha pessoa...

Apagão.

Alvarez, sozinho, sente seus olhos lacrimejarem. Como sairia daquele lugar sem a ajuda de ninguém? Todos desapareceram após falarem alguma coisa, mas seria o caso de começar a falar sozinho?

Frustrado com a situação, arregaçou a manga de sua camisa para olhar o horário, mas ao invés de dois ponteiros, percebeu que dentro de seu relógio tinha uma pequena chave. Examinando o achado e a fechadura da porta, percebeu que as chances desta chave abrir a porta da sala eram grandes, mas para isso teria que quebrar o vidro de seu relógio.

Olhou para o relógio de ouro que tinha ganhado de presente de seu avô em seu aniversário de 18 anos (junto com uma Ferrari branca, claro) e chorou. Chorou porque seu apego àquele pequeno objeto era tão grande que estava disposto a ficar por tempo ilimitado naquela sala, mas não teria coragem de quebrá-lo.

As luzes mais uma vez cessaram e agora a sala estava vazia.

A cruz, antes pendurada acima da porta despencou, quebrou-se em mil pedaços ao entrar em contato com o chão rígido. E agora, com o cômodo despovoado, a liberdade reinou.

A Proposta

Marina Saab Juliatto

A campanha do meu apartamento não parava de tocar. Não lembrava mais como era o mundo lá fora. Desde o acidente, não havia saído nem uma vez sequer. Nem para o velório. Órfão aos dezessete anos, sem ninguém, sem dinheiro (que nem isso meus pais foram capazes de me deixar), eu vivia havia dois meses sem sair do meu quarto, se é que posso chamar aquilo de quarto.

Maria. Claro. O único ser humano que seria capaz de me incomodar. Irmã da minha mãe, só aparecia quando precisava de alguma coisa. Após a morte dos meus pais, não havia nem se preocupado em me apoiar. Era a primeira vez, depois do ocorrido, que eu a via. Estava quase fechando a porta, sem ao menos dizer “oi”, quando ela disse:

- Dinheiro, Lucas.

Não pude disfarçar meu interesse e até convidei a velha para entrar. A proposta dela era simples: cuidar de um velho cego e surdo que morava sozinho, no final da rua.

- Você não precisa fazer nada, garoto. E o salário oferecido está quase maior que o meu. Aceite essa proposta. Só não engane o velho.

A casa era enorme. Era uma mansão antiga demais até para o século XIX. Parecia um museu. A cor vermelha era predominante. Animais empalhados na parede, corredores longos e escuros. Vários quartos, muitos quartos. Senti um aperto no coração, um arrepio que subiu pelo

meu corpo inteiro, uma sensação que parecia não vir de dentro de mim. Um sentimento que me veio com cor. Era um sentimento preto, escuro, frio.

Quando voltei para dentro de mim, estava diante de uma porta preta metálica que se destacava na vermelhidão da casa. Não sei como fui parar lá, mas o que senti foi inexplicável.

Fui obrigado a esperar na sala principal pela antiga babá do velho. Ela me prepararia para o trabalho. A moça não disse muita coisa, fiquei com a impressão de que ela queria fugir daquele lugar sombrio. Só disse o básico: alimentar, vestir, dar banho e outras coisas em que infelizmente não prestei atenção. Deveria ter prestado.

O velho não fazia nada. Meus primeiros meses eram, literalmente, olhar para sua cara imunda, entregar-lhe sua refeição, deixá-lo se virar com o que eu podia oferecer e esperar o pagamento no final do mês. Simples era minha vida, grande se tornava meu dinheiro.

No primeiro dia do quinto mês, as coisas começaram a mudar. Na casa, não se escutavam barulhos a não ser os meus. Naquele dia, no entanto, o lugar estava mais barulhento do que de costume. Durante o dia, pensei que tivesse ouvido choros. Cheguei à conclusão que estava enlouquecendo, pois nunca tinha ouvido ruído algum sair da boca daquele homem. Naquela noite, fui dormir cedo. Dei jantar para a criança, levei-o para o quarto, fechei a porta e fui para meus aposentos.

Apesar do sono, não conseguia dormir. A sensação do primeiro dia, um sentimento sombrio rodeava minha mente. Senti como se estivesse sendo observado. Escutava respirações. Uma risada. O estralar do chão. Alguém estava me vigiando, eu pude sentir. Não queria

me mexer. Na minha cabeça, ficar deitado seria a melhor a escolha. Novamente, escutei alguém rindo. Só que dessa vez, a risada bem baixa, quase como um sussurro, foi solta perto demais de mim, pude até sentir o calor dos ruídos no meu ouvido. Virei-me. Era o velho.

Estava sentado na ponta da minha cama, olhando para mim. Começou a rir. Segurava meu pé, não para me machucar, mas para ter certeza que estava sentindo seu toque. Ele riu. Riu durante um bom tempo. Começou a se aproximar de mim, me apertando cada vez mais. Eu não me mexi. Involuntariamente, lágrimas começaram a escorrer pelos meus olhos. E ele viu. Eu sei que viu. Calou-se. Levantou. Olhou para mim e, não surpreendentemente, disse:

- Porta preta.

Eu tentei fugir. Procurei uma saída, uma porta, uma janela, qualquer coisa que me fizesse sair daquele lugar. Mas não achei. Deveria ter procurado melhor.

Abri a porta. Ela me levou para uma escadaria que parecia nunca acabar. Eu desci o mais silenciosamente possível. Estava escuro. Percebi que o lugar não era frequentado há tempos. Sentia a poeira entrando pelo meu pulmão, me sufocando, mas não podia tossir, não queria fazer barulho. Quando cheguei, não pude nem sentir o chão do porão, pois fui golpeado na cabeça. Desmaiei. Se eu pudesse escolher aquele como meu fim, eu escolheria, mas infelizmente eu acordei. Foram seis noites de torturas. As mais desumanas já feitas.

Quando o velho se cansou de mim, entregou-me minhas coisas e me deixou ir. Saí correndo, porém, as portas ainda estavam trancadas. Enxerguei um telefone, no final do corredor, e voei para ele. Liguei para a polícia. Escondi-me. Mas não fiquei aliviado. Tudo estava fácil demais.

A polícia veio. Mas quando veio, encontrou nada a mais que um velho cego e surdo sentado na maior inocência, sozinho na sala de estar e um garoto, fazendo papel de besta trancado em um banheiro qualquer. Os policiais me levaram para fora dali.

Eu cheguei à minha casa. Não sabia exatamente o que tinha acontecido comigo. Da minha jaqueta, caiu um bilhete dizendo. “O próximo já foi contratado. Demita-o e assuma seu lugar ou dê as instruções de como cuidar de um velho cego e surdo”.

Ócio

Julia Murachovsky

Foi enquanto eu socava meus trapos encardidos no armário que minha mãe entrou, sem bater, como de costume.

- Fred, querido! Trouxe as roupas limpas.

Com os meus trinta e poucos anos, ainda morava sob o teto de minha mãe, e por alguma razão que me é desconhecida, evitava ao máximo o contato com ela. Ao contrário de mim, ela podia passar horas discursando sobre alguma receita nova, uma aventura no mercado ou um desentendimento na padaria. Fui invadido por uma vontade de pedir que sásse e deixasse a cesta no pé da cama.

- Obrigado. Vou me vestir e ir para o correio.

Recolhi as minhas roupas que estavam na cesta e entreguei-a de volta. Minha mãe reconheceu que não era mais requerida no quarto e assentiu, voltando-se para a porta. Enfie-me na mesma camiseta retalhada de todo dia, apanhei um casaco e as chaves. Minha mãe desejou-me um bom dia e me entregou um copo de café agüado, que engoli em poucos segundos. Beijei-lhe na testa e segui caminho.

São cinco quarteirões até o prédio do correio. Chegando lá, exibi meu crachá, que me dava acesso à sala de encomendas. Sabia que outro funcionário daquela ala vivia enchendo minha prateleira, de forma que eu

sempre tinha pelo menos três pacotes a mais do que os outros. Mas isso não me incomodava. Se por acaso me incomodasse, tomaria uma atitude em relação a isso. Não sei qual ao certo, mas, com certeza, tomaria.

Um carrinho de metal e eu vagávamos pelo bairro, seguindo os endereços que as etiquetas nas caixas de papelão me indicavam. Eu, o carrinho e suas rodas gritantes percorremos alguns quarteirões e chegamos até o endereço da primeira entrega. E o mesmo se repetiu com a segunda entrega. E a terceira.

Quando me dei conta, estava em uma rua conhecida. Rua em que havia completado o Ensino Médio: os cantos pelos quais eu me arrastava quando adolescente, rua e tempos das minhas primeiras bebedeiras.

Segui até a esquina seguinte, lá ficava um boteco que eu frequentava. Um alívio ocupou meu peito quando vi a porta aberta e o letreiro ainda caindo aos pedaços. Eu gosto de quando as coisas continuam iguais. E era assim que aquele lugar se mantinha: exatamente igual. Os bancos bambos de três pernas, revestidos por uma imitação barata de couro bege, o bar de madeira, que sempre tinha uma textura grudenta e cheiro doce de álcool, as mesmas garrafas de licor de canela expostas nas prateleiras, que provavelmente não foram movidas desde então.

Pedi uma cachaça e sentei-me. Do balcão, conseguia ver a janela de vidro quebrada, que dois alunos do ano de cima haviam detonado durante uma briga, mais de vinte anos antes. Foi a primeira briga que eu presenciei. Como pode um bar medíocre de esquina sobreviver tantos anos? Saí discretamente, sem pagar minha dose, como nos velhos tempos, e segui cambaleando até o endereço da entrega seguinte.

Admito que não me lembro muito do percurso: a última coisa de que me lembro claramente é a cachaça descendo e queimando minha garganta. Nada do que aconteceu em diante posso confirmar com certeza.

Tenho uma memória vaga de estacionar o carrinho no jardim de uma casa e, com a caixa em mãos, conduzir meu tronco até a varanda de pintura branca descascada. Antes que eu pudesse bater na porta, uma mulher vestida de branco a bateu na minha cara, resmungando.

- Ei, espere! - eu disse, tentando tocar o seu ombro - Eu tenho uma encomenda para o senhor Décio Neves...

- Não espero coisa nenhuma! Limpe você a merda da bunda desse velho nojento!

Hesitei em repetir que vinha somente para deixar o pacote, mas ela andava com uma rapidez que meu cérebro embriagado não sabia processar. Depois de três toques na porta e dez minutos de espera, girei a maçaneta lentamente e abri a porta.

- Décio Neves? O senhor está?

A casa era enorme. Vista de fora, parecia um casebre abandonado, mas quando se entrava, as salas eram grandes, espaçosas. As janelas estavam imundas, de forma que mal se podia ver o próprio jardim e a única luz que iluminava a casa era aquela que conseguia passar pelos vidros. Os poucos móveis que ocupavam os cômodos eram repletos de manchas de gordura e poeira.

- Estou aqui! Depois da cozinha, à esquerda!

Segui suas instruções, passei pelo que poderia ser chamado de cozinha e dobrei à esquerda. Em uma poltrona encardida e sem forro, estava sentado quem eu julguei ser Décio. O homem aparentava ter cerca de sessenta anos, tinha uma úmida e cheiro azedo.

- Olá, meu jovem, como é seu nome? - ele perguntou, arrumando seu robe atoalhado, que tive a infelicidade de perceber que era a única coisa que cobria seu corpo.

- Me chamo Alfredo, senhor.

- Sente-se, Alfredo - balbuciou, apontando para uma cadeira retrátil - vou buscar um copo d'água, você aceita um?

Antes que eu pudesse formular uma resposta, o velho se levantou, exibindo sua bunda e saco que dançavam de um lado para o outro conforme seus passos. Não pretendia me sentar, mas quando o vi voltando com uma garrafa de bebida em sua mão direita, não pude recusar. Percebendo meu movimento, acomodou-se na poltrona e esticou seu braço, oferecendo-me seja lá qual fosse aquela bebida. O gosto era ruim, certamente era uma mistura pobre, ou algo estragado.

- Senhor, eu vim aqui entregar esse pacote - disse, contorcendo-me para alcançar a caixa.

- Ah, claro, claro.

- O que houve? Não estava esperando uma encomenda?

- Não, está tudo perfeito. Você tem algo para abrir a caixa?

Tirei do meu bolso um estilete enferrujado e cortei a fita que abraçava a superfície do papelão. Dados mais alguns goles de álcool, esqueci o propósito que me levou até ali. Só me lembrei do peso da caixa apoiada sobre minhas pernas, que tremiam incessantemente.

- Como se chama seu cachorro? - eu disse enquanto observava brinquedos, sacos de ração e roupas para animais de estimação que se afogavam em isopor flocado.

- Ócio. É um bom cão, muito leal e companheiro, sempre está onde estou.

Eu procurava o animal, torcendo meu pescoço, mas estávamos sozinhos. As pernas do velho continuavam estendidas na poltrona e seus joelhos eram secos e ralados. Ele me fitava, exibindo, em um sorriso, seus dentes podres e gengivas sangrentas. Dos dentes que eram visíveis, faltavam-lhe uns três ou quatro, e aqueles que lhe restavam dançavam com a articulação de sua língua e lábios.

- Essa bebedeira toda não me fez bem - confessei, apoiando a garrafa ao lado da cadeira - onde encontro um banheiro?

- Siga em frente e subindo as escadas vire à esquerda na segunda porta - orientou-me o velho, apontando - e como já vai se levantar, faça-me um grande favor, jovem: coloque a ração do Ócio no seu potinho na cozinha. Mas, não se apresse! Use o banheiro com calma, só me faça esse favor na volta, quando descer.

Dos primeiros degraus, um cheiro de merda já tomava conta do ambiente. Com o cheiro, me veio à memória a casa do meu tio-avô, onde as privadas sempre entupiam e transbordavam. Aquele velho teimoso

fazia questão de cagar e jogar o papel higiênico no vaso em seguida, de longe sua pior mania. No andar superior, praticamente não se via o piso, era tudo completamente cagado, e um cheiro ácido de mijó me dava dor de cabeça. Eu procurava pisar desviando dos obstáculos, mas quando percebi que seria inútil, dirigi-me até o banheiro, enquanto minhas botas nadavam em bosta.

A água da pia saía fervendo, mas o álcool tirou por completo minha sensibilidade térmica. Podia ser quente demais ou fria demais, eu nunca saberia a diferença. Só me dei conta da temperatura pela fumaça que preenchia o banheiro, e pelo meu rosto vermelho, que parecia criar pequenas bolhas de queimadura.

Era possível ver meus rastros desenhados na merda que cobria por completo os corredores. E pela quantidade e aspecto de cada uma, era perceptível que há meses aqueles corredores não eram limpos. Algumas eram mais frescas e atraíam moscas; nelas, pequenas larvas brancas se remexiam, cavando buracos por onde regressavam à superfície. Outras eram mais empedradas, e rachavam aos poucos, criando fendas e quebrando-se em menores unidades.

Rosnados e latidos que vinham do piso de baixo fizeram-me recuperar a consciência.

Enquanto eu descia as escadas e buscava uma explicação plausível para toda aquela nojeira, deparei-me com Décio, ou melhor, Ócio. O velho estava de quatro, nu, apenas com uma coleira que envolvia seu pescoço. Sua bunda enrugada pendia e apoiava-se em suas coxas, dobrando-se sobre si mesma. Ele mordida um brinquedo, balançando sua cabeça de um lado para o outro, e de sua boca vazava uma espuma branca. Continuou a espumar pela boca e sentou-se de

cócoras, descartando mais uma porção fresca de cocô de seu organismo. Observei até que acabasse, e nunca testemunhei alguém que fizesse aquilo com tanto prazer. Seus músculos todos se contraíam e tinham uma só função, expulsar uma parte sua de dentro.

Ainda assim, eu sentia que deveria honrar seu pedido. Vasculhei os armários da cozinha até encontrar a ração e coloquei em um pote o que julgava ser uma porção. O cão veio correndo e devorou vorazmente a comida sabor picanha. Mergulhou a língua algumas vezes no pote d'água e se entregou novamente ao seu mordedor. A única coisa que me assegurava que ele não era de fato um cachorro eram seus joelhos e o resto de suas pernas, que se arrastavam seguindo fielmente o resto de seu corpo. Recolhi os grãos de ração que se espalharam pelo chão e enfiei no bolso do meu casaco.

Assim que saí pude ouvir Ócio, que soluçava do outro lado da parede. Pude ouvir suas patas e unhas que riscavam desesperadamente a madeira da porta, e seus latidos inibidos. Cachorros não gostam de ficar sozinhos. Minha cabeça latejava e ardia da queimadura, e meus dentes rangiam. Sentia-me febril e embriagado. Uma ideia singular surgiu da minha consciência ébria e então minhas mãos trêmulas buscaram no meu bolso as migalhas restantes de ração. Derreteu na superfície da minha língua o gosto salgado de bife, que se difundiu pela minha boca. Foi de uma satisfação indescritível: devorei minha própria caça e sentia seu sangue pronto para fortalecer o meu. Eu lambia e chupava a ponta dos meus dedos, na tentativa de extrair toda a essência restante. O Ócio fervia e eclodia em minhas tripas, que dançavam, reorganizando a orquestra que são os meus órgãos. Não sei se o que virá é uma descoberta reveladora ou uma bela de uma diarreia.

Concepção

Julia Fazolare Maurano



Ana Beatriz do Prado Alves

Enquanto as solas dos meus pés ardem como se cozinhassem em fogo alto, meus lençóis me cobrem por completo. Eles se decompõem, resultando no que desperta meu devaneio.

É de longe e aos poucos que se propaga um grito.

Pela vibração das minhas cordas vocais, percebo que o barulho nasce e morre dentro de mim, e sem nem tentar tomar o controle daquele estímulo inconsciente, tampo os ouvidos, mas não há como acabar com o que eu mesmo nutro.

Com os ouvidos tampados, um som de água corrente me chama a atenção: os berros foram banhar-se.

As correntes de água parecem ecoar dentro da minha própria cabeça, no mesmo lugar em que se dão as vozes, vozes que eu escuto como se não viessem de mim mesma.

Que lençóis são estes em que eu durmo, que me guardam e ao mesmo tempo me expulsam?

Entro no meu próprio ouvido, procurando as correntezas que eu havia escutado. Sigo em uma espécie de túnel e me deparo com um martelo e uma bigorna: tem alguém me esperando no final do túnel, logo depois da curva.

Mas não.

Ninguém.

Só uma grande concha repleta de água, em cuja borda eu me sento e onde mergulho minhas pernas, me sentindo em uma xícara de chá. Não muito depois disso, um tubo, que me atrevo a dizer que é um canudo enorme, suga toda a água da concha. E me suga também.

Dores começam a fincar algumas partes do meu corpo. Ou não, não são dores.

Concebo algo, dou a luz. Dou a luz a um homem gigante que nasce pelo orifício de meu ouvido. Inclino a minha cabeça e dela, eu caio: dou a luz a mim mesmo também.

Lá estou eu, com meu filho, o gigante, e meu outro filho, o eu mesmo.

Meu primogênito me apanha em sua mão, me fazendo sentar em seu nariz.

- Ontem, eu fui um lagarto - ele me diz.

E seus olhos amarelos se dissolvem, como caem sobre mim os lençóis e como se calam as vozes ao redor.

(A)traídos

Luzia Rocha de Barros e Silva



Luzia Rocha de Barros e Silva

Não sei como existe coragem a ponto de seres pensantes se deixarem viver de tal forma repugnante. Às vezes, chego a sentir vergonha alheia, desgosto ou até mesmo nojo de ver tais cenas horrendas. O ódio começou a correr por minhas veias de tal maneira quando vi, ainda criança, amor e afeto entre iguais, e esse ódio prospera até hoje, caminha e caminhou ao meu lado durante 60 anos de vida. Agora, mais do que nunca, esse sentimento se intensifica e explode em meu interior: o homem que dormiu no mesmo berço que eu, o único, sempre o mais querido por todos, nunca havia me feito sentir tanto horror. Sua vida era desperdiçada, ele a jogava fora sem qualquer ponderação.

Hoje, eu teria uma reunião, porém ela foi cancelada, então voltei antes do previsto à minha casa. Sentado na poltrona da sala, onde meu irmão e eu moramos, observo de longe apenas as costas dele no corredor. Não vejo seu rosto ou o de quem o acompanha, somente duas mãos entrelaçadas e afetos recíprocos. Eles não me veem. No momento em que começam a andar em direção à sala, eu saio da casa; não aguentaria ver a cena de meu irmão ao meu lado de um companheiro.

Saio para espair e tentar sentir menos nojo de todas aquelas cenas que vi, porém é em vão, já que pela minha cabeça apenas passam imagens de meu irmão trocando carinho com aquele desconhecido. Apenas nojo era o que eu senti. Na verdade, nojo e ódio: como ele pôde fazer algo assim comigo? Eu não sou merecedor, quando éramos crianças, eu sempre tentei educá-lo, e tudo foi em vão. Tudo o que eu via de bom no meu irmão sumiu.

Agora, sinto até repúdio de mim mesmo. Pego-me a imaginar o beijo entre ambos, beijo que leva barbas distintas a se encostarem, o toque grosseiro de uma mão masculina no peitoral de outro homem, o encontro de lábios carnudos, mãos grossas e macias que trocam carinhos... Mas como podem dois homens trocarem carinho um com o outro?

Após pensar em diversas cenas em que vejo dois homens trocando carícias de forma constrangedora e repugnante, resolvo voltar para casa e dizer para o meu irmão que me envergonhava por ele fazer parte de minha família.

Chego em casa, coloco as chaves na mesinha da entrada, pela qual mamãe era apaixonadíssima. Tiro meu casaco, penduro-o no cabideiro da entrada, já que a casa exala o calor da lareira do cômodo ao

lado. Vou em direção a ele. A cada passo que dou, minha cabeça formula frases que posso dizer quando passar pela porta e vir meu irmão e seu acompanhante.

Chego em frente à porta que me separa dos corpos presentes na casa, respiro fundo e a abro. Levo um susto. Nunca esperaria por uma cena dessas. No sofá, estão sentados meu irmão e, ao seu lado, um rosto inesquecível. Fico sem jeito, sinto o sangue acumular-se em minhas bochechas, o que me deixa mais envergonhado ainda e saio dali o mais rápido que consigo; entro no meu carro e acelero, não aguentaria ficar lá por mais nem um segundo.

Encontro-me desorientado pelas ruas do meu bairro, pensamentos pulsam em minha cabeça. Como aquele homem robusto e atraente foi parar justo com meu irmão? O que meu irmão tem que eu não tenho? Quando jovem, sempre admirei aquele cara e ele nunca ligou pra mim. Sinto duas lágrimas escorrerem pelo meu rosto, uma de ódio e outra de tristeza.

Aquele cara era meu amigo do peito. Isso fazia daquela traição algo que me causava ainda mais dor. Quem se jogava aos braços do meu irmão era o meu melhor amigo da infância! E eu me apaixonei mais uma vez ao vê-lo em minha frente. Tantos anos para esquecer essa pessoa e esse meu lado miserável, e agora tudo volta... Estou imerso em um amor duplamente impossível, o que me resta é fugir. Mais uma vez.

A fúria do inocente

Caetano Prestes Ramos

- Adalberto, venha! Já preparei o jantar!

- Já estou indo, amor. Só me deixa terminar de ver o jornal, está no último bloco.

“E ontem à tarde, no bairro da Lapa, aconteceu um assassinato a sangue frio que chocou os moradores da região e de todo o Brasil. A vítima foi esfaqueada até a morte e o criminoso conseguiu fugir da polícia antes dela chegar à cena do crime. As autoridades tentam investigar o motivo do assassinato, que até agora permanece um mistério.”

Adalberto então desliga a televisão e se dirige à mesa da sala.

- Não vai lavar a mão, querido?

- Opa, esqueci.

Chegando ao banheiro, Adalberto começa a lavar suas mãos quando seus olhos repousam em um objeto aparentemente estranho no canto do chão. À primeira vista, pensa que é uma barata, mas depois de uma boa olhada percebe que se trata de uma carteira.

“Como é possível uma carteira largada assim no chão do banheiro, desse jeito?!” – pensa Adalberto. Ele se abaixa para pegá-la e, ao abri-la, nota que pertence ao seu melhor amigo, José.

- Que porra é essa, Joana!! O que a carteira do José está fazendo aqui?!

- Calma, Adalberto, eu posso explicar, não é isso que você está pensando.

- Explicar coisa nenhuma! Eu vou até a casa desse desgraçado para entender o que está acontecendo entre vocês dois!

- Espere Adalberto, por favor! Deixe-me explicar. O José, ele tem, quer dizer, ele é...

Mas antes que Joana pudesse terminar sua frase, Adalberto já estava fora de casa, batendo a porta com violência. Já era noite e fazia frio, porém nem passava pela cabeça de Adalberto desistir. Foi andando com passos pesados até a casa de José, que não era muito longe da sua. Quanto mais pensava no motivo da carteira de seu amigo estar largada no banheiro de sua casa, mais ficava com raiva. Finalmente, chegando à casa de José, abriu o grande portão que sempre estava destrancado e bateu na porta com força exagerada. José logo o atendeu e Adalberto entrou na casa.

- José, olha o que eu achei - fala Adalberto, sem muita cerimônia, mostrando a carteira preta em suas mãos.

- Nossa, Adalberto, muito obrigado! Como você achou? Nem percebi que tinha perdido minha carteira - diz José com um sorriso ingênuo.

- Essa é a questão José, você pode me explicar o que a sua carteira estava fazendo no banheiro da minha casa?!

- Eu estive na sua casa ontem à noite, Adalberto.

- E foi fazer o que lá?

- Fui ver a sua mulher, ela...

- Foi ver a minha mulher?! - esbravejou Adalberto sem deixar José completar sua frase

- Sim, ela queria um conselho sobre...

- Seu desgraçado! - Adalberto não controla sua raiva e acaba desferindo um soco em José, que cambaleia para trás. - Depois de todos esses anos de amizade como você é capaz de ter um caso com a minha mulher?!

- Adalberto, você não entendeu, eu... Eu sou...

- Você é um tremendo de um filha da puta! É isso que você é!

Terminando a frase, Adalberto disferiu outro soco na boca de José com sua máxima força. José, entretanto, após o golpe, decide revidar, aplicando um cruzado na orelha de Adalberto. A briga se arrasta para a cozinha, cada vez mais pegada e com mais violência. Foi então que Adalberto avistou uma faca de serrar pão a ser lavada dentro da pia. Cego de raiva, ele não pensou duas vezes: pegou a faca e disferiu um golpe fatal no estômago de seu inimigo, que morreu em seus braços. Os minutos que se seguiram foram de completo silêncio. Adalberto encarou o seu antigo amigo ensanguentado no chão da cozinha, ainda processando o que havia acabado de ocorrer. Completamente em choque, com a cara sangrando e vários hematomas ao redor do corpo,

finalmente decidiu sair da casa levando a arma do crime em suas mãos. Porém, ao abrir a porta, deu de cara com um homem que acabara de passar pelo portão. Aparentemente, um pouco mais novo, o rapaz de pele bem branca, com os cabelos cacheados e bem vestido, demorou a entender a cena. Adalberto pensou que o rapaz iria fugir gritando, mas não foi isso o que aconteceu. Pelo contrário, ele correu para dentro da casa. Sem reação, Adalberto apenas o olhou entrando na casa gritando:

- O que você fez?! O que você fez?!

Adalberto entrou novamente na casa e observou com espanto o rapaz segurar José com seus braços e, no meio dos soluços e lágrimas, beijá-lo na boca.

Primeiro amor

Catarina Walter

Em um canto da minha casa de infância, havia um piano marrom encostado em uma sala. Eu lembro daquele momento em que aproximei-me do instrumento pela primeira vez. Quando lhe toquei com os meus pequenos dedos, foi indescritível a sensação. Dedilhava aquele piano como se minhas mãos estivessem possuídas e eu não tivesse controle algum sobre elas. Mesmo sem saber o significado daqueles sons, naquele tempo eu não me importava com nada, ficava contente apenas em olhar.

Eu lembro daquele tempo, durante os meus dias na escola primária, quando minha altura se tornou maior que a sua e eu tentava negar o quanto lhe desejava. Tinha que me focar apenas nos meus estudos, papai dizia, não podia criar distrações. Preciso admitir, tinha medo de desafiar o Sr. Park, toda vez que o contrariava, acabava com as marcas de seus dedos na minha cara. Então, no topo das suas teclas, brancas como minha pele, a poeira ia se acumulando.

Certa vez, levei mamãe comigo para a sala onde você estava, na esperança dela me deixar lhe tocar:

- Eu me sinto tão bem, mãe, eu me sinto tão bem... Falava-lhe, encarando com meus olhos negros, mas não era como se ela realmente fosse se importar.

Ambos fomos deixados no esquecimento, mas sabia que aquele não seria o fim, sabia que conseguiria tocá-lo novamente, não importava de que forma.

Quando papai havia saído para uma de suas bebedeiras de sexta-feira e mamãe estava se encontrando com algumas amigas, aproveitei a oportunidade para ir ao seu encontro novamente. Eu tinha lhe esquecido completamente, o seu toque, a sua textura e leveza. Foi naquele instante que percebi que sem você eu não era nada.

Durante 15 anos, fui privado de qualquer tipo de lazer por conta dos estudos. Minha fobia não me deixava criar amizades, tinha pavor, era incapaz de sair de casa pelo medo que me consumia de precisar conversar com alguém. Porém, naquele momento em que eu tocava as suas teclas, tudo parecia desaparecer, éramos apenas nós dois, sem repulsa, sem julgamentos.

Eu lembro quando as bebedeiras de papai não aconteciam mais apenas às sextas-feiras e mamãe aparecia vez ou outra em casa para trocar as malas e viajar novamente com as amigas.

Eu me lembro então como nós queimamos os restos finais da minha adolescência juntos. Cada vez que tive de ir ao seu encontro secretamente com medo do que papai fosse fazer... Nós rimos, nós choramos e passamos sobre os dias que não acreditávamos que seriam possíveis.

Porém, esses momentos agora estão apenas na minha memória. Certo dia, papai chegou muito alterado em casa, de uma forma que eu não havia visto antes. Seu terno estava amassado, sua camisa desabotoada e a gravata totalmente desfeita, em sua mão direita ele carregava uma garrafa de bebida ainda cheia. Veio em busca de mim na sua sala, o cheiro de whisky tomou conta do cômodo de uma forma rápida. Assustado, escondi-me atrás do instrumento, pedindo para que ele se acalmasse. Não iria aguentar levar mais um de seus tapas:

- Saia daí, seu imprestável! - ele gritou. Permaneci imóvel.

- Lhe paguei as melhores escolas, lhe dei os melhores equipamentos tecnológicos e a melhor casa em que alguém poderia querer morar... e é assim que me retribui? Tocando a porra de um piano? Como você pretende ter um futuro assim?

Os momentos seguintes aconteceram como flashes diante dos meus olhos. Papai jogou a garrafa sobre você, ressoando um alto barulho pela sala do vidro sendo quebrado. Quando o vi tirando um isqueiro do bolso fui incapaz de me conter, comecei a berrar para que ele parasse, mas nada acontecia. Tentei tirar o fogo de suas mãos, mas acabei por levar um soco. Não tinha mais forças para gritar, apenas fiquei ali, parado, assistindo as chamas tomarem conta de você.

Eu me lembro daquele tempo, nunca me senti tão cansado e perdido. Caí em um poço de desespero. Mesmo quando eu lhe afastei, mesmo quando eu me neguei a lhe encontrar, você esteve firmemente ao meu lado, mas fui incapaz de lhe proteger e agora você se foi.

Agora me encontro aqui, vagando sem rumo pela cidade, tocando de bar em bar enquanto conto minha história na esperança de que um dia alguém vá me ajudar como você fez.

Em um canto da minha memória, um piano marrom encostado em um lado qualquer.

Hipocampo

Giulia Fusco de Setti Alves

- Dessa vez foi diferente, não era claro, mas muito mais intenso do que qualquer um. Eu gritava e chorava e alguém me segurava à força... A imagem distorcida só deixava claro que era um homem, nada mais. Isso não saía da minha cabeça, parecia uma memória, não sei, acho que preciso ir mais a fundo nisso. Naquele dia acordei super atrasada, com o motorista buzinando, fiquei a aula toda perturbada, todos perguntavam o que estava acontecendo e eu apenas não sabia a resposta. O que você acha, doutora Amanda?

- Olha, Valentina, às vezes nosso cérebro bloqueia acontecimentos muito traumáticos. Pode realmente ser uma memória passada ou pode ter sido apenas um pesadelo, o que, na fase em que você está, é muito comum. Vamos fazer assim: nossa consulta de hoje já chegou ao fim, mas eu quero que você observe atentamente e me conte na próxima semana se tiver novamente um desses sonhos, ou começar a se lembrar de alguma coisa está bem? Até a próxima consulta, qualquer coisa sua mãe tem meu telefone, é só me ligar.

No caminho para casa, eu não disse uma palavra. Estava mais tranquila do que antes, mas aquilo estava me sufocando. Eu realmente precisava achar uma maneira de me lembrar do que acontecera.

Meu padrasto, Guilherme, e minha mãe, quiseram jantar comigo naquela noite, coisa que só acontecia em datas especiais. Ele era sempre muito ocupado com o trabalho, era muito sério com essas coisas. Minha

mãe, Silvia, por sua vez, só ficava em casa tentando achar uma inspiração para escrever, e nós, como meros mortais, não podíamos entrar em seu santuário, por isso eu e ela nunca nos encontrávamos.

Minha mãe quebrou o silêncio:

- Valentina - ela nunca me chamava de filha, sempre me perguntei o porquê, nunca cheguei à resposta - você está estranha ultimamente, acordou atrasada, está avoada e distraída, o que está havendo?

- Não está havendo nada, mãe, eu só estou cansada por causa da semana de provas - menti para ela. Eu queria contar o que me afligia, mas queria ter certeza primeiro - fique tranquila.

- Tem certeza, Valentina? Tenho sentido a mesma coisa - disse o meu padrasto, como se ele se importasse comigo - estamos aqui pra você, sempre que precisar, saiba disso.

Não estava mais aguentando aquela conversa. Engoli meu prato e me isolei debaixo dos lençóis.

No resto dos dias, caí na rotina.

Não obtive nenhum progresso em minha busca por respostas, até certa noite.

Um dia antes da minha sessão com a Dra. Amanda, tive um flashback novamente.

Dessa vez, tudo ficou mais claro.

Consegui ver o rosto do meu padrasto, era ele quem estava me segurando.

Pulei da cama sem saber o que fazer. Estava assustada demais para qualquer coisa.

Decidi esperar até o dia seguinte para ir à consulta com a doutora Amanda, achava que ela poderia me ajudar com aquilo.

A partir daquele momento, eu já havia descoberto que aquilo não era apenas um pesadelo, mas sim uma memória.

O tempo não passava e eu só pensava naquela consulta. Olhava o relógio a cada minuto.

Finalmente chegou a hora. Entrei, cumprimentei-a e nossa sessão começou.

Contei tudo a ela, sobre o decorrer daqueles dias e sobre o dia anterior, principalmente.

Notei que, a princípio, ela ficou assustada e pensativa.

Logo em seguida, teve uma ideia que poderia me ajudar: – Esse tipo de tratamento só é usado em casos extremos – ela me disse.

Impulsivamente aceitei, queria apenas a verdade.

– Bom, Valentina, eu particularmente fiz isso apenas três vezes em toda minha carreira. Se chama tratamento por hipnose. Basicamente, vou

fazê-la entrar em um transe, em que você conseguirá, com minha ajuda, acessar a parte do seu cérebro que mantém suas memórias. Não garanto o sucesso desse procedimento, mas podemos tentar.

Apenas concordei.

Não disse uma palavra, segui os passos dados por ela e entrei em transe.

Rapidamente, me veio uma memória em flashback.

Eu, inocente, não sabia o que estava havendo. Ele se aproveitava de mim, eu gritava e chorava, mas ele era forte demais.

Toda aquela dor veio à tona. Eu podia sentir novamente aquelas mãos asquerosas me tocando, sentir aquele cheiro nojento, enxergar aquele olhar frio.

Acordei do transe e, por ímpeto, saí correndo, sem pensar em mais nada.

Cheguei em casa em um piscar de olhos.

Daquela vez, não me importei com o espaço da minha mãe, nada mais importava, já era noite e eu nem havia percebido.

Entreí em casa e, em desespero, vomitei tudo que eu tinha descoberto em minha mãe, sem que ela tivesse chance de falar, nem por um momento.

Ela parecia tão serena, tão calma, que sua reação me surpreendeu.

Ouviu tudo, sem falar nada, e apenas me aconchegou em seu seio, me acalmando. Nós deitamos em sua cama, como se fôssemos uma só. Pela primeira vez na vida, ela não se desprende de mim.

Por um breve instante, senti paz.

Assim que fechei os olhos em seu colo, minha mãe, com toda a tranquilidade do mundo, pegou o travesseiro ao seu lado e bloqueou minha respiração.

Foi rápido, não sofri, não lutei.

Apenas deixei-me ir.

Mundo Perigoso

Bruno Lopes Cassorla

São 6 horas da manhã, terça-feira, o sol nem nasceu ainda:

- Vamos acordar! - Grita Eduardo, da cozinha do apartamento.

Ninguém responde. Eduardo vai até o quarto de seu filho mais velho, Felipe, acende a luz, joga a coberta no chão e lhe dá uma leve chacoalhada. Faz o mesmo com Júlia, sua filhinha mais nova.

- Vamos, já está na hora!

Os dois se levantam e começam a se aprontar para a escola. Nesse meio tempo, Eduardo termina de pôr seu lindo terno da Kiton e, com um andar cansado, volta para a cozinha. Senta-se na mesa e prepara o lanche de seus dois filhos. Felipe vem primeiro e se junta a Eduardo na mesa, Júlia vem logo em seguida. Todos permanecem em silêncio absoluto, afinal, nenhum deles está com energia para desfrutar de uma boa conversa. À medida que acabam o pão com requeijão, queijo prato, mortadela e manteiga, vão para seus quartos e terminam de se arrumar.

Já são 7:00. Hora de chamar o elevador e levar as crianças para a escola. Eduardo segura o elevador enquanto seus filhos entram. No tempo em que o elevador desce da cobertura do edifício de luxo de Copacabana para a garagem, Eduardo já vai pegando a chave do carro. Entram na X4 blindada e seguem a sua rota cotidiana.

No percurso da escola, Eduardo para no sinal vermelho e um sujeito para em frente ao seu carro, começando a fazer malabarismo. Nada fora do comum. Ele caminha em direção à janela e pede por esmola.

- Papai, dá alguma coisa pra ele, ele é muito bom. - Diz Júlia, com um olhar entusiasmado.

Mas Eduardo não arrisca abrir a janela, afinal o mundo está muito perigoso.

Chegando à escola, o segurança abre a porta do carro e seus filhos entram. Eduardo se despede com um beijo em cada um e segue para o seu trabalho.

Já são 19:00. É hora de voltar para casa.

Cansado e estressado por conta do trabalho, Eduardo cumprimenta sua mulher e seus dois filhos assim que chega e vai tomar um banho para se sentir melhor. Senta-se à mesa do jantar, abre sua cerveja e espera o jantar ficar pronto enquanto conversa com sua esposa. A janta está servida.

- Júlia! Felipe! Vêm comer! - grita Carla.

Os dois se juntam ao seus pais e todos começam a comer.

- Vocês não sabem o que eu vi hoje voltando do trabalho! - fala Eduardo.

- O quê? - Pergunta Júlia.

- Estava passando pela praia de Ipanema e vi um grupo de jovens da sua idade, Felipe, eles estavam fazendo gincanas, brincadeiras e praticando alguns esportes. Parecia ser algo bem legal. Eu parei lá e falei com os organizadores e eles me disseram que era só aparecer lá pra participar. O que você acha?

- Me parece ser bem interessante, filho! - proclama Carla e todos na mesa viram os olhos para Felipe.

- Eu não, gente. Não quero, não obrigado. - responde Felipe, com um voz de deboche.

- Mas por quê, filho? - Pergunta Eduardo.

- Nesse lugar só tem favelado.

- Felipe, tá maluco? - Diz Carla, indignada.

- É sério mãe, lá só tem neguinho favelado. Não faz meu tipo. - responde ele.

O jantar continua. Afinal, Carla e Eduardo estão indispostos, depois de um longo dia de trabalho, a prolongar essa conversa e ensinar seu filho que ele está errado. Entretanto, às 21h30, hora de deitar, Eduardo fica com isso na cabeça e se lembra do tempo em que era jovem. Quando tinha a curiosidade de conhecer o mundo, conhecer diferentes pessoas, era ambicioso, batalhador e, acima de tudo, respeitava a todos. Ele morava numa casa bem humilde com seus pais e dois irmãos. Mal tinham o que comer. Mas graças à sua garra, conseguiu vencer na vida. E lhe bateu uma saudade dessa época... quando realmente vivia.

- Carla, eu acho que nós estamos fazendo algumas coisas erradas.

- Como assim, Eduardo? O quê? - Ela respondeu sem desviar seu olhar do notebook.

- Não sei, fiquei pensando aqui no tempo em que eu era jovem. Eu interagia com o mundo. Hoje não. Saio do prédio toda manhã, levo nossos filhos pra escola, vou pro trabalho, volto para casa e assim acontece todo dia. Até nos finais de semana. Vou de casa para o shopping e do shopping para casa.

- Sim, mas de onde surgiu tudo isso?

- Sei lá, Carla. Fiquei observando e comparando a vida que eu tinha com a que eu tenho atualmente e com a vida de nossos filhos. Estamos todos, de certa maneira, vivendo em uma bolha e isso está claramente errado.

- Eduardo, não sei se você vem acompanhando os noticiários nesta última década, mas o Rio está extremamente perigoso.

- Eu sei, eu sei! Mas, esse perigo está também sendo mais e mais intensificado em nossa cabeça pelo simples fato de nunca estarmos fora da bolha. Entende? Fora os nossos filhos, que estão se tornando pessoas preconceituosas. Eles precisam viver mais, serem mais autônomos e saberem se virar sozinhos.

- Concordo, amor! Mas as coisas estão realmente difíceis atualmente. Enfim, estou muito cansada, vou dormir. Boa noite.

Depois de um breve selinho, os dois se deitam e dormem.

Sábado, Eduardo acorda às oito horas da manhã decidido a mudar sua rotina. Levanta da cama, todos ainda estão dormindo, faz uma vitamina, pega uma bicicleta muito antiga que estava esquecida na garagem e vai passear. Ele observa as árvores, a praia, tudo o que há de mais belo em sua cidade e que sempre passa despercebido. Dá uma paradinha para tomar um delicioso coco e volta para sua bicicleta. Continua a andar.

De repente, é abordado por um homem.

- Passa a bike! Perdeu! Perdeu!

Naquele instante, Eduardo toma um grande susto e se arrepende profundamente de ter saído de casa.

- Pode passar tudo!

Eduardo passa. Mas, ao fazer um leve movimento para alcançar sua carteira no bolso de trás, perde a vida.

Ilusão

Fabio Marinho Lutz Motta

Joaquim, 23, tinha acabado de alugar um apartamento em um condomínio na Avenida Europa. Era um lugar grande, bem frequentado e, necessariamente, com boa segurança: era tudo de que ele precisava.

Já se sentia, havia algum tempo, preocupado com a crescente ocorrência de assaltos e decidiu que não precisava mais desse tipo problema.

Depois que chegou e se estabeleceu no novo condomínio, passou a notar aspectos intrigantes na segurança dele: cercas elétricas, crachás, portões, catracas; tudo para a “sua” proteção, o que lhe fazia abrir um enorme sorriso e suspirar aliviado: seus problemas finalmente haviam chegado ao fim.

No dia seguinte à sua chegada, saiu logo cedo para passear pelo quarteirão (apresentando ao porteiro seu crachá, que o identificava como morador do condomínio). Essa era a regra de entrada e saída dos moradores e visitantes. Enquanto caminhava, percebia que sua presença atraía os olhares de outras pessoas. Mesmo a vários metros de distância, percebia que eram olhares frios e mais do que isso: com um aspecto ameaçador. Conforme o tempo passava, o rapaz ia ficando mais preocupado com aquilo e ia acelerando o passo, a fim de evitar tais olhares; até que, vendo que faltavam poucos metros para o portão do seu condomínio, saiu correndo e só parou quando o guarda verificou seu crachá novamente, abrindo o portão. Apenas quando foi protegido, fechado e trancado, Joaquim pôde relaxar.

Apesar do medo e preocupação que havia experienciado, concluiu que estava exagerando, afinal, aquelas pessoas nem o conheciam e ele deveria estar sob efeito da noite anterior maldormida.

Na manhã seguinte, enquanto conversava com o porteiro sobre o ocorrido, Joaquim avistou um homem atrás das grades do portão, olhando fixamente para ele. Por um momento, pensou que era apenas o que realmente parecia ser: um homem olhando através do portão. Mas, com o passar do tempo, foi sendo tomado pela sensação de perseguição do dia anterior. Ele só conseguia pensar que o homem lá fora estava prestes a invadir o condomínio (provavelmente seria um ladrão intimidado com toda a segurança de dentro) e, sem conseguir mais aguentar a pressão, deu as costas à entrada do prédio seguiu em direção ao seu apartamento.

Mais um vez, quando passou o susto, Joaquim refletiu sobre aquele instante pavoroso e passou a crer que fora somente um episódio isolado e que não aconteceria mais nada que o pusesse em uma situação perigosa, já que seu condomínio era altamente protegido e não havia possibilidade de estranho algum entrar.

Porém, no dia seguinte, quando ia sair novamente, Joaquim sentiu-se amedrontado com uma possível abordagem que lhe causasse preocupação e transtorno –como tinha ocorrido das outras duas vezes. E como percebeu que isso já estava se tornando cotidiano, pensou que talvez o condomínio o fizesse sentir-se enclausurado, como se sua vida estivesse delimitada por uma bolha. Decidiu que algo havia de mudar, e rápido; afinal: “situações extremas, exigem medidas extremas”.

Passou o resto do dia organizando seu grande plano. Tempos depois, quando o momento da mudança chegou, juntou seus pertences

e saiu de seu apartamento em direção à portaria, exatamente como tinha chegado. Entregou as chaves ao porteiro e, com o portão aberto, saiu com a maior naturalidade do condomínio.

Naquele mesmo dia, porém, Joaquim voltou ao seu apartamento e se reinstalou, passando a viver a sua rotina novamente.

O homem na sua bolha

Larissa de Gouveia Salzano

Deitado na poltrona com os pés na mesa, Alex olhou desatentamente a televisão. Já era tarde, o homem ainda usava as roupas do trabalho e seus tênis, jogados no tapete, fediam como sangue de frango.

Ele acabou por adormecer. Quando despertou, já estava atrasado; tomou banho e foi direto para o carro em direção ao trabalho.

- Bom dia. Quero que ligue para Dionise limpar minha casa - disse a um dos seguranças do condomínio.

- Sim, senhor!

Com sorte, Alex não pegou trânsito e chegou a tempo na empresa. Sentou em sua mesa e começou a digitar, pensando no dinheiro que ganharia.

- Como está sua casa nova?

- Estou gostando, Diego! Posso ficar tranquilo assistindo televisão, sem me preocupar com os ladrões.

- Que vida boa, meu amigo! Bem melhor morar dentro de um condomínio! O mundo criminoso, cheio de violência, de bandidos, de diferenças, nos empurrou.

- Concordo! No começo, o condomínio era um paraíso perdido, “eu vou porque eu quero”; agora virou “eu vou porque eu preciso”.

Alex e seu companheiro, na verdade, haviam esquecido que se mudaram para lá de livre e espontânea vontade, perseguindo um sonho próprio de estilo de vida. Estavam criando um vácuo de idealização em que causavam mal-estar neles mesmos.

Depois de um longo dia de trabalho, Alex foi para casa. Se deparou com um lugar diferente... muito limpo e organizado. Pegou um sanduíche, o controle da televisão e sentou-se na poltrona. Na semana inteira era a mesma rotina. A única coisa com que se preocupava era com o dinheiro que ganhava e em ser “melhor” que seus vizinhos.

No final de semana, tomou coragem de ser menos sedentário e foi deixar o jardim e as cercas mais bonitas. No dia seguinte, porém, seu vizinho havia deixado a grama mais verde. Começou então uma disputa entre quem tinha o jardim mais verde, a cerca mais bonita, as roupas e carros mais caros. De maneira que, no espaço que fica abrigado da guerra de todos contra todos, criou-se uma guerra de todos contra todos entre iguais.

Alex estava neurótico em ser “melhor” que seu vizinho e em ganhar dinheiro. Nem percebeu que já havia se passado um ano. Seus antigos amigos agora eram estranhos. Sua família não o reconhecia mais. O homem sem essência continuava vivendo no condomínio, na sua própria bolha.

A punição

João Tadeu Gaipo Matsumoto

A jovem e bela Clara, graduada pela Universidade de São Paulo, de lindo cabelo escuro e característico cheiro Armani, sentou-se em sua dispendiosa, elegante e antiga cadeira Egg pensando nos abusos sexuais que ainda viviam acontecendo no seu bairro, a Vila Madalena, em pleno século XXI.

Seu grande sonho era encontrar uma punição para todos os acusados de abuso. Sua colega Maria, por exemplo, sofrera abuso sexual nos EUA, enquanto protestava contra Trump. Clara, que era jornalista, sentiu-se obrigada a fazer uma entrevista e publicá-la no jornal do dia seguinte.

A bela moça se encontrou com sua colega em um café simples, mas aconchegante. Uma hora depois, ela tinha todas as informações de que precisava e então se despediu de Maria, entrando em sua BMW e indo para casa transcrever a entrevista.

No dia seguinte, foi publicado no Jornal de São Paulo o seu trabalho bem elaborado, que chamou a atenção de muita gente.

A reputação de Clara aumentou rapidamente. Inspirada, ela decidiu então fazer uma matéria sobre os abusos sexuais que vinham acontecendo no bairro. A jornalista coletou relatos de pessoas abusadas e as consequências que surgiram em suas vidas. Sua matéria foi lida por muitos e foi muito aclamada, fazendo com que ficasse ainda mais famosa.

Depois disso, nada mais vinha à cabeça de Clara. Após um mês de bloqueio de ideias, ela encontrou então anotações de seu antigo sonho de punição aos homens abusadores e resolveu publicá-las. Seu artigo defendia que todos os homens que já abusaram sexualmente de alguém fossem tratados quimicamente para nunca mais sentirem atração sexual. Sua ideia repercutiu e o povo se posicionou a favor da punição, fazendo com que o governo a aceitasse e aplicasse.

Em poucos meses, mais de 30 mil homens foram punidos e ao longo do tempo, esse número foi crescendo. A sociedade parecia muito tranquila, não havia abusos sexuais como antes.

Com grande sucesso, Clara foi convidada para participar de um programa de TV, para ser entrevistada por Fernanda, uma das mais importantes apresentadoras da televisão nacional, que lhe perguntou:

- Clara, desde quando surgiu essa ideia de desenvolver uma punição tão drástica aos abusadores?

]- Ah, eu venho pensando nessa punição desde a época de faculdade, quando os abusos cresceram rapidamente.

- Qual foi a sua grande motivação para desenvolver essa punição?

- Acho que foi quando eu entrevistei minha colega, Maria. Não consegui parar de pensar sobre o que aconteceu! Ela sendo violada sexualmente por dois homens, enquanto o terceiro prendia, com suas pernas, os seus braços, deixando-a imobilizada. Além disso, ela foi para o hospital, sentiu-se envergonhada ao dizer o que havia acontecido. Teve que fazer curativos e usar tipoia para o seu braço direito deslocado! Isso não podia acontecer novamente!

- Portanto, você acha que a punição deve continuar?
- Claro! Acho necessário que o número de punições cresça.
- Muito obrigada, Clara, por sua presença aqui no programa!

Um ano se passou e praticamente 40% dos homens do país já haviam sido punidos. O povo começou a se revoltar contra Clara, pois grande parte dos homens começaram a não amar mais suas esposas. Uma mulher de meia idade decidiu então unir todos os revoltados e realizar uma revolução, tornando-se líder. Ela era conhecida por Dona Vera, a melhor padeira da cidade de São Paulo.

O povo ficou dividido. O chão das ruas começou a apresentar a cor vermelha, produzida por armas. A situação fugiu do controle. A líder da Revolução e seus companheiros venceram a disputa. Clara foi assassinada pelo povo e a punição foi abolida. Os homens voltaram a amar suas mulheres e os abusos cresceram novamente.

O dia em que fui sequestrado

Camillo Maida Magalhães

Koda parou. Eu parei atrás. Tínhamos acabado de comprar pães e esperamos no supermercado até que a chuva parasse mas, mesmo depois desse tempo, seu pelo continuava molhado. Já havíamos andado dois quarteirões e faltava pouco para chegarmos em casa, o que pareceu muito, pois tanto a rua quanto a calçada não estavam movimentadas.

Por trás, porém, ouvi o som de um motor. O que parecia ser um carro virou a esquina e parou à nossa frente. Koda aproveitou e encostou para mijar, enquanto eu prestava atenção nos barulhos que vinham de dentro do carro. Duas pessoas, cujo sexo eu não conseguia identificar, debatiam intensamente. A porta se abriu:

- Agora não tem mais volta!

É, era um homem.

- Você aí! Isso é um sequestro, entra na picape.

O homem me agarrou, senti as luvas dele nas minhas costas e segurando o meu braço. Fiquei em choque, só ali reparei que ele se referia a mim. O maior problema é que ele não sabia da minha...

- Vamos! Sobe - ele disse mais alto.

- Calma! Onde?

Ele continuou me empurrando, bati a canela no escapamento e a barriga no “degrau” do porta-malas.

- Imbecil! Sobe, rápido.

Apoiei as duas mãos e joguei o corpo para dentro do espaço. Ele bateu a porta com força e quase pegou meu dedo. Ouvi o “homem de luvas” entrar no veículo.

- Você tem noção do que fez? Você sequestrou um...

- Nós sequestramos! Esqueceu? Estamos juntos nessa. Agora faça sua parte e dirija.

O barulho do motor impediu que minha audição (que a propósito é muito boa) continuasse a ouvir a conversa dos dois. Comecei, então, a pensar na minha situação. Estou preso em um “furgão” por um homem que usa luvas e outro de voz fina. O espaço até que não era muito pequeno, mas eu estava desconfortável, o macaco espetava minhas costas. Os dois deveriam ser pedreiros pois, junto com o cheiro de suor que aquele cara tem, encontrei várias ferramentas espalhadas pelo chão.

Fui sequestrado, que merda. O Koda provavelmente nem viu, e se viu, deve ter pensado que foi uma brincadeira. Pelo menos ele sabe chegar sozinho em casa e com certeza vai acabar com meu sofá. Cocei minha cabeça. Droga, perdi meu óculos escuros. Fui me arrastando pelo chão procurando-os, encostei em algo que poderia ser e...

O homem de luvas gritou:

- Cuidado, a lombada!

Eu e tudo que havia naquele bagageiro voou. Cai em cima da chave de fenda, gritei de dor. O martelo caiu em cima de mim, gritei mais alto ainda.

- Será que ele se machucou? - ouvi o motorista falando.

- Não sei - o outro respondeu.

Encostaram a picape e desligaram o motor.

- Ei... Você está bem?

Não respondi.

- Me desculpe se te machuquei, não foi minha intenção.

Não respondi.

- Será que ele morreu?

Um instante de silêncio.

- Eu estou bem, obrigado - falei.

- Ótimo, fiquei preocupado - o motorista continuou - Olha, se você estiver com sede, há uma garrafa de água...

- Estou bem, obrigado - repeti.

- Então vamos pra casa - o homem de luvas retrucou.

O veículo foi religado. “Nunca pensei que seria sequestrado por pessoas ‘gente fina’”, pensei comigo mesmo. Minha vida nunca foi de grandes emoções, e desde que eu não morra, hoje pode até se tornar um dia interessante.

Continuamos andando por mais uns dez minutos. Incrivelmente, eu não estava preocupado, pensamentos inúteis vinham à minha mente. “O que aconteceu com o saco de pão?” “Como subiu o preço do tomate em uma semana...” “É possível dois mundiais com uma libertadores?” Paramos. A porta da frente abriu e bateu. Silêncio. Foquei novamente na situação, estava sendo sequestrado. O que eles poderiam querer de mim? Nunca fiz nada a ninguém. Como seria minha vida amanhã? Bateu um pouco de desespero.

O silêncio continuou.

- Chegamos? - perguntei.

- Não. O Jonas foi ao banheiro. Estou aproveitando para encher o tanque... Oi, isso pode encher... não, gasolina... obrigado. - bateu a porta e saiu.

Poderia muito bem ter gritado ou alguma coisa, mas não fiz. Sinceramente, estava começando a achar o dia engraçado. “Fui sequestrado por pedreiros! Isso vai dar um boa história.”

O homem de voz fina voltou:

- Oooooo parceiro!

Nada.

- Estou falando com você aí do bagageiro.

- Ah, pois não - respondi

- Por acaso você tem um trocado? A gasolina aumentou, e estou sem dinheiro.

- Espere, deixe-me ver.

Abri a carteira. Sempre dobrava minhas notas em formatos diferentes. Encontrei um “triângulo”: uma nota de dez.

- O que aconteceu? - o outro voltou do banheiro.

- Faltou dinheiro para pagar a gasolina, pedi aqui para o nosso amigo.

- Ele não é nosso amigo - e abriu a porta do bagageiro.

Senti a luz do sol no rosto. Coloquei as mãos na cara para tampar meus olhos sensíveis.

- Toma - e entreguei a nota para ele.

- Calma, você não tem mais?

- Deixe-me ver

Tinha soltado minha carteira e não estava achando. Procurava-a com uma mão, enquanto a outra cobria meus olhos.

- Está do seu lado - o homem das luvas a pegou, fechou a porta e saiu.

Levaram minha carteira. O carro logo começou a andar novamente. Continuava preocupado, um único pensamento ficava em minha mente: “E se eles apenas estiverem me levando para outras pessoas? Pessoas violentas? Assassinos, torturadores!”

Não muito tempo depois, o carro parou de novo. Fodeu, chegamos. A porta de trás abriu de novo. Imaginei uma arma apontada para a minha cabeça, mordança, algemas...

- Desça.

Desci com calma. Passei por cima das ferramentas e quase caí quando fui passar pelo degrau.

- Por que você não nos contou? - senti a luva dele nas minhas costas.

- Contar o que? - perguntei.

- Está escrito no seu documento, você é cego!

Não respondi.

- Me desculpe o desentendimento, por favor não nos entregue para a polícia - explicou o outro - estamos arrependidos.

- Está bem, só me diga onde estamos.

- Perto do estádio do Morumbi. Veja bem... Táxi!! Pronto, toma sua carteira. Volte para casa.

Eles voltaram rápido para o veículo e foram embora. Relembrei o dia e comecei a rir. Para quem ia passar o dia ouvindo música e comendo misto quente, até que havia sido empolgante.

Não é mais uma história trágica brasileira

Bruno Pereira Bojikian

Bida era só mais um jovem entre muitos que a sociedade esqueceu. Sua idade já beirava os vinte anos e deixava as espinhas para trás, o que era motivo para comemorar, já que em um país como este, jovens negros e pobres muitas vezes nem chegam, sequer, a ter espinhas. Sua vida era repleta de escolhas e tristezas, ou apenas tristezas, porque seja qual fosse a escolha que fizesse, a solidão e a infelicidade o preenchiam. Tudo o que ele queria era fugir daquele inferno.

Mais um dia na vida de Bida. Daquela vez o despertador dele tocou mais cedo, foi às sete e não as nove que começou a operação policial no morro. A polícia tinha invadido a boca do Nilson e ninguém sobreviveu. Bida, que morava ao lado, desceu assim que a situação foi amenizada. Ele trabalhava ali, mas não tinha ficado para fazer turno naquela noite. A situação só piorava a cada dia, a polícia estava cada vez mais perto de chegar ao ponto mais alto do tráfico.

Depois do ocorrido, passou o resto do dia sem rumo. Sua cabeça estava quase explodindo. Perdeu muitos conhecidos na operação. Naquele dia, só entrou em contato com seu velho amigo Barreiro, que sempre estava lá para adocicar sua boca e enganar a sua cabeça. No dia seguinte, o mar estava bravo, Bida acordou na sarjeta da rua debaixo de seu barraco, com o sol quase o cegando. Levantou e, com muito esforço, conseguiu dar o primeiro passo. Cambaleando, conseguiu subir a rua, mas no final do trajeto foi parado por um policial. O policial falava algumas palavras, mas Bida não entendia nada. Até que chegaram a um camburão e ele foi direcionado para dentro.

Bida só foi acordar meia hora depois. O camburão ainda descia o morro. Não podia estar acontecendo algo de bom. Um bêbado cambaleando sozinho na favela é motivo para irritar um policial. Até que o carro parou na frente de uma padaria. O policial saiu e abriu a porta de passageiro para Bida sair. Quando ele se levantou, olhou para cara do policial, e agora mais consciente o reconheceu, era seu irmão mais velho, Silas. Os dois se abraçaram e entraram na padaria para conversar.

Já fazia anos que Bida não via o irmão. Os dois perderam contato quando Silas decidiu virar policial, após o pai dos dois ser assassinado. Agora, mesmo que com vidas opostas, os dois talvez pudessem voltar a se aproximar e Bida foi passar uns dias na casa do irmão. Lá, conheceu sua cunhada e seus dois lindos sobrinhos. Silas tinha se casado com uma professora e levava uma vida bem simples, mas em situação muito melhor do que na favela. Bida estava começando a mudar de opinião sobre a vida, viu que nem tudo era tristeza.

Um dia, com os dois conversando, Silas falou que estava trabalhando em uma “investigação” no morro em que Bida morava e estava atrás de um tal de Mané. Mané era o nome com que se referiam a Bida no tráfico. Silas falava que esse Mané seria a chave para avançarem na investigação e que se o pegasse, iria rachá-lo no meio até conseguir as informações que queria. Isso abalou muito Bida, fê-lo lembrar das escolhas que já tinha feito e se arrepender de todas elas. Sua vida ficara perfeita durante quatro dias, mas, de repente, tudo virou de cabeça para baixo. Iria passar pelo pior momento de sua vida.

Sem avisar seu irmão, partiu pela manhã de volta ao seu barraco. Chegando no morro, logo encontrou seu amigo Nino, que lhe avisou do perigo. Todos estavam querendo Bida morto porque fora visto andando com um policial em época de guerra. Ele não sabia o que fazer. Não

estava aguentando a situação em que vivia. Agora, nem mesmo ao seu irmão poderia pedir ajuda para sair daquela vida. Fabiano, o cara mais poderoso do morro, chefe do tráfico, falou que se Bida fosse falar com ele, eles poderiam negociar. Chegando lá, Fabiano falou que a única opção era Bida trazer o seu irmão morto para o morro, para assim provar que ainda era fiel ao tráfico. Se não aceitasse, além de seu irmão, ele e as sobrinhas iriam morrer também.

Não tinha escapatória. Fabiano tinha muitos parceiros, iria conseguir matar Silas e sua família facilmente. Bida não tinha o que fazer para que todos saíssem ilesos. Não aguentava mais toda aquela pressão. Começou a enlouquecer. Criava motivos para ter raiva do irmão. Começou a ter inveja. Passou a acreditar que toda a desgraça da sua vida fora causada por seu irmão. Sua cabeça passou a elaborar coisas horríveis. Chorou e riu pela primeira vez, se livrou de todos os sentimentos que ali estavam guardados desde que nascera. A insanidade tomou conta do seu corpo e numa tarde de domingo, foi noticiada a morte de um policial, sua mulher e suas filhas, assassinados pelo irmão do próprio soldado da PM. O assassino se suicidou no próprio local.

O faxineiro exemplar

Nuno Kuschnaroff Barbosa



Nino Kuschnaroff Barbosa

Nascido em uma família simples, João não terminou seu ensino médio, mas era o orgulho da empresa, mesmo que fosse no setor da limpeza. Trabalhador dedicado, nunca faltou ou se atrasou, conhecia cada funcionário e era gentil com todos. Num dia como outro qualquer, estava limpando o chão da entrada quando enxergou pela janela uma caixa grande sendo descarregada de um caminhão. Viu que Pedro, segurança e seu amigo, também olhava para fora.

– Pedro, você sabe o que estão descarregando lá fora? Parece ser grande, uma nova impressora?

- Não sei, me falaram que era uma máquina nova. Acho que era algo para a limpeza.

- Limpeza? Mas nada quebrou. Bom, não vou reclamar de material de limpeza novo, tomara que seja uma nova enceradeira.

No final do dia, quando João terminou seu serviço e voltou para a sala de limpeza, viu a caixa e a curiosidade tomou conta dele. Nunca uma caixa daquele tipo tinha sido entregue ali, normalmente caixas assim iam para os escritórios nos andares de cima. Será que era uma enceradeira, um aspirador de pó industrial ou talvez uma lavadora a vapor?

Viu uma etiqueta na lateral da caixa, Go Robotics: robôs e soluções em tecnologia. Nunca tinha visto uma marca de equipamentos de limpeza com aquele nome. Continuou lendo: robô de limpeza industrial padrão, modelo A3636. Robô? Provavelmente era um erro, para que ele iria precisar de um robô?

Decidiu ir para casa. Tinha acabado de virar no corredor quando ouviu duas pessoas conversando.

- Você viu o robô que compraram para a limpeza?

- Eu vi um vídeo, dizem que ele tem a eficiência de 10 pessoas.

- É, daqui a pouco toda a equipe de limpeza vai ser substituída.

Substituída? Até ele, um empregado exemplar? Isso não era possível, seu chefe nunca faria isso. No ônibus, indo para sua casa, João não conseguia parar de pensar no que havia ouvido. No começo negava: como uma máquina poderia substituir uma pessoa? Era ridículo.

mas quanto mais pensava no assunto, mais real a possibilidade se tornava. E se ele perdesse o seu trabalho, o que faria? Perdido em seus pensamentos, quase deixou passar a sua parada... O trabalhador exemplar e sempre alegre ficou triste. Em casa, sua mulher e seu filho lhe perguntaram o que tinha acontecido, se estava tudo bem, mas tudo o que ele respondia era “nada, está tudo bem”.

Na manhã seguinte, enquanto tomava café, João se decidiu: se ia perder seu emprego, não seria sem lutar por ele antes! No caminho para o trabalho, bolou planos de como derrotar o inimigo: iria promover sabotagens, espalhar rumores e, se nada funcionasse, teria de dar um jeito definitivo no perigo que ameaçava seu trabalho.

Entrando no escritório, João viu uma caixa prateada de mais ou menos um metro andando pelo corredor: era a primeira vez que o via, seu oponente, seu rival, seu adversário. Quando o robô virou, João pode ver o nome A3636 impresso ao lado de uma pequena luz vermelha que o encarava. A expressão do faxineiro se fechou enquanto ele olhava para o ponto vermelho; aquilo era um ultraje, seu rival havia chegado havia menos de um dia e já havia roubado o seu corredor favorito? João não podia deixar a situação assim, pegou o elevador e foi até o escritório do chefe.

Falou com a secretária e se sentou numa cadeira enquanto esperava ser chamado. Seu Antônio, o chefe, era um homem respeitável, tinha feito faculdade, era generoso, com certeza iria entender. A secretaria chamou. João entrou numa sala grande com uma mesa no meio; na mesa estava sentado o seu chefe.

- E então, João, sobre o que você gostaria de falar comigo?

- Seu Antônio, eu percebi que vocês compraram um robô e eu só queria saber como fica minha situação.

- Ah, eu me esqueci de chamar você para falar sobre esse assunto, tantos problemas para lidar, você entende, né?

- Sim, claro.

- Como você provavelmente sabe, a companhia tem que evoluir, se atualizar. Por isso, decidimos comprar o A3636, mas não se preocupe, seu emprego não está de maneira nenhuma em risco. Você deve vê-lo como um companheiro de trabalho.

Do que ele estava falando, companheiro de trabalho? Pedro, os outros faxineiros, até a secretária eram companheiros de trabalho, mas aquela caixa de metal? Como aquilo podia sequer ser comparado a um humano? No almoço daquele dia, João se decidiu: seu chefe não conseguia ver a verdade, mas ele mesmo teria que fazer algo.

Na noite seguinte, João ficou até depois de seu turno acabar. Quando já estavam fechando o prédio, Pedro, que estava indo embora, veio lhe perguntar.

- João, seu turno já não acabou? Por que ainda está aqui?

- Só estou terminando de limpar uma última coisa e já vou.

- Boa sorte. Às vezes acho que você se esforça demais nesse trabalho! Até amanhã.

- Até.

Quando se certificou de que todo mundo, além dos guardas noturnos, tinha ido embora, João foi até a sala de limpeza. Ligado a um carregador, o robô estava parado. O faxineiro foi até uma gaveta da onde tirou uma caixa de ferramentas, pegou um martelo e ficou encarando seu rival. Quando finalmente reuniu coragem, levantou o martelo no ar e...

- Parado! Quem está aí?

E é assim que o faxineiro exemplar, funcionário do mês de tantos meses, que nunca faltara um dia sequer, foi demitido por danificar uma propriedade da empresa. Um mês depois, toda a equipe de limpeza já havia sido substituída por A3636's.

Vovó vigarista

Carolina Carneiro Naspitz



- Tchau vó, até ano que vem!

- Já deu meia hora, vamos logo! Tchau mãe!

Dona Lurdes era residente da casa de repouso “Esperando pelo Paraíso” havia duas décadas e meia, pelo que sua memória lhe permitia recordar. A rotina era de campeonatos de bingo pela manhã, seguidos por uma longa hora de almoço e ainda mais tempo para a soneca da tarde. No fim do dia, disputas de damas ou lig-4 (dependendo do dia da semana), e à noite, partidas de xadrez. Essas atividades eram muitas vezes interrompidas por sucessivas visitas ao toalete, que tardavam cerca

de quatro terços de hora, em média, e, por motivos de segurança, eram supervisionadas por cuidadoras terrivelmente deprimidas. “Me deixem cagar em paz!”, dizia Dona Lurdes.

Dona Lurdes realmente sentia que esperava o paraíso, pois aquilo era o próprio inferno. Verdadeiramente, o pior eram as visitas de jovens que tentavam ensiná-la a ligar a televisão, especialmente porque os adolescentes a abordavam como uma débil mental.

Lurdes gostava de agitação, tipo carnaval e correria, raramente recomendados pelos vários geriatras que já dispensara. Se projetava nas figuras mascaradas que espirravam mensagens nas paredes da cidade, corriam da polícia e eram, na noite seguinte, retratadas no Jornal Nacional. Esse detestável sentimento pelo cotidiano medíocre fez com que ela perdesse o controle. Segunda-feira, virou a mesa do café da manhã, derrubando pães, doces, biscoitos por tudo e todos; e o pior: derramou café quente sobre o seu Alfredo, que era tetraplégico. Terça-feira, não se aguentou, e após o bingo, arremessou contra as paredes do salão de jogos dos idosos cegos todas as peças de damas e xadrez enquanto as partidas aconteciam. As enfermeiras, desesperadas, remontaram os jogos tentando lidar com a frustração dos idosos.

Foi em uma quarta-feira, depois de um ataque de raiva, que Dona Lurdes teve uma ideia maravilhosa: o que ainda estava fazendo naquela casa de repouso? Nada poderia impedir seu sucesso como artista de rua! Por isso, começou a planejar seu breve futuro através de planos de ação: com ocasionais desvios dos diários, obrigatórios e desassistidos passeios na pracinha do outro lado da rua, adquiriu tintas de lata, templates, máscara e óculos de proteção, bem como um par de luvas e avental próprios. Conheceu as pichações e grafites da vizinhança do bairro mais frequentado da cidade.

Para a execução, a dificuldade foi escapar. Sua inspiração foi Ferris Buller, o menino malandro que enganava todo mundo enquanto cabulava aula sem nunca ser pego: personagem do filme que estava sempre na sessão da tarde.

No horário próprio para cochilos posterior ao almoço daquela terça-feira, Dona Lurdes percebeu que sua cuidadora estava a repousar. Ela colocou almofadas amontoadas em cima da sua cama e as cobriu com o lençol, de um jeito que parecesse ela mesma ali, dormindo. Agarrou sua bolsa e outra sacola, repleta de seus novos apetrechos e materiais. Cuidadosamente, atravessou seu quarto e o corredor. Próxima à sala de estar, havia uma janela que dava para a cozinha, onde duas funcionárias estavam lavando louças. Dona Lurdes abaixou-se ao máximo que sua coluna podia aguentar e seguiu sua marcha até a porta do casarão. Quando finalmente conseguiu sair, se deparou com o porteiro. Era isso, estava acabado. O porteiro não abria o portão fora de horários de passeio. Ele a viu, abriu um sorriso, e destrancou o portão. Ela atravessou a grade e respirou fundo: estava livre.

No caminho escolheu qual seria sua primeira sábia frase a ser pichada no muro que convergia com o do asilo, logo na esquina da sua rua com uma travessa sem saída, que era contornada por casas abandonadas devido à incontrolável presença de morcegos na região. Fixou os templates com fita adesiva no muro, organizando as letras de acordo com as palavras desejadas, e relembrou os bons tempos da tipografia. Espirrou pela primeira vez a tinta, pressionando com força a válvula.

Mil sentimentos completamente novos correram pelo seu corpo enquanto pintava a parede, uma outra dimensão de relaxamento com adrenalina, a liberdade de expressão correndo por suas artérias

obstruídas, vindo da pesada cabeça, passando pelo pescoço geralmente travado, mas que parecia estar se reorientando, pelos ombros duros com nós musculares, pelos braços fracos, até as mãos trêmulas. Apesar de parecer eterno, foi coisa rápida, mais ou menos cinco minutos. Recolheu os templates e observou, orgulhosa, sua obra: “A MÃE DOS IDIOTAS ESTÁ SEMPRE GRÁVIDA”.

Sua única dúvida era como assinar. Largou os materiais no chão por um momento e se aproximou um pouco da avenida. Olhou ligeiramente em volta, através daqueles óculos que mais lhe traziam dores de cabeça do que uma boa visão, e avistou um Banco do Brasil do outro lado da praça. “Banco?” pensou. Lembrou-se de que sua fama seria internacional, e de que sua assinatura deveria ser maneira. Imaginou que “Bansky” poderia ser “banco do céu” em inglês. Voltou ao seu trecho do muro, que dali em diante poderia chamar de seu, e completou, à mão livre, “Banksy”, trocando as ordem das letras do meio.

Dona Lurdes nunca estivera tão feliz desde a passagem de seu marido. Tendo repetido a experiência várias vezes, logo seu pseudônimo ganhou um pouco de popularidade e atraiu outros pichadores para aquele quarteirão. Ela prosseguiu seu trabalho, preenchendo muros da vizinhança com bem-humorados dizeres. Mais tarde, tornaram a vir ao bairro grafiteiros nos fins de semana para espalhar seus desenhos. Apesar de, assim como Dona Lurdes, vários pichadores terem escrito em diversos muros, as mais famosas figuras foram as impressas naquela rua sem saída.

Anos mais tarde, aqueles muros do “beco dos morcegos” foram totalmente cobertos pelos grafites que tomaram não só o quarteirão, mas todo o bairro. Dona Lurdes decidiu que a arte de rua seria o propósito do restinho da sua vida.

O que foi documentado é que ela se mudou para o Rio de Janeiro, e de lá para o exterior, não se sabe precisamente o país. Quanto à família? Bem, esqueceram-se de visitá-la no ano seguinte, e daquele em diante foi ficando mais difícil de se lembrarem, progressivamente. Até hoje, Dona Lurdes pratica sob identidade secreta sua arte, que está em exposição em muros intercontinentais (e em fotografias no MAR de segunda a quinta, até dia 19/05 – entrada gratuita).

Sem identidade

Renan Guerrero Carminatti

Aos nove anos de idade, Gibimba teve o primeiro contato com a rejeição. Era uma festa junina da escola; escreveu um correio elegante para uma menina e recebeu como resposta um “não” bem seco, vindo de um doloroso “não gosto de pretinhos”. Assim passaram-se os dias e a sua realidade foi se tornando mais dura. Começou observar tudo à sua volta e não conseguiu se reconhecer em ninguém. Colegas de escola, a diretora, os professores, a coordenadora, ninguém ali se parecia com ele. A dona Jussara da merenda e o seu Cléber da limpeza eram os únicos que tinham a mesma cor que a sua.

Ao chegar em casa, ele mais uma vez deparou-se com a mãe debruçada sobre a mesa de costura. Naquele dia, ainda tinha algumas peças para entregar e todos os dias eram assim. Desde que seu pai saiu de casa para morar com a outra família, eles passaram a viver em dois. Sua mãe conseguia ler muito bem o filho e com os óculos um pouco abaixados, olhou para ele e perguntou o que acontecera. Ele respondeu que não sabia porque ninguém se parecia com ele, ao que a mãe devolveu dizendo que ninguém se parece com ninguém. Mas não era isso. Parecer no sentido de ser, foi o que pensou. “As outras pessoas” na verdade eram um alguém, a menina mais inteligente, o menino mais bonito, a menina bagunceira, ele, o neguinho. Durante um tempo, ele, mesmo não sabendo quem era, sabia quem não era.

Aos onze anos, era uma criança tímida e introvertida. Foi obrigado a participar da peça de teatro da turma. Ele era o Saci. Ele era o único negro da sala e o Saci o único negro da peça. Ele conseguiu se

reconhecer naquele espaço, conseguiu finalmente definir sua identidade. Pela primeira vez, a cor dele lhe deu algo que só poderia ser dele, e descobriu que o teatro era algo que lhe dava vida. Ao fazer 15 anos, arranjou um trabalho como empacotador de supermercados e começou a ajudar a mãe, que caiu doente e não podia mais viver de costura. Trabalhava também numa banca de feira que vendia relógios de pulso. Era pelos relógios que ele conseguia contar o tempo e saber exatamente quando o grupo de teatro de rua iria se apresentar, uma vez por semana, na praça da feira. Ele via os atores e se via no palco, e voltava a desvairar sobre o dia em que se sentiu vivo de verdade. Porém, sua mãe precisava de seu trabalho e ele não podia parar.

Voltando para casa, foi abordado pela polícia, que o confundira com um bandido. Foi revistado e alguns relógios que estavam na sua mochila foram o suficiente para o acusarem de roubo. Ainda era melhor de idade e foi para o abrigo de menores, onde ficou até os dezoito anos. Sua mãe não tinha recursos para tirá-lo de lá e durante seis meses que ficou recluso, ela adoeceu. Através do projeto do abrigo de recolocação de jovens detentos na sociedade, foi trabalhar numa loja de parafusos, de onde tirava sustento para casa e para os remédios da mãe, que aos poucos começou a esquecer das coisas e, um dia, esqueceu do Gibimba de vinte anos e só lembrava do Gibimba de nove anos. Era o mesmo menino que um dia se sentiu rejeitado por sua cor e que foi encontrado por outro Gibimba de onze anos, que viu seus olhos brilharem ao conhecer o teatro e que foi se perdendo pelo caminho.

Me habita

Lígia Macedo Campos

O início: escuro, penumbra, vultos e um movimento contínuo e reprimido. Luz e barulho.

Assim é o início de uma vida, o nascimento. Todos passamos por isso, antes de sermos metralhados por estímulos externos e invenções simbólicas das culturas que nos influenciam e formam nossa memória social. No entanto, não temos essa cena gravada em nossas memórias, é apenas algo que presumimos com base em experiências posteriores e análise desse momento.

Meu relato, contudo, se inicia por essa mesma cena, em uma fase em que a ingenuidade do ser ainda não foi rompida pela depravada sociedade. Eu tinha então meus cinco anos vividos, mas de antes não tenho memórias. Deste modo, o início: escuro, penumbra, vultos e um movimento contínuo e reprimido. Luz e barulho. Minha mão atada a outra, maior e superior, que emanava segurança, na qual eu podia confiar cegamente e que me indicava o destino a seguir. Mais uma vez, luz e barulho. Olho em volta e muitos rostos com feições de desespero e preocupação, o futuro é incerto e imprevisível. A escuridão reina novamente, situação de indeterminação e hesitação geral.

Inicia-se uma movimentação, em primeira instância reprimida e silenciosa. Em um deslocamento em manada, todos sobem escadas. Através da penumbra e do alvoroço, reconheço um lugar hostil, há muito desocupado e desabitado, agora repleto de almas desesperadas por alguma espécie de estabilidade, de segurança: a cooperação e a

união que reinavam inicialmente entre aquelas pessoas foi rompida e substituída por uma necessidade individual de sobrevivência, pela busca desesperada do bem próprio.

Muitos lances acima, quando já não havia tantas pessoas, nos desgarramos da manada e passamos por uma porta que foi fechada logo em seguida pela mão grande, que finalmente se distanciou de mim para observar o apartamento. Fico ali parada e estagnada, sem a mão que me guiava, e um feixe de luz de um rasgo do saco preto que cobre toda a janela é minha única referência naquela hostil escuridão, mostrando-me o entulho espalhado pelo cômodo. Um vulto invade o feixe em minha direção e se abaixa à minha frente. Não podia ver nitidamente seu rosto, mas ouvi com clareza sua voz:

– Filhinha, essa vai ser nossa casa, amanhã de manhã damos um jeitinho nela, certo? – ela empurrou uns sacos, abrindo espaço na montanha de lixo e continuou – mas agora vamos dormir aqui mesmo. – E estendeu um cobertor. Deitamos abraçadas, ali mesmo.

Na época, ainda não sabia nem o que era ter uma casa. Mas a doçura daquela voz, a primeira que ouvi na vida, fez aquele velho apartamento abandonado parecer aconchegante e aquele chão frio e esquecido tornar-se reconfortante.

Minhas pálpebras começaram a abrir, o ambiente já não era mais o mesmo, o saco que cobria a janela não estava lá e o sol matinal invadia todo o apartamento, lavando todo o ácaro e as impurezas daquele lugar abandonado. Não via mais tantos entulhos quanto havia na noite anterior. Passei o olhar pelo apartamento e, em vez do aglomerado de objetos, vi

agora um lugar amplo. A mão se aproximava, trazendo consigo um aroma gostoso, de manteiga queimadinha, leite quente! Ela apoiava o prato ao meu lado e dizia com sua voz sempre aconchegante:

– Filhota, come essa comidinha! A mamãe vai ter que sair um pouquinho para resolver umas coisa – seu olhar se tornou mais sério, assim como sua voz, que ganhava um tom severo – você nem pense em sair daqui! Volto rápido. Comporte-se! – deu um beijo rápido na minha testa e seguiu em direção à porta.

Sozinha novamente. Meu olhar cruzou então com outros olhos familiares. Em meio a um pequeno aglomerado de coisas, que haviam sobrado no canto da sala, encontrei aquele olhar vazio e, ao mesmo tempo, adaptável e preenchível. Os olhos de uma boneca. Um olhar que na verdade é apenas um espelho, que reflete a fantasia e os sentimentos daquelas cabecinhas ingênuas e cheias de imaginação. Havia achado uma companhia.

O apartamento não era muito grande, em pouco tempo já havia explorado cada canto e cada objeto minimamente interessante que encontrei por lá. Parei na frente da janela, acho que nunca havia estado em uma janela tão alta! Olhei para baixo e me imaginei como um pássaro. Como era bom ver o movimento daquela metrópole enlouquecida estando excluída de tudo, superior a todos. Queria ser um pássaro, queria voar, queria ter a liberdade que eles têm de planar pela selva de cimento, alheios ao entorno. Precisava dessa liberdade, precisava sair dali! Estava presa naquele apartamento entediante, queria sair e explorar o mundo. Fui até a porta e tive a feliz surpresa: ela estava aberta! Saí sem nem pensar duas vezes e fui descendo as escadas.

Eles são três, maiores, uns anos mais velhos que eu, mais fortes, contudo não sinto medo deles. Um deles, o maior de todos, fala algo que eu não consigo entender para outro, o alto e magrelo. Os três riem. Eles se enfileiram a minha frente, barrando a passagem da escada. Na mentalidade infantil, acabo entrando no jogo, fico uns segundos encarando os três, que me encaram de volta. Que feições estranhas aqueles meninos tinham! Com meu corpo pequeno e ágil, escorreguei por debaixo das pernas do mais alto e parei de braços cruzados, encarando as costas do trio, que virou suas cabeças para trás em conjunto, confusos e desconcertados. Começaram a falar todos ao mesmo tempo em uma língua muito estranha que eu nunca tinha ouvido antes. Os três se viraram para mim, mais algumas palavras desconhecidas foram trocadas e os três, por fim, calaram-se e voltaram a me encarar. O maior desceu um degrau em minha direção, ficando a um passo de mim, de modo que senti seu bafo quando ele gritou algo sem significado. O menor então, traduziu:

- Ele está perguntando seu nome!

Continuei sem falar uma palavra, só os encarando, aquelas caras feias que começaram a tomar um tom irritado e feições mais caricatas e bizarras. O mais alto disse algo na língua estrangeira para o menor, que se virou para mim e num ar impaciente repetiu:

- Fala logo seu nome, menina!!!

O grandalhão desceu mais um degrau, ele estava quase grudado em mim, de modo que fui forçada a responder. Quando eu estava prestes a falar, o som de uma explosão irrompeu no edifício. O garoto caiu para trás assustado, levantou meio sem jeito. Outra explosão ressoou e o tumulto de vozes começou a surgir. Os três se olharam e falam em sua

língua desconhecida, mas não estavam mais com suas feições bravas, agora o medo tomava seus corpos. Começaram a correr. Agarreí o braço do menino menor que, desconcertado, fez de tudo para se soltar. Ele se virou pra mim e pude perceber o desespero em seu olhar:

- Qual é seu problema menina? Me soltaaa!! A polícia tá aí! Vai rolar o despejo! Foge!

Ele estava falando a minha língua, mas não entendi metade das palavras que ele falou. Ele se desprende de mim e subiu correndo atrás dos outros. Fiquei sozinha mais uma vez. Aproximei-me de uma janelinha da escada e observei a movimentação lá fora: muitos carros com luzes fortes e coloridas. Vários homens, vestidos como robôs e com caras más e impiedosas. Muitas vozes e gritos. Não soube o que fazer. Agachei-me ali mesmo, no canto da escada, enfiei a cabeça entre os joelhos, onde só existiam eu e eu mesma, sem escuro, sem luz e sem barulho.

Essas são lembranças de uma infância que nunca tive, que nunca vou viver. Contudo, começo a tomar conhecimento de ocupações e de pessoas que vivem em condições desumanas. Entrei em contato com realidades semelhantes, porém num contexto escolar, seguro, de apenas observadora, sem sentir na pele. Mesmo assim, essa menina passou a me habitar.

Biju

Ana Pacheco Gavião

Nos mares azulados de Porto Seguro, ouvia-se um crescente zumbido, bem conhecido por Biju, a baleia jubarte de 17 anos (23 na vida de um humano): o motor do barco branco, que trazia a ela seus pequeninos expectadores. Animada, Biju começou a locomover suas 24,7 toneladas em direção à superfície: ela sabia que nesse tempo o barco se aproximaria, permitindo que seu grandioso pulo fosse visto por todos, num ângulo que favorecesse sua barriga (branca como as espumas do mar). Assim se repetiam todas as manhãs, semanas e meses, já que Biju desistira de migrar, mesmo querendo seguir sua vida, pois não podia decepcionar seu amado barco branco.

Tudo corria bem: a baleia sempre acertava seus saltos, milhões de flashes eram vistos, o barco dava mil voltas em seu entorno e assim a vida seguia. Porém, em 19 de julho, algo perturbador aconteceu. O zumbido estava tremendamente mais alto e parecia diferente, como se viesse de duas fontes distintas! Ao dar seu pulo, Biju viu que havia dois barcos e percebeu que havia mostrado seu ângulo bom para um desconhecido, um barco azul, tremendamente feio, deixando as suas costas para o adorado barco branco. Arrasada, sabia que tinha que continuar: se o desapontasse mais uma vez, não poderia perdoar a si mesma. Tentando acalmar seus nervos, preparou-se para seu próximo truque: o esguicho. Ele deveria seguir perfeitamente alinhado para, como um fogo de artifício, explodir em milhões de gotas de água. E, de fato, foi um belíssimo esguicho. Entretanto, a única resposta foram lamentos irritados: “Meu celular molhou!!!”. Logo depois, os motores foram ligados e os barcos começaram a se distanciar, apesar dos esforços de Biju para agradá-los.

Biju ficou sozinha. Sem os flashes, sem a adoração, sem as expectativas, sem ter quem agradar, ela foi começando a afundar nas profundezas azuladas. Sem os incansáveis flashes, sem a adoração superficial, sem expectativas irracionais, sem ter que agradar quem não a apreciava, assim ela foi aos poucos subindo à superfície, ganhando velocidade, suas 24,7 toneladas agitando as águas e saltando, exibindo sua barriga para o sol e só para ele.

Foi assim que Biju decidiu migrar.

Volúpia

Juliana Carvalho Chaves

Luzes coloridas e uma nuvem de fumaça dominavam um ambiente pequeno demais. O cheiro de suor e bebidas baratas era impregnante. Luz vermelha. Drogas por toda parte. Música ruim em um volume ensurdecedor. Mais drogas. O ambiente carregava uma energia jovial e revolucionária. Luz azul. Ali não havia regras, julgamentos ou padrões. Luz amarela. Eram apenas jovens desnorteados beijando na boca.

Lá no meio, estava ela, de cabelo raspado e muitos piercings. Usava uma blusa transparente deixando à mostra um pequeno metal atravessando seu mamilo direito. Sua boca, seca pela ganja, já carregava a saliva de várias bocas, além do habitual gosto de cigarro.

Entorpecentes já lhe subiam à cabeça. Sentia-se leve. Seu corpo já se desfazia em sintonia com as suas alucinações. Sua boca não parava, estava sempre acorrentada a novos lábios.

Um corpo em meio a tantos foi parar em seu quarto. As paredes cobertas por fotos de mulheres poderosas e frases empoderadoras eram o cenário de fundo daqueles jovens indômitos. O homem já lhe arrancava as roupas com ferocidade e no ar havia desejos implícitos e um enorme respeito mútuo. O corpo dela implorava por mais, não estava satisfeita, não queria carinho, queria força, queria dor. Me bate! O quarto estava em chamas.

Tudo acontecia muito rápido e intensamente, puxadas de cabelo, arranhões e tapas. Ela queria se entregar de todas as formas, queria que

ele a dominasse. Isso ia contra tudo em que acreditava, não devia ser submissa, não devia se colocar nessa posição. Sua cabeça dizia uma coisa, seu corpo outra. Me bate com força!

Seguiam assim, lendo um ao outro e satisfazendo-se, tudo estava se ampliado como se cada toque equivalesse a um mergulho profundo no maior dos prazeres. Tudo girava em volta deles. Ela implorava por mais. Suas convicções a forçavam a pisar no mundo da razão. Ela não queria se deixar levar pelo prazer, mas aquilo a consumia na medida em que o desejo aumentava cada vez mais. Luz vermelha. Sua cabeça latejava de insanidade. Estava presa entre alucinações e desejos. Me possua! Se contorcia freneticamente.

Cedeu. Se entregou a seus desejos. Seu corpo se desfez em plenitude. Se empoderou pelo simples ato de se permitir. Se entendeu consigo mesma, se libertou. Sua luta fez sentido.

Coraberta

Lia Abrão Ballak Dias

Na rua Mourato Coelho, sentadinho no batente da janela de seu apartamento, João bolava seu cigarro de maconha habitual com 4 amigos, ao som de “Construção”, de Chico Buarque. Lambendo a seda, jogou seus cabelos longos e castanhos embolados em sua echarpe xadrez.

- Me passa uma piteira.

Os quatro tinham um estilo alternativo e despojado. Roupas milimetricamente descombinando e com um ar de antigas, apesar de terem sido, provavelmente, recentemente compradas.

- Gabriel, você já fez nosso corre?

- Sim, busco amanhã.

- Não foi com o Pedro de novo, né?

- Foi sim, não achei melhor. Mas relaxa, ele só atrasou um dia da outra vez, não vai começando a surtar, João.

Emburrado, João levantou e trocou o LP. Gal Costa. Os quatro, calados, olhavam para os carros, pensativos.

Era sempre assim. Música boa, um baseado e chá, muito chá gelado. Cora sempre preparava um natural de limão, o favorito de João. Assim como o chá, Cora também era sua favorita. Compartilhavam histórias, gostos, desgostos e suor.

Eles já saíam fazia 3 meses. Recentemente, haviam estabelecido um relacionamento aberto, afinal, não era legal ficar preso à monogamia, isso era coisa tradicional.

Todos levantaram. Juntos, pegaram o metrô e foram até o bar. Lá, discutiram sobre tudo. A cada assunto novo, uma dose de cachaça. Foram chegando outros amigos e formaram uma mesa de aproximadamente 15 estudantes. Todos muito intelectuais, revolucionários e, aparentemente, desconstruídos. No bar, se embriagavam para ir a uma festa. Horas e horas de papos, risadas, flertes e reflexões.

Já na rua Augusta, o grupo misto entrava aos poucos na boate. Cora e João mal se viram naquela multidão. A pinta de culto dele atraía qualquer tipo de ser humano. A multidão que dividia o casal trocava diversos olhares com o jovem.

- Prazer, sou João.

Se apresentando, João iniciava uma conversa. Saía da pista com uma companhia. Em um lugar mais calmo, falava sobre qualquer coisa. Aproximava-se e beijava. Após alguns minutos, voltava à pista. Isso aconteceu algumas vezes. Intercalando beijos e danças, o menino sentia sua juventude lhe consumir.

Aproximou-se do banheiro e, ao olhar para trás, viu Cora. Sua fisionomia era inconfundível. Contente, foi ao encontro dela. Aos poucos, notou que ela estava acompanhada. Era Pedro, o insuportável Pedro. Pedro flertava com a SUA namorada. Que porra era aquela?

- Eu não acredito, Cora!

Chocado, João foi embora, afinal, havia sido traído! O amor livre era assim, só para ele.

- Por que Cora havia beijado Pedro? Ela sempre me dizia que raramente ficava com outras pessoas. Foi por querer, com certeza. Ela escolheu Pedro para eu ver. Eu tomei todo o cuidado para ela não me ver beijando nenhuma das pessoas que beijei hoje.

João, desconstruído, revolucionário e cabeça aberta, sentia-se traído. Pois afinal, Cora havia beijado outro cara, e eles tinham um relacionamento aberto.

O café da manhã é uma hora sagrada

Helena Bousquat Árabe

Era mais um café da manhã da família na rua Groenlândia, 961. Minha mãe sempre o fazia um domingo por mês. Com a família toda reunida, sentada na mesa, a conversa mal havia começado e eu já não aguentava mais. Nunca aguentei. As piadas machistas do meu tio, o pensamento reacionário do meu avô, com o qual todos concordavam, as mulheres da família levando os pratos e os homens esperando para que fossem servidos. Sinto como se eu fosse o único naquela mesa que tivesse um cérebro; as conversas mesquinhas e preconceituosas só provavam que não eram diferentes de animais. Tudo que eu queria era me levantar, sair daquele lugar que me causava ânsias e ir para a casa da minha namorada, Rita. Foi o que fiz.

Chegando lá, ela estava me esperando na janela de seu quarto, observando a paisagem paulista enquanto fumava. Juntei-me a ela. Ao entardecer, fomos para o nosso bar, na Alameda Jaú, 2027. Apareci em casa ao meio dia no dia seguinte. Fui recebido com os gritos estridentes da Regina e a cara de desdém do Carlos, meu pai: “Assim não dá, Ricardo, toda vez é a mesma coisa, desrespeito comigo, com seu pai, seu avós! Meu filho, quando você vai perceber que nós não estamos contra você?”

Comecei a ignorá-la a partir daí, foram belas palavras, mas de significado vazio, como sempre. Subi para o meu quarto, causei um estrondo impensado ao fechar a porta, tranquei-a e coloquei Mutantes para tocar no último volume.

A minha relação com meus pais se resumia a “bons dias” e “boas noites”, refeições desconcertadas com o silêncio constrangedor dos talheres rasgando os pratos e, na maior parte das vezes, confrontos. Durante a semana, os dias não eram muito diferentes. Caminhava para a escola, de quando em quando aparecia nas aulas, saía com meus amigos ou com a Rita, chegava em casa, trancava-me no meu quarto saindo apenas para comer, fumar ou discutir com meus pais. Nos finais de semana, raramente dormia em casa, geralmente ficava na casa da minha namorada, já que sempre havia alguma festa ou manifestação e meus pais não me deixavam ir a ambas.

Quarta-feira, vinte e quatro de maio, seis e meia da manhã. Não havia nem amanhecido direito, mas já era o suficiente para minha mãe me despertar aos berros. “Ricaaardo, acorda!” Apertei meus ouvidos contra o travesseiro. “Você vai perder o horário filho, levanta para não se atrasar. A Neide já está colocando o café na mesa”. Contra todas as minhas vontades, levantei. Lavei o rosto, arrumei minhas coisas e desci para a cozinha. “Bom dia”, minha mãe sorriu e meu pai ignorou, ele não se dava mais ao trabalho de me dirigir a palavra, apenas a Neide me respondeu: “Bom dia, Rick, seu chocolate batido e a maçã cortadinha já estão na mesa. O tostex tá quase pronto”. Agradei.

Estávamos todos sentados tomando café, sem trocar nenhuma palavra ou olhar. Meu pai trabalhava no telefone, Regina lia o jornal, Neide lavava a louça e eu observava. “Mãe, vou dormir na Rita hoje, tem manifestação. Neide, separa o vinagre pra mim por favor”. Meu pai soltou uma risada de deboche e minha mãe, com aquele olhar irritante de preocupação de sempre, disse: “Ai filho... não gosto quando você inventa essas coisas. Tem certeza? Você pode se machucar, vai ser no centro, não? Vai que meu filhinho é assaltado, ou coisa pior, me dói só de pensar”. Novamente, a risada do meu pai ecoou na cozinha. “Deixa ele, Regina, o

Ricardo já mostrou que não tem consciência das suas ações e que não se afeta com nada que falamos, um dia ele se ferra e volta correndo para o colo da mamãe e pro dinheiro do papai”. O tom sarcástico e ignorante me corroía, ouvir sua voz era o suficiente para eu ser consumido por pensamentos de “tenho plena consciência de todos os meus atos, pai, por essa razão que o discurso de vocês é nulo para mim. Eu vou para a rua para lutar pelos meus direitos, pelos direitos das mulheres, dos pobres, dos negros, da comunidade LGBT, de todos dos quais vocês sentem nojo, pelo povo. E vou continuar fazendo isso com ou sem colinho de mamãe e seu dinheiro podre, Carlos.”

Meu pai caiu em gargalhadas e os olhos da minha mãe se encheram de lágrimas dramáticas: “Pois bem, experimenta viver uma semana longe do seu conforto e do meu dinheiro e o da Regina, duvido durar um dia. Ocupado lutando por um povo que você nem conhece, eles que lutem por si.” Cada palavra que saía da boca dele era um choque para mim. Como alguém poderia ser tão frio e pensar deste jeito nojento? E o mais chocante, como essa pessoa era meu pai? “Seria um prazer ficar longe de vocês por uma semana. Se vocês me dão licença, tenho uma mala a arrumar”. Levantei-me da mesa em direção ao meu quarto, mas fui seguro pela minha mãe: “Filho, não foi isso que o seu pai quis dizer, ele sabe que...”

Não é possível terminar uma frase nessa família sem que meu pai interrompa. “Foi exatamente isso que eu quis dizer. O Ricardo está arriscando todo o nosso trabalho por gente preguiçosa que não sabe se defender. Se os pobres querem uma vida melhor, eles que trabalhem e ralem pra isso, as coisas não caem do céu. Quando você entender isso, Ricardo, poderemos ter uma conversa adulta.” Fitei-o com toda a repulsa que corria em meu sangue: “Então, nunca vamos conversar, pai. Meritocracia é o caralho”.

Subi a escada com passos tão fortes e firmes quanto minha rejeição ao meu pai e a pena que eu sentia da minha mãe. Lágrimas de ódio se derramavam pelo meu rosto enquanto arrumava minha mala. Tudo estava pronto: desci, cheguei à porta de casa, abri um sorriso no rosto e gritei: “Até semana que vem, ou não”.

Após essa discussão, que me proporcionou uma mistura de emoções, eu estava muito confuso para ir à escola. Às oito horas da manhã e dois minutos da quarta-feira de vinte e quatro de maio, estava eu sentado em um banco na praça Buenos Aires. Bolei um cigarro e fumei, mandei uma mensagem para a Rita me encontrar lá. Passados trinta e três minutos, eu a vi se aproximando e pensei comigo mesmo como minha namorada era maravilhosa, e o melhor de tudo, ela era só minha. Sua companhia fez aquele dia de merda se tornar suportável. Contei tudo que tinha acontecido. “Nossa, amor, seu pai é muito escroto mesmo, vai ser bom pra você esse tempo sem eles, quer ficar em casa enquanto isso?”

Não entendi a pergunta tosca. “É claro que eu vou ficar na sua casa, né, Rita, onde mais eu me abrigaria? Vou dormir na rua agora?” Queimeei outro cigarro. “Calma, Rick, é claro que você vai ficar em casa, sem problemas”. Ela tirou uma chave do bolso e me deu. Sorri. “Vai ser perfeito, vou ficar com você o dia todo, todos os dias, vamos fazer tudo juntos, mais do que antes”. Ficamos lá por horas conversando, nos beijando, ouvindo música, fumando e rindo. Já estava quase na hora do almoço, então fomos para sua casa. A família da Rita era composta apenas por ela e a mãe, a qual estava em casa de vez em nunca. Descongelamos uma lasanha da Sadia, comemos e por fim, ajeitamos nossas coisas para a manifestação. Partimos.

Combinamos com nossos amigos de nos encontrarmos na Paulista às três da tarde, descemos até a Praça Roosevelt e parar em um boteco ao qual íamos por lá, número 100. Assim foi feito, ou pelo menos era para ter sido. Todos nós nos encontramos no horário e local certo, eu, Rita e nossos amigos: Pedro, Bel, Marco, Laura e Joaquim. Nos acomodamos no vão do Masp até a aglomeração se inciar. A manifestação começou lá pelas quatro horas, com muita força, e estava bastante cheia; todos nós ficamos muito felizes com o grande público. Depois de uma hora ou duas de caminhada, acabamos nos perdendo um dos outros em meio à multidão, ou apenas eu me perdi, não sei ao certo. Quando vi que estava sozinho, não me incomodei, continuei cantando com o mar de gente: “Ai, ai, ai, se empurrar o Temer cai”.

Após uma hora e meia, comecei a ficar entediado, parei no primeiro boteco que vi, pedi um copo de cachaça e acendi um cigarro. Solicitei o copo seguinte, e o seguinte e o depois desse e mais alguns. Após algumas doses, coloquei uma nota de 50 sobre o portaguardanapos e voltei à luta, a qual, por sinal, estava muito mais divertida do que antes. Desci a Consolação cambaleando entre as pessoas, esbarrando em todos, com uns tropeços aqui e ali.

Quando reparei, já estava na praça Roosevelt e consegui avistar o número 100, o boteco no qual iria encontrar meus amigos. Todos já estavam lá. Conforme fui me aproximando, notei algo estranho: eles estavam acomodados em uma mesa de seis cadeiras. Seis. Três de um lado, três de outro. Em um lado estavam Bel, Marco e Laura, e no outro, Rita no meio, entre Pedro e Joaquim, com um braço derretido em um ombro de cada e as pernas arremessadas no colo de um deles. Essa cena hedionda me causou refluxo, senti o gosto da lasanha na minha boca e o rasgo da cachaça na minha garganta. Que nojo.

Caminhei até aquele horror, cheguei esbarrando na mesa e derrubando uma garrafa de um litro de Skol no chão. “Que porra é essa?” – eles me olharam assustados, não sabiam se riam ou não. Soquei a mesa com todo o ódio que estava guardado em mim, agarrei Pedro pela blusa, puxei-o para mim e joguei-o para o chão. “Que porra é essa?” Permaneceram estáticos, olhando como se estivessem encarando uma aberração, me perguntei se eles tinham algum tipo de problema para assimilar as coisas. Bati mais forte ainda na mesa e chutei a cadeira em que Pedro estava sentado. “Hein?” gritei. Laura e Bel se levantaram e foram na direção oposta à minha. Rita calmamente se ergueu e veio até mim, tocou no meu braço, meu corpo reprimiu o toque. “Calma amor, não aconteceu nada, nós só estávamos conversando.”

Eu ri. Me aproximei de seu rosto, dois centímetros de distância entre nós. “O que aconteceu, Rita, é que você não consegue ficar três horas longe de mim sem abrir as pernas pra outro cara.” Com o olho assustado, ela tentou recuar, segurei seu braço com a mesma força com que soquei a mesa. Rita olhou para os seus amigos clamando por socorro, mas eles continuaram inertes, covardes. “Ricardo, me solta, a gente conversa sobre isso em casa.” Gargalhei, só podia ser piada. “Você acha que eu vou dormir na sua cama suja? Melhor você passar essa noite sozinha, Rita, pensando no que fez e em um perdão. Eu sou o único que te aceitaria de volta.” Soltei-a e a joguei contra a mesa. Olhei para todas as pessoas daquele boteco com desdém. Segui cambaleando.

Quinta-Feira, vinte e cinco de maio, nove horas da manhã. Despertei no ponto de ônibus da Consolação, cheirando a vômito e a desgraça. Chequei se meu celular estava no bolso: surpreendentemente, sim. Pedi um Uber para a rua Groenlândia, 961. Entrei em casa, vazia. Subi as escadas, fui até o banheiro, liguei o chuveiro e deixei a água lavar toda a miséria do dia anterior. Coloquei um pijama, fui até a cozinha.

“Bom dia, Neide”. Ela deu um pulo e quase quebrou o copo que estava lavando. “Que susto menino!” – ela riu e suspirou. “Ai, ai... sabia que você não ia demorar para voltar, não consegue ficar longe da minha comida, senta que vou fazer seu chocolate batido, cortar sua maçã e preparar seu tostex.”. Com prazer, sentei-me.

Em família

Marina Trigo Gonçalves da Costa

A multidão atravessava a Avenida Paulista batucando os tambores e bradando cantigas ritmadas. A chuva daquele sábado não parecia atrapalhar a exposição de cartazes coloridos, com frases de luta pela igualdade. O sol do entardecer tingia os rostos suados das mulheres, evidenciando o símbolo feminino feito à tinta em suas bochechas.

Apesar da empolgação, a queda da noite me comunicava o horário de voltar para casa, afinal, papai ficaria furioso se soubesse que eu estava na rua. Despedi-me das minhas amigas, afastando-me da aglomeração e apertando o passo para chegar a tempo do jantar. Meu andar apressado também era motivado pelos olhares maliciosos e frases provocativas que tinha de enfrentar pelas calçadas de São Paulo, ainda mais sendo só uma garota desacompanhada. Felizmente, em meia hora estava na pequena Travessa dos Arquitetos. Parei em frente à porta azul de casa e, enquanto procurava minhas chaves em minha bolsa, pude escutar as risadas barulhentas dos colegas de meu pai. O cheiro de charuto vindo da cozinha empestava todo o andar térreo, assim como os gritos de truco e as fortes batidas na mesa.

Logo na sala de entrada, mamãe limpava o piso de madeira, recebendo-me com um abraço e um beijo. Seu olhar foi suficiente para demonstrar seu incômodo e me sugerir que fosse para meu quarto. Larguei minha mochila sobre o sofá e subi as escadas, trancando a porta do quarto para terminar as lições do fim de semana. Minha concentração foi interrompida quando escutei os berros de meu pai chamando mamãe, acompanhados de ordens para que servisse comida e repusesse as

cervejas aos convidados. Os pedidos adquiriam cada vez mais um tom de impaciência, o que me fez constatar que mamãe os ignorava. Entretanto, só concluí o perigo que minha mãe corria ao ouvir passos estressados em direção à sala, que me motivaram a descer as escadas e esconder-me atrás da porta.

Pela fresta, vi papai segurar com força o braço direito de minha mãe, que soluçava e se debatia, deixando a vassoura que segurava cair no chão. Observava, aflita, ela chorando e pedindo desculpas, enquanto meu pai, de peito estufado, agarrava-a. Somente quando mamãe gritou meu nome e ele lhe deu um tapa no rosto, seguido de um grito de dor, tomei coragem, enfiei minha mão no bolso do casaco e procurei meu celular para discar o número de emergência.

Eu sabia que podia impedir aquilo buscando ajuda de alguém e fazendo uma denúncia de violência, porém isso envolvia arriscar a liberdade de meu pai e perder sua confiança em mim. Tinha de considerar que ele estava sob efeito de álcool e nada de grave ocorrera com mamãe. Em seguida, papai largou sua mulher caída e pude ver sua expressão de raiva. Nesse meio tempo, eu esperava alguém atender a ligação. Acreditava que meu pai faria de tudo para o meu bem e iria se arrepender, afinal ele trabalhava duro durante a semana e aquilo era consequência de seu estresse. Uma voz feminina do outro lado da linha perguntou-me o que desejava. Eu só podia pensar em tudo o que perderia ao acusar meu pai, afinal, ele era a fonte de renda da família e o amor da vida de mamãe. Diante do olhar desesperado de papai e da inquietação da atendente, respondi a ela: “Ligação errada, desculpe-me”, desligando o celular.

Ana Lua

Marcela Mattar Sande

A mãe chamava por Ana Lua do andar de baixo. Se a garota não se arrumasse em 20 minutos, chegaria atrasada ao colégio. A jovem comunicou que já estava de pé e caminhou lentamente para o banheiro. Olhou-se no espelho por um breve instante e observou as profundas olheiras que se encontravam abaixo de seus olhos verdes. Depois de um tempo, lavou seu rosto e começou a cobrir, cuidadosamente, os rastros que provavam que não tinha uma boa noite de sono fazia um bom tempo. Penteados seus cabelos cor de mel, colocou um vestidinho florido, pôs um sorriso no rosto e desceu ao encontro de seus pais para tomar o café da manhã.

“Coma rápido, meu amor. Miguel já está te esperando lá embaixo!”, disse o pai, enquanto preparava uma torrada para a filha. “Tome. Coma no caminho para não se atrasar.”

Ana Lua agradeceu ao pai, deu um beijo na mãe e correu para o elevador. Passou pela catraca de seu condomínio para encontrar seu namorado, apoiado no seu mais novo Honda CR-V preto. Ele havia acabado de tirar a carteira de motorista e queria se gabar para a namorada. Trocaram um curto beijo e os dois seguiram para a escola.

Assim que chegaram, deram as mãos e caminharam em direção ao portão. Antes mesmo de chegar ao seu armário, Lua, como era chamada pelos próximos, cumprimentou as colegas da aula de dança, colegas do

grupo de debate, os do clube de ciências e do trabalho voluntário e até mesmo umas garotas do ano abaixo que havia conhecido numa festa recente.

Logo que o sinal tocou, Ana Lua seguiu rapidamente para a saída. A mãe havia mandado uma mensagem falando que estava parada a esperando na fila de carros. As duas tinham de ser rápidas, porque tinham um almoço marcado com a madrinha da jovem às 13h30 e já eram 13h10.

Assim que chegaram ao restaurante, foram ao encontro de Patrícia, que deu um abraço na garota e outro na velha amiga. Havia tempo que não se viam.

“Como vai a escola, Aninha?”

Antes que a jovem pudesse responder, a mãe a interrompeu, orgulhosa:

“Ela está arrasando, Pati! Boletim tudo A!”

“Ah! Além de linda, é inteligente!”, a madrinha falou, segurando as mãos da menina, enquanto ela sorria, sem graça. “Já sabe o que quer fazer?”

“Medicina, né, Pati? Em faculdade federal! Como não sentir orgulho dessa gatinha? Desde que ela nasceu, eu e o Roberto já sabíamos que ia seguir os passos dos pais!”. A mãe voltou a interromper a filha, que sorria torto.

“Ah! Que linda!”

E o almoço continuou na mesma: Dinda jogando perguntas sobre Ana Lua e a mãe respondendo-as sorridente, enquanto a garota permanecia quieta.

Ana sorriu para o namorado.

“Você é linda.”, ele disse, fazendo-a sorrir ainda mais.

“Para, Miguel! Presta atenção no logaritmo!”

“Log é chato... Legal é beijar você...”, ele disse aproximando os lábios dos da garota.

“Shii, parou!”, ela colocou a mão na cara do menino, afastando-a do seu rosto. “Miguel: Logaritmo.”

“Ai... Tá bom...”, o namorado fez beijo e voltou a estudar.

Depois de um tempo, o garoto voltou a falar:

“Você vai na festa da Dora, na sexta?”

“Hm... Não.”

“Por que não?”

“Hm... tenho um compromisso familiar. Vou ficar fora o final de semana todo.”

“Ah, meu amor, você sempre tem um compromisso familiar ou tem que estudar... Eu quero ficar com você...”

“Desculpa, Mig...”, a garota disse, cabisbaixa. Olhou o celular e fingiu ser uma mensagem da mãe pedindo para voltar para casa. Despediu-se do namorado e começou a andar para casa.

Na sexta-feira à noite, os pais de Ana Lua estavam acabando de arrumar a mala. Iriam passar o final de semana na casa de praia de uns amigos.

“Gatinha, tem certeza que você ficará bem sozinha?”

“Sim, mãe. Ficarei bem. Mesmo.”

“Por que não chama o Miguel para ficar aqui com você? Assim você não fica completamente sozinha...”

“Ele está viajando, mãe.”, a garota mentiu. Sabia que se contasse que ele estava em uma festa, a mãe iria se perguntar o porquê da garota não estar com ele.

“Ele anda viajando muito nesse último ano, não é mesmo, querida? Quase todo final de semana!”

“Pois é... Eles compraram uma nova casa em Ubatuba...”

“Entendi...”, a mãe deu uma pausa, pensativa. “E a Helena? E a Nina? E a Dora? Será que não pode ficar com nenhuma delas? Fico preocupada te deixando sozinha em casa por todo o final de semana...”

“As três estão com os namorados hoje. E vão ficar com eles todo o final de semana. Não quero ficar de vela”. Ana usou a primeira desculpa que veio à sua mente e depois tentou acalmar a mãe. “Vai, mãe. Eu tenho dinheiro e qualquer coisa eu ligo para a Tia Pati.”

“Tudo bem...”, a mãe disse convencida. “Não pense duas vezes antes de me ligar! Lá tem sinal e eu estarei 24 horas com o celular ao meu lado.”

A garota disse que tudo bem e se despediu dos pais. Assim que ouviu a porta se fechar, sentiu-se completamente sem forças. Caminhou lentamente para o seu quarto, deitou-se em sua cama e ficou assim, no escuro, por horas. Tudo de repente estava rápido demais e logo em seguida em câmera lenta. Milhares de pensamentos martelavam a cabeça da garota. De repente, tudo voltava a ficar mais rápido. E cada vez mais rápido. Tudo. Tão. Rápido. Até a respiração de Ana estava mais rápida e não era mais possível controlá-la. Tudo estava doendo. Não tinha um mísero lugar no corpo de Ana Lua que não estivesse dolorido. Ela queria fugir, mas seu corpo estava imóvel. Ela queria berrar, mas da sua boca, nenhum som conseguia ser emitido. E ela só deseja que tudo aquilo parasse por um pequeno momento. Mas não parou.

Segunda-feira de manhã, a mãe chamava Ana Lua do andar de baixo. Ela informou que já estava acordada e dirigiu-se ao banheiro. O espelho mostrava as profundas olheiras que logo foram cobertas por

uma grande quantidade de maquiagem. E, como de rotina, penteou os cabelos, colocou uma roupa, pôs um sorriso no rosto e desceu ao encontro de seus pais para tomar o café da manhã.

Invisível

Gabriela Gorenstein Lerner

Estudo na mesma escola há 16 anos. Vivi minha vida toda no mesmo ambiente e convivendo com as mesmas pessoas. Cresci ao lado delas, mas, por algum motivo, sempre me senti de fora. Não é como se eu não tivesse amigas, porque tenho, mas sinto que elas são as únicas que percebem minha presença e que notariam se eu não estivesse lá. Acho que a maior culpada disso é a minha timidez.

Certo dia, algo estranho aconteceu. Era sexta-feira, perto de um fim de semana de provas, e à noite aconteceria uma festa pra qual estávamos todos muito ansiosos. Fui para a escola a pé, como faço todos os dias, e no trajeto, no qual andei apenas por 5 minutos, quase fui atropelada duas vezes. Ao chegar à escola, dei bom dia pros inspetores, os quais me ignoraram. “Não devem ter ouvido”, pensei. Falo baixo normalmente.

Cheguei à sala, sentei na carteira e esperei o professor entregar a prova. Por algum motivo, não recebi. Fiquei de mão levantada tentando pedir que me entregasse, mas percebi que ele não estava me vendo. Levantei para pegar e, como perdi muito tempo no começo, fui uma das últimas a pegar. Fui embora com pressa, e quando passei por minhas amigas no corredor, dei tchau. Pra variar, não me responderam. Porra, eu falo tão baixo assim?

Chegando a noite, fui para a festa. Tentava falar com as pessoas, mas elas não respondiam. Esbarravam em mim, derrubavam bebida, pisavam no meu pé e eu não ouvia nenhum pedido de desculpas.

Foi aí que entendi o que havia acontecido: de tanto pensar que era invisível, acabei realmente me tornando. Por alguns segundos, entrei em desespero. Comecei a imaginar se ficaria assim pra sempre e, se ficasse, se sentiriam minha falta. Então, comecei a gritar. Gritei com todas as minhas forças, até minha garganta doer e eu começar a me sentir rouca. Aí, comecei a dançar. Rodava pelo salão, sentindo a música e me deixando levar pelo ritmo. Escutei conversas, dei risada e me soltei como nunca, já que estou sempre presa à minha timidez.

No dia seguinte, tudo havia voltado ao normal. Sei que não foi um sonho, pois eu havia vivenciado todas as histórias que minhas amigas contaram sobre a festa. Resolvi, no entanto, não contar para ninguém. Guardei pra mim, já que sabia que não acreditariam. Ou mais, tentariam me convencer de que eu não sou invisível e que faço diferença sim. Seria perda de tempo, pois aprendi isso sozinha com o que passei. Melhor ainda, percebi que, às vezes, ser invisível não é tão ruim assim.

A maior qualidade de ser eu mesma

Gabriela Herzberg Gorski

- Clara, responde, o professor está perguntando sua maior qualidade!

Todos estavam se apresentando no primeiro dia de aula do primeiro colegial, recitando qualidades surpreendentes:

- Meu nome é Luiza e eu sei desenhar.

- Meu nome é Carlos e eu sei fazer poesia.

- Meu nome é Mário e eu sei atuar.

Na última carteira da fileira da ponta, estava Clara, uma menina “largada”, como diziam os meninos, travada em seus pensamentos, sem saber o que dizer para se adequar à maneira ridícula que o professor escolheu para conhecer os alunos.

O que vinha à sua cabeça era: gostar de alguma matéria? Ela só tirava D. Falar em público? Ela odiava. Sua mãe já havia lhe oferecido quinhentas atividades diferentes para ver se a menina tomava gosto por algo. “Filha aprende a tocar violão”, “filha, aprende a cantar”, “filha, você é uma menina, você deveria fazer balé”. E nada da Clara tomar gosto pelas atividades listadas pela mãe.

O sinal do final da última aula tocou e Clara, ainda pensativa à procura de uma qualidade com que ela se identificasse, começou sua caminhada diária para casa. Porém, naquele primeiro dia de aula foi diferente, um garoto parecia segui-la.

Clara, com seu pavio curto, virou para o garoto e perguntou: “Ei, por acaso você está me seguindo?”. O Garoto respondeu inocentemente: “Eu? Eu não... Eu moro na rua Horácio Lafer, 453, casa 3, estou indo para a minha casa”. Após esse episódio embaraçoso, Clara não sabia onde se enfiar e nem o que dizer, então continuou a caminhada.

- E você, onde mora? - perguntou o menino.

- Rua Horácio Lafer, 453, casa 4. Você deve ser o vizinho novo.

- Sim, sou eu mesmo.

O papo parecia ter acabado e ambos continuaram o caminho em silêncio.

Esses encontros passaram a se repetir. A etapa seguinte foi uma apresentação de nomes. Clara e Martim passaram a ir juntos todos os dias para a escola e a estudarem juntos para as provas.

O tempo passou e além de companheiros de caminhadas matinais, passaram a fazer as matérias extracurriculares juntos. Era uma quarta-feira e a escola levou alguns alunos para uma creche. Lá, fizeram atividades com as crianças e brincaram até tarde.

Clara e Martim, no caminho para casa, resolveram parar em um banco de uma praça para apreciar a noite estrelada. Nesse instante,

Clara perguntou, pedindo sinceridade, se Martim achava que ela era uma pessoa perdida, sem dons e sem propósitos. Martim respondeu com um ar inconformado:

- Clara, como assim? Só você não percebe suas qualidades, olha para o dia de hoje, você viu o quão bem você se deu com as crianças? Elas adoraram você.

- Se alguém me perguntar hoje, eu não sei dizer qual é minha maior qualidade.

Eles passaram horas e horas discutindo esse assunto. Martim se mostrava inconformado com o modo como Clara via a si mesma, afinal, ele a via como uma garota especial, fora do comum.

- Clara, sabe por que você não consegue achar uma qualidade na qual você se encaixe? Por que você está se baseando nas qualidades mais comuns, que todos parecem ter, mas você é diferente. Eu não lhe conheço nem há cinco meses e já posso fazer uma lista das coisas boas que eu vejo em você. E sabe qual é a principal delas? Você consegue ser você mesma o tempo todo. Foi a partir desse dia que Clara e Martim começaram um relacionamento um pouco diferente de uma amizade fiel.

Seis meses depois, lá estava Clara, na última carteira da fileira da ponta no primeiro dia do segundo colegial. Todos os alunos estavam recitando qualidades incríveis, para que o professor fingisse que estava decorando tudo e que aquilo definiria o aluno e faria o professor conhecê-lo melhor. Bem semelhante ao primeiro dia de aula do primeiro colegial, a única diferença é que agora Clara sabia da sua maior qualidade.

- Meu nome é Clara e minha maior qualidade é ser eu mesma.

A silhueta desejada

Maria Clara Vieira Paschoal

Maria Alice chegou irritada da escola. Foi para o seu quarto e colocou um disco do Caetano Veloso em sua vitrola. Tirou sua blusa e olhou para o espelho. Não gostava de seu corpo magro, sem curvas, do seu cabelo e principalmente do seu rosto, pois não era parecida com as meninas de sua escola. Chorava diariamente por ter dezesseis anos e ainda não ter beijado ninguém e por não ter amigos. Achava que tudo isso era culpa de seu corpo e por isso economizava as mesadas para fazer uma cirurgia plástica.

A família da adolescente se resumia à sua mãe, que beirava os cinquenta anos, professora batalhadora que criava sua filha sozinha, pois ficara viúva precocemente. As duas pouco conversavam sobre suas dores e feridas causadas pela vida. As preocupações com as contas vencidas, as notas do colégio e os calores da menopausa ocupavam as minguadas horas livres de Maria Alice e sua mãe.

Numa tarde atolada pela pilha de provas a serem corrigidas, Silvia, mãe de Maria Alice, lembrou-se de fazer um lanche para a sua menina. Preparou com todo o capricho e subiu as escadas do velho sobrado:

- Maria, trouxe um lanche para você.

- Obrigada, mãe, mas eu não estou com fome...

- Maria, está chorando de novo?! Você precisa comer senão vai morrer! Para com essas ideias doentias de que o seu corpo não é bonito.

- Mãe, você não me entende! Você sempre foi linda, magra e eu sou toda feia! Quero e vou fazer cirurgia plástica! Quero ter amigos, namorado e me achar bonita! – berrou a menina, que fechou a porta na cara da mãe.

Ir para a escola era sempre um inferno. Quando chegava na sala, Sabrina, uma menina alta, com corpo de adulta e com os cabelos loiros e lisos, zombava do físico de Maria Alice:

- Ô magrela, acho que no seu caso não tem mais solução, ou você coloca um silicone nesses seus peitos ou você vai morrer sem ter dado um beijo.

Maria se sentava no fundo da classe e as palavras “peito” e “beijo” latejavam em sua cabeça. Ouvia Sabrina e suas amigas sempre rindo e se divertindo, “como eu quero ser amigas delas e ter um namorado como todas elas”, pensava.

Após a escola, ia para seu trabalho em uma loja de discos no shopping, era lá o único lugar em que ela se sentia bem. Ouvia músicas e conversava com pessoas que gostavam da mesma coisa que ela, MPB.

O único problema era que o seu salário era tão pequeno que não dava para pagar a sua tão esperada cirurgia, nem dali vinte anos. A solução era fazer uns extras ensinando matemática para as crianças.

Ao chegar em casa, Maria Alice abriu o seu facebook e recebeu umas mensagens de suas colegas de classe mandando números de cirurgiões plásticos e fotos de modelos maravilhosas. A única coisa que ela queria era fugir daquele mundo ingrato e falso, ou fazer parte dele.

Desesperadamente, ligou para o cirurgião mais barato e marcou sua cirurgia para a semana seguinte. Foi para a sala contar a novidade para sua mãe que estava corrigindo provas.

- Mãe, consegui dinheiro para a minha cirurgia! Marquei para a semana que vem! Finalmente eu vou poder ser a menina que eu sempre quis ser!

- Que bom, filha. Você viu que com o esforço do trabalho consegue-se realizar sonhos. Mas lembre-se que a pessoa que você é por dentro nunca vai mudar e que você sempre será minha pequena Maria Alice - falou emocionada, abraçando a filha amada.

Os dias daquela semana passaram rápido. Maria Alice não ligava mais para as meninas, pois em alguns dias seria uma delas. Não seria mais magoada e nem seria o alvo dos comentários preconceituosos.

A tão esperada segunda chegou. Às seis horas em ponto, Maria Alice estava no hospital, pronta para ser operada. A sala de cirurgia era precária e os equipamentos eram muito velhos. Mas a garota não estava nem um pouco preocupada. Deu seu último beijo e abraço em sua pobre mãe e partiu sem volta.

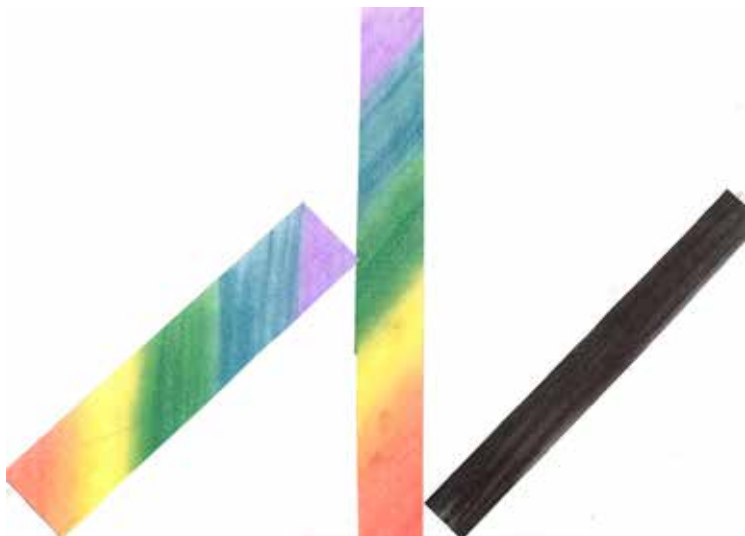
Morreu após duas horas de cirurgia por causa de uma complicação. O médico era despreparado, não sabia operar e acabou cortando uma artéria da jovem, fazendo com que o seu coração parasse.

Nesse instante, Maria Alice conseguiu fugir e ter paz. Fugiu das colegas da escola que a faziam se sentir a pior das criaturas, dos seus pensamentos cruéis sobre si mesma, da sua mãe, do seu toca-discos, do seu trabalho e principalmente dela mesma. Agora ela estava em um lugar onde ninguém a julgaria e nada a atrapalharia, podendo ser ela mesma. Mas o preço pago por esse silêncio eterno foi simplesmente a própria vida. O pulso que já não pulsava mais, a lágrima não escorria mais e o peito que não apareceria.

Sua mãe, no dia de seu velório, fez o seguinte discurso: “o padrão de beleza imposto por esta sociedade medíocre e egoísta matou e mata vários jovens. Quando as pessoas perceberem que o diferente também faz parte da sociedade e que ele deve ser tratado igual a todo mundo, o mundo será bem melhor e acolhedor. Aceitar a diferença não passa por uma lei ou pelo discurso. A inclusão do diferente acontece num ato de amor e de reconhecimento. Precisamos de empatia para viver e para ser, de fato, humanos. Maria Alice morreu por não ser aceita pela sociedade e por querer se encaixar nela. Espero que algum dia isso não aconteça mais com os jovens que não se encaixam”.

Uma menina diferente

Maria Izabel Marangoni Brandão Fialho Gandini



Maria Izabel Marangoni Brandão Fialho Gandini

Mariana, filha única de uma pequena, rica e tradicional família brasileira, era a princesinha do pai e estava prestes a completar 8 anos. Era mestra em enlouquecer sua mãe: agitada, corria, pulava e gritava todas as horas do dia, além de ser dotada de uma capacidade extraordinária de se machucar, sempre adicionando uma nova cicatriz à sua coleção. Era aventureira, e apesar da idade, fazia questão de deixar bem clara sua opinião, independentemente da situação.

À medida que a menina crescia, tornava-se mais evidente o conflito entre sua forte personalidade e a rígida e tradicional criação na qual sua família acreditava. Apesar de tudo, como de costume, ao se aproximar da data de seu aniversário, Mariana foi questionada sobre o

que desejava de presente. Era esperado que, como nos anos seguintes, Mariana respondesse, por educação, que não fazia questão de presentes, e que apenas a presença de seus familiares já era o suficiente. Porém, foi durante o típico e silencioso jantar em família que a criança disse:

– Pai, mãe, hoje eu me inscrevi para jogar no time de futebol da escola e, por isso, preciso de uma chuteira. Será que esse pode ser o meu presente de aniversário?

Os pais se entreolharam com cara de espanto. Como podia, a menininha da família participar de partidas de futebol, um esporte que deveria ser praticado apenas por meninos? Imediatamente começaram os comentários:

– Filha, você não prefere fazer outro esporte? Sabe a Amanda? Nossa vizinha? Ela está fazendo ballet em uma academia super legal! Por que você não experimenta uma aula teste para ver se gosta? – disse a mãe.

Mariana, esboçou uma cara de nojo, típica dela.

– Não, mãe, eu adoro futebol e quero treinar com os meus amigos.

Para o pai, que assistindo a cena ficava cada vez mais perplexo, isso foi a gota d'água, foi então que ele bateu com força na mesa e gritou:

– Não quero saber de filha minha fazendo coisas de menino! Você está proibida de praticar esse esporte! Vê se toma jeito e começa a se comportar como uma menina, Mariana! A cada dia me decepção mais com você.

Anos se passaram e Mariana continuava a se comportar como alguém com quem não se identificava. Perto do seu aniversário de 17 anos, a adolescente conheceu uma menina de quem ficou muito amiga. Em menos de seis meses, as duas já eram inseparáveis, passavam o tempo todo juntas. Foi então que Mariana começou a se dar conta de um estranho sentimento que tomava conta de seu corpo quando estava perto de sua colega.

Um certo dia, as meninas combinaram, como de costume, de se encontrarem na casa de Mariana para jantar, conversar e assistir a um filme. Já haviam jantado quando sentaram na frente da TV. O filme já passava a algum tempo quando Mari olhou para sua amiga e foi completamente tomada por um sentimento novo, intenso, que ela não sabia explicar, uma sensação boa que a fazia ficar vidrada nos cabelos escuros e curtos de sua parceira.

Ao perceber que estava sendo observada, a menina virou rapidamente, e foi então que teve início a uma profunda troca de olhares entre elas, que acabou, para a surpresa das duas, resultando em um beijo.

Ambas estavam experimentando sensações e sentimentos completamente novos porém, o beijo continuava. De repente, o casal foi interrompido de maneira súbita por um berro dado pela mãe de Mariana, que vendo aquela cena, saiu correndo em prantos para chamar seu marido.

Extremamente chocados, os donos da casa imediatamente expulsaram a amiga da sua filha.

- Você perdeu a noção, menina, isso é coisa que se faça?! - gritou a mãe desesperada.

- Mariana, você ultrapassou todos os limites, o que meus amigos irão falar? Vou virar piada... O pai da menina que quer ser um menino. - disse o pai - Isso não está certo, eu tenho vergonha de você - continuou.

- Filha, o que está acontecendo com você, a gente precisa urgente resolver isso - falou a mãe, ainda chorando.

- Você precisa de um médico, isso sim, precisa se tratar!

A menina, desesperada com tudo que estava acontecendo, apenas saiu correndo e se trancou em seu quarto.

Muitas horas depois, preocupada com o absoluto silêncio no quarto de Mariana, sua mãe começou a bater na porta insistentemente, e vendo que era em vão, pegou a chave reserva que tinha guardada e abriu. Foi então que ela se deparou com um quarto vazio. Em choque, a mãe começou a procurar sua filha, quando a polícia bateu na porta.

- Vocês que são os pais da Mariana?

A mãe fez sinal de positivo com a cabeça.

- Por acaso vocês a encontraram? - perguntou a mãe aflita.

- Minha senhora, meus pêsames, sua filha se jogou da janela.

Doby e seus amigos

Ricardo Breinis

- Mãe, não quero ir pra aula hoje!

- Todo dia você fala a mesma coisa, Doby.

- Mas mãe, tem pessoas ruins dentro dessa escola...

- Então, tente conversar com essas pessoas.

- SÔNIA! - gritou Dobi - e continuou: - ELES NÃO ME ESCUTAM! - saiu batendo a porta do carro.

Entrando na escola deu de cara com Carlos.

- E aê, problemático, o que você faz nessa escola?

- Eu estudo!!!

- A Member é um escola para pessoas normais!

- Eu sou normal!!!! - Doby saiu correndo chorando para sua sala de aula.

Doby era um garoto que adorava aprender coisas novas, gostava muito de futebol e odiava ouvir música. Seu pai lhe abandonara quando soube que tinha Síndrome de Down. Ele queria sair da escola que estudava, o colégio Member, pois sofria bullying.

- Pare de jogar bolinhas em mim! - disse Doby, enquanto era bombardeado por bolinhas de papel.

- Não vamos parar até você sair dessa escola! - falou Carlos, enquanto todos os seus amigos riam.

- Gabriel, faça alguma coisa! - Doby saiu da sala. Gabriel, que era seu melhor amigo, levantou-se e deu um grito:

- PAREM SE FAZER ISSO COM O DOBY! Vocês não entendem que pra ele não é fácil viver com essa doença? Ele pode ser um pouco diferente de nós, mas...

Enquanto Gabriel falava, Carlos o interrompeu, dizendo:

- NÃO ME COMPARE COM ELE! NÃO TEMOS NADA EM COMUM!

- Por acaso você já parou para falar com ele? Sabia que ele adora futebol e torce pro mesmo time que você? Acho que não, porque você nunca falou com ele. Antes de sair julgando, você tem que pelo menos conversar com a pessoa.

- Não tenho vontade de conversar com ele.

- Pelo menos tente...

Logo em seguida bateu o sinal para o intervalo e todos saíram da sala. Doby estava sentado em um banco quando Carlos passou na sua frente e não falou com ele. Doby estranhou, pois sempre que Carlos o via, ficava o ofendendo.

Passou a semana inteira e nada de Carlos ir falar com Doby. Domingo iria ocorrer um jogo entre Corinthians e Santos. Doby não deixava de ir a um jogo do Corinthians. Quando chegou ao estádio, procurando seu assento, viu que seu lugar era do lado de Carlos. O jogo foi rolando e Carlos começou a conversar com Doby, até que os dois não pararam de falar. Doby viu que Carlos não era uma pessoa do mal e Carlos viu que Doby era legal.

No dia seguinte Sônia estava levando Doby para a escola, quando chegou lá, Doby não falou nada e sua mãe estranhou e perguntou:

- Doby, não vai me falar nada?

- Vou sim, eu quero continuar nessa escola, mãe.

E saiu do carro.

Doby virou uma pessoa adorada na escola, amigo de todo mundo.

X

Rita Tiné Torkomian



Rita Tiné torkomian

A luz verde brilhava de longe. Passei pela mesma padaria em que, em um dia chuvoso, paramos para esperar a chuva diminuir.

Lembrei que naquele dia tínhamos acabado de fugir da escola para ele me ensinar a tocar piano. Mesmo sendo dois anos mais novo que Y, ficamos próximos muito rápido. Ele era um pouco mais baixo que eu, mas muito mais maduro, eu era como um irmão mais novo que precisava de proteção. Sempre fui interessado em música, e quando vi, através da janela, Y tocando o piano na sala de música vazia, fiquei obcecado em aprender também.

Passei duas semanas o irritando, tentando convencê-lo a me ensinar. Depois de muita insistência, ele concordou. Nesse dia, decidimos cabular aula para irmos ao apartamento dele, assim ele poderia me ensinar a tocar sem que ninguém nos interrompesse.

Y morava sozinho, num apartamento pequeno e empoeirado em que havia só um colchão no chão, uma prateleira com alguns livros e um piano claro e bem cuidado no canto do que se podia chamar de sala. Passamos a tarde naquele canto e de algum modo aquela tarde foi uma das tardes mais divertidas que eu já tive.

Uma leve garoa embaçou meus óculos, expandindo a luz que agora tornava-se vermelha e um pouco mais próxima. Percebi que tinha começado a sorrir com as lembranças de Y, então precisei me forçar a lembrar do que aconteceu não muito tempo depois.

Nessa época eu não sabia muito o que estava havendo com Y; como estávamos em séries diferentes e Y nunca tivera facilidade em se abrir, eu nunca soube exatamente o que o levou àquilo.

Lembro que estranhei o hábito repentino de fumar que Y adquiriu. Vivia dizendo para ele parar, mas ele nunca me ouvia e dizia que em algum momento eu entenderia. Ele estava constantemente brincando com seu isqueiro. Nossos encontros para ele me ensinar a tocar foram diminuindo ao longo do mês e a única desculpa que Y tinha era que havia muitos trabalhos de escola para fazer, mas eu sabia que ele nunca fora do tipo que fazia trabalhos escolares nem estudava muito. Eu também sabia que, por estar em seu último ano na escola, Y tinha muitas coisas para se preocupar, mas ele também não parecia muito do tipo que ligasse para o que iria acontecer com ele nos anos seguintes e não tinha ninguém que fosse cobrá-lo para que ele se importasse. Eu deveria ter notado

a mudança nele, mas além do monte de trabalhos que ele realmente precisava fazer, achei que fosse tudo por causa de uma garota que tinha recentemente entrado em sua vida.

A luz borrada pela garoa que continuava a cair tornou-se verde novamente, e ia ficando cada vez mais próxima. Coloquei meu gorro para me proteger pelo menos um pouco.

Aquela garota tinha conseguido fazer Y parar de fumar, de algum modo ela ficou com o isqueiro que ele levava para todo lado. N sabia tocar violão, então Y não teria que ensiná-la a tocar, isso fazia deles um casal quase perfeito. Parando para pensar, não faz sentido eles terem acabado do jeito que acabaram.

A luz estava cada vez mais próxima.

Algumas semanas depois que vi N a caminho da casa de Y, tudo desmoronou. Y de repente parou de ir para a escola, não o via em nenhum lugar, ele não atendia mais o telefone, apesar de nunca ter se importado muito com isso. Comecei a me preocupar com ele, procurei por N, mas ela me disse que ele estava estranho havia um tempo e alguns dias antes ele tentara afastá-la de sua vida sem nenhum motivo aparente. Desde então ela não tinha falado com ele.

Hoje, estava determinado a descobrir onde ele estava, então, depois da escola, fui em direção à casa de Y. Ao meu lado, vi um caminhão de bombeiros. Comecei a correr. Virei a esquina. Tudo que conseguia pensar era no cheiro de queimado que vinha do prédio a que tanto fui para aprender a tocar piano e no barulho alto das sirenes que vinham de todo lado.

A luz ficou vermelha novamente.

Continuei.

Escureceu.

Efeito Colateral

Latife Hasbani

Chegou do trabalho e abriu o histórico de seu computador. Revisitou a página que continha dicas de como emagrecer e comprou o manual completo, com dietas e exercícios. Relembrou a conversa com o endocrinologista, na semana anterior.

– Mônica, você tem que procurar a nutricionista que te indiquei. O quanto antes melhor. A tua saúde está em risco e a obesidade é algo extremamente sério.

Havia decidido: iria atingir o corpo ideal com todo aquele material adquirido. Não precisava de nutricionista nenhuma para conseguir o que desejava.

Na manhã do dia seguinte, foi até a academia mais próxima de seu trabalho e fez a inscrição. Era naquele momento que começava sua mudança, prometeu. E por todos os dias durante os dezoito meses seguintes passava no mínimo três horas se exercitando.

Não comprava mais doces, não comia fora de casa e começou a acompanhar canais no YouTube de fisiculturistas. Foi aos poucos se familiarizando com esses novos hábitos e também com o mundo de anabolizantes e termogênicos.

As mudanças ficaram cada vez mais visíveis e a moça não parecia se contentar com a perda de mais de sessenta quilos. Não bastava emagrecer, queria ficar com os músculos definidos. Foi esse o pensamento que a induziu a fazer uso de hormônios.

Tornou-se uma pessoa incomunicável de tão fascinada com sua própria imagem. O mundo à sua volta foi blindado e só o enxergava com base nas aparências.

Certo dia, chegou em casa da academia e foi se pesar. Subiu na balança e se espantou ao ver o ganho de algumas mínimas gramas em relação à semana anterior. Pegou o pote com as cápsulas e ingeriu três antes entrar no banho.

O que ocorreu depois foi um borrão, como se não lembrasse do que havia acontecido. Ouviu apenas uma conversa distante.

- Obesidade era algo sério e bem quando pensei que ela estava conseguindo se controlar, descobro que fazia uso de tarja preta...

Tentou contestar e se defender, mas foi detida pela própria exaustão. Sentiu uma tontura ao tentar levantar a cabeça e apagou.

Mariana e seus quilos de felicidade

Sabrina Thethê Danieli Leite

E mais um dia se inicia com o irritante som do alarme de Mariana. Ela acorda, se arruma, recebe um beijo de sua mãe e é levada para a escola por José, seu motorista. Ao chegar, é logo recebida com xingamentos e as bolinhas de papel arremessadas em sua cabeça. O dia todo é assim. Ana – como era chamada por seus pais – não conseguia dar um passo dentro de sua escola sem ser chamada de gorda, “tribufu” ou até mesmo de peste. Quando o pesadelo acaba, vai direto pra casa, almoça a comida preparada por dona Matilde, sua empregada, e vai pro seu quarto. Três horas da tarde, seu iPhone toca o alarme avisando o horário de tomar seu antidepressivo. Mariana toma e começa a falar sozinha em frente ao espelho:

– Eu não aguento mais ser assim! Queria tanto ser como a Nina Schmölter. Ela é perfeita! Seu corpo, seu cabelo, seu rosto... Todos os meninos são pirados por ela! Ah, e eu... eu continuo sendo a garota gorda, feia e depressiva que sofre bullying na escola! Preciso tomar alguma atitude...

Ana para de falar, pois sua mãe acaba de chegar do trabalho e entra em seu quarto para rever a filha:

– Oi, meu amor! Como foi o seu dia na escola hoje?

– Ah, normal...

- Que bom, filha. Estava voltando do trabalho e acabei trazendo um bolo de chocolate pra você.

- Eu não quero, mãe! Já disse pra você que estou gorda. Se eu continuar comendo assim, ninguém nunca vai gostar de mim, vou continuar sendo essa “tribufu” – fez aspas com os dedos – como dizem os garotos da minha escola.

- Mas, minha filha... você é linda. Pelo visto teremos que aumentar as suas consultas de terapia com a Dra. Carla.

- Está bem, mãe, está bem! Agora vá embora do meu quarto!

Ana fica por mais horas e horas dentro de seu quarto com o ar condicionado ligado e se enrolada em seus lençóis de seda até chegar a hora do jantar. Oito e meia, desce as longas escadas de mármore e vai até a sala de jantar. Chegando lá, seu pai e sua mãe já estão sentados na mesa.

- Olá, minha filha! – diz Paulo, seu pai.

- Oi, Pai... – diz Ana em um tom desanimado.

Todos começam a comer a deliciosa lasanha preparada por Dona Matilde, e durante o jantar, Mariana fica a maior parte do tempo pensativa e quieta, até que resolve se pronunciar:

- Pai, mãe, quero avisar vocês que eu não aguento mais olhar para mim no espelho todos os dias. Estou me sentindo cada vez mais gorda e mais feia, os dias na escola se tornam cada vez mais difíceis e duros. Eu não estou mais suportando minha vida. Estou pedindo de coração agora

que me levem a um nutricionista e contratem um *personal trainer* para que eu possa realizar o meu sonho de, pelo menos uma vez na minha vida, ser magra! Eu sei que vocês me acham linda e tudo mais, mas eu não! Por favor, me ajudem.

Os pais ficam espantados com o desespero da filha e acabam não tendo reação. Após um minuto de silêncio total, o pai resolve se pronunciar.

- Aninha, se essa é a sua maior vontade, eu estou disposto a ajudar, dinheiro pra mim não é problema, você sabe. Mas, continuo achando essa ideia muito exagerada. Você é linda, minha filha!

- Pai, só eu sei pelo que estou passando. E lhe garanto que não é fácil. Faria de tudo pra poder ficar pelo menos um dia sem ser chamada de gorda na escola.

- Tudo bem, querida, eu entendo. Pode me passar a conta bancária dos profissionais que serão contratados que amanhã de manhã mesmo eu deposito o dinheiro.

- Obrigada, pai!

Ana se despede de seus pais e dos funcionários de sua casa e volta para o seu quarto. Seis horas da manhã do dia seguinte, começa tudo de novo, sua rotina infeliz e tediosa se inicia sendo marcada pela presença ilustre do mais novo casal, Nina e Guto. A pobre garota entra em choque ao saber que sua paixão adolescente está namorando com a garota mais bonita e popular da escola. Ao andar pelos corredores do Colégio Santa Cruz, Ana escuta rumores:

- Você viu?! Não acredito que eles estão namorando.

- Tinha que ser, né? Os dois mais lindos da escola.

- Certeza que ela vai ser traída!

Ana passa o dia inteiro aborrecida com a péssima novidade, e para tentar mudar essa situação, a primeira coisa que faz ao chegar em casa é contratar os melhores profissionais de São Paulo especializados em emagrecimento. A garota, morena dos olhos verdes, que era frustrada por ser gorda, mais uma vez vai para a frente do espelho, toma uma dose de seu antidepressivo e diz para si mesma:

- Eu vou emagrecer e o Guto vai cair aos meus pés! Eu vou, eu consigo!

Ela está definitivamente confiante e determinada pela primeira vez em sua vida. A garota começa seus treinos e dietas, mas com uma condição imposta por seus instrutores: que todos os espelhos da casa sejam retirados, fazendo com que ela só possa ver o resultado final. Foram necessárias algumas semanas para a transformação de Aninha. Um dia antes dos resultados serem revelados, ela não aguentava de ansiedade e animação. Por mais ela já tivesse percebido uma grande diferença, ainda não tinha se visto com o novo visual.

E foi no dia primeiro de agosto que a garota viu sua transformação. Estava magra e “linda” segundo seus padrões. Nesse dia, antes de ir à escola, se arrumou como se estivesse indo para uma festa. Ao chegar, a escola inteira parou. Foi um choque total para todos. A

garota que era gorda e tida como a “aberração da escola” era até mais bonita que a fabulosa Nina Schmölter. Ao passar pelos corredores, Ana era abordada por várias pessoas que antes riam de sua cara:

- Aninha, mas que transformação, não? - Dizia Nina.

- Ni... Nina? - gaguejou Ana.

- Eu mesma! Essa semana vai ter uma festinha na minha casa, quero muito que você vá! Estou te esperando lá, hein?

Ana fica meio paralisada ao escutar isso da garota mais popular da escola, aceita o convite e continua sua jornada, até que Guto, sua paixão platônica do colegial, a para no corredor e diz:

- Mariana, você está uma gata hoje!

Mari fica em silêncio por alguns segundos, então agradece com a voz trêmula.

-Ah, obri... obrigada, Guto!

E é o dia todo assim, recebendo elogios e sendo abordada por pessoas que nunca tinham notado a existência dela naquela escola, e se notavam, zombavam dela por ser gorda e diferente do padrão. Depois de chegar em casa, Mariana passa o dia todo pensativa sobre o que passara naquela manhã. Mais uma vez, após o almoço, vai para o seu quarto, toma seu antidepressivo e começa a conversar consigo mesma na frente do espelho:

- Então é esse o sentimento de ser uma pessoa magra e aceita pelos padrões? Cara, que grande merda! Eu nunca me senti tão usada, fútil e objetificada em toda a minha vida. Pessoas que nunca notaram a minha existência dentro daquela escola hoje vieram falar comigo só porque eu estou magra? Quanta falsidade e interesse as pessoas possuem dentro de si! Hoje foi sem dúvidas um dos piores dias da minha vida. Cansei de ser julgada pelos outros, cansei de ligar para a opinião das pessoas ao meu redor! Simplesmente cansei! Vou mudar de escola e seguir minha vida, vou ser feliz do meu jeito, e fazer as pessoas gostarem de mim da maneira que eu sou.

Mariana muda de escola e acaba parando de tomar seus antidepressivos. Agora ela é uma garota feliz e livre de pressões dos padrões impostos pela mídia.

O apartamento

Mariana Vicente

Todos os dias, Milena passava por mais de mil lojas localizadas nas ruas do Rio de Janeiro. Apesar de morar em um bairro simples, vivia em um aconchegante apartamento, decorado com produtos caros. Quem entrava em sua residência não imaginava que ela estava com diversas dívidas e contas atrasadas para pagar.

Milena era o tipo de mulher que não conseguia economizar. Passava em frente das lojas e não resistia em entrar para checar o preço dos produtos. Podia ser loja de roupas, de itens de decoração ou até mesmo de brinquedos infantis, ela arranjava uma desculpa para comprar alguma coisa.

“Essa roupa serviu perfeitamente em mim! Preciso comprá-la.” dizia ela, mesmo quando a calça estava um pouco comprida, “mas nada que uma costureira não resolva pra mim, não é mesmo?” ela pensava.

“Nossa! Finalmente achei o quadro que eu estava procurando pra minha sala de jantar”, dizia a mulher, que não tinha uma sala de jantar, mas planejava criar uma dentro de seu pequeno apartamento.

“Meu sobrinho vai gostar tanto desse brinquedinho! Mal posso esperar pra dar pra ele”, dizia Milena, a cada brinquedo que encontrava dentro da loja infantil.

Cada dia comprava mais coisas. Seu apartamento, que já era pequeno, ficava cada vez menor de tantos objetos que ela colocava

dentro dele. Mas, mesmo assim, não conseguia parar de comprar. Para ela, o preço não importava, era só passar o cartão e trabalhar bastante para conseguir pagar depois.

Certo dia, Milena ouviu alguém bater em sua porta. Era Cláudio, cobrando o aluguel do apartamento, que estava atrasado havia três meses.

- Dona Milena, a senhora sabe que eu não gosto de cobrar, mas suas dívidas estão prejudicando os ajustes do prédio... Os moradores já estão reclamando que todos pagam as reformas, enquanto você nem o aluguel está pagando. - Disse o homem, calmamente.

- Ah, seu Cláudio... - Respondeu a mulher, triste com a situação - eu queria tanto poder contribuir, mas não tenho dinheiro o suficiente para isso...

- Mas, Dona Milena, se a senhora não consegue pagar o aluguel da sua própria residência, temo que terei de tirá-la da senhora...

Percebendo a gravidade da situação, Milena respondeu:

- Tirar o meu apartamento de mim?! Não! Sem chances! Vou pagar o senhor até o fim desse mês, eu garanto.

Ela só não sabia como. Depois de Cláudio dar mais uma chance à mulher, ela só conseguia pensar em como poderia fazer para manter seu tão amado apartamento. Mas além do aluguel, Milena tinha muitas outras dívidas para pagar, e seu trabalho não estava mais rendendo o dinheiro necessário.

Uma semana depois, a mulher recebeu a notícia através de uma ligação de celular de que havia ganhado na loteria. Ganhara 15 mil reais, o dinheiro exato para pagar os aluguéis do apartamento e suas outras muitas dívidas e ainda sobrava um dinheiro para gastar com o que desejasse.

No caminho para pagar suas dívidas e o aluguel, Milena passou em frente de uma loja de joias de luxo e se apaixonou por um dos colares expostos, que custava 5 mil reais. Ficou com uma enorme dúvida: pagar suas dívidas ou comprar aquele colar de pedras preciosas e brilhantes que tanto desejava?

A compulsão da mulher por compras não a cegou daquela vez. O amor por seu apartamento foi maior do que o seu desejo de consumo. Milena decidiu quitar suas dívidas. Pagou o apartamento, as contas que precisava e ainda sobraram 5 mil reais para ela, que foram guardados para alguma emergência.

Depois de quase perder sua residência, Milena percebeu que tinha muitas coisas sem valor para ela, mas que podiam valer muito dinheiro. Começou, então, a separar o que ela usava e o que não usava. Vendeu algumas coisas e colocou o dinheiro em uma poupança, junto com o que sobrou do que ganhara. E tudo aquilo que ela não havia conseguido vender, Milena doou para quem realmente precisava. Aquela ligação havia mudado sua vida para sempre.

O vício invisível

Fernanda Brollo Forte



Fernanda Brollo Forte

No fim do mês de setembro de 2011, Paola estava prestes a embarcar em uma viagem que planejava fazer havia bastante tempo com mais duas amigas, Helena e Gabriela, para Macau. As três já trabalhavam fazia bastante tempo, então, cada uma tinha guardado uma poupança especial para fazer essa viagem. Elas estavam super animadas para conhecer aquela linda cidade do Oriente, as lindas praias que havia lá, os pontos turísticos e tudo o que aquela grande cidade tinha para oferecer. Porém, onde elas mais queriam ir era ao grande cassino, especialmente Paola, que sempre teve interesse em ir a um cassino, mas nunca tinha tido uma oportunidade como essa.

Elas arrumaram suas coisas e foram para o aeroporto. Chegando a Macau, muito cansadas, foram para o Hotel Sands, um dos hotéis mais tradicionais e com um dos cassinos mais famosos, com aspectos bem parecidos com os cassinos de Las Vegas. No dia seguinte, Helena teve a ideia de elas irem conhecer um pouco da cidade. Foram visitar as ilhas de Taipa e Coloane, onde o mar era cristalino e havia uma linda beleza natural exuberante; depois, foram visitar alguns museus e o grande centro histórico. Paola estava achando tudo aquilo muito lindo e muito divertido, mas ela só conseguia pensar em que hora ela iria poder conhecer o grande cassino.

Após um longo dia, voltaram para o hotel e decidiram que à noite iriam descer e finalmente conhecer os jogos. Ao chegar lá, Paola ficou deslumbrada com tantas atrações, apostou na sorte de principiante e conseguiu ganhar um prêmio muito alto em uma slot machine. A moça ficou encantada com tudo aquilo, naquela hora se esqueceu de tudo e conseguiu até se perder de suas amigas. Após um tempo, Gabriela a encontrou e começou a ficar preocupada, pois em uma noite Paola jogou todo o dinheiro que tinha ganhado e, pior, conseguiu perdê-lo. Então, após uma longa noite, Gabi levou-a para o quarto. Paola não tinha condições de ir sozinha, tinha bebido demais e estava muito ligada nos jogos para conseguir parar.

Alguns dias se passaram e a viagem estava chegando ao fim. Tudo aquilo despertou alguma coisa em Paola, ela não sabia o que era, ela só percebeu que tinha uma vontade irrefreável de jogar, mas ela não contou nada disso para as suas amigas, pois achava que esse sentimento iria passar quando elas voltassem para São Paulo. Ao chegar, a sua família estava à sua espera, seu marido João e seus dois filhos, Guilherme e Pedro. Logo após a sua chegada, João disse a ela que tinha recebido uma oferta de trabalho muito boa, mas que eles iam ter que se mudar

para Portugal. Paola ficou muito transtornada com aquela notícia, sabia que iria ser bom para a sua família e que ia melhorar mais ainda as suas condições de vida, porém, ela gostava muito de seu trabalho e de sua cidade natal.

Após algumas semanas, ela conseguiu transferir o seu trabalho para Estoril, uma cidade bem perto de Lisboa. Estava muito feliz com tudo o que estava acontecendo, mas ela não tinha esquecido de sua vontade compulsiva de jogar. Após algumas semanas já em Portugal, Paola foi assistir a um espetáculo. Quando estava voltando para sua casa, avistou o cassino do Estoril. Ela não conseguiu se segurar, teve que entrar e jogar um pouco. Sentou-se a uma máquina e conseguiu ganhar 100 euros, a adrenalina daquele prêmio foi o começo do fim. Quando foi perceber, o sol já estava surgindo e ela tinha passado a noite inteira apostando seu dinheiro, e perdendo a maioria das vezes.

Após aquele dia no cassino, a sua vida mudou por completo. Paola começou a frequentar a sala de jogos todos os dias. Ela quase não ia mais ao trabalho, bebia muito café durante o dia inteiro para conseguir jogar até anoitecer e mentia todas as vezes para o seu marido quando ia jogar. A sua vida mudou completamente no período de três meses. Quando ele descobriu que ela tinha sido demitida do trabalho e que o ordenado de economista começou a pagar as suas dívidas de jogo ao banco, disse a ela que não estava mais aguentando tudo isso e que precisava de um tempo.

Com essa notícia, as condições físicas e emocionais de Paola pioraram mais ainda, ela não tinha mais como cuidar de seus filhos, pois passava horas e horas em pé, esperando só para poder jogar em sua máquina favorita. Chegou, inclusive, a estar em casa de pijama e sentir

que tinha que levantar de madrugada só para poder jogar. A sua vida não era mais a mesma, tudo tinha mudado muito de repente, seu vício crescera muito rápido e ela não estava conseguindo controlar a situação.

Até que um dia, João estava dormindo e subitamente recebeu um telefonema de um hospital dizendo que Paola estava internada após tentativa de suicídio. Logo em seguida, ele chamou Pedro e Guilherme e os três foram correndo para lá.

Depois de algumas horas, Paola abriu os olhos e se deparou com João e seus filhos em seu quarto, chorando. Ela não estava entendendo nada, não sabia o porquê dela estar em um hospital, pois nos últimos dias ela tinha bebido muito e não conseguia se lembrar de quase nada. Foi aí que João contou tudo a ela. Naquele momento, Paola desabou, sentiu-se muito mal de ter abandonado os seus filhos e de ter tentado se matar. O vício de apostas e jogos a estava consumindo, e ela estava sem controle das situações e de seus atos. Mas, foi naquele momento que Paola jurou à sua família que não iria mais jogar e que iria ficar o mais longe possível de um cassino.

Após longos meses de tratamento em uma clínica, Paola já estava se recuperando e a vontade de jogar já não corria mais em suas veias. João conseguiu perceber que ela estava se recuperando e que estava tentando mesmo mudar, e assim disse a ela que queria tentar de novo ter uma vida ao seu lado. Eles ainda tinham um longo caminho pela frente, mas estavam dispostos a tentar.

Depois que coloquei os óculos

Pedro Fernandez Tonso

Chamam-me Ryan. Logo após meu 10º aniversário, fui empurrado para o teatro. Como já aconteceu antes, quando minha mãe me obriga a fazer algo, geralmente eu fico sozinho. Gosto de ficar sozinho. Mas agora havia estranhos. Eu não gosto de estranhos; e eles não gostam de mim. O professor me cumprimentou sorrindo e eu me escondi atrás de minha mãe.

Fiquei olhando os “atores”: pessoas de todas as idades rindo juntas. Sentei em um banco e esperei minha mãe conversar com a moça do balcão. Ela sempre conversa com a moça do balcão. Andou até mim, beijou-me e foi embora. Eu estava sozinho.

O professor me chamou, fui para um canto. Fiquei olhando as pessoas por um bom tempo, até minha mãe me buscar. Passou um mês com as aulas sendo todas assim. No começo, me chamavam de esquisito, mas com o tempo foram me esquecendo. Pouco a pouco, o mundo se relacionava menos comigo. E eu com o mundo.

Um dia, ouvi o professor falar algo sobre rituais. Lembrei da minha avó e me interessei. Para a minha decepção, não eram os rituais da minha imaginação. Ele falou que, antes de atuar, é necessário um ritual para entrar no personagem, e que algumas pessoas gostam de usar o mesmo para sair. Disse, também, que esses rituais podem ser desde um jeito específico de andar ao entrar em cena até uma meditação para concentrar.

Depois de explicar algo, geralmente o professor pedia para nós tentarmos. Eu nunca fazia, mas daquela vez eu quis. Timidamente, abri o zíper do meu casaco e mexi meu ombro: um dos lados caiu ligeiramente. Senti-me mais confiante. O professor gostou. Disse que poderia ser melhor algo mais impactante. Peguei um par de óculos escuros e coloquei. Ele sorriu e me pegou pelo ombro com a intenção de me levar para a luz. Encarnando o personagem, tirei a mão dele e disse:

- Eu sei andar sozinho.

- Está ótimo, que confiança! Você é o maior, todos querem ser que nem você - o professor sugeriu uma personagem.

Usei todo o meu conhecimento de pessoas populares para interpretar o “fodão” até o final da aula. Todos aplaudiram, foi ótimo. Até tive orgulho da minha criação. Depois, tirei os óculos e fechei o casaco, voltando para a minha vida.

Acho que meu professor viu algum talento nessa brincadeira, pois na aula seguinte pediu para eu repetir. Logo, fui convocado para fazer o “fodão” em uma peça. As falas só saíam da minha boca, não precisava ensaiar, improvisava sempre.

Eu era tímido na escola e em casa e extrovertido no teatro, sempre de óculos e agasalho aberto. Vários anos se passaram assim. O meu personagem foi ficando conhecido. Antes de entrar em cena, olhava para o espelho e, tirando e colocando os óculos, conversava com ele:

- Mais um dia, hein?

- Você está falando sozinho, seu idiota. Fica de olho na porta, alguém pode aparecer.

- Fica tranquilo, estou prestando atenção. Só hoje, posso te fazer um pedido?

- Fala, moleque.

- Preciso de você. Quero sair com uma garota, o nome dela é Priscila. Mas tenho muito medo, queria que você me ajudasse só no começo, para ter coragem.

- Você é mesmo muito covarde não é não? Mas, vem cá, ela é gostosa?

- Pode apostar que é.

- Então não vejo problema.

Ouvi um barulho. Parecia que a peça ia começar. Abri o casaco e fiz de maneira automática. Quando ele assume, parece que eu nem estou lá, parece que estou apenas assistindo sua performance. Quando acabou, fui me trocar para encontrar a Priscila.

Tínhamos combinado em um barzinho calmo. Parecia aconchegante. Cheguei mais cedo e fui para o banheiro me preparar.

- Eu só preciso que você fique no começo, depois, vou tirar os óculos e assumir.

- Tá... tá... já sei. Cê vai comer ela hoje!

- Só... não faz nenhuma merda...

Enquanto ia para a mesa, ela chegou. Estava linda. Coloquei os óculos:

- Está arrumada assim para mim? - Ela sorriu.

Pedimos uma cerveja artesanal.

- Você sabia que as primeiras cervejas artesanais foram criadas por mulheres? Algum dia você vai me fazer alguma? - Como ele sabia daquilo? Enfim, estávamos nos saindo muito bem.

- Posso tentar, mas para isso você precisa vir em casa - respondeu ela com tom de malícia.

Acho que já posso assumir daqui, pensei. Tirei os óculos, minha única garantia que ele deixaria eu assumir o corpo de Ryan.

- Nossa, você tem olhos! Pensei que os óculos fizessem parte de você - brincou.

- Hahaha, engraçadinha.

Os berros dos torcedores de futebol agrupados em volta de uma tevezinha não nos deixavam conversar.

- Vamos lá para fora? - sugeriu ela.

- Claro! - respondi. Como ele pode falar sem os óculos? Comecei a me preocupar.

Eu já estava no clima, ela também. Os olhares se perfuravam, a troca de fluídos era iminente.

- Eu vou fazer isso. - Escutei a voz dele na minha cabeça. Irritei-me muito, ele não ia estragar a minha noite. Não daquela vez!

Num rápido movimento, minha mão pegou os óculos e colocou. Não fui rápido o suficiente para reagir e, quando vi, ele já estava assumindo, com ela no colo.

Foi a pior sensação da minha vida: assistir a um personagem meu abraçando e se esfregando na menina que eu gosto.

Foi como uma morte para mim. Quando acabou, me senti mais e mais afastado.

Depois disso, nunca mais assumi o controle daquele corpo que fora meu.

Vozes

Sophia Buzzacaro Braz

“Bom dia, sr. Mad, estes são meus novos alunos deste ano, são eles que farão seus testes de rotina e também lhe darão seus remédios. Quem apresentará o caso?” – disse a doutora, atrapalhando meu sono. Ela parecia diferente depois que voltara das suas férias de nove dias: se atrasou por dezessete minutos e quarenta e cinco segundos, terei de prestar atenção nela, alguma coisa está errada.

Poucos segundos depois, um dos alunos, meio escondido entre as pessoas, levantou a mão e deu três passos para a frente. Homem de altura média, cabelo escuro, pele escura e olhos claros, parecia uma cobra. Não gosto de cobras. Suspeito. “Eu vou apresentar, doutora. Charles Mad, trinta e cinco anos, foi transferido para este hospital aos vinte anos do Sírio-libanês, onde passou apenas dois anos. Foi admitido lá com treze cortes profundos nas costas, foi diagnosticado com esquizofrenia. Hoje em dia, com a nova combinação de remédios que a doutora prescreveu, sr. Mad não tem mais experiências esquizofrênicas” – disse, metido, recitando meu passado. Tinha alguma coisa estranha nele, embaixo do seu nome costurado no jaleco havia manchas que pareciam de café, três gotas.

A doutora, os alunos e o olho de cobra estavam saindo do meu quarto. Então, percebi outra coisa incomum: no sapato do olho de cobra, uma massa cinzenta, talvez cimento. Agora sim, não é coisa da minha cabeça, tenho certeza, tem alguma coisa errada com ele, se eu falasse com alguém, eles iam achar que eram as vozes de novo e me dariam mais remédios.

Talvez eu realmente precise de mais remédios, eu tenho ouvido algumas coisas que não tenho certeza se são de verdade, mas a alta dosagem me deixa muito tonto e com náuseas. Eu consigo suportar algumas vozes, não tem problema.

Não fiz nada o dia inteiro, assisti um pouco de televisão e andei pelo hospital, o que faço usualmente. Fui dormir.

“Bom dia, Charles, trouxe os seus remédios, mas antes, temos que fazer seus exames de rotina” – falou, quase gritando, quebrando o silêncio do meu quarto e acendendo a luz.

“Não tome o remédio, ele mudou a dosagem, mudou o próprio remédio, vai fazer você ficar maluco, se é que você já não é...” – disse uma voz grossa, meio rouca que vinha de trás de mim. Me virei rápido para ver quem estava falando. Não tinha ninguém.

Eu tenho que ser mais forte. Eu estou criando tudo isso na minha cabeça, tenho que resistir. Descobri as minhas costas para ele examinar minha respiração, depois de dezessete anos vivendo no hospital já sei a rotina até de trás para a frente. Olhos de cobra ficou um pouco desconfortável em botar o estetoscópio nas minhas cicatrizes. Enquanto ele fazia os outros exames e me pedia para tossir, tentei interagir com ele, ver se ele era realmente o que eu pensava.

“Qual é o seu nome, olhos de cobra?” – perguntei para ele, que achou estranho o nome que inventei.

“Dr. Silva Pereira, mas pode me chamar de Gilberto” – Olhos de cobra falou com um sorriso torto no rosto. Tem alguma coisa errada com ele. “Agora você tem que tomar seu remédio, Charles” – disse ele,

inclinando o copo de plástico na minha direção para que eu pegasse. Ignorei meus pensamentos e tomei meus remédios de uma vez só, sem água nem nada. Já estava acostumado.

Passou um tempo e meu almoço chegou, era uma sopa de berinjela, mas estava com um gosto estranho. Depois de comer, fui dar uma passeio pelo hospital. As pessoas me olhavam de um jeito estranho, toda hora me encarando, sem motivo aparente. Fiquei um pouco perturbado e voltei para o meu quarto.

Comecei a sentir uma coisa estranha. Minha cabeça doía, e eu sentia muito frio, estava com febre. “Foi o remédio, Gilberto alterou o remédio, mudou as doses, você não pode confiar nele” – a mesma voz rouca que vinha de trás da minha cabeça falou. Nem me preocupei em virar ou responder, sabia que vinha tudo da minha mente doente, mas talvez ela tivesse razão, ela disse que aquele médico alterara os remédios e agora eu estou com febre, não pode ser uma coincidência.

A porta se abriu e as luzes se acenderam, “bom dia...” – Olhos de cobra começou a falar, mas o interrompi antes que terminasse. “Chega, eu já sei o que você vai falar, então não precisa falar, faça os exames e me dê meus remédios, em silêncio!” – falei, sem paciência. Ele fez os exames e quando me deu meus remédios, botei-os debaixo da língua. Quando Gilberto saiu, cuspi os comprimidos e os joguei pela janela.

Uma semana se passou e eu não tomei mais nenhum remédio. Agora não era mais uma voz, eram tantas que parei de contar. Às vezes, elas falavam coisas que faziam sentido, outras nem tanto... Eu tentava só ignorar as vozes más. Elas ficavam insistindo pra que eu matasse o Olhos de cobra, que realmente a cada dia estava mais estranho, mas isso não justifica tirar a vida de outro ser humano.

O tempo foi passando e a quantidade de vozes não parava de aumentar, as vozes que fazem sentido diminuía e as maldosas aumentavam.

Tentei voltar aos remédios, mas parecia que o que estava dentro da minha cabeça era tão poderoso que, além de não tirar as vozes ou diminuí-las, fazia-me passar mal, ter febre, tremores, náuseas, tontura e as vezes até vômitos.

Minha vida virou um inferno, eu não conseguia mais suportar. Eu não consigo me lembrar desde quando as vozes vêm me seguindo, mas de algum jeito, antes eu tinha conseguido contê-las. Quer dizer, parecia que por todo o tempo que as contive elas só foram crescendo e se fortalecendo e agora, me acharam e eu não tinha mais onde me esconder. Eu não tenho mais sanidade.

O único jeito de fazer com que elas parassem era fazer o que elas queriam. Mas será que valia a pena? Tirar a vida de alguém saudável, inteligente, com um futuro... Será que mesmo que eu tirasse a vida dele as vozes iriam realmente parar? Eu não conseguiria viver com o peso de ter matado alguém por nada, será que era realmente o único jeito de fazer com que as vozes parassem?

Eu já não conseguia mais pensar direito. As vozes não paravam por um segundo. Não sabia o que fazer, não conseguia nem pensar no que fazer.

Então eu fiz. Fiz o que era preciso e não fiz mais nada, para sempre, nem ouvi mais vozes.

Uma chance de recomeçar

João Novaes Baccarini

Em uma noite escura, na pacata cidade de South Park, havia um homem mal encarado atravessando uma ruela. Esse homem se chamava John e sempre passeava pela madrugada nessa mesma rua, desconfiado e olhando para os lados. De identidade secreta e aparência tímida e jovem, seus olhos atentos procuravam algo: mais uma vítima.

Em uma dessas noites, o misterioso ser viu passar uma bela jovem de cabelos loiros e longos que chamavam a atenção de qualquer um. Seu jeito não revelava qualquer preocupação ou medo enquanto ela era observada por John. À primeira vista, a vontade insaciável de matar atiçou o homem, que pressentiu o acontecimento do próximo assassinato da cidade.

No dia seguinte, uma vez mais buscou pela linda loira, observou-a entrar no principal café da região e seguiu-a até lá. Quando a jovem se sentou, acomodou-se ao seu lado e não esperou muito para puxar uma conversa agradável. Ele era muito bom nisso. Descobriu seu nome, Mary, que minutos depois percebeu que estava tarde e decidiu voltar para casa. Com a companhia, é claro, de seu admirador, que de longe observava seus passos e tinha uma opinião diferente da dela sobre o horário: ele achava que ainda estava muito cedo.

Noite vai, dia vem, a moça apareceu novamente. Dessa vez mais ofegante, parecia atrasada. O homem a observou de longe, aproximou-se, novamente puxou assunto, oferece-se para levá-la em casa, já que estava tarde. A moça, mesmo sendo uma feminista, aceitou educadamente o convite e disse que não morava longe. Os dois, lado a lado, caminharam pelas ruas, enquanto contavam de suas vidas um para o outro. Cada

passo dado pelas pernas da jovem era registrado na cabeça de John que, inquieto, buscava o momento certo. Finalmente os dois chegaram até uma pequena vila de casas, sendo uma das primeiras a residência de Mary. A poucos metros da casa, o assassino puxou sua arma e a segurou com a mão esquerda atrás de seu quadril, escondendo-a da moça. Em frente à casa, os dois se despediram e antes de qualquer atitude de John, a menina sutilmente o abraçou e agradeceu, dizendo que estava em um dia ruim e que o homem havia lhe acalmado. Mary entrou em casa e, do lado de fora, John pensou no estranho acontecimento. Naquele momento, seu coração bateu mais forte com uma vontade não de machucar Mary e sim de protegê-la.

Todos os dias o rapaz seguia a moça e sempre que possível a acompanhava até sua casa. Num desses encontros, contou um pouco de sua vida, que morava sozinho, não tinha muitos amigos e sentia uma enorme tristeza sobre o mundo. Sem se reconhecer, sentiu vontade de rir, chorar, correr, gritar, uma verdadeira explosão de sentimento. Pela primeira vez, percebeu que o amor tomara conta dele.

Depois desse dia, sua vida mudou. Ele nunca mais conseguiria ser o mesmo, prometendo para si mesmo que iria trabalhar honestamente e namoraria com Mary. De tempos em tempos, lembrava do peso que carregava em suas costas, o que o deixava triste. De certa forma, porém, aprendera a lidar consigo e conseguiu seguir em frente. Como diz o rapper Mano Brown, “até no lixão nasce flor”.

Primeira vez

Manuela Mello Boaventura

Oi, meu nome é Renata. Hoje em dia, eu tenho 34 anos, mas vou te contar uma coisa que aconteceu comigo quando eu tinha 17. Eu era uma jovem com muitos sonhos na cabeça, muito inocente, muito risonha e, pelo menos pra minha mãe, eu era a menina mais bonita que existia. Eu tinha acabado de mudar de escola, decidi mudar para fazer o 3º ano do ensino médio numa escola mais forte, pois tinha como objetivo passar em medicina de primeira numa faculdade pública. Eu não tinha problema em mudar de escola, porque passei minha infância inteira mudando de cidade por causa do trabalho do meu pai. Porém, eu já tinha me acomodado na minha antiga instituição, já estava lá havia 4 anos, já tinha me estabilizado, já tinha meu grupo de amigos. Mas fazer o que, né? A gente tinha que estudar.

O primeiro dia de aula foi difícil, eu não conhecia ninguém. Fiquei na minha, quieta em um canto. Ninguém veio falar comigo, mas tudo bem, naquele ano o foco seriam os estudos. No segundo dia, o cenário já foi um pouco diferente: conheci uma menina que se chamava Ana. Ela foi falar comigo e logo viramos amigas, grandes amigas. Acho que, depois disso, eu me permiti ter um pouco de tempo naquele ano para amizades. Depois de um mês na nova escola, eu já estava amiga de todo mundo, acho que foi a melhor mudança que aconteceu pra mim, eu sentia que tinha estudado lá desde sempre e que eu conhecia todos desde pequena. Só que comecei a perceber que as coisas não iriam ficar assim para sempre.

Em uma certa conversa, surgiu o assunto virgindade e todos começaram a contar suas experiências; aí, chegou a minha vez. Só de ouvir tudo aquilo, eu já ficava meio perdida, não sabia o que falar, eu era virgem ainda e mais ninguém ali era. Na minha cabeça, só apareciam pensamentos que me diziam que eles (colegas) não iam mais falar comigo porque eu era uma criança. Não foi bem isso que eles fizeram, mas eles não entendiam como aquilo ainda não tinha acontecido. A pressão começou a pesar no meu ombro. Antes, eu tinha uma ideia de que deveria ser especial, mas esse pensamento se perdeu ao longo do tempo. A pressão aumentou cada vez mais.

Meus amigos me arranjaram um amigo deles para que finalmente pudesse acontecer. Eu conversei por alguns dias com o Sílvio (esse era o nome do menino que eles tinham me arrumado), mas ele nunca foi de puxar papo, me ignorava. Bom, até aí tudo bem, eu só precisava que algo acontecesse. Combinamos no dia 23 de setembro na casa dele, um sábado à noite, sem os pais dele lá, perfeito para rolar algo. Quando eu cheguei, ele nem conversou, só puxou minha mão e me levou para o quarto. Tudo bem que aquele era meu objetivo, mas eu não estava me sentindo nem um pouco à vontade. Mesmo assim, as as vozes dos meus amigos na minha cabeça falavam mais alto do que qualquer coisa.

Posso dizer que rolou, mas rolou sem sentimento, saí de lá estranha. Estava me sentindo um pouco aliviada da pressão, mas com certeza tinha um peso na minha consciência. Cheguei em casa e a primeira coisa que fiz foi mandar mensagem pra Ana, para poder me sentir aliviada de vez. Ela me pediu para ligar para contar tudo, mas eu não liguei, falei que ia dormir; só que o peso da minha consciência não me deixou relaxar. E pelo visto, bem na hora em que eu contei, ela já

espalhou para todo mundo. Chegaram mensagens de todos perguntando como tinha sido, uns até me mandaram parabéns. Demorou algumas horas, mas eu consegui dormir.

No outro dia, acordei com uma dor de cabeça que eu nunca tinha sentido. Nem olhei meu celular de manhã, não queria ver nenhuma mensagem. Cheguei à escola e senti que todos estavam me olhando; achei que era coisa da minha cabeça, até uma menina com quem eu nem conversava chegar pra mim e falar que tinha amado o vídeo, que eu a tinha feito rir muito. Eu não estava entendendo nada, então fui falar com a Ana, ela era a pessoa que podia me ajudar naquela hora, mas a única coisa que ela fez quando eu cheguei perto foi rir da minha cara. Ela pegou o celular dela e me mostrou um vídeo. Era escuro no começo, mas depois, eu pude perceber que era um vídeo meu da noite anterior. Pelo vídeo, eu pude perceber que o Sílvio sabia que estava sendo gravado, que tudo era programado.

Eu já não tinha mais chão àquela hora, minha vida tinha acabado. Se eu estava com um peso na consciência, ele aumentou muito mais. Eu só chorava e ninguém me ajudou no momento em que eu mais precisava. Precisei ir embora da escola, não consegui ir pra lá por duas semanas e quando eu voltei, as coisas só pioraram pra mim. As pessoas continuavam rindo da minha cara, ninguém perguntou se eu estava bem. Não consegui mais ir pra lá, o meu ano de estudos acabou. Meu sonho da faculdade de medicina foi interrompido e deixado de lado.

Mas não quero terminar de contar minha história de um jeito triste. Minha vida foi arruinada, até hoje estou traumatizada, choro todos os dias, mas nunca abandonei meu sonho de ser médica. Hoje é meu primeiro dia na faculdade, passei em segundo lugar. Não foi no

tempo planejado, mas espero que dessa vez eu sobreviva à pressão e consiga ser eu mesma, podendo me formar sem que nada atrapalhe meu caminho.

As dificuldades de adaptação

Pablo Cayres Dutra

Douglas, um estudante de segundo colegial de uma escola pública, sempre foi um garoto muito aberto em relação às suas ideias e à maneira como se sentia. O jovem tinha uma vida comum, mas estava prestes a sofrer uma drástica mudança: seu pai, após receber um aumento de salário, decidiu tirar Douglas de sua escola e o transferir para uma com um ensino melhor, particular. O processo foi rápido e em menos de duas semanas ele já se encontrava em sua nova escola. Por mais que ele não estivesse muito contente com a ideia, não tinha muita escolha e sua melhor opção era se adaptar o mais rápido possível.

Logo após a primeira semana de aula, o garoto já estava voltando com reclamações para casa. Estavam tirando sarro do seu jeito, de suas roupas e até mesmo do seu lanche, que levava todos os dias por não possuir dinheiro suficiente para comprar na cantina. Tais coisas nunca haviam ocorrido em sua antiga escola e, tampouco, qualquer outro tipo de problema. Seus pais, ao notarem essas recorrentes reclamações, decidiram ir até a escola falar com a diretoria. Entretanto, a escola lhes disse que nenhum acontecimento desse tipo estava ocorrendo nem qualquer outro grave o bastante para que houvesse uma intervenção. Desse modo, os pais do estudante começaram a achar que não era nada muito sério e deixaram de lado.

Após meses de recorrentes problemas, Douglas, que costumava ser muito aberto quanto às suas dificuldades, começou a se fechar cada vez mais, até o ponto de se tornar um garoto totalmente sozinho.

Decidido a mudar sua atitude e reverter sua situação, o garoto tentou mudar o seu jeito de ser: logo se viu pegando dinheiro escondido dos pais para comprar roupas de marca e poder lanchar com seus colegas.

Um mês se passou quando seus pais perceberem e lhe deram a maior bronca de sua vida até o momento. Obrigaram-no a vender suas roupas, argumentaram que não eram necessárias tais atitudes para que ele conseguisse se enturmar. Logo, como esperado, todos aqueles problemas voltaram à tona.

Seus pais, percebendo a tristeza do filho, fizeram uma proposta: deixariam ele voltar para sua antiga escola em troca de um rendimento acadêmico excelente. Douglas concordou sem hesitar e, finalmente, seus problemas sociais acabaram. Por outro lado, seus problemas escolares estavam apenas começando.

Feimata

Rafael Pluciennik Faustinoni e Silva

Desde que Bonny caiu da minha cama, eu estive no exército. Sim, Bonny era meu rinoceronte de pelúcia. Eu o vi caindo quando me tiraram de casa, e depois nada foi como antes... Estar na guerra não é nada divertido ou heroico como retratado nos filmes americanos. É sofrimento e assassinato todos os dias.

Já se fazia oito anos que eu era soldado da FRU e Serra Leoa continuava em conflito. Pensava que a guerra nunca iria acabar.

- Acordem soldados! Sem preguiça! Vocês não são homens de verdade?!

- Lahoud, você não vai se levantar? Seu merda!

Era assim que o nosso líder, Foday Sankoh, nos acordava todos os dias. Logo depois, treinávamos um pouco e então pegávamos nossos fuzis enferrujados e nossas granadas e íamos para o combate. Muitos inocentes morriam e poucas vezes tínhamos contato com outras pessoas que não fossem soldados, isso tirando os estupros, mas não acho que isso se caracterize como contato humano.

Na verdade, a única vez que tive contato verdadeiro com alguém foi com Feimata, uma jovem que vivia em uma das vilas que invadimos. Conheci essa moça em um pequeno povoado próximo da fronteira com a Guiné, uma região montanhosa, onde até hoje há conflito por

conta da extração de diamantes. Nós ficaríamos nessa vila por tempo indeterminado, até definirmos nossas metas. Acabamos ficando pouco mais de uma semana.

A nossa chegada sempre causava medo e, daquela vez, não foi diferente. Uma jovem saiu correndo assustada assim que nos viu, acabou tropeçando e derrubando o pote no qual carregava água. Me ofereci para ajudá-la a se levantar e buscar mais água. Conversei com ela no caminho e, depois, ela me levou para sua casa.

Era uma garota que, como eu, amava os Beatles e os Rolling Stones. Seu nome era Feimata. Perto dela, eu sentia algo de que já não me lembrava havia muito tempo: paz. Passei os dias que se seguiram ao lado dela, não queria deixá-la; sempre, após as reuniões com os outros soldados, eu voltava para a casa dela e só pela manhã, pouco antes dos outros acordarem, voltava para o nosso acampamento.

Porém, no nosso quinto dia na vila, recebemos a informação de que tropas inimigas, fortemente armadas, estavam se aproximando. Ciente disso, Sankoh nos reuniu para discutirmos como impediríamos que aquele território fosse tomado.

- Os inimigos se aproximam e não podemos ser derrotados! Eles não podem tomar mais nenhuma área do leste desse país!

- E o que você quer que a gente faça? - perguntou um soldado.

-Vamos lutar! E se for preciso, destruiremos a vila, não me importa se todos os moradores morrerem!

- Mas os civis não têm nada a ver com a guerra! - reclamei, angustiado.

- Não me interessa! Você é um soldado da FRU, não pode ter piedade! A nação está acima de todos! Para termos liberdade, precisamos lutar!

Sabendo que a vila seria destruída pelo conflito que se aproximava, fui, na primeira oportunidade que tive, para a casa de Feimata. Me distraí o dia inteiro com ela novamente; porém, quando a noite se aproximou, lembrei-me do que deveria fazer e comecei a explicar meu plano para ela. Falei que deveríamos fugir juntos, tentar deixar o país, caso contrário, eu teria de matá-la ou morreria junto. Mas ela se recusava a deixar a vila.

Os dias foram passando, o meu exército já estava organizado para a batalha e à espera dos inimigos. Eu era punido por Sankoh todos os dias, porque perdia os horários na tentativa de convencer Feimata a fugir, porém sem sucesso. Até que nós fomos informados de que o inimigo chegaria em menos de 24 horas.

Desesperado, deixei meu posto e corri até a casa de Feimata para tentar tirá-la da vila:

- O exército inimigo está chegando, eles entrarão em conflito com meus companheiros, que agora dominam a região! Destruiremos tudo neste vilarejo, você não sobreviverá e provavelmente eu também não. Nossa única chance é fugir.

- Fugir pra onde? O país inteiro está em guerra! Mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer.

- Não posso deixar você morrer, vou lutar contra todos para te proteger se não sairmos daqui!

- Se você fizer isso, vai ser morto!

- Não me importo mais com a morte.

Feimata então caminhou em direção a um velho baú, abriu-o e tirou uma velha pistola de dentro.

- Não posso te deixar fazer isso.- ela disse.

Levou o cano da pistola à boca e puxou o gatilho. Gritei. Pela primeira vez, eu não pensei, apenas senti. Temi aquele som que já estava tão acostumado a escutar. Observei Feimata caindo e o sangue escorrendo na parede do quarto, sem reação. Peguei o seu corpo, agora sem vida, tentei por um momento reanimá-la, mas não obtive sucesso. Então, ainda com Feimata em meus braços, peguei a pistola que ela havia usado. Ouvia o som de tiros à distância e então saí correndo sem rumo para escapar da batalha e enterrar o corpo da mulher. Não podia mais lutar, precisava desaparecer, não via mais um lado a ser defendido, a guerra não tinha mais propósito. O conflito tirou de mim a única pessoa que amei.

Invasão

Pedro Pimentel Dall'Acqua

- Como ousam invadir este país?! Quebrar um acordo é pedir para morrer!

- Acalme-se coronel, iremos contra-atacar logo mais.

- Eu estou calmo! Minha dúvida é como o chefe está, ele não abre a boca já faz tempo.

- Você o conhece, ele é forte, irá superar.

- Não sei muito bem, acho que ele irá ceder seu cargo. Acho melhor eu ir falar com ele...

Começo a escutar alguém andando pelo corredor, deve estar vindo até minha sala. Batem na porta, é o coronel. Que porra ele está fazendo aqui?

- Senhor, está bem?

“Mas que pergunta boba, obviamente está tudo indo mal”, penso eu. Não respondo, não possuo forças e tranquilidade para falar qualquer palavra. Minha ignorância provoca um desconforto no coronel: percebo sua expressão de desespero. Estou agindo errado.

Faço um sinal com minha cabeça para que ele feche a porta. Enquanto ele pratica a ação, preparo dois copos de whisky, um eu

entrego ao coronel, que o bebe de golinhos em golinhos, diferentemente de mim, que viro o copo sem nem mesmo pensar o que há lá dentro. Com isso, me acalmo e sinto confiança de falar algo:

- Senhor, Hitler está chegando cada vez mais perto da capital...

- Mas é óbvio, ele não perderia uma oportunidade para conseguir nossas terras e nos destruir por completo.

Vejo uma expressão de sucesso na cara do coronel, ele deve estar se sentindo melhor por eu estar falando com ele. Ele altera sua postura e se prepara para falar algo:

- Estamos preparando nossas defesas para segurar ao máximo o ataque nazista.

- Mas por que nós devemos nos defender sendo que podemos atacá-los? Usamos essa estratégia já faz tempo, recuamos até um certo ponto, e quando o inverno cair, nós os atacamos, mas dessa vez não teremos o clima a nosso favor.

- E se atacarmos os suprimentos inimigos?

- Iria demorar muito para chegar até lá, com isso eles já chegariam à capital.

- Então devo acionar as tropas para atacar o mais cedo possível?

- Exato. Com isso, Hitler não irá esperar esse ataque e terá que recuar totalmente.

- Entendido, senhor, irei acionar as tropas.

Faço um sinal com a cabeça para que ele se retire. Penso nas bostas que esse ataque pode causar, cidades sem proteção, famílias sendo estupradas e mortas, campos de concentração e um avanço ainda mais forte dos nazistas. A URSS não pode sucumbir. Eu, Stalin, não devo deixar meu país cair nas mãos desse escroto chanceler.

No final do mês de janeiro de 1942, os alemães estavam chegando a Moscou, quando os soviéticos contra-atacaram, fazendo com que Hitler recuasse de volta a Berlim. O contra-ataque foi de tamanho sucesso que conseguiu enfraquecer as defesas nazistas, facilitando a entrada dos EUA na Alemanha pondo, assim, um fim na guerra. Stalin morreu no dia 5 de março de 1953 e até hoje muitos se esquecem de que quem “ganhou” a guerra foi a União Soviética, não os EUA.

Aces

Eduardo Paione Freitas

Reznov acaba de escapar de uma granada, corre para trás de uma parede e os tiros estão estralando ao seu lado. Seu parceiro de guerra, Yuri, está dentro de uma linda casa, ou que pelo menos era linda, até um morteiro cair em cima dela, fazendo com que John perdesse um amigo e a casa se transformasse em destroços. A guerra estava difícil para os russos, as forças alemãs estavam em maior quantidade e o poder de fogo estava imbatível.

Reznov, sob cobertura dos tiros, olha para o céu e percebe que os aviões russos, chamados de aces, estão recuando. No céu restam apenas alguns aviões daqueles que não temem a morte. Os estralos diminuem cada vez mais e os corpos russos no chão aumentam. Reznov, aparentemente, é o único sobrevivente do massacre. A primeira coisa que passa em sua cabeça é se render, mas ele se lembra de que se fizer isso morre, então ouve os alemães se aproximando e se esconde debaixo do corpo de um de seus companheiros, que por acaso está sangrando muito, e se finge de morto.

Após esse evento, Reznov abre o olho e percebe que tudo era só um sonho. Sua vontade de participar da Segunda Guerra continua, porém, ele terá que esperar mais dois anos para se alistar.

É poder demais...

Gustavo Iochua Mejlachowicz

- Atenção, USS Montana. Aqui é A-853. Solicito sua mudança de curso para 15º direção sul para evitar colisão. Distância: 25 milhas náuticas.

No navio:

- Senhor, sinal de rádio com identificação A-853 solicita nossa mudança de curso para 15º sul para evitar colisão.

- Afirmativo, obrigado pela informação. Me mantenha informado caso o sinal se repita.

Minutos depois:

- Senhor, o sinal de rádio A-853 repetiu a solicitação.

O gerente de comunicações pega o telefone da sala:

- Atenção, A-853, solicitação para mudança de curso negada. Recomendo que você o faça sentido norte, para evitar colisão.

- Negativo, USS Montana. Repito: Mude seu curso 15º sul para evitar colisão.

- A-853, você está falando com o Gerente de Comunicações do USS Montana, Sargento Robert Campbell. Solicito sua mudança de curso imediata.

- Desculpe, Sargento, não consideramos tal ação possível seguindo nossas normas internas, muito menos conveniente. Se o senhor não quer uma colisão conosco, mude seu curso 15º sul imediatamente.

Novamente dentro do USS Montana, o comandante analisa tal diálogo, ficando cada vez com mais raiva, sentindo sua autoridade sendo questionada. Até que, depois de várias solicitações negadas, o comandante finalmente pega o telefone da sala de comando e diz para o sinal A-853:

- A-853, o senhor está dialogando neste exato momento com Dylan Robinson, Comandante do USS Montana, o segundo maior couraçado da frota americana, completamente carregado e armado. Nossa viagem atual conta com a companhia de outros dois couraçados de menor porte, também totalmente carregados, dois destróieres da Classe Ticonderoga, ambos capazes de disparar incontáveis mísseis Tomahawk em qualquer direção, além de um submarino nuclear da Classe Ohio. Todas as embarcações citadas fazem parte do Striker Group de Defesa do Porta Aviões Nimitz, da classe da qual é líder, e de mesmo nome. Todas essas embarcações são comandadas nessa viagem por quem aqui vos fala. Solicito pela última vez a sua mudança de curso para 15º sentido norte. Distância: 10 milhas náuticas.

- Desculpe, senhor comandante, preciso lhe dizer que o senhor está dialogando com um farol de luz marítimo, em uma pequena ilha a oeste da Espanha. Solicito pela última vez que sua tropa, ou como quiser

chamar, altere seu curso para 15º sul, pois nem eu nem meu companheiro de turno gostaríamos de contar a nossas esposas que vimos um gigantesco navio entrando no farol em que trabalhamos.

- ...

A viagem de um nordestino à Somália

João Pedro Quitério de Figueiredo Cerqueira

Alberto dos Santos Pereira nasceu em 1967, no município de Ouricuri, no interior de Pernambuco. Filho de um pai alcoólatra, sua mãe se mudou para Campinas logo que ele nasceu. Teve uma infância difícil, pois sua mãe teve que se virar sozinha para lhe criar. Aos 18 anos, decidiu entrar no exército, já que assim ganharia algum dinheiro para ajudar a mãe. Especializou-se em resgates de emergência e, aos 27, já estava concluindo seus estudos.

A vida de Alberto parecia estar indo da melhor maneira possível: ele havia comprado uma casa para a mãe e estava prestes a se aposentar no exército para ir trabalhar em um hospital em São Paulo, para onde se mudaria com a mãe já mais idosa.

Mas numa manhã ensolarada e quente de domingo, ele recebeu uma ligação, era o coronel do seu quartel comunicando sobre um chamado da ONU para que ele servisse por 4 meses na Somália, que estava em uma guerra civil há 8 anos, pois um grupo jihadistas estava tentando tomar o poder do país e a população estava resistindo com luta armada. Então, no dia 3 de julho de 1992, foi aprovada a intervenção militar americana. Como o Brasil era aliado dos americanos depois da segunda guerra, o país tinha que ajudar enviando médicos.

Alberto ficou paralisado. Sua mãe, muito curiosa, escutou o telefone, enquanto ele olhava para a parede como se não houvesse nenhum motivo para viver. Um vazio de emoções invadiu a sala e, como uma tempestade de verão, intensa e repentina, a sala se encheu de

lágrimas. Sua mãe ficava falando que ele não precisava ir e que eles achariam um jeito dele ficar. Mas Alberto sabia que não teria como sair daquela situação.

Dia 28 de julho. Sua mãe o levou para se apresentar ao quartel. Os dois se abraçaram, aquele abraço parecia infinito, nenhum dos dois queriam soltar-se, mas nada dura para sempre. Alberto sentia tanta dor que achou que a frieza era a saída mais fácil: soltou os braços e sua mãe o beijou no rosto como se nunca mais fosse ver o filho de novo. Dentro do quartel em que tinha aprendido quase tudo o que sabia, Alberto viu seus amigos, despediu-se deles e dos amigos que não iriam. A frieza que estava em seu peito era causada por uma mistura de raiva por doar sua vida para uma causa que ele nem sabia qual era, tristeza por deixar sua mãe em casa sozinha e orgulho por estar representando o seu país e salvando vidas.

Dia 30 de julho. Alberto embarcou em um dos aviões de transporte da FAB rumo a Jazzera, uma cidade perto da capital do país, onde a situação estava pior. Alberto não conseguia dormir, o avião balançava muito e era muito barulhento, parecia até que iria cair.

Dia 31 de julho. Alberto desceu do avião em Jazzera, alojou-se no acampamento e recebeu um curso de dois dias de inglês para poder se comunicar com os soldados americanos.

Dia 2 de janeiro. Após ligar para casa, Alberto partiu para sua primeira missão, recuperar um hospital invadido em Mogadíscio para tratar dos feridos. Sem dormir direito há três dias, tirou um cochilo. Uma hora depois, chegaram ao destino. Após muitas horas de conflito, as tropas da ONU conseguiram dominar o hospital. Alberto começou

a trabalhar; três soldados haviam sido baleados, dois na perna e um de raspão no braço. A situação estava sob controle. Depois de dois dias, chegaram mais reforços.

O lugar virou um campo de refugiados com cerca de 10 mil pessoas. Cerca de 15 quarteirões estavam cercados. Alberto estava na triagem. O primeiro contato com quem vinha de fora, já que não sabiam quem estava entrando na tenda de triagem, ocorria sempre com escolta armada. Alberto recebeu um chamado do comandante do seu batalhão. Ele queria que o brasileiro voltasse para a base.

Sem saber por que, Alberto arrumou suas coisas e voltou para Jazzera. No caminho de volta, não conseguia parar de pensar porque estava sendo chamado, já que faltava um mês para a volta para casa. E no meio do caminho, aproveitou e ligou para sua mãe, já que era o horário em que ele ligava todos os dias; mas nesse dia ninguém atendeu.

Quando chegou à sala do comandante, recebeu a notícia. Sua mãe sofrera um AVC e morrera no caminho do hospital. Alberto se lembrava de todos os momentos que passara com ela e tudo se transformou em tristeza. O comandante continuou falando sobre a exoneração e que ele iria voltar ao Brasil. Mas ele nem escutava, continuava chorando até não poder mais e desmaiou de exaustão.

Dia 1 de Fevereiro de 2010. Após reencontrar seu pai e completar o mestrado em medicina, Alberto dirigiu para seu primeiro dia de aula, mas dessa vez como professor de medicina da faculdade.

Algo para lutar

Tito Mansilha da Costa Mina



- Grrr!!!

O velho pega o cano de metal e acerta em cheio a cabeça de Müller, quase deslocando seu ombro enferrujado.

- Eu só queria saber, por que matá-la?

- Tudo acontece por um motivo, não é mesmo?

Pega a arma escondida debaixo do cinto, aponta para a sua cabeça e atira.

20:52

- Já tô indo, Sílvia.

- É, já está acabando o seu turno mesmo.

Harrison, de quase 50 anos, estava se arrumando para sair de seu turno do trabalho.

- Harrison, espere!

Não era um bom ano para o velho. Ele era conhecido por ser uma pessoa azarada, mas naquele tempo absolutamente nada de bom estava acontecendo para ele.

- Fale, Sílvia.

- Eu sei que esses dias estão sendo difíceis para você, então se tu quiseres conversar com alguém sobre o que ocorreu com a Sarah...

- Sílvia!... Just don't.

- Desculpe a grosseria Harry, mas eu também perdi pessoas, e um jeito que me ajudou foi falar sobre as perdas, mesmo não sendo com um profissional.

- Você não faz ideia do que é perder uma pessoa - sai da loja de ferramentas, fechando a porta com toda a sua fúria.

22:14

A morte de Sarah mudou muito a personalidade de Harrison. Triste, rabugento, parecendo um idoso de 70 anos: todo fodido e quebrado. Não tinha mais nenhum parente ou amigo por perto, todos morreram ou deixaram-no, menos Sarah.

Era um ex-militar, um dos melhores da Inglaterra, porém migrou para o Brasil por questões financeiras. Às vezes, tinha pesadelos com os gritos de Sarah, tinha vontade de estourar os próprios miolos a fim de terminar seu sofrimento. E, naquele dia, naquela hora, a vontade voltou. Pegou a arma que estava na gaveta, apontou para a sua cabeça e...

Trimmm, Trimmmmmmm

- Porra - rosnou Harrison, mancando em direção ao telefone - alô?

- Alô? Aqui é o delegado Sebastião do 14º departamento de polícia de São Paulo, será que poderia falar com Harrison Backer?

- É ele mesmo.

- Então, Sr. Backer, nós encontramos o assassino de sua filha...

Biiiiip, Biiiiip

00:57

- Onde estou?

- No inferno.

Harrison tira a máscara do rosto do assassino.

- Não estou na minha cela, e você não é um policial. Quem é você?

(Silêncio)

- Na verdade, eu te conheço sim. Você é aquele policial que passou no noticiário, não é mesmo?

- Müller. É o seu nome?

- Ah, então você sabe falar? E sabe o que é o mais engraçado, eu também conheço a sua filha, ou conhecia...

- Grrr!!!

O velho pega o cano de metal e acerta em cheio a cabeça de Müller, quase deslocando o seu ombro enferrujado.

- Eu só queria saber, por que matá-la?

- Tudo acontece por um motivo, não é mesmo?

Pega a arma escondida debaixo do cinto e aponta para a sua cabeça e atira.

- Aii, porra! Para um ex-militar, você é péssimo de mira.

- Eu não vou matar você até me dar o que eu quero.

- Vai fazer o que então, gringo?

O velho parou por alguns instantes, tentando se acalmar para não estragar o seu plano de tirar informações.

- Por que você a matou?

- Quem? - Perguntou ironicamente.

Sacou uma faca de seu cinto e enfiou sobre a carne de Müller, bem na região do joelho.

- Eu não vou perguntar de novo.

Silêncio. Então Harrison girou sua faca em quase 180º graus, fazendo jorrar sangue para todos os lados.

- Eu falaria se eu fosse você, antes que seu joelho caia.

- Eu sei lá porquê! Eu não tinha razão para matá-la! Eu matei porque simplesmente me deu vontade! E você? Qual é o seu motivo para ainda estar vivendo? Você não tem ninguém! Você é quebrado, um fracassado que trabalha numa porra de loja de ferramentas!

Tira a faca do joelho do assassino, pega a arma e aponta para o peito dele.

- Agora é pra valer?

O seu ódio e sua vontade de se vingar são fortes, ignorando as consequências futuras. O som do tiro ressoa no cômodo escuro, enquanto o corpo cai sobre o chão.

Harrison fica paralisado, sem saber o que fazer. Entretanto, começa a ouvir os gritos de Sarah novamente, trazendo uma vontade de se matar maior ainda. Mas antes de fazer qualquer coisa olha para o seu relógio.

01:22

- Oh, Darling! O que faz acordada tão tarde?

- Desculpa, papai, é que eu estava lendo este livro e não consigo mais parar!

- Você quer que eu leia uma história para te ajudar a dormir?

- Pode ser.

Sarah estava muito intrigada com a história, não conseguindo dormir.

- Papai...

- O que foi, Darling?

- Você não está me deixando com sono, você está fazendo um péssimo trabalho.

- Ok, então tente me fazer dormir pra você ver o quão difícil é ser pai.

Sarah era realmente muito boa, ela gostava muito de ler. Aliás, escritora era a profissão que queria seguir quando crescesse. Antes de cair no sono, Harrison ouve as últimas palavras que saem da boca de sua filha:

- Eu me esforcei por muito tempo para sobreviver e não importa o quê, continuo encontrando algo para lutar.

01:23

Harrison anda até o assassino, que tenta rastejar para frente, mas sem sucesso. O britânico bota o revólver na cabeça dele novamente.

- O que você quer de mim?!

- Não importa o quanto você tente, não há como fugir de seu passado, ele sempre volta, não é mesmo?

Será que?...

Marina Kiyomi Hashiba Maestrelli

- Eu sei que é difícil, mas a senhora precisa olhar...

Patrícia não conseguia mais ficar de pé, carregava olheiras profundas e olhos inchados, só queria voltar para a sua casa e fingir que nada havia acontecido, esquecer de tudo. Já fazia um mês que ela ficava adiando esse momento, inventando compromissos e mentindo que estava doente, mas não dava pra viver com aquela dúvida pra sempre. Quando recebeu o telefonema de novo, atendeu e marcou a hora de ir para o necrotério e identificar o corpo que diziam ser de seu irmão mais novo.

Fazia muito tempo que ela tinha visto seu irmão pela última vez, em um restaurante em um bairro de alta classe. Era um jantar em família. Pelo que Patrícia lembrava, eles tinham alguns detalhes físicos semelhantes, como os olhos e o cabelo castanho.

Em sua cabeça, ficava repassando a noite em que recebera a notícia de que seu irmão tinha sofrido um acidente: disseram que ele tinha arrumado uma briga na frente de um bar e fora espancado até a morte. A primeira coisa que fez foi entrar em choque e um estado de negação, seu irmão não podia estar morto...

- Senhora?

- Eu só preciso de um minuto.

Ela olhou para aquela espécie de saco preto, com seu olhar petrificado no formato do corpo dentro dele. “Como meu irmão querido pode estar morto? Isso só pode ser um sonho”, pensava. Tinha algo de muito errado sobre a morte dele: primeiro, ele odiava bebida alcoólica, então, por que estaria na frente de um bar? Ele também achava um absurdo qualquer ato de violência, então pra que arranjar uma briga? Uma pequena luz de esperança se acendeu em seu peito. Mas ela se lembrou que nos últimos tempos ele havia arranjado uns amigos que poderiam ser considerados “má influência”, e que a sua mãe dissera alguns dias antes que ele só chegava em casa bem tarde e não dava notícia o dia inteiro.

- Nós vamos fechar daqui a pouco, não quero parecer insensível, mas preciso que você identifique o falecido... - quase erguendo o zíper,

- Espere! Eu só quero entender tudo direito! Você sabe que horas ele morreu? E onde exatamente? O que ele vestia?

- Eu não sei se consigo responder tudo, mas pelo que sei ele morreu perto das onze e meia, o relatório diz que foi entre a Rua Cegonha e a Anjo Falecido e ele vestia uma calça jeans e uma blusa xadrez...

Ela pegou o celular para olhar que horas tinha recebido uma ligação de um número desconhecido: 23h25. Talvez tivesse sido seu irmão tentando fazer contato. Com as mãos tremendo, começou a repassar suas mensagens de voz, até agora não tinha pensado em escutá-las. “Oi... é o Pedro... eu sei que faz tempo, mas eu não consigo falar com a mamãe e ela vai pitar daqui a pouco, então você poderia avisar a ela que

eu saí com uns amigos mas já estou chegando em casa? É isso mesmo... Obrigado, beijos”. Como ele poderia dizer isso e depois de cinco minutos arranjar uma briga em um bar e morrer?

- Me desculpe, mas eu acho tudo isso muito confuso... Tem algumas coisas que apenas não fazem sentido.

- Eu só sou encarregado de certificar se o cadáver é quem identificaram, então eu não sei de muita coisa.

- Mas...

- O homem, impaciente, pegou o zíper e abriu o saco preto, revelando de uma vez por todas a face do cadáver dentro dele.

- Ufa!

O Assassinato

Diego Barros Silveira



Diego Barros Silveira

Era um dia normal na vida de João Paulo e de seu amigo Pedro, que assistiam ao jogo do Santos na TV pequena e velha que Pedro tinha. Os dois bonitos jovens estavam fazendo as coisas que mais gostavam na vida: cerveja, futebol e curtir um tempo com seus melhores amigos. Então, João percebeu que toda a cerveja tinha acabado e foi reclamar com Pedro:

- O que aconteceu com a cerveja? Cê tomou tudo, mano?

- Não, você que tomou todas! Vai lá comprar mais que não vai dar para assistir um segundo tempo sem uma cervejinha!

- Tudo bem, vou ali embaixo no mercadinho e já volto.

Enquanto João Paulo foi até o mercado, uma pessoa bateu na porta e Pedro se levantou para abrir. Ele abriu a porta e se assustou quando viu a cara de José. Eles não chegaram a trocar uma palavra, só foi ouvido o barulho de um tiro. Pedro caiu no chão e José puxou seu telefone e ligou para a polícia, reportando um assassinato, dizendo que ouvira um barulho de tiro e depois vira um homem que ele tinha reconhecido como João Paulo fugindo pela porta dos fundos. Depois disso ele fugiu do local. Pedro, que ainda estava vivo, mas não por muito tempo, arrastou-se até a mesa, pegou seu celular e mandou uma mensagem para João que dizia “foi o José que fez isso, fuja!!!”.

Depois de enviar essa mensagem, ele sangrou até a morte.

João, que estava voltando do mercadinho quando recebeu a mensagem, viu a entrada da casa cheia de policiais e se escondeu. Quando estava em um lugar seguro, começou a chorar, porque já sabia o que tinha acontecido com seu melhor amigo e percebeu que ainda poderia ter que enfrentar seu maior medo, o de ir para a cadeia por algo que não fizera. Então, João jurou para si próprio vingar a morte de seu amigo, mas naquele momento, seu único problema não era encontrar José: ele também precisava se esconder da polícia.

José, alguns meses antes, era um dos melhores amigos de João e Pedro, porém eles entraram em algumas brigas e João e Pedro deviam um dinheiro imenso a ele. Com o tempo, eles foram se tornando “inimigos” e José sempre dizia que um dia iria se vingar. Esse dia chegara. João foi até a casa de um amigo e pediu para que pudesse ficar lá durante alguns dias, o amigo que quase nem ficava em casa e deixou sem questionar. Enquanto isso, parte da polícia procurava João e outra parte

investigava a morte de Pedro. Conforme o dia foi passando, a polícia percebia que o assassinato não fazia nenhum sentido, já que ninguém tinha visto João sair da casa após o tiro, como José tinha dito ao telefone, e vários outros vizinhos de Pedro disseram ter visto João saindo da casa muito antes do barulho do tiro. Então, o delegado Jorge resolveu interrogar o porteiro do condomínio de Pedro para tentar entender um pouco mais do caso.

- Então, Sr. Caio o que você pode me dizer sobre a morte do Pedro?

- Senhor, eu conheço Pedro há muito tempo e sei que João Paulo era o melhor amigo dele, e além do mais, eu lembro dele ter saído do condomínio alguns minutos antes de ouvir o barulho do tiro.

- Você viu alguma pessoa entrando no condomínio que lhe parecia estranha?

- Vi sim, o nome dele era José, ele entrou cinco minutos antes do tiro e logo em seguida saiu meio apressado.

- Você acha que ele, por acaso, poderia ser o culpado?

- Não posso garantir nada senhor, mas ele me parecia muito suspeito.

- Pera, você disse que o nome dele era José?

- Sim, senhor.

- Foi ele quem ligou para a delegacia denunciando o assassinato, bem que eu percebi que a informação que ele passou não tinha nada a ver com o que os vizinhos tinham falado! Muito obrigado e tenho um bom dia, Sr. Caio.

- Para você também, senhor.

Em seguida, os policiais resolveram investigar a cena do crime e quando olharam o cadáver perceberam na mão de Pedro o seu celular todo ensanguentado. Eles pegaram o aparelho e viram que a última mensagem era pra João, dizendo que José o tinha matado e que ele tentaria culpá-lo. Isso era o que a polícia precisava para provar que João, na verdade, não era culpado, e sim José.

Enquanto isso, João já estava a caminho da casa de José para realizar sua vingança. Ele imaginou que teria que ser rápido, antes que a polícia o pegasse, e já que já seria preso, não faria diferença se ele realizasse sua revanche. Por isso, pegou uma arma e foi de táxi até a casa de José, mas o único problema era que ele ainda não sabia que a polícia estava também a caminho do mesmo lugar, para prender José.

João Paulo chegou rapidamente na casa de José e logo a invadiu, Conseguiu chegar antes da polícia e, quando encontrou José, disse:

- Você não deveria ter feito isso! - e disparou três tiros no peito de José, que caiu duro no chão.

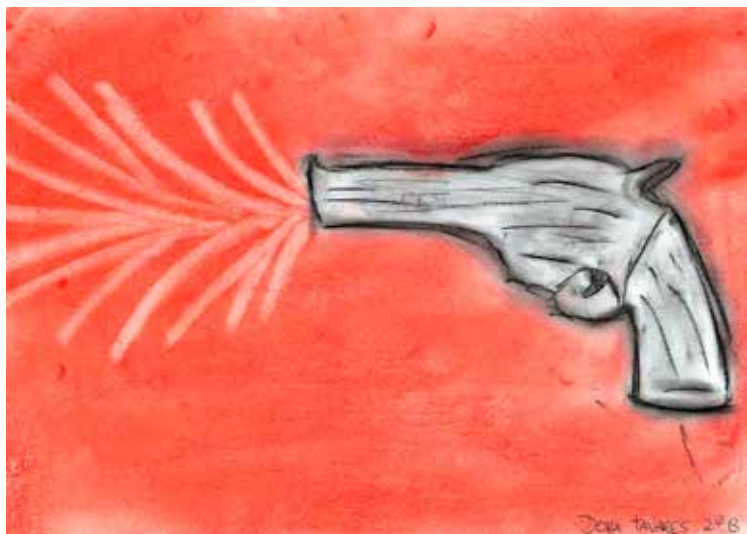
Não deu tempo de João chegar à porta e os policiais entraram, logo em seguida o prendendo. Foi nessa hora que ele acabou descobrindo que a polícia não estava mais atrás dele e que ele não seria mais preso por causa da morte de Pedro, mas agora por ter matado José.

João então percebeu que se não fosse atrás de sua vingança, poderia estar em sua casa, enquanto José estaria pagando por seu crime na cadeia.

Agora, João teria que enfrentar seu pior medo, a cadeia, e ainda sofrer pela morte de seu amigo, o que não parecia mais ser uma vingança tão boa quanto antes, já que agora ele passaria vários anos de sua vida preso.

Poder de vingança

Dora Correa Tavares



Dora Correa Tavares

Não sei por quê, mas sempre gostei muito de dormir no carro, principalmente na estrada. Aquela paisagem de plantações que parecem não ter fim... Confesso que, às vezes, me imagino correndo ou cavalgando nesses campos quando começa a tocar uma música de filme na playlist aleatória do meu ipod. Então, nesse contexto, os meus olhos estavam quase se fechando e eu estava começando a sonhar que era um príncipe encantado cavalcando atrás da minha princesa, quando escutei meu pai gritar:

- Vamos. Anda, anda!

Em seguida, ouvi uma buzina. Meu pai nunca foi um cara muito gentil, principalmente ao volante: já estava acostumado com ele xingando outros motoristas. Tentei voltar ao meu momento precioso de sono no carro, quando o escutei buzinar e xingar mais uma vez:

– Mas é uma tartaruga mesmo!

Até entendi o motivo dele estar tão estressado. Meu pai sempre foi um homem muito sério e trabalhador, um advogado muito bem sucedido, o que hoje em dia pode-se chamar de “business man”. A vida dele sempre foi o trabalho, por isso nunca fomos muito próximos, ainda mais agora que ele se separou da minha mãe e só nos vemos nas férias. A minha mãe, por outro lado, é uma mulher muito fofa e gentil, somos muito próximos, a ponto dela chorar toda vez que passo as férias na casa do meu pai. Sempre moramos no Rio de Janeiro, mas o meu pai, após a separação, por causa do trabalho, se mudou para São Paulo. Então, a minha vida é meio ao contrário, enquanto a maioria das pessoas passa as férias na praia e mora na cidade, eu passo as minhas férias rodeado de prédios e carros, e pego onda em dia de semana.

Nesse exato momento, meu pai pegava a Dutra, para me levar de volta para a casa da minha mãe no final de julho. Mas como ele sempre morou no Rio, tem muitos clientes lá, e nesse mesmo dia ele tinha uma reunião, já sabe, né, ele não podia se atrasar. Por essa razão, até que entendi a raiva dele pelo pobre motorista do fusquinha branco caindo aos pedaços com a placa de Brumadinho, Minas Gerais.

Eu estava tranquilo por finalmente poder surfar de novo, então nem me preocupei, mas essa minha calma logo foi embora. O meu pai não estava buzinando loucamente da sua BMW à toa. O motorista do Fusca, mesmo percebendo que meu pai estava com pressa, não o deixava

passar, sempre nos fechando toda vez que tentávamos ultrapassá-lo pela direita. Meu pai, como não tem um pavio muito longo, começou a soltar “fumaça pelos ouvidos” rapidamente. O motorista começou a mostrar o dedo do meio pela janela e foi aí que o dedo do meu pai não largou mais a buzina, causando o maior barulho na estrada.

Mesmo assim, o motorista não deixava o meu pai passar, e foi aí que comecei a me preocupar, pois não sabia como aquilo teria fim. Finalmente, o Fusca começou a parar de funcionar e a andar mais devagar do que antes, e foi aí que o meu pai conseguiu ultrapassá-lo. Vestido de terno e usando um óculos Armani em seu rosto, meu pai passou devagar pelo lado do Fusca, que passou a soltar fumaça pelo capô. Ele abriu o vidro e mostrou o dedo do meio para o senhor que dirigia o carro velho. Meu pai voltou a acelerar, e eu só escutei do banco de trás o dono do fusca gritar:

-Isso ainda não acabou. Seu merda!

Meu pai deu risada e me disse:

- Tem muita gente babaca nesse mundo, filho, é bom você tomar cuidado.

Ele soltou uma risada vingativa ao terminar a frase. Eu não respondi nada, apenas fiz um som com a boca que mostrou concordância com o que ele tinha falado.

Depois disso, o velocímetro da BMW voltou a atingir 180 km/h e eu finalmente consegui dormir. Algumas horas se passaram e eu acordei com o meu pai gritando sozinho:

- Mas só pode ser carma, mesmo!

Ao abrir os olhos, percebi que o carro estava parando lentamente. Não demorou muito para o meu pai estacionar o carro blindado e caro no acostamento. Ele desceu, olhou a roda direita da frente, fez um gemido de raiva e me pediu para passar o celular dele pela janela para ele ligar para o seguro. Alguns minutos depois, eu o escutei gritar ao telefone e dizer que esperar 2 horas não era possível. Ele desligou o celular na cara do telefonista e arremessou o iphone no banco do passageiro. Então, abriu o porta-malas e pegou os materiais para trocar o pneu furado. Alguns minutos se passaram, e eu só o escutava falando sozinho e xingando o pneu, o que me levou a concluir que a tentativa de consertá-lo não estava sendo bem sucedida.

Após mais alguns minutos, escutei o barulho do Fusca velho se aproximar. Meu pai, com um salto, se levantou do chão e me disse para ficar no carro. Percebi que ele estava com uma chave de fenda na mão e parecia com medo. O fusca parou logo atrás do nosso carro, o motorista desceu. Em suas mãos foi possível ver uma faca. Encolhi-me no banco de trás com a esperança que ele não me visse.

-Eu disse que ia ter volta. - Disse ele.

Meu pai, sem reação, só ficou parado. O senhor do fusca pegou a faca e chegou bem perto do meu pai. Eu, com muito medo, fechei os olhos, mas ao mesmo tempo me senti um covarde, pois sabia que devia ter saído do carro para ajuda-lo, mas simplesmente não conseguia me mexer. Escutei , um barulho de ar vazando e senti o carro abaixar. Quando abri o olho, vi que o dono do fusca estava furando todos os pneus da BMW. Meu pai ficou furioso e partiu para cima do velho. Os dois começaram a brigar. Tapas, socos, chutes e até um pouco de areia

da lateral do asfalto no olho um do outro aconteceu. Eu fiquei ainda com mais medo. Sentei-me no chão do carro em busca de proteção. Ao fazer isso, avistei o celular que meu pai tinha jogado no banco traseiro. Então peguei-o rapidamente e liguei para a polícia:

- Boa tarde, você ligou para 190, emergência, em que posso ajudar?

Escutei um barulho de tiro vir do lado de fora, e comecei a tremer.

-Alô! Moça, preciso de ajuda socorr.....PI.....PI....PI

-Alô! Alô! Moço, você está aí?... PI... PI... PI... Moço!? PI...PI...PI

Fui arrastado para fora do carro. Quando olhei para cima, era o velho. Ao olhar para o lado, vi meu pai caído no chão com uma mancha de sangue na costela. O velho me jogou contra o asfalto. Meus olhos borrados de lágrimas só puderam ver a arma na mão dele sendo apontada para mim. BUM!

- Moço! Alô? Emergência, do que você precisa?PI....PI....
PIIIIIIIIIII

Só escutei a moça da emergência checando pelo telefone se eu ainda estava na linha, enquanto a minha respiração parava lentamente.

O beijo do amor falecido

Fernando Rossi Lameiro

- Será que vou gostar dela?

- Cala a boca, Pedro! Estamos na aula e você sabe que não sou bom em química!

A boca de Pedro se calou, porém, ele não parava de idealizar sua suposta musa, que lhe havia enviado uma carta se declarando, mas sem assinar seu nome.

Ao voltar para sua casa no bairro do Alto de Pinheiros, sua mãe já lhe esperava para levá-lo ao treino de tênis; entretanto, algo estranho ocorreu. Ao chegar em casa, sua mãe afirmou:

- Você está atrasado! Seu treino começa em quinze minutos, apresse-se.

- Mãe, hoje não quero ir... Estou meio cansado e confuso.

O dia 16 de abril de 2017 foi o primeiro dia em que Pedro se recusou a fazer aquilo que mais amava, jogar tênis. Sendo assim, após o almoço, Pedro resolveu ir dormir, mas ao se deitar, não parava de pensar na carta que havia recebido de sua suposta amada. Desse modo, resolveu lê-la pela décima primeira vez no dia...

"Tomei a iniciativa que jamais pensei que um dia poderia ter. Sim, meu querido, amado Pedro, admiro seu sorriso, seu olhar, seu

pensamento, como ninguém... Ninguém nesse mundo lhe admira como eu! Se você soubesse o quanto sou apaixonada por você... Espero que um dia você possa me encontrar, já que acredito que através dessa carta possamos unir dois destinos inseparáveis, em uma praça, durante o pôr do sol mais bonito da cidade, sob a sombra de uma jabuticabeira, e o resto vamos deixar o futuro decidir...

Com todo amor do mundo,

Rua oãçalosnoc”

Após ler a carta Pedro adormeceu com ela sobre seu peito, sentindo o cheiro do papel e sonhando com sua musa. Ao acordar, estava determinado a descobrir quem havia enviado a carta, então, angustiado, ligou para seu melhor amigo.

- E aí? - disse Pedro

- Fala Pê, como cê tá? - perguntou Bruno.

- Preciso da sua ajuda o mais rápido possível! - respondeu Pedro, muito ansioso.

- O que é?

- A carta, não consigo parar de pensar nela.

- Você ainda está com isso na cabeça? Deixa disso, mané!

- Vai me ajudar ou não?

- Vem pra casa, então!

- Ok, em 10 minutos estou aí...

No caminho Pedro descia a rua São Gualter de um modo apressado e afobado, sem sequer olhar para os carros que cruzavam o asfalto, até que em um dos cruzamentos, aconteceu o óbvio: o carro do Sr. Jorge bateu de raspão no garoto, que se ralou inteiro e bateu a cabeça. Apesar de estar machucado, ele ficou bem. Sr. Jorge, muito atencioso e caridoso, verificou inúmeras vezes se o menino estava bem e ofereceu-se para levá-lo à sua casa. Pedro aceitou e deu o endereço de Bruno. Durante o trajeto, resolveu contar toda a história para aquele senhor e, chegando na frente da casa de Bruno, mostrou a carta a Jorge.

Ele iniciou a leitura:

“Se você soubesse o quanto sou apaixonada por você... Espero que um dia você possa me encontrar, já que acredito que através dessa carta possamos unir dois destinos inseparáveis, em uma praça, durante o pôr do sol mais bonito da cidade, sob a sombra de uma jabuticabeira e o resto vamos deixar o futuro decidir...

Com todo amor do mundo,

Rua oãçalosnoc”

- O que o senhor achou? – perguntou Pedro, interrompendo-o.

- Não acabei ainda, deixe-me analisá-la de novo – respondeu Jorge.

Quando acabou a leitura, o senhor disse:

- Apesar desta carta ser muito interessante, não consegui desvendar o mistério por trás do nome.

- Entendo... Obrigado, Sr. Jorge - agradeceu Pedro, descendo do carro.

- Vá com Deus, cuide-se, menino - disse Jorge, atencioso como de costume.

Assim, todo dolorido, o menino entrou na casa de Bruno. Enquanto isso, já distante dali, Jorge ainda estava intrigado pelo mistério da carta do garoto. Chegando em sua casa, abaixou para pegar uma carta que havia recebido do cemitério da Consolação para que se certificasse de pagar o conserto do túmulo de sua falecida esposa, danificado após uma forte chuva na região.

Entretanto, o que chamou atenção de Jorge não foi o aviso, foi o nome da rua em que o cemitério se localizava, Rua da Consolação, o que lhe fez lembrar da carta do jovem Pedro, na qual estava escrito: Rua oãçalosnoc. Jorge entrou em seu carro e rapidamente se dirigiu ao cemitério da Consolação.

Enquanto isso, na casa do melhor amigo de Pedro, Bruno desvendava o local a que a carta fazia referência.

- Pê, lembra daquela vez que a gente foi pra praça do por do sol, e o por do sol tava muito bonito e a árvore tava dando jabuticaba ?- perguntou Bruno.

- Sim, lembro, jamais vou esquecer, sem dúvida o mais bonito que já vi em toda minha vida, mas o que é que tem? - disse Pedro, muito curioso.

- Esse é o lugar que sua “musa” te espera, mané! - respondeu Bruno.

- Caramba! Valeu irmão, tô indo agora pra lá, ainda há tempo, são 5 da tarde. - disse o jovem.

Ao chegar ao cemitério, Jorge foi até a recepção e perguntou:

- Moça, por acaso você poderia me informar se alguma garota de cerca de 15 anos de idade foi enterrada nessa semana?

- Um momento, por favor, irei verificar. - respondeu a moça.

- E, aí? - disse o senhor, com uma certa ansiedade.

- Sim, uma tal de Ana Júlia - afirmou a mulher.

Sem ao menos agradecer, Jorge saiu à procura de Pedro no apartamento de Bruno. Chegando lá, encontrou Bruno saindo pelo portão, explicou tudo ao garoto que, juntando todos pedaços, compreendeu a história, já que uma colega de sua classe, Ana Júlia, havia falecido havia menos de uma semana, e como era muito delicada e tímida, havia escrito a carta para Pedro e não havia tido coragem de se identificar. Com todo esse raciocínio em sua mente, Bruno contou para o senhor toda a história e contou também que havia explicado para Pedro que sua musa o esperaria na praça do Por do sol.

Bruno e seu Jorge corriam contra o tempo. O senhor acelerava o carro o mais rápido possível e o jovem respirava de forma ofegante. Enquanto isso, já na praça, Pedro se deparou com uma garota sentada embaixo de uma jabuticabeira e, como estava cegamente apaixonado por sua musa, achou que aquela garota era a mesma que havia escrito a carta. Desse modo, o jovem se aproximou dela e com um frio na barriga e começou a bater papo.

Nesse meio tempo, Jorge e Bruno chegaram à praça e, ao se depararem com a jabuticabeira, olharam simultaneamente para baixo e viram aquilo que não queriam que acontecesse...

Pedro estava beijando essa estranha garota que havia “roubado” sem o menor pudor o sonho de Ana Júlia, que nessa vida já não poderia vivê-lo.

Colcha de retalhos

Isabela Hargreaves Rainer

Beatriz seguia caminhando pelas ruas até perceber pessoas perambulando em sua direção. Foi cercada por algumas e ficou aterrorizada, sem saber o que fazer, já que nunca havia se encontrado em uma situação assim. Desesperada, entrando em pânico, avistou um grupo de amigos, o que lhe acende uma gota de esperança de salvação. Eles se aproximaram e começaram a conversar como se nada tivesse acontecido. Beatriz ficou calada. Nem comentou a estranheza que teve ao perceber as pessoas sem roupa, drogadas e, aparentemente, sem rumo. Ficou em silêncio e não demonstrou o medo que sentia. Saiu com seus amigos e foi para a balada de sempre.

Saindo da balada, encontraram o mesmo grupo, que continuava drogado, mas não perceberam, já que estavam embriagados.

Após esse dia, a menina ficou com vários pensamentos cercando-a como nuvens negras de abandono às pobres pessoas. Um dia, finalmente teve coragem de abordar o assunto com um amigo em quem confiava.

- Que tolice, disse Paulo, a vida sempre teve essas diferenças e há um motivo para isso. Nossos pais sempre trabalharam muito e por isso merecem tudo o que tem.

Chateada, Beatriz nunca mais abordou o assunto, mas nunca deixou de pensar naquelas pobres pessoas. Ela sempre tivera uma vida confortável, com acesso a tudo, pais que a amavam muito e estava sempre rodeada de amigos da mesma condição social que a sua.

Um dia, indo para o colégio, atrasada, atravessou a rua sem olhar. Um carro se aproximou bruscamente e, se não fosse uma dessas pobres pessoas despreocupadas com a vida que se jogou entre ela e o carro, consciente de que a estaria protegendo, talvez tivesse sido atropelada. O carro freou em cima do pobre rapaz.

- Seu noia, atravessa a rua sem noção, não sabe o que faz.

Beatriz, empalidecida, desmaiou por conta do susto que levou. O pobre rapaz foi ao seu encontro para segurá-la.

- Se afaste, se afaste da minha amiga - disse Paulo.

- Só estou ajudando - disse o pobre sem teto.

- Ajudando quem? Você não consegue ajudar ninguém, você é quem precisa de ajuda, deixe-a comigo.

Paulo abraçou Beatriz e levou-a ao hospital. Dias depois, ela resolveu procurar o pobre rapaz que a ajudou para lhe agradecer. E lá estava ele, no mesmo lugar de sempre, sereno, com a aparência de quem não havia consumido drogas naquele dia ainda. Quando ela se aproximou, ele logo a reconheceu. Sem muitas palavras, ela apenas agradeceu e ouviu o que o homem tinha a dizer:

- Seu amigo não precisava ser tão rude comigo, minha intenção é sempre ajudar aos outros. As pessoas passam por aqui e nos julgam, mas não sabem nada sobre nossas vida - e continuou lamentando da vida que tinha.

Foi quando Beatriz tomou coragem e perguntou:

- Se você quer tanto ajudar os outros, porque você não começa a se ajudar? Qual é o seu nome?

- Não me lembro. Não tem solução para mim.

- Como assim? Todos temos caminhos, as escolhas são nossas.

Ele se irrita e sai de perto.

A jovem menina não desistiu. Todos os dias, passava por aquele mesmo lugar e conversava com o rapaz. Foi assim que, pouco a pouco, foi conhecendo a história do homem: teve dois filhos, perdeu o emprego, afastou-se da família, perdeu a casa, perdeu a esperança. Encontrou “amigos”, encontrou as drogas que acalmavam suas dores.

Ela, aos poucos, foi construindo a história como uma colcha de retalhos. Foi se tornando uma colega e pediu para o pai uma oportunidade para o pobre rapaz que um dia salvou sua vida.

- Você está louca, Beatriz! Essas pessoas não têm salvação.

A jovem sempre foi insistente nas suas ideias e não desistia tão fácil do que queria. Por querer ajudar um desconhecido, perdeu a amizade de Paulo, que era completamente contra, mas se envolveu em uma grande missão.

Batalhou muito, até que um dia seu pai cedeu e falou para sua filha que daria uma oportunidade ao rapaz que ela tanto queria ajudar.

Ela foi feliz dar a ótima notícia ao homem, que estava há muito tempo longe das drogas. Procurou onde ele sempre ficava, sem sucesso. Perguntou a todos por onde ele estava e não o encontrou. Voltou para casa triste, ansiosa pelo dia seguinte. Abriu a tela do computador e viu a notícia: “Batida na cracolândia, usuário de droga morto por um policial”. Não quis acreditar, não, aquilo não poderia acontecer, ele estava se recuperando

Descobriu que tudo havia sido. Mataram e julgaram sem saber. Ele estava se recuperando, teria novas oportunidades, mas a sociedade não permitiu.

Só mais uma notícia

Pedro Hotimsky Iguelka

Buzinas, confusão, banalidade. Dia a dia padrão, muros baixos e portões em que a tranca não tinha nenhum tipo de função. O tempo de ficar deitado no travesseiro sem sono já havia acabado, então Jorge acordou no horário de sempre e se vestiu com a mesma camisa sem alguns botões para pegar seu Estadão. Ao mesmo tempo, do outro lado do muro, Michael acordou quase atrasado para pegar o 975P – Vila Mariana que o levava à universidade. Com o disquete em uma mão e seus livros de filosofia quase sem capa na outra, saiu às pressas acabando sua granola e acalmando seu vira-lata, que pulava de alegria ao ver o dono, quando se deparou com a figura de óculos e andador.

– Olá seu Jorge, tudo em cima?

– Bom dia Michael, está com pressa? Pode me ajudar com uma coisa um segundo?

– Humm, é que na verdade eu estou indo para a faculdade...

– Por favor, um dia você vai ter minha idade e vai me entender.

Michael pensou bem e viu que teria uma desculpa legítima para matar a primeira aula do dia, sobre Nietzsche. Então se dispôs a ajudar.

– Ok, me diga, o que você quer que eu faça?

- Venha comigo, preciso que você pegue uma escada e pegue para mim o jornal que a anta do entregador jogou em cima do telhado.

- Tá bom, tá bom.

A maçaneta girou e a porta de madeira se abriu. Logo de cara, o pó e a umidade tomaram conta da rinite do jovem. Ele observou rapidamente uma velha boina pendurada em um mancebo com uma águia estampada, ao lado de um quadro de um menino brincando de carrinho.

- Ei, venha por aqui - disse o velho.

Michael acompanhou Jorge por um corredor sujo com algumas fotografias na parede: uma mulher jovem e bonita, com um sorriso na cara e um bebê recém-nascido; um menino prestando continência com um macacão; e um casal jovem sorrindo em frente àquela mesma casa.

- Ei, é você! - disse Michael.

- Que susto! Onde? Ah sim, sou eu e minha família.

- Com todo respeito, mas o senhor era bem apessoado, hein?

- É, já fui um dia - resmungou o velho com um tom de voz baixo, que se confundia com o barulho do motor de um Fusca na rua.

Eles continuaram andando enquanto alguns cômodos vazios eram revelados. Chegaram ao pequeno depósito e o rapaz logo pegou a escada e observou algumas caixas de velas e outras de remédios que,

naquela escala, não fariam bem nem para um animal de porte grande. O jovem ainda fez questão de ver qual remédio era quando identificou o nome de Ritalina e a data de fabricação da semana anterior.

O rapaz subiu no telhado, não encontrou o jornal e, ainda por cima, achou o gato rajado de Jorge quase apodrecido e desintegrado. Sem jeito, Michael desceu da escada e chamou seu vizinho para dar a notícia:

- Jorge? Cadê você?

O rapaz entrou na casa procurando-o.

- Jorge, preciso te falar uma coisa, onde você está?

Michael entrou na cozinha e viu uma carta inacabada na copa, ao lado dos pratos sujos. Decidiu lê-la quando ouviu um grande barulho de buzina.

TUM

Michael correu para fora da casa e viu o andador esmagado, os óculos quebrados e Jorge quase no mesmo estado que seu gato.

Mais um ponto para a solidão: Jorge agora é uma memória para Michael e uma notícia sem foto do Estadão, que não será mais entregue naquele endereço - Terça feira, 7 horas e 48 minutos, 21 de março de 1983.

Um sonho arruinado

João Kerr Guimarães Bidetti

Juca, um garoto de 17 anos, estudava em uma escola particular no bairro paulistano da Pompeia desde seus 7 anos. Gostava muito da escola e principalmente dos colegas. Mas havia uma colega de quem Juca gostava mais do que de todos os outros: Isabella Muniz.

Isabella estudou com Juca dos 7 aos 16 anos, até que Juca bombou, acabando por ficar uma série abaixo da sua querida. Aquele era o primeiro ano em que os dois não estavam na mesma classe. Junto com eles, mais dois garotos estavam na mesma sala desde os 7 anos: Nando e Rodrigo.

Juca era apaixonado por Isabella desde que a conheceu, mas nunca havia demonstrado. Rodrigo sempre deixou claro que apoiava os dois juntos, mas Nando dizia que isso poderia acabar estragando a amizade e separando o grupo. Porém, agora que Juca não estava na mesma classe que Isabella, havia decidido que não seria um problema se envolver com ela, já que, caso brigassem, não teriam mais que conviver todos os dias.

Como seu aniversário se aproximava, Rodrigo disse a Juca que daria uma festa, o que seria a grande oportunidade para ele se declarar a Isabella. Ele nunca estivera tão ansioso.

O tempo passava devagar para Juca, que aguardava ansiosamente para o aniversário de Rodrigo. Estava muito confiante, mas ele sabia que não podia, de maneira alguma, estragar tudo.

Enfim, o grande dia. Juca chegou antes de todos os convidados para ajudar o amigo a arrumar tudo para a festa. Em seguida, Nando chegou com Julia, sua irmã de 14 anos, que também havia sido convidada por Rodrigo. O resto dos convidados demorou para chegar, enquanto isso os quatro já foram bebendo muita vodka para estarem “bem loucos” quando a festa começasse de verdade. Juca, por conta do efeito da bebida, começou a ficar muito extrovertido e começou a contar a Julia sua história com Isabella e como ele sonhava em tê-la. Isabella não chegava nunca.

Juca, que não sabia bem o que estava fazendo, de repente se viu no quarto de Ricardo pegando a irmã de Nando. Quando se tocou do que estava fazendo, disse a Julia que não podia, por conta do ciúme do irmão dela, e então saiu do quarto e foi para a festa, dando de cara com Nando dando beijos em sua amada Isabella. Juca não acreditou no que via. Era difícil segurar o choro. Ele separou os dois e começou uma discussão com o amigo, que se justificou com o argumento de Juca ter ficado com a irmã dele. Os dois saíram na mão no meio da discussão e Juca apanhou muito mais. Isabella, que não sabia da queda de Juca por ela, caiu em lágrimas e foi embora da festa.

Juca, depois de tomar uma surra e brigar com seus melhores amigos, foi embora da festa e, ali mesmo, decidiu não voltar mais para a escola. Nenhum dos amigos o viu depois daquele dia. Juca e Isabella vieram a se reencontrar um dia, mas isso já é outra história.

Cegonhas ou vaginas?

Rafael Gouvêa Bacal

Era o fim do segundo período. Não tinha dado nem dois segundos após o alto e estridente som do sinal ecoar pelos longos e abertos corredores e todos os alunos já estavam no grande pátio. O que mais chamava a atenção naquele espaço era uma pequena roda de amigos, na qual um pequeno garoto, Luquinhas, destacava-se entre os demais. Seus óculos, maiores que sua face, eram a primeira coisa a se notar. Algumas vezes, devido a grande empolgação do garoto, os óculos escorregavam de seu pequeno nariz e se espatifavam no chão. Foi por esse motivo que ele prendeu uma cordinha em cada extremidade do objeto, a fim de que não ocorresse o mesmo desastre sempre.

Não era a aparência física que chamava a atenção de todos para Luquinhas, mas sim sua desenvoltura ao narrar histórias condizentes com a sua idade: 7 anos. O que ele gostava mesmo era de inventar histórias e compartilhá-las com seus pequenos colegas, que sempre estavam dispostos a ouvi-lo.

Durante a contação de uma dessas histórias, havia dois amigos dispersos, conversando paralelamente, talvez em virtude de ser um assunto inusitado para aquela faixa etária ou porque as duas crianças não queriam compartilhá-lo com os outros: sexo. Sim, era esse o assunto trazido por uma pessoa do grupo, Victor. Por conta disso, os outros amigos tentavam ouvir a conversa dos dois, comprometendo o enredo da história de Luquinhas, o que acarretou no final precoce da narrativa. Nesse exato momento, ecoou novamente o alto e estridente som do

sinal daquela escola tradicional, anunciando o término do intervalo. O desapontamento das crianças por não terem escutado o final de nenhuma das duas histórias não poderia ter sido maior.

Nos longos corredores, o último grupo, cabisbaixo, não demonstrava interesse em uma grande figura vestida com um longo jaleco branco. Era um homem que, com seus passos largos, atravessava os corredores em um piscar de olhos. Em sua face, não demonstrava expressão alguma, aparentando ser uma pessoa sem graça.

Sem saber o que havia acontecido, a professora Ângela se surpreendeu com a entrada tardia do grupo na sala, já que eles não se atrasavam e jamais expressavam tal tristeza após o fim de um intervalo. Logo atrás desse grupo, a mesma figura de branco que aguardava o convite da professora para entrar foi o escolhido, naquele dia, para apresentar a rotina de um médico.

Ângela se posicionou em frente à classe e, com o maior entusiasmo, anunciou a pauta da aula: higiene pessoal. Para a surpresa de todos, o tal médico era o pai de Victor.

Com todos em seus devidos lugares, a professora explicou a dinâmica da aula e convidou a figura de branco a se dirigir à classe. Iniciou-se, então, a apresentação.

- Olá, crianças! Meu nome é Dr. Paulo, sou pai do Victor, para quem não sabe. Com muito prazer, estou aqui para falar da higiene pessoal e sua importância. Durante minha apresentação, podem me interromper e perguntar o que quiserem. Responderei a todos.

Nesse momento, Victor não se conteve. Olhou para seu pai, deu um sorriso malicioso, levantou a mão e perguntou:

– Pai, como nascem os bebês?

Isso gerou uma certa agitação na turma. Todavia, Paulo levantou suas mãos acenando para prestarem atenção. Logo, conseguido o silêncio desejado, o profissional começou a responder à tal dúvida.

– Vamos lá! Tanto homens e mulheres possuem órgãos genitais distintos. O da mulher é chamado “vagina”, é como uma casinha para o órgão do homem que, por sua vez, tem um formato cilíndrico e é chamado de “pênis”. Quando os dois se encontram, é despejada a sementinha na mulher. É essa sementinha que, depois de 9 meses, aproximadamente, dá origem a um bebê. Trata-se de um ato de amor em um casal.

Atônita, a mestra perdeu o controle da turma que, após a explicação, soltava gritos e gargalhadas. O doutor, frustrado, se despediu sem ter cumprido seu objetivo: ensinar as crianças a importância da higiene pessoal.

O grupo de Luquinhas, antes cabisbaixo, entrou em euforia. O menino fica inconformado com seu colega por ter tido a regalia de utilizar seu pai para finalizar a história iniciada no intervalo. Diferente dos outros, ele não conseguia rir: porém, suas dúvidas sobre o tema trazido pelo doutor não paravam de crescer, deixando o garoto em uma grande confusão.

Na saída da escola, o pai do grande contador de histórias esperava o filho para levá-lo para casa. Ao contrário das outras vezes,

a criança não estabeleceu qualquer tipo de diálogo. Quando estavam próximos de sua residência, o homem não aguentou e quebrou o silêncio entre os dois, mas não conseguiu finalizar o que pretendia dizer, já que Luquinhas o interrompeu com a seguinte pergunta:

- Pai, que história é essa de casinha e sementinha? Como eu nasci?

Surpreendido e sem entender exatamente o questionamento do filho, o pai disse que esperaria até chegar em casa para explicar como tal processo funcionava.

Ao abrir a porta da sala, o garoto correu para o sofá em que sua mãe estava assistindo televisão. Antes mesmo de dar um abraço na mulher, soltou a mesma pergunta. O casal saiu da sala e o garoto, sem entender, esperou, por uma eternidade, os dois voltarem.

O interesse de Luquinhas era tamanho que, no instante em que os adultos regressaram, o menino olhava fixamente para os dois, prestes a escutar a explicação dos pais.

- Filho, a verdade sobre o nascimento dos bebês não tem nada a ver com casinhas e sementes. Quando há amor entre um casal, uma cegonha mágica deixa na porta da casa um pequeno embrulho dentro de uma cesta, ou seja, o bebê. No caso, você, meu amor: o presente mais significativo que eu e sua mãe recebemos em toda a nossa vida.

O garoto demonstrou um grande interesse durante toda a explicação de seus pais; porém, na finalização da fala de ambos, ele

apenas soltou um grande sorriso, demonstrando seu entendimento e, logo em seguida, pareceu não se interessar mais pelo assunto, indo embora para seu quarto.

No dia seguinte às chuvas de explicações sobre como nasciam os bebês, Luquinhas estava completamente inquieto e ansioso esperando o toque do sinal que anunciaria o intervalo. Ele poderia, finalmente, contar para seus colegas a verdadeira versão sobre o nascimento.

O estridente som do sinal ecoou mais uma vez na escola e a pequena roda se reuniu em seu canto favorito do pátio. A certa altura, a turma se reuniu para ouvir mais uma narrativa do grande contador. O garoto, entusiasmado, derrubou seus desengonçados óculos e começou a contar a história da cegonha trazida por seus pais no dia anterior.

Quando o menino terminou de compartilhar a história com seus amigos, os colegas abriram um grande sorriso, comprovando que a narrativa era realmente interessante.

De todos os colegas, apenas um estava inquieto e mostrava um ar de desaprovação: Victor. Não conseguindo segurar sua raiva, ele iniciou mais uma vez a “pregação”, já que a verdadeira história de como nascem os bebês havia sido contada por seu pai. A narrativa de Luquinhas seria pura invenção. No entanto, Victor não teve plateia e, o que ficou, realmente, como a verdadeira história foi a encomenda da cegonha mágica.

Paixão impossível

Henrique Lima Gabionetta Zini

– João? João! Presta atenção na aula – Gritou, Lúcia, professora de português.

Rapidamente, o aluno parou de prestar atenção nas curvas poéticas do corpo de sua professora, que estava usando um decote avantajado com seu lindo cabelo liso, cor de mel, solto. Ele percebeu que estava sendo observado por seus colegas, sentiu-se envergonhado, arrumou seus óculos, ajeitou a camiseta para que sua barriga saliente não ficasse à mostra, arrumou a postura e começou a anotar a aula para disfarçar.

Tocou o sino e João correu para a cantina para poder comprar seus dois pães de batata e um Ice Tea de pêssego. Logo percebeu que todos os seus colegas de classe estavam comentando sobre sua notável queda pela professora de português, ficou triste e começou a desabar em lágrimas, correndo em direção ao banheiro. Em cima da privada, ligou para seus pais para que viessem buscá-lo imediatamente. A mãe de João logo atendeu ao pedido do filho e o levou para tomar sorvete e aliviar as mágoas. Nem o pai nem a mãe de João ficaram surpresos ao ouvirem a trágica história do filho; logo que ele terminou de contar a história, ambos gritaram:

– Poxa, João, de novo essa história da professora? Esquece isso, ela tem 40 anos e você 14!

- Mas pai, mas mãe... Eu não consigo esquecer, ela é perfeita, foi feita pra mim, tenho certeza de que nos casaremos no futuro - falou com confiança na voz.

- Filho... - suspirou a mãe - esquece essa história e vai pro seu quarto dormir.

Enquanto o oriental pré-adolescente se preparava para dormir, a alguns quilômetros dali, Lúcia arrumava sua cama queen size para se deitar, sozinha, bem no meio da cama. Porém, antes de deitar, a professora pensou nos últimos meses e percebe que realmente recebia olhares meio estranhos de um de seus melhores alunos, João. Ao pensar nisso, decidiu retribuir esse amor.

No dia seguinte João, como sempre, chegou em cima da hora, porém destoando de qualquer outro dia, a professora que estava dando aula naquele horário o deixou entrar, para a surpresa do aluno, já que quem o havia deixado entrar tinha sido sua “amada”. No decorrer da aula, Lúcia trocou olhares com João, que cada vez mais percebia a situação e não podia conter seus “instintos” masculinos.

No final da aula, quando todos os alunos estavam correndo através da porta, a professora de português continuava na cabeça de João. Novamente, todos os seus colegas perceberam aquela situação inusitada e começaram a gritar no meio do pátio da escola:

-Tá namorando! Tá namorando! Tá namorando!

Os amigos de João acharam que ele ficaria incomodado mas, para a surpresa de todos, ele não se sentia assim; ficou orgulhoso, mas manteve essa sensação para si mesmo. Essa rotina se repetiu cada vez

mais e com mais intensidade. Depois de aproximadamente um mês desses acontecimentos, por algum motivo, o garoto sentiu a necessidade de convidar sua professora para um jantar romântico.

Numa quinta-feira, logo após a escola, começou a planejar como faria o tal convite no dia seguinte, mas antes de tudo, em como estaria vestido na aula para convidar sua amada de forma adequada. Ele ficou tenso, já que nenhuma de suas roupas um pouco mais formais ainda lhe cabiam, então, logo pensou em ir de calça jeans, camiseta básica e um sapatênis. Durante o almoço, mal comeu, apenas pensava no que falar para sua professora, pediu ajuda a seus pais (que já eram adultos e entendiam mais do funcionamento do mundo), mas não recebeu a resposta esperada:

- João, pare com essa história de jantar romântico com sua professora!

Para disfarçar, disse que iria convidar uma colega e não sua professora. No mesmo momento, seu pai ficou animado, essa seria a primeira garota com quem o filho se relacionaria.

- Aí sim, filho! Nesse caso, diga algo como “Olá, minha querida, queria saber se você gostaria de me acompanhar num jantar romântico”. Foi assim que falei para sua mãe, filho.

- Obrigado, pai! Já tenho quase tudo que preciso, o resto é comigo.

Durante toda à tarde, o pequeno João pensou onde levaria sua querida professora, até que decidiu levá-la a uma cantina italiana descendo a rua de sua casa. Com tudo planejado, começou a olhar as fotos das redes sociais de Lúcia e começou a ter ereções.

Não conseguiu segurar seus hormônios à flor da pele e correu para o banheiro, puxou a calça para baixo, deixou seu órgão sexual envolto por sua mão gorda e começou a se masturbar olhando para o rosto da sua professora.

No dia seguinte João insistiu para o seu pai levá-lo 15 minutos antes, para finalmente fazer a proposta para Lúcia. Quando chegou à sala de aula, antes de todo mundo, o menino revisou todo o plano em sua cabeça para não se atrapalhar na hora “H”. No final da aula de português, depois que todos haviam saído da sala de aula, João esperou em seu lugar. Lúcia percebeu e perguntou:

- João, meu querido. Você não vai descer?
- Vou sim, Lúcia.
- Então, o que está esperando?
- Estou querendo te falar uma coisa faz mais ou menos um mês!
- Nossa lindo, pra que tanta demora? Pode falar.
- Então professora, acho que você percebeu meus olhares...
- Ai João, para de enrolar, fala logo!

- Ok, ok!! Eu gostaria de convidá-la para jantar comigo hoje à noite numa cantina italiana, tudo pago.

-... - suspira a professora

- E aí? Aceita?

- Então, João...

- Eba, ela aceitou, vou me casar! - João gritou, pulando de alegria

- Não, não vai.

- Como assim?

- Não vou sair com você.

O dia em que fugi da polícia, ou quase isso

Luiz Henrique Campos da Costa Manso

Depois de muita conversa, muita mesmo, meus pais se convenceram de que seria algo bom me mandar para um intercâmbio. E então lá fui eu para a Nova Zelândia passar 6 meses, estava mais ansioso do que qualquer coisa para ir.

Um adolescente de 16 anos totalmente sozinho do outro lado do mundo, conhecia somente uns brasileiros que havia encontrado no avião. Em outras palavras, estava perdido.

Depois de tudo regularizado com escola e família, comecei a sair com os outros brasileiros intercambistas. E foi aí que eu quase fui deportado. Não foi a única coisa errada que fiz lá, houve várias, mas essa foi a que passou mais perto de dar errado.

Antes de contar a minha aventura, devo explicar que na Nova Zelândia é proibido beber em áreas públicas e a bebida é proibida para menores de 18 anos beber. Além disso, se por acaso eu fizesse qualquer coisa errada e fosse parar na polícia, eu seria deportado.

Então fomos eu e o Fred, um amigo brasileiro que viajou comigo, para a cidade encontrar todos os amigos brasileiros, como estávamos acostumados a fazer quase todo fim de semana. Nós sabíamos que aquele fim de semana teria algo de especial, pois a namorada do Fred tinha ido viajar e sua família também, então ele estava sozinho e minha família me deixava fazer quase tudo.

Tínhamos ido mais cedo naquele dia, eram por volta de 5 da tarde quando chegamos lá. Depois de encontrar todo mundo, a gente resolveu fazer uma coisa diferente naquele dia, ao invés de irmos ao Albert Park, aonde sempre íamos, fomos a uma praia chamada Browns Bay. Tínhamos que pegar um ônibus para chegar lá, imagine, quinze adolescentes brasileiros num ônibus em outro país. O motorista ficou tão bravo que parou o ônibus e mandou todo mundo descer e tivemos que ir andando até a Licor Store mais perto da praia.

Quando chegamos, percebemos que ninguém que estava com a gente tinha 18 e a única maneira de comprar bebida era pedir para algum desconhecido na rua. Eu e o Fred saímos perguntando para algumas pessoas se podiam comprar bebida para nós, pois tínhamos “esquecido a identidade em casa”. Graças a deus os neozelandeses são muito compreensivos e deu certo, fomos para a praia com as bebidas, a caixinha de som consideravelmente alta e todo mundo feliz. Uma coisa era clara, aquilo ia chamar a atenção de alguém, porque ali era uma região de casas e aquilo não acontecia sempre.

Dito e feito. Em questão de 10 minutos a polícia chegou, a gente tinha começado a beber havia pouco tempo e não iríamos jogar tudo aquilo no lixo, tínhamos gastado no mínimo 50 dólares cada. Olhei para o lado e vi o Fred com duas sacolas indo embora e pensei: qual seria o problema de ir embora? A polícia estava parando, havia árvores e estava escuro, não seria tão fácil me ver correndo.

- Gente, se perguntarem, eu e o Fred fomos ao banheiro, beleza?
- eu disse.

- Mas onde você vai? - disse meu amigo.

- Vou dar um perdido neles, depois eu volto.

- Você vai dar um perdido na polícia?

- É, se der merda, não vou me foder sozinho, olha onde o Fred está - eu disse.

- Mano, cuidado!

- Relaxa, qualquer coisa eu achei isso no chão e nem sabia que era bebida alcoólica.

Obviamente, nada disso aconteceu. Estava eu andando consideravelmente rápido e Fred à minha frente, estava tudo certo, nem passou pela minha cabeça a ideia de que eu poderia ser deportado. Foi quando apareceu uma luz na minha cara, foi daqueles momentos em que sua vida inteira passa pelos seus olhos, sabe? Então, enquanto a minha passava, o Fred olhou para trás, viu minha situação e gritou:

- Te vejo no Brasil, Manso!!!

Não deu nem tempo de eu responder e já apareceu outra luz na cara dele (confesso que fiquei levemente aliviado, pois não estaria sozinho na volta para o Brasil). Olhei para aquela luz de novo e vi que era um policial mesmo, com arma e tudo mais. Fugir não era mais uma possibilidade. Nesse momento, já estava pensando na cara dos meus pais quando os visse de novo, porque já estava certo que eu iria ser deportado. Mas o policial, muito gentil, abaixou a lanterna e falou para eu largar tudo e voltar para o banco onde todos estavam. Voltei, sem nada nas mãos, olhei para o Fred, ele olhou para mim e não foi necessário

nenhuma palavra para concluirmos que estávamos fodidos. Sentamos lá, nossos amigos com aquela cara de “eu te avisei” e os policiais em pé começaram o esporro que já era esperado.

- Vocês não são deste país, não têm noção do que fazem, não? - disse um deles.

- As leis aqui são diferentes!

Depois de muito falar que a gente havia feito merda, começou a contar o que nos interessava.

- Olha, não vamos falar com a escola de ninguém, levem isso como um primeiro aviso e caso peguemos qualquer um de vocês de novo, serão deportados direto, está entendido? - Disse o policial.

Todos concordamos. Eu estava mais feliz do que nunca.

Antes de ir embora ele ainda disse:

- Mais uma coisa, joguem todas essas bebidas fora agora, na nossa frente!

- Mas foi caro! - Disse o Fred, ele olhou e riu.

E começamos a jogar tudo. Doeu um pouco ver aqueles 50 dólares indo embora, mas estava muito feliz para me preocupar com isso na hora. Sentamos um tempo ali para pensarmos e decidimos ir para um parque, pois ainda estava cedo.

Nova mensagem

Luiza Souza Zakaib

Ao som de músicas românticas, embaixo de um cobertor agitado, mãos dadas e pescoços encaixados, estavam Joana e Pedro. Sete meses de namoro celebrados no mesmo dia em que, coincidentemente, os pais da jovem decidiram viajar.

A lenta e calma melodia foi interrompida por uma notificação vinda do celular do jovem. Joana, curiosa, estendeu-se sobre o sofá para alcançar o telefone, mantendo um olhar um tanto quanto desconfiado para Pedro. Estava escrito: “mensagem de Paula”.

Pedro era um daqueles meninos misteriosos nas redes sociais, tinha apenas uma foto, a qual usava para todos os seus perfis. Desativou o seu “visto por último” e tirou a configuração que revela se a mensagem recebida foi lida. Por outro lado, Joana estava sempre ativa no universo virtual, seu perfil era visitado por pelo menos 300 pessoas diferentes ao longo do dia, seguidores curiosos que esperavam qual foto amorosa Joana adicionaria à sua coleção de fotos com seu namorado ou qual o evento mais recente que frequentaria com sua melhor amiga, Paula.

– Por que será que a Paula tá te chamando a essas horas? – Joana perguntou a Pedro.

Sua resposta consistiu em apenas um dar de ombros e em um murmúrio, “eu não sei”. Joana pensava consigo mesma o porquê de Paula ter chamado Pedro. Para esconder sua insegurança, ela disse em voz alta: “Nossa, verdade. Eu esqueci completamente que eu tinha marcado de ir

ao cinema com a Paula. Bom, ela não vai se importar que eu não avisei ao saber que não ia conseguir.”

A essa altura, Joana já tinha desbloqueado o telefone de seu namorado e a palavra “oi” da conversa de Pedro com Paula parecia incomodá-la de uma maneira inédita.

Pedro tentou quebrar o gelo beijando Joana no pescoço. Ela se sentiu desconfortável e reajustou sua posição, aumentando a distância entre eles. O romance tinha terminado, uma vez que ambos acabaram olhando fixamente na parede. Pedro insistiu. Joana cedeu e ambos voltaram para o que estavam fazendo.

A luz do telefone de Pedro iluminou a sala e a música parou mais uma vez. Joana se levantou, caminhou até o braço e agarrou o telefone com raiva. Como imaginava, mais uma mensagem de Paula havia chegado. Desta vez Pedro pegou seu telefone de volta a tempo de Joana não ser capaz de ler o que sua melhor amiga tinha enviado a ele.

– Porra, Joana larga o telefone! – Pedro exigiu.

Joana, surpresa, olhou para o namorado como se fosse um estranho e se sentou no sofá sem dizer uma palavra.

Ela não conseguia entender porque estava se sentindo tão insegura sobre Paula conversando com Pedro. Algo parecia estar fora do lugar. Pedro olhava fixamente para o telefone, seus dedos digitavam mensagens. Da perspectiva de Joana, Pedro estava escrevendo textos intermináveis. Essa situação trouxe lágrimas aos olhos dela. Pedro estava tramando algo. Joana sentou-se, incapaz de reagir, espantada com o que estava acontecendo.

Algo captou os olhos de Joana, era uma luz que passava pela fresta da porta. O som dos passos atormentava a orelha da garota. A maçaneta mexeu...

Pedro ergueu os olhos do telefone e deu as boas-vindas à figura desconhecida que entrava pela porta. Joana arregalou os olhos. Ela ficou confusa quando percebeu que a estranha figura era sua tão confiável amiga, Paula. Joana estava imóvel, esperava para ver o que ia acontecer.

Joana permaneceu parada, seus olhos se transformaram em pedras, sua respiração ficou mais lenta e mais lenta, as únicas coisas se movimentando eram o sangue que saía de seu corpo e seu telefone recebendo mensagens.

Reviravolta

André Katz Zagury Fragelli



André Katz Zagury Fragelli

- Me diz a senha!
- Não tem necessidade!
- Me diz a porra da senha desse celular!
- Por que você quer a senha? Não tem nada para ver - diz o marido intimidado.
- Fernando, me diz agora a senha dessa porra.

PING! No meio da discussão aparece uma mensagem de Carla no celular: “Oi, sumido, por onde anda? Comprei uma TV nova mas não tô conseguindo instalar, você pode me ajudar? Beijinhos”.

- FERNANDO!!! QUEM É CARLA?

- Carla é a menina do RH, amor.

- Menina do RH? Desde quando você trabalha no RH?

- É a Carlinha, ela me aju...

- CARLINHA? Desde quando puta tem apelido? ME DÊ A SENHA AGORA!

- Não fala assim, Chris, a Carlinha é super do bem.

- Tá defendendo a vagabunda, é?

- Não é vagabunda, ela é...

- É vagabunda que fica dando em cima do homem das outras.
PUTA!

- Chris...

- “Chris” é o caralho, me fala agora a senha do seu celular ou eu vou embora.

- CHEGA CHRISTINA! Isso é uma puta invasão de privacidade! Eu nunca pedi senha nenhuma sua! Se você quiser ir embora, fique à vontade! Chega de dar chilique por ciúmes bobo.

- Então é isso! Cadê a chave do Mustang?

- O Mustang não vai a lugar nenhum! Fica aqui! É meu xodó, se você quiser ir que vá de táxi

Christina vai para o quarto arrumar suas coisas. Em meio à arrumação de suas malas, vê a chave do carro em cima da escrivaninha. A única coisa que pensou naquele momento foi que seu marido preferiu o carro a ela. Imaginou, então, em algo que seria muito melhor do que simplesmente levar o carro embora.

Pegou suas malas depressa e foi para a garagem. O ácido que tinham usado para a reforma do piso estava dando bandeira do lado da porta. Christina não titubeou, banhou a “nave” de cabo a rabo.

Uma fumaça começou a tomar conta da garagem, seguida por um cheiro asfixiante. Não se podia enxergar mais nada além do carro sendo “mutilado”. Christina começou a sufocar, tossir, sentir-se nauseada, vomitou. Realmente, aquele não era o dia dela. Tateando pelo ar, buscou a porta. Conseguiu abri-la quase desmaiando. Tudo era fumaça.

O cheiro e a fumaça invadiram a casa violentamente. Fernando desceu as escadas frenético. Seus olhos ardiam, ele não enxergava nada. No corredor que dava para a garagem, tropeçou e caiu de cara em cima de Christina. Ele se desesperou ao perceber que ela estava morta. Cambaleante, voltou e abriu portas e janelas na tentativa de dispersar a fumaça. Deu a volta na casa e discou trêmulo para uma ambulância,

enquanto apertava o controle do portão automático que dava para a garagem. O portão se levantou lentamente e a fumaça foi saindo densa de lá de dentro. O carro parecia um fantasma, mas logo a fumaça foi se esvaindo e Fernando viu a carcaça de seu Mustang.

O som da sirene da ambulância o tirou do estado de choque. Os paramédicos entraram, a rua se encheu de curiosos, o corpo da mulher saiu numa maca e Fernando, ali parado, tomou um susto quando...

PING! Uma mensagem chegou.

“Fê, não precisa mais se preocupar, o Ricardão da Informática já veio aqui e fez um belo de um trabalho! Beijinhos.”

Saindo da rotina

Beatriz Fantin Trighetas

O toque do meu despertador me tira do sono. Desligo. Deito de novo. Mais um dia. Mais um dia exaustivo no qual não tenho motivo para levantar desta maldita cama. Olho pro lado, novamente minha mulher não está aqui. Ainda não entendo de onde as amigas dela tiram tanto assunto para passar a noite inteira conversando.

A merda do despertador toca de novo, me lembrando que já estou atrasado para ir para a empresa. Meu subconsciente insiste em me lembrar que eu posso chegar a hora que eu quiser, mas não consigo. Levanto. Escovo os dentes. Tomo uma ducha. Ponho o terno. Pego a merda do telefone que não parou de tocar desde que eu acordei. Chamo o motorista e vou para o trabalho.

Todo dia a mesma merda. Não aguento mais. Devia mesmo é parar, fechar a empresa. Só pessoas idiotas e incompetentes têm uma única rotina a ser cumprida todos os dias. E o pior é que agora eu me encaixo nisso. Tudo que eu quero é ir para casa, não que tenha muita coisa me esperando lá também. Quando eu era solteiro, aproveitava muito mais, saía... O barulho infernal da telinha que não cabe em meu bolso interrompe meus pensamentos. Respiro fundo e deslizo meu dedo para atender o número desconhecido.

- Alô? Quem fala?

- Sou eu Pedro, Teresa. Acabei de chegar em casa, mas é claro que você está trabalhando.

- Querida, quanto tempo, você não para mais em casa! Onde você estava ontem a noite? Precisamos conversar. Porque você mudou de número?

- Quê?

- Teresa, estou cansado de você sumir e depois vir reclamar do meu trabalho, você...

- Preciso ir agora, tem alguém na outra linha, pode ser importante. Beijos - ela diz, me interrompendo e desligando.

Tomara que seja uma oferta de trabalho na outra linha. Todo santo dia eu fico nessa merda de empresa tomando conta de empregados desleixados e ainda tenho que pagar as despesas da Teresa e daquela casa que ela me obrigou a comprar.

Devia gastar meu dinheiro em outros lugares, tudo era mais divertido antigamente. Desbloqueio o celular, procuro o número na internet por alguns minutos e digito rapidamente:

- Oi, Cristina? Achei seu número na internet.

- Bom dia, o que o senhor gostaria?

- Queria saber onde você costuma fazer os programas?

- Olha, depende do preço.. Ainda sou nova nisso, então pode escolher o local.

- Preço não é o problema, fique tranquila! Te encontro no Lush Motel às 20:00? Quarto 109.

- Marcado.

Finalmente! Finalmente vou poder sair dessa rotina filha da puta. Minha mulher provavelmente nem vai estar em casa para sentir minha falta mesmo, a única coisa que ela faz é reclamar e gastar o dinheiro que eu ganho.

Quando olho para o relógio, já são 19h. Dirijo calmamente até o motel, aproveitando o primeiro tempo livre que tive desde que me casei. Chegando ao hotel, falo com a simpática recepcionista, que me leva até a porta do quarto, alertando que a moça havia pedido para eu não acender a luz ao entrar.

Mesmo não entendendo o motivo do pedido, assenti com a cabeça enquanto colocava o cartão na porta, abrindo-a cuidadosamente. Fui tateando as paredes detalhadas até encontrar a cama.

Que noite! Que mulher! Sentindo-me mais relaxado, levantei da cama e tive vontade de agradecer a Cristina.

- Muito obrigada! Há muito tempo ninguém fazia com que eu me sentisse assim. Quanto você cobra mesmo?

A moça não respondia. Perguntei novamente, mas não recebi nenhuma resposta. Parecia que estava sozinho no quarto. Dizendo seu nome repetidamente, fui tateando as paredes novamente, até chegar

no interruptor de luz. Acendi. Sem conseguir entender a visão à minha frente, belisquei-me e pisquei os olhos, tentando tirar a imagem da cabeça. Pisquei. Pisquei. A imagem não parava, era real.

- TERESA?

- PEDRO? - ela disse ao mesmo tempo.

Gritos, gritos, gritos...

Beatriz Ferreira Silva



Beatriz Ferreira Silva

Estávamos em uma sala mal iluminada e seus gritos me proporcionaram uma satisfação estranha; ela me implorava piedade e perdão.

Soltei a faca que estava em minha mão e olhei para baixo: seu sangue pingava em meu sapato. Olhei para seu rosto e senti a raiva borbulhando dentro de mim novamente, peguei a faca de novo e a enfiei em seus olhos e depois em seu estômago, deliciando-se com seus gritos de dor.

Acordei assustado e olhei em volta, ainda estava escuro; olhei para o relógio: 5:00. Merda! Eu sabia que não conseguiria dormir de

novo. Levantei e fui até o banheiro lavar meu rosto suado e quando olhei no espelho, vi apenas grandes olheiras em volta dos meus olhos. Voltei para o quarto e me deitei. Estava tendo esse tipo de sonho havia 3 meses. Estávamos sempre apenas eu e minha namorada, Alice. No começo, éramos apenas nós em alguma sala, e então eu comecei a sentir raiva, e enquanto ela aumentava, o meu autocontrole ia embora. Da primeira vez, foi um tapa, da segunda, um chute e assim por diante. Há alguns dias começaram a aparecer instrumentos, uma faca, uma pá... Geralmente, eu acordava antes de acontecer o pior. Mas hoje foi diferente, eu só consegui acordar depois de matá-la e é estranho o jeito com que me sinto: satisfeito, a dor que eu via em seus olhos me dava prazer, um prazer que eu nunca havia experimentado antes e que inconscientemente eu desejava.

- Eric, querido? - ouvi minha mãe do outro lado da porta e olhei para o relógio, 5h40 - Levante, vai se atrasar para a escola.

- Já vou, mãe - levantei e troquei de roupa, arrumei minha cama, peguei minha mochila e descii. - Mãe, você viu meus tênis?

- Perto da porta.

Fui até a entrada e os peguei, mas ao olhar rapidamente, vi respingos de sangue. Não podia ser; quando olhei de novo, não havia nada. Respirei fundo e coloquei os sapatos. Tomei o café com minha mãe e fui à escola.

Andei rápido pelos corredores, o sinal para a terceira aula tinha acabado de bater e eu não queria ver Alice, tinha que chegar até a cantina rápido e comprar meu lanche antes que ela ou suas amigas me vissem.

Estava prestes a ser atendido por uma moça quando escutei me chamarem.

- Eric! - senti sua mão em meu ombro - Por onde você esteve o fim de semana inteiro? Liguei pra você várias vezes.

- Hã... eu passei mal e vomitei no meu celular - desviei o olhar e vi uma faca, a mesma que eu usei para matá-la durante o último sonho. Comecei a suar frio.

- Ah, nossa! - falou, acreditando na mentira - Tudo bem, amanhã podemos ficar mais na escola para terminar aquele trabalho de biologia? Ele é pra quarta e você já começou, então só precisa da última parte da pesquisa.

- Tá, tudo bem, preciso ir. Até mais. - ela tentou me dar um beijo de despedida, mas eu desviei e corri de volta para a minha sala.

Cheguei em casa o mais rápido que pude, minha mãe ainda não havia chegado e provavelmente demoraria um tempo. Tomei banho e comecei a pensar nos pesadelos dos últimos meses. Eles realmente estavam ganhando proporção com o passar do tempo, todos os dias eu sentia raiva ou medo crescendo em mim quando via Alice. Afastei-me

dela no começo por culpa dos pesadelos, mas a partir do momento em que começou a ser prazeroso, quase erótico ouvi-la gritar, passei a ter que reprimir toda aquela vontade de ver e ouvir sua dor.

Estava tão absorto em meus pensamentos que não ouvi a campainha, até que Alice apareceu na porta do meu quarto.

- Oi, eu toquei a campainha, mas ninguém atendeu, então resolvi subir quando vi a luz do seu quarto acesa.

Nesse momento, eu não sabia exatamente como me sentia: estava entre culpa, raiva e confusão. Culpa por ter desejo de matá-la, raiva por ela ser tão intrometida e simplesmente invadir a minha casa e confusão por não saber o que fazer naquela situação. Reunindo todo o meu autocontrole, levantei-me da cama.

- O que você tá fazendo aqui, Alice?

- Queria te ver, você não respondeu minhas mensagens nem retornou as ligações - a voz dela ficava mais baixa a cada palavra e aquilo estava me tirando do sério.

- Bom, isso não é motivo pra você invadir a minha casa - enquanto falava isso, senti meu rosto queimando. Virei-me e fui para a cozinha; ao olhar em cima da pia, tive o vislumbre da faca novamente. Senti alguém se movendo atrás de mim, fiquei mais nervoso, eu sabia que não podia matá-la, mas cheguei mais perto da faca para me afastar dela - Vai embora, Alice.

- Você quer terminar? O que está acontecendo, Eric? Você tá estranho comigo há pelo menos dois meses. Que merda! - ela gritava, mas não eram esses gritos que eu queria ouvir.

- Você quer saber que merda está acontecendo, Alice? Você quer mesmo saber que o garotinho perfeito que você namorava está ficando louco e que cada vez que ele olha pra você tem vontade de rasgar toda a sua pele, arrancar as suas unhas tão perfeitinhas e os seus olhos tão belos e azuis? - falei tudo isso com a voz totalmente estável enquanto pegava a faca. Ela estava estática, parecia uma perfeita estátua de gelo, nem mesmo seus olhos se mexiam.

Peguei em seus cabelos tão bem cuidados e a arrastei, fazendo questão de bater seu rostinho em cada centímetro que estava ao meu alcance. Joguei-a em minha cama e amarrei suas mãos com meu cinto na cabeça.

Olhei para a faca em minhas mãos e comecei a passar na pele dela. Quando a primeira gota de sangue veio junto com o primeiro grito, perdi o último pingo de autocontrole que me restava e de repente já tinha arrancado dois dedos das mãos, um de cada pé e uma das orelhas estava caída em meu travesseiro. Mais alguns minutos se passaram, eu já havia decepado diferentes partes de seu corpo e já estava praticamente gozando apenas pelos seus gritos, então, dei a última facada em seu pescoço e vi a vida abandonando completamente aquele corpo maldito.

Fui ao banheiro e tomei um banho, troquei minhas roupas sujas, arrumei uma pequena mala, peguei o carro reserva da minha mãe na garagem e fui embora.

Duck Tales

Fábio Barbiellini Safadi

Calma! Muuuuuita calma! Você realmente vai ler isso aqui? Essa história não é nada mais nada menos do que uma pilha de merda, um vacilo atrás do outro, não vá achando que algo bom vai acontecer, pois não é assim que as coisas funcionam. Bom, se você já chegou até aqui, não diga que não avisei...

- Ótimo ensaio, pessoal! Só algumas sugestões: Hugo, a bateria está rápida demais, Donald, encurte esses solos, você é bom, mas acaba seguindo uma trilha completamente estranha, e Zé, o baixo está muito lento, você, em algumas partes, se perde.

- Mas Luiz, posso fazer uma sugestão?

- Claro!

- Faz voz de homem, porra! Parece o Axl Rose!

- Cara! A gente tem 18 anos, recém-formados! Nem fizemos faculdade ainda! Com o tempo, a voz vem! Além do mais, você é feio igual ao Pete Townshend, Donald! Aliás, o Hugo parece o Ringo e o Zé parece uma versão escrota do Steve Harris. Pelo menos vocês parecem músicos de verdade!

- Não adianta falar isso, rapaz! Você é feio também! Mas enfim, tudo certo amanhã? A gente vai ser a quarta banda mesmo?

- Sim, e olha só! Somos a quarta banda às quatro da tarde!

- Realmente interessante, hein! Meu Deus...

- Não enche.

- Estou só aquecendo...

- Ok, galera, vamos tocar “Toxicity”! Preparados?

- Vamos lá!

- Com vocês: “Duck Tales”.

É aí que a merda se espalha: mal sabiam eles que o mundo é um poço dela, e que as pessoas são horríveis. Claramente, ninguém gostou deles, nem eu tinha gostado na época. A música que eles faziam era, no máximo, divertidinha, nada extraordinário.

- Que porra foi aquela?! Você sabia que música a gente tava tocando, Zé?!

- Cala a sua boca, Donald, se não fosse aquela merda de solo, a gente teria ido bem.

- Ah, então a culpa é minha, né, Hugo? Sou eu quem não sabe tocar direito!

- Ai! Fica quieto todo mundo! Esse show foi uma bosta. Mas não é por isso que a gente vai começar a brigar, né?

- Diga por si mesmo, eu cansei de vocês!

Pois é, já deu pra ver que a banda perdera seu guitarrista... Mas se acalme, a tempestade ainda está longe, isso aí foi, no máximo, uma pequena turbulência. Continuemos: depois de dois anos sem sucesso, os patos recuperaram um pouco do que foi perdido. Luiz acabou virando guitarrista, além de ser o vocalista. Depois desses dois dolorosos anos, Margarida, irmã caçula de Luiz, entrou na faculdade de administração e, como uma espécie de estágio, virou empresária da banda. Como um raio de sol, Margarida conseguiu um novo show para eles.

- Bom, galera, se não der em nada, eu tô fora!

- Somos dois!

- Três!

Aposto dez reais casados no chão que você achou que eles falharam... pois é... você perdeu. Após esse show, a vida dos patos teve uma virada. TODOS, e eu repito, TODOS adoraram “Duck Tales”! Margarida realmente foi o fôlego de que eles precisavam!

Mais quatro anos se passaram e depois de um álbum de sucesso e muito dinheiro, os nossos queridos patos conseguiram o que queriam: fama, Mas não se engane, a tempestade está por vir.

Em um lindo sábado à noite, Hugo, depois de perder o controle, resolveu fazer uma das piores escolhas de toda sua vida.

- Aê brother! Bora apostar um racha?

Acho que já dá pra ter uma ideia do que aconteceu depois. A vez seguinte em que Hugo encontraria seus amigos seria no inferno. Sem um baterista como Hugo, “Duck Tales” não iria durar e foi exatamente isso que ocorreu! Luiz e Zé acharam outro baterista, mas o produtor não gostou da ideia, resultando em um cancelamento de contrato. Margarida também não queria continuar, abandonando seu irmão.

Sem contrato, sem baterista, sem empresária, sem dinheiro e sem diploma de faculdade, Luiz e Zé seguiram diferentes caminhos. Os anos foram passando e “Duck Tales” ficou marcada como uma banda amaldiçoada. Ainda é possível ouvir uma música ou outra na rádio, porém, as pessoas sabem a tragédia por trás de cada canção. E como se diz: “três patinhos foram passear...”

Empate do poder

Maria Fernanda Assumpção Azzoni

Dentro do tráfego habitual de Nova Iorque, ele mal podia esperar para chegar à sua moradia, próxima ao Central Park. Henry de agia sem paciência. Pegou sua bengala e desceu do carro. Rude, mimado e desordeiro, não passava por um local em que não fosse temido. Estava com dificuldades para enxergar, mas sua arrogância não lhe permitiria voltar para dentro da Mercedes da qual descera. Olhou para dentro do carro e disse ao chofer grosseiramente: “Não se atrase pela manhã” e saiu andando pelas gélidas ruas da cidade que nunca dorme.

Era uma noite nublada de inverno. A nevasca não permitia enxergar nem as sombras das luzes que iluminavam as ruas. As buzinas infernizavam os pensamentos de Henry. A cidade estava um caos e sua mente também. Perturbado devido à análise inexata feita a partir de dados incertos obtidos numa discussão com seu colega analista financeiro, deixara de comprar as ações que vinha analisando há duas semanas. Eram tempos difíceis em Wall Street.

Junto às ações em que investira, sua dignidade caía. A falta do dinheiro o deixava vulnerável. Viver miseravelmente com apenas o que necessitava não era um luxo que se propusesse a testar. Precisava de poder, era dependente do dinheiro e não sabia nem queria esquivar-se da necessidade de adquiri-lo em forma de papel. Isso o consumia, enquanto procurava afogar-se num mar de consumismo até quando não pudesse mais. Presumia o pior. Desde garoto, o medo e a aflição do desconforto e da pobreza o encobriam, os pensamentos aflitos voltados a esse aspecto

não deixavam sua mente, estava delirando. Embora estivesse, não poderia parecer aflito e frágil: em épocas como aquela, a busca pela da sobrevivência atacava para todos os lados.

O delírio o consumia junto ao desespero. Por fora, um homem elegante e destemido, por dentro, pura angústia. Enfim, a solução à qual chegou não era criativa: entregou-se à bebida; e era assim que passaria a viver dia após dia.

Diante de sua fama impecável no mundo financeiro e de seu caráter sincero, embora arrogante, não era de se esperar menos. Oportunidades de novos negócios passaram a desabar sobre seus ombros, mas a embriaguez o impedia de rever cada acordo, a notícia sobre a dependência do álcool passou a espalhar-se; e o desespero pelo dinheiro fê-lo recorrer a um velho amigo que poderia ser útil para analisar cada proposta.

Não era à toa que eram próximos. Igualmente arrogante e esnobe, o amigo de Henry estava passando pela mesma conjuntura. Trabalhava discretamente em uma área promissora da Bolsa, na qual conseguiria obter informações privilegiadas de ações não exploradas. Ofereceu a Henry um acordo promissor, porém, apenas se executado perfeitamente. Tratar-se-ia de Henry comprar ações a um preço baixíssimo indicada pelo amigo, destas se valorizando no dia seguinte devido a assuntos internos trabalhados pelo colega e da posterior divisão dos lucros ente os dois.

Henry efetuou a compra, mas a compra e a venda indicadas pelo amigo eram proibidas. Ainda sob efeito do álcool, Henry foi preso, acusado de possuir informações privilegiadas, enquanto seu colega fugia com a posse de todos os seus bens.

Submetido a uma pena de 20 anos, Henry não tinha a quem recorrer devido à sua falta de simpatia. Ficou totalmente miserável e não tinha recursos para se desviar de sua triste realidade. A culpa o consumia. Perturbado e inseguro, enlouqueceu e acabou sendo internado em um hospício, onde permaneceu pelo resto de sua vida.

A valsa em lá menor

Olivia Pinto Bueno de Campos Bicudo



Olivia Pinto Bueno de Campos Bicudo

Sentado no sofá, rodeado de quadros originais de Picasso, em frente a seu computador *Apple*, estava Josué.v Tinha apenas com a companhia de seus pensamentos, como sempre fazia às 17:39, assistindo vídeos no Youtube de gente toda de preto, aos prantos, abraçando todo mundo. Não parava de cantarolar “mi, lá, si, dó, dó, ré, mi, si, dó, ré, lá, sol, fá, mi, fá, mi, ré, mi”. Havia virado uma obsessão, era como se Chopin não saísse de sua cabeça.

Alcançou o jornal. Deparou-se com um anúncio que pareceu intrigá-lo. Rapidamente, digitou em seu computador “humanitarismo.com.br” e foi direcionado para outra janela “ingresso.com”.

- Você está tão chique.
- É paletó de primeira mão, né, Frédéric!
- Vamos logo, coloque o sapato e pegue o ingresso!
- Se acalme, hoje todos saberão quem somos.
- Sim, sim, será magnífico!

Em sua *Rolls-Royce Silver Spirit*, dirigiu até chegar ao tão esperado local: Teatro Municipal de São Paulo. Vozes, vindas de longe, enchiam os ouvidos de Josué. Seguindo a balbúrdia, ele se viu no meio de uma imensidão de cadeiras, porém, sem ninguém para aquecê-las. Todas as pessoas encontravam-se em um grandioso palco no final do mar de assentos. O apresentador estava ainda se arrumando.

- No passo dessas velhinhas não será hoje que apareceremos.
- Frédéric, isso exige calma, se queremos fazer a alma de todos sangrar temos que esperar o momento certo!

Seguiram-se mais algumas horas até que o apresentador anunciou:

- Podemos comer agora, antes do grande evento começar!

Entrada, prato principal, sobremesa. Não importava o que estivessem comendo, o gosto não lhes saciava, afinal não era para isso

que tinham vindo, estavam atrás de algo um tanto quanto diferente. Mais entediados do que nunca, decidiram dar uma volta e aproveitar para arejar.

Depois de um tempo espairecendo, chegaram a um lugar cheio de coisas guardadas: materiais, roupas, tudo uma bagunça. Confusos, ouviram vozes, que pareciam ser do leiloeiro e de mais uma pessoa não identificada. Ao se aproximarem, perceberam que uma apresentação estava prestes a começar. O pianista estava quase entrando no palco.

- Você tem que entrar no lugar dele!

Em menos de 10 segundos, lá estava Josué.

- Pare!!! Você não é a estrela desta noite, saia da minha frente.

- Sou sim, você verá - exclamou Josué, empurrando o pianista e já caminhando em direção ao instrumento.

Sentou-se. Preparou-se. Tocou “mi”. Sentiu algo. Tocou “lá”. Começou a cair. Tocou “si”. Morreu. Cessou a música.

Esta é a tragédia de quem morre pela vida dos próprios pensamentos.

A dúvida

Pedro Gribel de Castro Mendes



Pedro Gribel de Castro Mendes

Jorge, ainda desorientado, não conseguia se mexer em meio aos destroços e às ferragens. Alguns ferimentos, mas nada demais. O que lhe doía mais ali, naquele momento, era a dúvida do que podia ter acontecido. Logo depois, o som das sirenes se aproximou.

Era começo de feriado e Jorge e sua família decidiram ir para o litoral. Com o preço das passagens muito alto, eles optaram por ir de carro. As crianças, Ana e João, adoravam viajar de carro. Já sua esposa, Carla, nem tanto.

Os quatro se divertiam dentro do carro com brincadeiras como adedanha, entre outras. Jorge também participava, o que tirava um pouco sua atenção do volante. Mas como era um pai e marido responsável, sabia que nada aconteceria com sua família. Isso achava ele.

Em um breve momento de desatenção, Jorge não viu um buraco. Tentou desviar, o que foi pior, pois perdeu o controle do carro, que foi parar do outro lado da pista, de frente a um caminhão. No relance, ele se desviou para fora da estrada, mas o caminhão ainda acertou o carro e o jogou para dentro do mato.

Nesse momento, Jorge já começou a se perguntar o que poderia ter ocorrido. De cabeça para baixo, ele ficou ainda mais confuso, e devido aos estragos, não conseguia enxergar ao seu redor, não via ninguém.

Depois de muito esforço, conseguiu sair do carro. Sem forças para ficar de pé, sentou-se ao lado do veículo e começou a chorar, já imaginando o pior. Com o tempo, o som das sirenes foi aumentando e se aproximando, até que chegou ao local.

Vários paramédicos começaram a trabalhar tentando resgatar o resto da família de dentro do carro e Jorge ficou olhando agoniado a situação.

Passou algum tempo e eles conseguiram retirar os outros três do carro, mas já sem vida.

Jorge não acreditava. Tudo aquilo que ele mais amava acabara de ser tirado dele.

Ele se afastou um pouco pra tomar um ar, refletir, pensar. Algo muito peculiar começou a acontecer. Jorge, que sempre fora um cara cheio de vida e alegria, só desejava encontrar-se com a morte. Já não via mais sentido em nada e tudo o que queria era encontrar sua família novamente.

Trazê-los de volta já era algo impossível. O que foi jamais retorna. E a única maneira de reencontrá-los, se isso fosse possível, seria tirando sua própria vida.

Com esse pensamento em mente, uma estranha voz começou a falar com Jorge. Essa voz foi lhe persuadindo a cometer suicídio. E essa personalidade começou a tomar conta de seu corpo, como um alter ego, e então criou-se um conflito interno em Jorge.

Descendo a rodovia, ele passou por uma ponte sobre um rio. Começou a andar em direção à ponte... e, no caminho, foi pensando numa decisão final.

Ora ele escutava a voz que dizia não, ora ele escutava a que dizia sim. Analisou as consequências caso o fizesse e caso não fizesse.

Chegando à ponte, teve que decidir. Ele subiu sobre a proteção e olhou para baixo. Um paramédico distante viu Jorge e correu para tentar socorrê-lo, mas não houve tempo.

Quando o paramédico chegou à ponte e olhou para baixo procurando vestígios de Jorge, não viu nada. Em seguida chegou o grupo de buscas, que não encontrou o corpo ou qualquer marca da morte.

Ainda fica a dúvida do que aconteceu. As lendas urbanas dizem que ele ainda está caindo e que nunca vai cair no rio, ficando assim em seu sofrimento eterno. Ou que talvez ele nunca tenha pulado e tenha fugido. Ninguém sabe.

O homem de cabelos escuros

Ana Luiza Robazzi Mussolin



Ana Luiza Robazzi Mussolin

Todo dia ao anoitecer, vejo um homem alto, vestido com um terno preto, com cabelos escuros, caminhando em direção ao fim da rua. Chega sempre em um ônibus, que o deixa no começo da via e, então, com os ombros pesados, ele desce toda a rua até desaparecer na escuridão. De onde vem e para onde vai? Eu não sei.

Esta rua é pouco iluminada, já que há apenas um poste de luz amarelado, cheio de casas antigas nas duas calçadas e algumas árvores que escondem o fim do caminho.

Eu nunca o vi subindo a rua. Imagino que ele acorde antes do sol nascer, em um horário em que eu ainda estou dormindo.

Acho que ele nunca me viu, devo ser invisível, mas também nem sempre estou no mesmo lugar. Todo dia, porém, me pego esperando ele passar.

Às vezes, gosto de imaginar, para dormir, a casa desse homem. Imagino que seja uma casa bem grande, cheia de flores e brinquedos. Entretanto, acho que ele não tem ninguém para compartilhar todo esse conforto. Por isso que sempre está cabisbaixo.

Hoje acordei bem cedo, um cachorro passou por mim e acabou me despertando e, mesmo assim, não consegui tirar minha dúvida em relação ao homem. Fiquei brincando com o cachorro por horas com as minhas bolinhas.

Depois de um tempo, pensei que era um bom momento para trabalhar um pouco, já que estava o maior movimento de carros. Fiquei por lá o dia inteiro, voltei para o meu cantinho já ao pôr do sol. Sentei-me e comecei a contar todos os trocados que consegui durante o dia. Não derrubei nenhuma bolinha nem uma vez, e isso me rendeu uma boa recompensa. Arrumei-me para dormir quando vi o homem descendo a rua. Ele estava diferente, com as costas eretas, até estava cantarolando. E durante toda a semana ele passou assim.

Já era fim da semana e eu tinha feito todos os dias a mesma coisa: brincado com o cachorro, trabalhado e voltado para o meu cantinho. No meio da semana, escolhi um nome para o cachorro, chamei-o de Bulgão. Ele acabou virando um grande companheiro. Comecei a observar o movimento da rua para ver se conseguia pegar no sono. E então vi o homem de cabelos escuros saindo do ônibus, trazendo uma mulher junto. A mulher era loira, bem branquinha, um tanto robusta e tinha olhos verdes. Era linda. Eles pareciam apaixonados.

E assim foi o resto do mês: o homem caminhava pela rua, todo dia, ao anoitecer, com essa mulher, e eles estavam sempre rindo.

No mês seguinte foi a mesma coisa. Entretanto, a barriga da mulher começou a crescer, acho que eles estavam esperando um bebê.

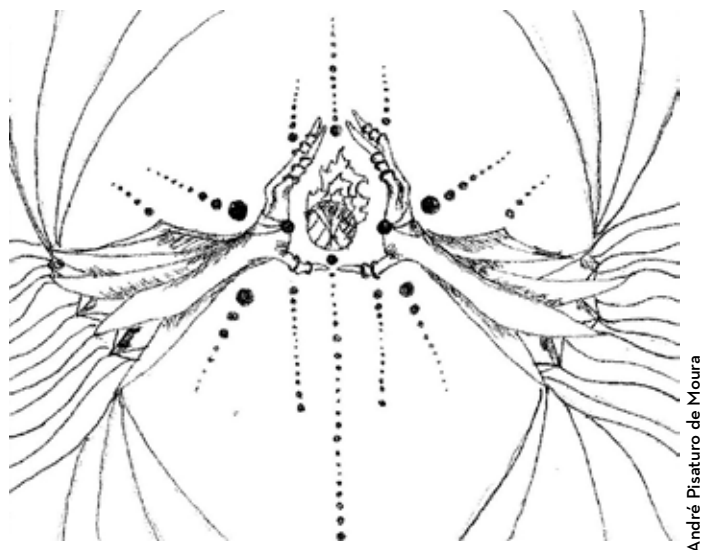
Os meses se passaram e o homem voltou a descer a rua sozinho, mas andava apressado e com um sorriso no lábios.

Só que essa felicidade durou pouco. Um dia, enquanto estava me preparando para dormir e esperando o moço passar, ouvi um som de uma freada muito forte e logo a seguir, um grito de dor. Levantei-me correndo em direção ao acidente. Chegando lá, vi um homem caído no chão e percebi que era o homem que vinha observando por todo esse tempo.

Logo chegou a ambulância e o levou dali. Nunca mais tive notícias do homem de cabelos escuros e toda noite espero para acompanhar o seu caminhar.

Conhecimento

André Pisaturo de Moura



Uma única árvore de escura casca e descabeladas folhas crescia no meio do campo seco e amarelado. De baixo de seus formosos galhos, um homem abrigava-se da raivosa chuva. Sob o balanço da enorme planta, aquele que não possuía uma estatura muito grande, nem uma idade na qual rugas enfeitavam a pele não muito clara, esperava o fim das torrentes de água que caíam do céu. Castanhos e densos pelos cobriam o seu esbelto corpo vestido por trapos, os quais não passavam de peles de animais que haviam sido molhadas pelas gotas de água que escorriam das verdejantes folhas da árvore em que se abrigava. Seus profundos olhos negros, como a mais escura das noites, assustados e curiosos, olhavam para o imenso céu tempestuoso, que cobria sua cabeça com longos cabelos e barba.

A noite era iluminada pela tempestade, clarões de luz piscantes e estrondosos assustavam o homem de aparência selvagem. Inquieto pelos estranhos clarões azuis, bradou por ajuda com o mais forte dos gritos. Dominado pelo medo que consumia seu corpo, sentou-se sob os acolhedores braços da natureza, ainda pedindo por ajuda a seus companheiros que o haviam abandonado.

Logo as densas nuvens se dissiparam e, de lá, entre as luzes que antes dançavam sob o ritmo da chuva, abriram-se alas para pequenos pontos de cor laranja que vibravam pela escuridão das inatingíveis estrelas. Os gritos ainda soavam pela noite. Pareciam crianças brincantes, pequenos sóis que ofuscavam as maravilhas da noite. Lá em cima, na imensidão aberta, as crianças de pele laranja cessavam sua correria e desciam para o reino dos homens. Em um piscar de olhos houve silêncio, os gritos de medo haviam parado e as animadas estrelas prateadas voltavam a iluminar aquela terra. O selvagem havia abandonado o seu refúgio e agora sentia o suave tocar da grama em seu pé de dedos gordos. Ele corria pela ampla planície, mas havia algo em seu caminho.

Uma figura encapuzada o olhava. Estranhamente, não usava trapos feitos de peles de animais, era uma bonita capa preta aveludada que cobria seu corpo esquelético. Sua pele era pálida e um tanto transparente, era possível ver as veias que se esticavam por suas entranhas. Era mais alto que o selvagem, que se aproximava dele com passos cautelosos. De olhos grandes e negros, observava aquela figura não civilizada, achava-a curiosa, a forma com que andava, os urros que dava, como se quisesse comunicar-se; nunca havia visto algo tão diferente. Seus braços eram longos e seu corpo não possuía pelo algum. De pés descalços, a figura soturna aproximou-se do homem, com postura ereta, enquanto o outro caminhava com suas costas curvadas e dedos que tocavam a relva.

Olharam-se. Ambos estavam curiosos, o que vestia trapos queria entender o que era aquela criatura alta que estava à sua frente, enquanto aquele que era mais formal se perguntava: “Que ser estranho é esse que me olha de baixo?” Parado, em frente ao selvagem, o encapuzado estalou seus longos dedos sem unhas. Da palma de sua mão, uma luz se acendeu. O homem baixo afastou-se. O que era aquilo que espantava as trevas? A curiosidade era mais forte que o medo, e ele se aproximou novamente daquele que tinha a luz na palma de suas mãos. Quanto mais perto chegava, mais a criatura queimava seus olhos. Ela era quente e ele queria tocá-la. Com sua mão calejada, encostou na luminosidade ardente. Berrou. Dessa vez não foi de medo e sim de dor, uma dor diferente, que queimava. O selvagem foi afugentado, tomou distância da criatura alta, que por sua vez tornou a se aproximar do ser inocente que desconhecia os poderes da chama. O estranho ser murmurou com sua voz grave em uma linguagem que o homem não compreendia:

– Não tema, criatura inocente – esticou sua mão iluminada para o selvagem – Eis o conhecimento!

O ser alto agachou-se, olhou para o homem, que apertava sua mão ferida fortemente enquanto lágrimas escorriam de seus olhos e umedeciam suas delicadas bochechas rosadas. Com a chama da sabedoria entre seus dedos, tocou na grama seca que lhe circulava. Virou-se para o inocente e caminhou com sua capa ao vento para a dançante luz laranja que antes voava pelo céu. No mais misterioso dos atos, a excêntrica criatura desapareceu. A luz que o desconhecido carregava agora consumia os gramados que o homem selvagem pisava. Seus pés queimavam e seu corpo suave. Os galhos da natureza que antes o protegiam agora cediam à força que viera de fora, do desconhecido

e do além. Com um galho em chamas que arrancara da única árvore, o selvagem correu como o vento. O presente que naquela noite havia recebido moldou a forma na qual sua raça iria se desenvolver.

Filho desejado

Luana Abu Jamra Rosato

Um casal, formado há mais de 15 anos, que morava em uma casa no campo, sem muitos vizinhos, com uma fazenda onde plantava seu próprio alimento, desejava um filho lindo, educado, generoso, dedicado, carinhoso e de bom coração.

Um dia a mulher, Marisa, decidiu ir até a ginecologista para conversar com a médica e falar sobre seu desejo em ser mãe.

- Doutora, como estão meus exames?

- Então, Marisa, aos 50 anos, a chance de ter filhos é pequena. Não sei se você vai conseguir engravidar...

A mulher chegou em casa muito mal, chorando pelos cantos, o marido, percebendo sua agonia perguntou:

- O que foi, amor? Como foi a consulta?

- A doutora disse que pelo fato de nós sermos mais velhos, a probabilidade de termos filhos diminui muito.

- Marisa, não fique assim, vamos dar um jeito.

O marido, todo sensível, deu uma ideia: colocar em papeizinhos todas as características que eles gostariam que o filho tivesse e depois enterrar no jardim da casa.

No meio da noite começou uma tempestade enorme, com granizo e muito vento.

No dia seguinte, o casal viu que o jardim em que tinha plantado os papeizinhos estava todo revirado. Havia um buraco enorme. Eles ficaram muito assustados. Foram para fora da casa dar uma olhada no que tinha acontecido e perceberam uns barulhos estranhos que estavam vindo da cozinha.

Era uma criança pequena, toda sujo de barro e que parecia com muita fome.

Era o filho deles, que saiu de baixo da terra.

A Van

Bruno Canepa Tosi



Bruno Canepa Tosi

Era uma bela noite quando aquele casal resolveu ir caminhar à luz da lua, olhar o bosque e apreciar o momento. Estava tudo perfeito. O rapaz, ainda jovem, que se chamava Thomas, considerava-se romântico o suficiente para dizer que apenas em momentos como aquele era possível aproveitar a vida.

Ana, sua namorada, adorava a forma com que era tratada pelo namorado. Meu Deus! Como ela era linda, olhos azuis como o céu, trajando um lindo vestido de seda amarelo detalhado com desenhos de flores. Carregava consigo um pequeno violão, com o qual cantava junto com Thomas.

No meio de toda aquela maravilha, estavam os dois cantando ao som do violão, à beira do lago, sentados em uma pedra, quando Ana disse: – Acho que está ficando tarde, melhor irmos embora. – Thomas concordou e os dois seguiram caminho sobre a trilha que os havia guiado até aquele lugar.

Logo na frente, abria-se uma estradinha de terra, pequena e estreita. Nela, vinha uma van preta com os faróis ligados. A van seguiu até o casal e o motorista ofereceu uma carona, que foi aceita por Ana e Thomas.

Ambos não falavam nada dentro da van; pode-se dizer que o clima estava um tanto quanto estranho e tenso. Seguiram caminho em silêncio, até que o homem parou o veículo e disse que precisava pegar algo no porta-malas. Ana desconfiou, mas não disse nada.

O homem voltou carregando uma arma em sua mão e uma mochila em suas costas e apontou a arma para Thomas, que, confuso com a situação, ficou paralisado de pânico. De repente, o motorista disparou um tiro no coração do rapaz. Ana entrou em desespero, gritando, até que o homem a mandou ficar quieta senão teria o mesmo destino que o namorado.

O assassino pegou Ana e foi mata adentro. Quando tomaram distância da estrada, ele ordenou que a moça ficasse nua e ela obedeceu. Ele tirou uma garrafa de vodca da mochila e começou a beber loucamente, até que jogou a bebida para o lado e foi caminhando até Ana.

Ela percebeu a embriaguez do assassino e o empurrou; ele tropeçou e caiu, então ela começou a correr desesperadamente em direção à van, entrou no veículo e começou a dirigir para fugir do homem.

Quando se deparou com outro carro parado na beira da estrada, Ana encostou a van e pediu ajuda. Dentro do outro carro, havia um homem alto e forte. A moça contou o que havia acontecido e, quando terminou de contar, chegou até eles o dono da van. Ela tentou fugir mas foi atingida na cabeça, ficando inconsciente.

Ana acordou em sua cama, ao lado de Thomas, que ainda estava dormindo. Tentou acordá-lo para falar sobre seu sonho, balançou bastante o moço e, quando tirou o cobertor de cima dele, viu um buraco de tiro em seu coração.

Esse mundo ainda tem jeito

João Paulo Conti Pereira Luiz

Todo final de mês, Cleusa se organizava para pagar todas as suas contas. Naquele dia, porém, uma ficou faltando; a mulher a colocou no bolso de trás da calça, pôs o dinheiro no meio da conta e deixou alguns trocados no bolso da frente.

Na rua, encontrou com uma amiga e seu bebê. Cumprimentou-os e abaixou um pouquinho para brincar com a criança, até que se despediu e foi ao banco para pagar a conta restante. Quando chegou, passou a mão no bolso e não encontrou nem conta nem dinheiro. Entrou em desespero; porém, sem ter o que fazer, voltou para casa arrasada, sem saber como ia contar tudo ao marido.

Nesse momento, um rapaz que passava na mesma rua em que Cleusa havia estado encontrou a conta e o dinheiro. Ele não teve dúvida: dirigiu-se ao banco e pagou a conta. Depois, viu qual era o endereço da mulher e foi até a sua devolver a conta paga e o troco.

Quando chegou lá, explicou tudo que havia feito e Cleusa pôs-se a chorar de alegria e agradecimento. Alguns dias depois, a notícia se espalhou pela cidade e o rapaz acabou sendo entrevistado por uma repórter de uma emissora de televisão conhecida. Quando questionado sobre sua ação, disse que apenas se colocara no lugar da pessoa que havia perdido a conta e o dinheiro.

Super-homem

Letícia Carvalho Di Fiore

O professor de história tagarelava sobre as inúmeras façanhas do Império Romano. Blá, blá, blá, “revoltas da plebe”, blá, blá, blá, “guerras púnicas”. Enquanto isso, Henrique esboçava um super-homem. É claro que o desenho ainda precisaria de muito trabalho, pensou. Faltavam cores, detalhes, conteúdo. Mas a figura do herói em si estava excelente. Seus traços firmes concretizavam uma imagem fiel. Estava terminando a capa do ídolo quando ouviu passos se aproximando de sua carteira, afastada do quadro encoberto pela letra ilegível do instrutor. Tirou a atenção do papel e viu dois olhos por detrás de uns óculos, encarando-o. As feições expressavam descontentamento, desaprovação.

O professor retirou o papel das mãos do aluno. Caminhou até o lixo e jogou a arte do menino no cesto. Resmungou algo e continuou a aula, como se nada tivesse ocorrido. Belíssimo presente de dezesseis anos que o estudante havia recebido, hein? O menino nem se importou, não era como se fosse algo inédito em seu cotidiano.

A uma hora da tarde em ponto, o aluno adentrou à sua sala de estar. A mãe terminava uma ligação telefônica e, juntos, eles iriam ter outro almoço desconfortavelmente silencioso, repleto de falso interesse e, quem sabe, falsa afeição. Não era que não se gostassem, mas sentiam que a distância de dois mundos extremamente distintos, em adição às constantes brigas, acabava trazendo um amor imposto pela sociedade e não genuíno.

Logo, a mãe entrou no mesmo cômodo em que se encontrava o filho. Ela parecia brava e, com tom duro, começou a gritar sobre outro telefonema do diretor da escola reclamando da postura desatenta do menino, que ainda se somava às suas notas baixíssimas. “O que seu pai irá pensar?” ela se indagava, perguntando mais a si mesma do que ao destinatário. “Um filho de dois engenheiros que consegue zerar numa prova de trigonometria! Zerar!”

Era simples. No dia de chegada do boletim, os dois responsáveis se fixavam na parte de exatas. Não que humanas ou biológicas fossem áreas em que o menino se destacasse. Bem, sim. Mas de uma maneira negativa. Os pais, no entanto, se interessavam pelos cálculos. Se alarmavam com os resultados baixíssimos e derramavam no menino palavras há muito tempo engarrafadas pelo bom senso. “Ingrato, sem futuro, teimoso” eram só o começo da gritaria, que iria se prolongar até altas horas da noite. A única matéria deixada de lado, encontrada no último espaçamento do boletim, eram “Artes”, em que um pequeno “A”, era visto, sem alarde.

Já acostumado a ouvir os xingamentos dos pais, o menino se dirigia ao seu quarto. Exausto, ele deitava em sua cama e absorvia todos os adjetivos a ele dirigidos. Não era fácil. Ele poderia bancar o insensível na frente de todos, mas quando se encontrava sozinho, não podia deixar de derramar algumas lágrimas. Quando já havia se recomposto, ainda que parcialmente, sentava-se em sua escrivaninha. Abria a última gaveta e, debaixo de milhares de folhas em branco, provas abaixo da média, comunicados aos pais e uma burocracia escolar interminável, ele encontrava o precioso caderno que continha seu mais valioso bem: seus desenhos. Lia-se “Henrique” na capa, com uma caligrafia desenhada.

Henrique. Inspirado no engenheiro Henry Ford, a quem seus pais atribuíam um respeito enorme. Devem ter se arrependido de ter lhe presenteado com tal identificação, considerando o fracasso que realmente era, ele pensou. Folheou as páginas, explorando seus feitos, incrivelmente dotados, avaliando sua evolução. Quando chegou à última página ocupada, em que se via um planeta prestes a ser atingido por uma nave espacial maléfica, ele se colocou a continuar sua história. Ele precisava de uma saída, uma salvação. Precisava impedir que o planeta fosse destruído. Acabou adormecendo enquanto desenhava, completamente submerso no universo paralelo de sua criação.

Acordou com os berros da mãe. Ela estava enfurecida. Como assim ele estava desenhando naquele caderno inútil, novamente, e não estudando para se recuperar da prova perdida de trigonometria? Sua mãe havia mudado de cor, estava vermelha de raiva, o que mais se destacavam eram seus dentes brancos lançando bolhas de cuspe que caíam sobre sua pele. Dizer “inferiorizado” seria pouco para expressar como o pobre menino se sentia. Sua mãe havia se transformado em um monstro e não queria esperar seu pai entrar no quarto para juntar-se a ela.

Ele se desculpou, de forma honesta. “Qual era seu problema?”, refletiu. Abriu o livro de matemática. Chutou o caderno de rabiscos, com raiva de si mesmo. Como poderia ser tão inútil? Ele encarava atentamente os números: tangente, cosseno, seno. Que diabos era aquilo? Por que ele insistia em desenhar durante as aulas? Ele não era um desenhista, ele era um engenheiro. Após inúmeros exercícios, ele ainda se confundia com a matéria. Cansado, ele olhou de relance ao caderno de desenhos, que se encontrava no chão, sob roupas e livros. Estava

aberto em sua última criação. Via-se um planeta destruído e um general sorrindo ao ver o extermínio. Reprimiu-se e voltou ao livro, lendo o título “Ciclo Trigonométrico”. Afinal, era aquilo que realmente importava.

A Preguiça

Júlia Napolitano Rivitti

Todos têm seus momentos de preguiça na vida, mas parece que o meu momento de preguiça é eterno. Todos os dias, toda hora, tenho preguiça e tédio de fazer qualquer coisa. Meu nome é Brian e sou um garoto de 16 anos que não gosta de fazer nada a não ser coisas de geeks (para quem não sabe, *geek* é uma estilo de vida de vício em jogos, animes, filmes, quadrinhos, mangás e coisas do tipo).

Quando estou em casa, fico apenas em quatro lugares: na minha cama, dormindo ou vendo coisas na internet, na cozinha quando estou com fome, no banheiro quando bate necessidade ou na frente da TV, jogando. Fora isso, não faço mais nada a não ser o que sou obrigado a fazer, isto é, ir à escola, fazer esporte, sair com o cachorro, entre outras tarefas chatas. A frase que mais escuto da minha mãe é “vai estudar” ou “sai dessa cama”; e ouço muitos sermões do meu pai, que fica falando que nunca foi tão mal na escola quanto eu vou.

Não quero fazer nada, quero dormir, ficar vendo vídeos e filmes no computador ou jogando, não estudar; não quero ser médico com doutorado ou um advogado, para isso precisaria de estudo; só quero fazer o que faço bem: jogar. É simples. A única coisa de que gosto na escola são os meus amigos, com quem posso conversar sobre o que gosto, não sobre o que eu tenho que fazer da vida depois. Às vezes, me pergunto quantas pessoas são iguais a mim.

O engraçado é que, quando eu era pequeno, era uma pessoa extremamente ativa, que estava sempre correndo de um lado para o

outro como uma criancinha retardada que se divertia muito. Agora, vejo meus primos mais novos totalmente ativos e me lembro do passado. Bons tempos.

Lembro-me de uma vez que fui com meu pai e minhas irmãs para o México... Foi divertido, apesar de ter sido obrigado pelas minhas irmãs a entrar na água primeiro, com um tubarão lá dentro. Divertido! Posso não gostar de sair de casa, mas algumas vezes me divirto muito, geralmente em rolês aos quais estava pensando em não ir e para os quais acabei indo e me divertindo muito.

Muitas vezes vou pra Ubatuba com meu pai e lá ele me faz ser marinheiro e ajudá-lo no barco. Eu, mesmo não curtindo muito estar fora de casa, acho o oceano é uma das poucas coisas que me acalmam de verdade; por isso quando vou, acabo ignorando o fato de estar fora.

Pensando bem, agora percebi que só gosto de ficar em casa quando estou na cidade, porque na praia ou no campo, não me incomodo nem um pouco de ficar fora ou até mesmo de andar, o que na cidade é algo raro de me dar vontade de fazer. Por que as pessoas mudam tanto com o passar do tempo? Tenho me perguntado seriamente sobre isso, mas também não me imagino agora do mesmo jeito que eu era antes; tudo bem que uma coisa não tenha mudado: continuo sendo um tanto estranho. Mas gosto de ser assim.

Enfim, tenho que parar de brisar loucamente aqui nesse blog que é utilizado pelos terapeutas e voltar a continuar jogando, enfiando-me nos mundos distantes do meu pensar que não fazem o menor sentido nem pra mim nem pra ninguém. Viva a sua brisa, não deixe os outros lhe desbrisarem.

O dia em que minha vida mudou

Rafael André Sollberger Cembranelli



Rafael André Sollberger Cembranelli

Dia 25 de agosto de 1979. Parecia uma tarde qualquer de sábado que eu passaria na casa do meu avô, jogando cartas e fazendo palavras cruzadas com ele o dia todo, o que se tornou habitual desde o dia em que meu pai veio a falecer, 12 anos atrás. Esses sábados invariáveis que costumávamos ter eram não apenas uma escolha minha e do meu avô, mas sim uma recordação das vezes que eu costumava fazer o mesmo com meu pai quando eu era menor.

Quando meu pai morreu, eu era muito pequeno e não possuía maturidade suficiente para entender e processar o porquê daquilo ter acontecido. Minha mãe nunca foi muito presente na minha vida, sempre

abarrotada de trabalho, pra lá e pra cá a semana toda, ela não tinha tempo para “entender” o que se passava na minha cabeça depois de perder a única pessoa que sempre esteve ao meu lado para tudo.

A notícia de que meu pai havia falecido veio com muitos “pêsames” e poucas explicações. Durante toda a minha infância, eu me questioneei o porquê de nunca ter recebido explicações no mínimo aceitáveis... Então, apenas quando completei 16 anos, comecei a tirar essa história a limpo de uma vez por todas.

Primeiro, procurei a minha mãe para conversarmos a respeito, e após eu ter desferido meia dúzia de perguntas a ela, pude notar que havia alguma coisa errada naquelas provavelmente ensaiadas explicações. Durante a minha busca por motivos de nunca terem me contado nada, eu sabia estava perto de desenterrar uma mentira que talvez não estivesse pronto para descobrir.

O meu pai sempre fora igual à minha mãe: tinha um trabalho importante em uma empresa reconhecida mundialmente e sempre estava coisas para fazer. A única diferença entre os dois era que ele sempre me colocava na frente da sua carreira, diferente do que minha mãe costumava fazer.

Depois de ter algumas informações, foquei-me nelas para saber se realmente eram reais. Perguntei à minha mãe qual havia sido o hospital em que meu pai viera a falecer após o acidente de carro que ela havia mencionado. Naquele mesmo instante, fui até lá para ver se aquela história era real. Quando cheguei, pedi para falar com o atendente chefe da recepção que, de primeira, negou-se a me entregar qualquer informação dos pacientes. Depois de muito tempo tentando convencê-lo, não me orgulho do que eu tive que fazer: eu o subornei. Fiquei mais

de uma hora esperando o funcionário voltar para finalmente acabar com todo aquele suspense, quando ele apareceu com uma notícia que eu realmente não esperava. O meu pai nunca havia sido registrado ali.

Depois de uma noite sem conseguir dormir sequer 10 minutos, procurei uma pessoa em quem eu sabia que podia confiar: meu vô. Fui até sua casa como se fôssemos passar um sábado normal. Cheguei lá, não consegui me segurar e perguntei:

- Vô, eu sei que há algo de errado na história da morte do meu pai, quero saber o porquê da minha mãe não me contar o que realmente aconteceu.

- Lucas, eu sabia que esse dia essa hora iria chegar e eu prometi a ele que quando esse dia chegasse eu contaria a verdade para você.

- E o que é, vô? Me conta a verdade logo, eu não aguento mais!

- O seu pai não está morto.

Eu, claro, a princípio não acreditei, mas assim que eu ia falar alguma coisa, ele disse:

- Ele forjou a própria morte para proteger você.

Meu avô me contou que meu pai havia cometido um erro irreparável, sobre o qual ele não quis falar, na empresa em que trabalhava. Ele explicou que um certo dia, seu chefe descobriu o seu grande segredo e após aquele dia começou a chantagear e ameaçar meu pai constantemente. Tempos depois, a empresa em que meu pai trabalhava se viu ameaçada devido ao erro cometido por ele. Seu

chefe então só viu uma maneira de salvar a firma, e esta incluía o desaparecimento do meu pai para sempre. Sem mais opções, o chefe do meu pai ameaçou me matar caso não fosse cumprida a sua ordem.

Meu pai não viu outra opção além de fazer o que deveria, mesmo que isso significasse nunca mais me ver, e decidiu desaparecer para sempre. A partir desse dia, minha vida mudou. Eu sabia que por mais que fosse quase impossível, eu deveria ir atrás do meu pai e tentar reatar a minha relação com ele.

Vingança

Dalmo Dallari Oliveira Lima

Enquanto Felipe recebia os parabéns da professora pela nota máxima na prova, Willian parecia não ligar por ter tirado um solene E. Na saída, o maior da turma derrubou o material de Felipe e disse: “Seu virgem, só estuda e é o queridinho da professora. Quando você pegar mais minas que eu ou jogar mais bola que eu, a gente conversa, seu estranho!”

Felipe ficava muito raivoso, sentia vontade de bater em tudo e todos. Não conseguia engolir o fato de não fazia nada de errado, só queria ser o mais correto possível, mas era sempre chamado de “bobo da turma”, motivo de chacota. O garoto sempre fora muito estudioso, notas eram seu forte. Ele também era sonhador, queria tirar a família de Paraisópolis, virar engenheiro. Mas o mais importante era fazer o ensino médio em um lugar onde ele não seria a vítima das gozações.

Felipe sempre fora um pouco desconfiado quando o assunto eram as mulheres. Não tinha muitas amigas, não frequentava festas ou brincava de “verdade ou desafio”. Era caseiro, adorava videogame (se pudesse, ficaria o dia todo alucinado com algum tipo de “droga virtual”). Havia uma menina, Beatriz, da escola mesmo, por quem Felipe era apaixonado. Eles moravam na mesma rua, e o menino sempre sonhara em ir e voltar da aula junto com ela. O problema era que o “arrombado” do Willian a namorava. Ele tratava Beatriz mal, não era o príncipe que ela merecia, não fazia questão de estar com ela. Só queria saber de ir à academia, fumar maconha e trair a namorada com as amigas, sempre usando a desculpa de que estava bêbado, o que deixava Felipe maluco.

Felipe sonhava com uma vingança de todas as zoações que havia recebido de Willian, sonhava em “roubar” a garota dos seus sonhos e revidar todos os anos se segurara para não explodir: enfim, ter um momento em que o zoador fosse Willian e o “zoador” fosse ele.

Felipe pensou em algum plano que lhe possibilitaria que isso acontecesse. Não queria algo muito sério, mas não queria aliviar para o briguento. Ninguém poderia saber que havia sido Felipe que planejara todo o esquema.

O garoto sabia que Willian andava de skate e seu “automóvel” ficava em um pequeno estacionamento na escola, onde havia também algumas bicicletas. Sua primeira ideia era quebrar o skate, mas acabou desistindo. Pensou então em estilizar a prancha do garoto com cores femininas ou cores do time rival ao que Willian torcia, mas desistiu. Até que veio a grande ideia: soltar um parafuso da roda do skate que, ao afrouxar, desmontaria toda a base, fazendo com que o garoto tomasse um belo tombo. Tudo que Felipe precisava era de uma chave de fenda, tempo e coragem. O horário do incidente seria o recreio, momento em que todos os alunos ficam livres pelo pátio e Willian anda com seu skate, fazendo graça e gabando. O recreio era entre a segunda e terceira aula, então, antes disso, Felipe precisaria sair da sala, descer as escadas, entrar no estacionamento de bicicletas sem ninguém ver, soltar o parafuso e voltar para a aula sem imaginarem qualquer coisa.

Chegou o dia, uma sexta-feira, dia de festa da escola, em que todos se encontrariam para perder a dignidade, em que o álcool ilegal seria bebido pelos estudantes. Felipe estava nervoso, acordou 20 minutos mais cedo, sem despertador, tamanha a ansiedade. Tomou banho, botou uma roupa, tomou café da manhã, abriu a caixa de ferramentas e pegou a chave de fenda, que por acaso era bem bonita, de madeira e metal.

Ao chegar à escola, o garoto reparou que Willian já tinha chegado também ao avistar seu skate “estacionado”. Felipe caminhou normalmente até a sala. Sua primeira aula seria de Biologia, seguida por Química. O menino precisava de pouco mais de 5 minutos dos 140 que ele teria até o recreio. Na primeira tentativa, Augusto, professor de Biologia, barrou a saída dele, dizendo que estava muito cedo para ir ao banheiro.

A segunda tentativa foi no intervalo de aula de 5 minutos, um pouco arriscado, mas possível. Ao ouvir o sino tocar, o garoto já levantou voando para porta, Augusto não teve nem tempo de reclamar quando o aluno já estava em direção às escadas. Depois de descer, Felipe caminhou normalmente até o estacionamento, onde encontrou um bedel que lhe perguntou o que estava indo fazer. Felipe respondeu: “Estou indo à biblioteca pegar o livro de Química que eu esqueci”. Menino esperto, o estacionamento ficava ao lado da biblioteca, mas o problema seria encontrar o dedo duro novamente. Seguindo caminho, chegando ao skate, Felipe checou o seu redor, confirmou que estava sozinho e rapidamente soltou o parafuso. Não tão solto, nem tão apertado, mas solto o suficiente para que, quando houvesse velocidade, o tombo fosse hilário.

No caminho de volta, Felipe foi avistado pelo bedel, que questionou onde estaria o livro que o aluno foi buscar. Mas, esperto como era, Felipe logo respondeu que haviam se esgotado os livros para empréstimo. Chegando na classe, a aula havia começado. Antônio, o professor, não questionou a razão do atraso por se tratar de um aluno exemplar e sem histórico de malandragem.

Bateu o sinal, todos desceram. Felipe estava muito nervoso e seguiu Willian à distância. As escadas pareciam nunca acabar, o tempo

passava, Willian ia para fila da cantina comer. Felipe sempre de olho, os 15 minutos estavam se esgotando, restavam 8 e no intervalo seguinte teria show de música. Começou, então, uma movimentação: Willian e sua gangue caminharam em direção aos skates. O nervosismo aumentou, a pressão subiu. William pegou o skate e não notou nada de errado, começou a andar livremente. Felipe começou a se questionar se tinha feito tudo certo. O medo começou a vir e nada do parafuso se soltar. Um caminho se abriu, os skatistas tomaram a paralela e começaram a fazer manobras pelos obstáculos. Willian conversava com a namorada, o medo aumentava em Felipe e nada.

Quando o skate foi ao chão e o garoto começou a andar, outro skatista caiu, para risada de todos, menos de Felipe. Willian aumentou a velocidade, passou o primeiro obstáculo sem problemas, mas notou certo desconforto com o pé da frente. Tentou trocar a base dos pés, mas pouco adiantou. O menino parou, checkou se havia algo de errado, mas não viu problema. Fez meia volta e novamente aumentou a velocidade. Faltavam 3 minutos para acabar o recreio e alguns alunos começaram a caminhar para as salas, o skatista que havia caído levantou sem grandes arranhões. Willian aumentou a velocidade, se preparou para um salto, até que sentiu a base da frente se soltar, junto do parafuso. Tentou frear, seu pé direito escorregou da prancha, o menino foi com todo seu impulso direto com as costas no carro da professora.

Um silêncio dominou a escola, o menino caiu desacordado, uma gritaria se iniciou. Alunos foram ajudá-lo. Só Felipe se divertiu e riu de canto, todo orgulhoso por seu plano ter dado certo. Willian sangrava quando chegaram os bedéis. O menino ainda estava desacordado, todos foram mandados de volta para sala de aula e o nervosismo tomou conta da escola. As aulas foram retomadas, mas o tombo de Willian foi a notícia principal do dia. Um barulho de ambulância chegou à escola: pela janela

foi possível ver Willian sendo retirado em uma maca. Os sentimentos de medo e angústia tomaram conta da cabeça de Felipe. O barulho acabou, a ambulância foi embora, as aulas foram retomadas. A temperatura da escola ficou baixa, aguardando por notícias do maioral.

No dia seguinte, ainda era possível enxergar no rosto das pessoas o clima de nervosismo. Eram conversas paralelas, pessoas preocupadas com um grande aviso na entrada das classes: às 9:20, *todos os alunos compareçam à quadra*. Felipe leu aquilo com um certo desconforto, não sabia se a conversa seria sobre o incidente ou seria só alguma daquelas conversas inúteis da escola.

O sinal bateu, hora do recreio; a escola caminhava depressa para ouvir a diretora. Todos foram se sentando nas cadeiras espalhadas pela quadra: a diretoria da escola permaneceu no palco montado à frente: um clima de tristeza e temor tomou o espaço fechado, um grande silêncio foi feito. A diretora começou a falar.

- Caros alunos e alunas, como a maioria de vocês viu e já deve estar sabendo, o nosso querido aluno Willian Lacerda Proença sofreu um acidente ao tropeçar do skate ontem no pátio da escola. Todos nós ficamos muito assustados, pois ele caiu desacordado e sangrando. Logo, nossa equipe de inspetores deu os primeiros socorros, ligamos para os pais do aluno e para uma ambulância. Fui acompanhando Willian na ambulância, lá ele permaneceu todo tempo parado e desacordado. Ao chegar ao hospital, pensávamos que tinha sido uma queda mais forte, mas que em alguns minutos Willian acordaria.

A diretora começou a falar com uma voz baixa e a segurar o choro. Felipe começou a ficar nervoso. “Ao chegarem os pais de Willian, eu me retirei e voltei para a escola para seguir mais em um dia normal

de trabalho. Quando estava saindo da daqui, recebi uma ligação da mãe de Willian. Ela estava chorando muito e parecia não acreditar no que estava acontecendo. Willian havia sofrido uma fratura na vértebra e ficou paraplégico, perdeu os movimentos abaixo do pescoço.” Ao ouvir isso, o garoto não acreditou, não conseguiu acabar de ouvir o discurso e saiu correndo para o banheiro, começa a chorar, berrar, se perguntar o porquê daquilo acontecer. Era pra ser apenas uma vingança, nada muito sério. Ouviu-se um estrondo: Felipe caiu desacordado no banheiro. Foi o maior pesadelo de sua vida e ele nunca mais se recuperou completamente dessa história.

Dois irmãos

Bruno Spina Soares de Oliveira



Bruno Spina Soares de Oliveira

O telefone tocou. Leonardo atendeu e recebeu a triste notícia de que seu tio, Irineu, falecera ao amanhecer. Inconformado com a morte daquele que tinha sido um pai para ele em sua infância, ainda lembrou que no velório se reencontraria com seu irmão gêmeo Roger, depois de 10 anos sem falar com ele, devido a uma séria briga que o deixara com uma cicatriz no peito.

Roger, um homem de 31 anos, vice-presidente de uma empresa multinacional e “queridinho” da família, queria o perdão de seu irmão e retomar seus laços afetivos. Porém, Leonardo, o desempregado e “inútil” da família, queria se vingar e tornar a vida de seu irmão um inferno.

Após muito choro, o triste dia chegou. Ao entrar no velório, Leonardo educadamente cumprimentou cada familiar e não avistou seu irmão, porém tentou esquecê-lo e aproveitar aquele tempo para recordar momentos lindos que passara com o tio. Ao final da cerimônia, o caixão foi levado para o carro funerário e todos os familiares o seguiram no cortejo até chegar ao cemitério. E nada de Roger aparecer. Leo estava ficando mais aborrecido com seu irmão, que ainda não tinha chegado para prestar homenagens ao seu querido tio, que um dia fora um grande pai para os dois, quando o “verdadeiro” pai falecera em um acidente de carro.

Caixão enterrado, a alma de Irineu já estava com Deus... e ainda nada de Roger aparecer. Então, querendo no mínimo conversar com seu irmão, Leonardo decidiu ficar no cemitério, pois tinha certeza que ele iria ver Irineu alguma hora. Antes tarde do que nunca: depois de mais ou menos duas horas, Leonardo, desistindo de seu plano, caminhava em direção à saída do cemitério quando o barulho de um carrão foi escutado; certamente era Roger com uma de suas três Ferraris. Pois bem, Leonardo deu meia volta e se sentou no túmulo de seu tio. Menos de dois minutos depois, apareceu Roger de terno, todo bonito e rico, andando triste, de cabeça baixa. Ao chegar ao túmulo, deparou-se com seu “irmãozinho” e se assustou, derrubando as flores que eram para Irineu.

Fingindo estar tudo bem, Roger cumprimentou seu irmão, nervoso. Nesse momento, Leo tentou esquecer tudo o que tinham passado na infância, mas uma lágrima escorreu em seu rosto e o fez lembrar de todo o sofrimento que aquela briga lhe causara. Após uma conversa séria e emocionante, os dois pareceram amigáveis, até que Leo fez o surpreendente convite a Roger para irem a um bar lá perto para pôr a conversa em dia. Entusiasmado com a ideia, Roger aceitou, os dois entraram na Ferrari vermelha e partiram para o bar.

Depois de pôr a conversa em dia e de beber muito, eles pagaram a conta e saíram do bar. Quase chegando à Ferrari, Leo sentiu muita vontade de ir ao banheiro, então deu meia volta e entrou no toalete do bar. Lá dentro, olhou a cicatriz que ganhara devido a uma facada de Roger na tão conhecida briga e decidiu se vingar. Após sair do bar novamente, deu a ideia para seu irmão de irem andando um pouco pela rua para conversarem mais, já que uma conversa de bar não consegue resumir 10 anos. Sem ter muita opção, Roger aceitou e os dois partiram andando tranquilos pelas calçadas de São Paulo.

Depois de um tempo, a chuva caiu sobre a terra da garoa e os dois, desprotegidos e no meio da rua, entraram num beco para esperar a tempestade dar uma acalmada. Aquela era a hora... Leonardo pegou a faca que tinha pego no bar e enfiou com força no peito do irmão. O grito foi ouvido por vários quarteirões, inclusive pela polícia, que passava lá por perto.

Só mais um dia

Gabriel Gorga Guimarães



Gabriel Gorga Guimarães

Era uma quarta-feira como qualquer outra: ir para a escola, voltar da escola, almoçar, escovar os dentes e ir treinar futebol no Coritiba FC, meu time do coração. Foi exatamente o que eu fiz: após aquela aula insuportável do 9º ano, fui para casa almoçar aquele feijão com arroz e bife, depois fui fazer alguma coisa da vida e jogar futebol como o melhor atacante de Curitiba.

Quando acaba o futebol, normalmente meu pai vai me pegar na frente do campo. Naquele dia, porém, enquanto eu esperava, um homem desconhecido, bem vestido, me abordou, me deu um copo de Gatorade e me parabenizou pelo meu excelente futebol. Achei super estranho, porém bebi o Gatorade pra recompor meus sais minerais e continuei a

esperar meu pai. De repente, comecei a ter uma forte dor de cabeça e tontura, sentei-me no banco que havia ali perto e consegui ligar para meu pai. Nesse exato momento, percebi que ia desmaiar; meu pai atendeu, falei que estava mal, mas ele ainda estava chegando. Comecei a ver tudo embaçado e preto, sabia que iria desmaiar. Senti apenas uma coisa nesse momento: uma mão me segurando por trás da cabeça, a última coisa que me lembro dessa hora.

Acordei em um quarto totalmente escuro, sem enxergar nada. Consegui me levantar e andei à procura de uma luz, quando vi a sombra de um homem abrindo a porta:

- Como você está, filho? Melhorou da tontura? - Graças a Deus era meu pai, estava aliviado.

- Nossa pai, que susto que você me deu. Como que eu vim parar aqui?

- Quando eu cheguei no campo você estava deitado em um dos bancos, fui até lá, segurei sua cabeça e te carreguei até o carro.

Ufa! Após esse susto meu pai me levou para o hospital, onde fiz uma série de exames para ver o que tinha acontecido. E o mais estranho é que eu tinha resquícios de sedativo na minha circulação sanguínea, o que me levou a pensar naquele homem que tinha me dado aquele Gatorade após o jogo. Fiquei na minha e não contei nada para o meu pai e nem para o médico, apenas disse que não tinha ingerido nada que poderia conter esse tal sedativo.

Voltando pra casa, fui convidado por uns amigos para jogar poker. Chegando lá, fizemos um torneio e depois resolvemos chamar umas

peessoas para uma pequena festa. Pronto, estava tudo esquematizado, as pessoas já tinham sido convidadas, só faltava comprar os comes e bebes. Eu e mais um amigo ficamos encarregados dessa missão e saímos à procura de um supermercado ou mercadinho por perto. Após 20 minutos de caminhada, achamos um mercado meio caído, mas tinha bebida e comida. Fomos lá e compramos, começamos a voltar pra casa quando meu amigo falou que tinha esquecido sua carteira no caixa; voltou lá para pegar e eu fiquei lhe esperando em uma esquina nada movimentada. Pow!!!

Acordei em uma sala bem escura, com uma enorme dor de cabeça. Percebi que, pelo eco, era uma sala bem grande. Consegui me levantar, mas estava muito tonto. O lugar cheirava muito mal, tinha cheiro de celeiro. Quando finalmente achei o interruptor, uma voz surgiu no meio da escuridão:

- Moleque, nem pense em apertar esse interruptor que você achou, senão vou te matar!

- Quem é você e porque eu estou aqui? O que eu tenho que fazer? Só quero ir pra casa!

Do outro lado da sala, acende-se um feixe de luz com um homem sentado em uma cadeira: o mesmo homem que havia me dado aquele maldito copo de Gatorade.

- Você tem direito a uma ligação, para quem você quiser. - o homem jogou um celular para mim.

- Pai, pai! Um homem me sequestrou e está falando que vai me matar! Estou com muito medo! - o homem arrancou o celular de minha mão e começou a falar com meu pai.

- O trato é o seguinte, 500 mil no lugar que vou te passar até amanhã e ele fica vivo, se não aparecer ou se você colocar menos dinheiro, ele morre.

O homem desligou e me pegou pelo braço, colocou-me em uma cama e me amarrou. Apagou o único ponto de luz e saiu por uma portinha, deixando-me sozinho e com mais medo.

Foi passando o tempo naquela sala medonha, escura e sozinha e eu não conseguia pregar o olho. A única coisa que eu conseguia pensar era voltar a ver meu pai, jogar no meu time de coração e rever meus amigos.

Passou tanto tempo que finalmente comecei a ter noção de onde eu estava, já que começou a clarear e a luz do sol passava direto entre as tábuas de madeira: era um tipo de estábulo abandonado. Quanto mais tempo passava, mais claro ficava e mais assustado eu me tornava. Conseguia ver umas facas, umas enxadas e outras coisas de que eu não estava gostando, mas quando o lugar ficou completamente claro, consegui ver muito sangue espalhado pelo chão e não sabia se era de animal ou de ser humano.

Algumas horas depois, o homem reapareceu, super bem vestido e com um celular na mão.

- Acho que minha vontade está cada vez mais próxima de acontecer! Hehehe.

- Por que você está dizendo isso? Só me deixa ir para casa.

- Acho que isso nunca mais vai acontecer, seu pai disse que não tem o dinheiro preciso para seu resgate, então falei que não tinha problema que o resgate agora seria de graça.

- Por que você está dizendo isso?

- Por que você acha?

O homem me colocou dentro de uma banheira velha, colocou uma venda em mim e começou a jogar água.

- O que você tem a dizer pra mim?

- O que eu fiz pra você?

- Pergunta errada.

Eu estava com muito medo... POW.

Uma noite histórica para o futebol

Fábio Fernandes Teixeira

A Sociedade Esportiva Palmeiras, após se sagrar campeã nacional de 2016, procurava reforços para a nova temporada do clube com o objetivo de levantar a taça mais desejada por todos os times sul-americanos.

Para a felicidade da nação alviverde, o volante de 33 anos Antônio Mello foi anunciado oficialmente depois de uma negociação tranquila com seu ex-clube espanhol. Com passagem pela seleção brasileira e famoso por suas provocações feitas de dentro e fora de campo, Antônio prometeu em sua primeira coletiva que faria o que fosse preciso para defender o Palmeiras, até mesmo disse que bateria em seus adversários em sua primeira coletiva.

O jogador, apelidado de “pitbull”, comparecia a todos os treinos e mostrava comprometimento total nos gramados. Defendia o futebol “raiz”, da época de Romário e Edmundo, e reservava seu tempo livre para sua família e amigos.

Antônio Mello estreou bem em seus primeiros jogos pelo time paulista, mostrando bom desempenho defensivo e liderando o esquadrão. Após uma sequência de boas participações, ganhou rapidamente seu lugar no time titular e no coração da torcida.

O campeonato internacional teve sua fase de grupos iniciada após o fim dos campeonatos estaduais. O time alviverde acumulou uma boa quantidade de pontos durante os primeiros jogos, porém, alguns escorregões deixaram a classificação para a última rodada.

O jogo decisivo era fora de casa, em Montevideu (Uruguai), contra o Peñarol, que também tentava se classificar por meio de uma vitória sobre os palestrinos. O Estádio Centenário havia sido preparado durante toda a semana para o confronto. Os ingressos tinham se esgotado.

Na noite do jogo, a capital inteira tinha suas televisões ligadas e suas camisas listradas vestidas. Os poucos brasileiros que compareceram ao estádio moravam na cidade, mas mesmo assim, fizeram questão de apoiar seu time até o apito final.

Os portões se abriram. Torcedor por torcedor, o Centenário ganhava cor e movimento. O canto dos uruguaios abafava qualquer reação palmeirense. Os jogadores já haviam se aquecido e se alinhavam para o hino nacional da casa.

Com os árbitros posicionados e um clima de decisão no ar, o Palmeiras deu o primeiro toque na bola. Antônio Mello, titular naquele dia, era alvo de vaias da torcida e de faltas dos adversários.

O primeiro tempo foi truncado e faltoso para ambos os lados. Uma cobrança de falta na medida e uma boa troca de passes do Peñarol rendeu aos uruguaios uma vantagem de dois gols no intervalo, resultado que eliminava os paulistas da competição.

O técnico do Palmeiras, juntamente com Mello, conversou com os jogadores para convencê-los de que o jogo não estava perdido. Depois do chacoalhão e de algumas substituições, os times voltaram ao gramado para o início da segunda etapa.

O time alviverde parecia outro. Ataque depois de ataque, os uruguaios não resistiram à pressão e logo aos cinco minutos, tiveram sua vantagem diminuída pelo atacante que acabara de entrar. Para segurar o resultado ainda favorável, a famosa “catimba uruguaia” entrou em cena. Reclamações, simulações e faltas mais fortes transformaram um jogo disputado em algo chato e irritante de se assistir.

Apesar da pressão e da catimba, o Palmeiras conseguiu se organizar e não perder a cabeça, empatando a partida na metade do segundo tempo com um gol de cabeça. Um empate não garantia a classificação de nenhum dos clubes, deixando-a nas mãos de um time argentino que fazia parte do mesmo grupo.

Por garantia, o campeão brasileiro não aliviou e continuou dominando o jogo, forçando o goleiro adversário a fazer boas defesas. O também campeão nacional, por outro lado, havia perdido a vontade e a força de jogar que exibira durante a primeira etapa, o que desanimou a torcida, dando espaço para os alviverdes crescerem sobre os mandantes.

O jogo estava no fim e o resultado do jogo na Argentina era desconhecido. Nos acréscimos, escanteio para o Verdão. Todos subiram para cabecear a bola, a qual rebateu em vários jogadores e sobrou para ele, Antônio Mello, que estufou as redes e garantiu a classificação. E nesse momento, o juiz apitou o final da partida.

No meio da festa palmeirense, um tumulto em volta do árbitro se formou e vários jogadores da casa cercaram Antônio, que provocou a torcida ao fazer o gol histórico. O time classificado tentou entrar no vestiário para evitar qualquer confusão, porém, os portões de acesso ao interior do estádio estavam trancados.

Aquilo se tornou um barril de pólvora, e um xingamento do capitão gringo ao goleiro palmeirense foi a faísca. Cenas lamentáveis tomaram conta tanto do gramado quanto das arquibancadas. As torcidas rivais derrubaram as grades que as separavam e se agrediram com barras de metal e pedras. Havia pouco policiamento no estádio e os árbitros não conseguiram controlar a situação entre os jogadores e a comissão técnica.

Quando a polícia chegou, quase uma hora depois do apito final, os adversários foram separados e socorridos e alguns membros das torcidas presos ou imobilizados. Com a chegada da imprensa e o esvaziamento do estádio, os fatos foram noticiados com mais precisão.

Dois torcedores palmeirenses foram assassinados, mais de 40 membros de torcidas organizadas foram presos e vários jogadores feridos, um deles, do Peñarol, ficou em estado grave devido a uma forte pancada na cabeça. Antônio, o motivo inicial de toda a confusão, saiu ileso do tumulto.

Quanto aos clubes, ambos tiveram que pagar multas altíssimas e tiveram alguns jogadores suspensos (incluindo nessa lista o “pitbull”) por uma quantidade de jogos que variava de acordo com a atitude do atleta no momento da briga. Além disso, todos os torcedores que participaram da ação foram proibidos de assistir presencialmente qualquer jogo futuro do seu clube.

Depois daquele fatídico dia, a CONMEBOL, organização que controla as competições sul-americanas, estabeleceu novas regras relacionadas ao policiamento nos estádios, às provocações aos adversários e às torcidas organizadas, para evitar que qualquer tragédia como aquela se repetisse.

Uma amizade e suas consequências

Luiz Gustavo Campos de Siqueira

Na terceira aula do dia, Jaime estava de saco cheio dessa merda que a turma aprende em matemática, alguma coisa chamada logaritmo, e seu celular de última geração estava sem bateria. No auge de seus 16 anos, o garoto havia acabado de se livrar de seu problema com espinhas e só queria saber de jogar bola e ir pra balada com os amigos. Sempre presente nas festas, Jaime proporcionava os melhores esquentas para seus *brothers* e, após ter se mudado para uma grande casa no bairro de Pinheiros, seus pais passaram a deixá-lo fazer *house parties* e encontros todos os finais de semana. O garoto era sócio de um grande clube e praticava esportes diariamente após a aula.

Jaime levava sua vida de maneira tranquila, mantendo sua rotina acadêmica de uma forma mediana, sempre evitando as recuperações. Continuava indo a todas as festas e praticando esportes, era a vida que ele pedira a Deus. Esse padrão se manteve até Jaime se aproximar de um aluno novo, chamado João. Ambos gostavam muito de futebol e torciam fielmente para a mesma equipe, o São Paulo Futebol Clube.

João era claramente de uma classe social mais baixa que a de Jaime, havia entrado na escola com o programa de bolsas acadêmicas e eram notáveis as diferenças entre os dois. Porém, isso não impediu a amizade dos garotos, que se aproximavam cada vez mais durante os dias letivos. Sempre conversavam sobre a rodada do final de semana, os clássicos e as zebras que tinham acontecido nas partidas. Não demorou muito para começassem a ir juntos aos jogos para apoiar sua equipe. Ir ao estádio era um momento diferente para os dois, lá eles ignoravam as

diferenças e esqueciam os privilégios. Quando estavam na arquibancada laranja do estádio Morumbi, os garotos agiam como apenas uma pessoa, com as mesmas ideias e o mesmo modo de enxergar o momento que viviam.

Após uma partida da *Copa Bridgestone Libertadores*, na qual o São Paulo ganhou do *The Strongest* por 2 a 1, Jaime resolveu deixar João em sua casa, já que seus pais não podiam buscá-lo. Chegando perto da casa do garoto, Jaime percebeu que era uma região mais perigosa da cidade e que seu motorista havia fechado os vidros, que eram blindados, e trancado as portas. João chegou em casa sem problemas e Jaime foi embora, porém, no dia seguinte Jaime indagou João sobre a região onde morava.

- Ou João, chega aqui bro! - gesticulando com a mão.

- Fala aí, Jaime, estou ocupado aqui - disse João enquanto guardava seu material.

- Demorô - concordou Jaime, chegando perto da carteira do amigo.

- Que porra de bairro é aquele que você mora? - indagou, Jaime.

- Eu moro lá desde pequeno, mas, e aí, conseguiu acabar o trabalho de história? - perguntou João, tentando mudar de assunto.

- Consegui sim, meu irmão me emprestou o antigo dele - respondeu Jaime - . mas me explica melhor isso, João, por que vocês nunca se mudaram de lá? Puta lugar perigoso, o Kléber disse que não consegue mais te levar para lá depois dos jogos!

- Mano, meus pais gostam de morar lá e a gente conhece todo mundo que mora na nossa rua - enrolou João.

- Mas por que vocês não se mudam para algum outro lugar? - insistiu Jaime.

Jaime percebeu que João não estava gostando do assunto, mas agora não tinha mais volta e ele esperava ansiosamente a resposta.

- Porque a gente não tem dinheiro, seu merda! - explodiu João, após a insistência de Jaime - O salário dos meus pais não é suficiente para pagar a porra de uma mansão em Pinheiros, eles usam todo o salário para pagar meus materiais e as contas de casa, porra - concluiu João, irritado.

A turma inteira estava prestando atenção na conversa dos dois, que estavam gritando e não tinham percebido. João, envergonhado, saiu da sala sem se despedir de Jaime e foi para casa, matando o período integral do dia.

Jaime também faltou no período integral, devido a uma partida de futebol que tinha que jogar pelo seu clube, mas ficou pensando na conversa que tivera mais cedo com João. Percebeu que seu melhor amigo vivia uma realidade completamente diferente da sua e que seus pais realmente batalhavam para pagar as contas da casa e os materiais escolares de seu filho. Chegando em casa, cansado por causa do jogo, Jaime recusou um convite de sua mãe para ir ao shopping e disse que precisava conversar com seus pais após o jantar. O rapaz contou toda a história de sua briga com seu amigo e disse que estava preocupado com as condições da vida de João. Jaime questionou sobre as questões sociais do mundo atual.

- Mãe, por que que existem tantas pessoas nessa situação?

- Ah, filho! É assim que o mundo é! - justificou a mãe - Alguns conseguem mais oportunidades que outros durante a vida.

- Mas, e aí? A gente não faz nada para ajudar as famílias que precisam de melhorias? - indagou Jaime, ficando irritado com o tom de voz da mãe.

- Não filho, você prefere ir para a Europa nas férias ou doar dinheiro para os pobres? - respondeu a mãe.

Jaime levantou, subiu para seu quarto e trancou a porta. O menino ficou indignado com as respostas da mãe, esperava que no mínimo ela fosse fazer alguma proposta para trabalhar com algum projeto em comunidades carentes ou bairros necessitados. Jaime percebeu que todas as suas roupas novas, chuteiras, pares de sapatos e outros exageros não passavam de luxos em sua vida, percebeu que eles não lhe traziam felicidade e que eram um desperdício de dinheiro.

Chegando à escola, no dia seguinte, Jaime não viu João. Aliás, não havia visto João a semana inteira na escola. Preocupado, foi à secretária perguntar sobre a situação do menino.

- Com licença, gostaria de saber o que aconteceu com o aluno João? - perguntou Jaime educadamente.

- João? Aquele do programa de bolsas? - respondeu a secretária

- Deve ser ele, sabe me dizer o que aconteceu? Não vi ele na escola essa semana.

- Ahh, então. O João foi cortado do programa de bolsas, suas notas estavam muito baixas e ele estourou o limite de faltas nas aulas do período integral do trimestre - respondeu a moça.

Jaime saiu sem falar mais nada, apenas agradeceu com a cabeça, chamou um Uber e foi para casa muito triste. O rapaz se lembrou que faltou em todos os períodos integrais com João, e que muitas vezes foi ele mesmo que insistiu para que o garoto matasse aulas. Mas Jaime não sabia que João era do programa de bolsas, o que o deixou ainda mais entristecido.

Aos poucos, Jaime foi parando de ir ao clube jogar bola, alegando que não tinha mais vontade de fazer esse esporte. Parou de ir a festas, pois as julgou um desperdício de tempo e dinheiro. Parou de ver televisão, parou de jogar videogame, parou de sair com os amigos e amigas. O garoto só conseguia pensar sobre como havia atrapalhado a vida escolar de seu ex-melhor amigo, nas dificuldades que ele passava no seu dia a dia e como tinha saudades da convivência honesta que tinha com João. Até que Jaime parou de respirar, pois julgou um desperdício de tempo continuar vivendo de maneira apática diante de todos os problemas da sociedade. Jaime, literalmente, parou.

O fracasso

Maria Clara Novaes Antoniazzi

Todos os dias, eu ia dormir exausto. Passava o tempo inteiro na academia, de segunda a sexta: dava aula para as crianças, depois treinava, treinava muito. Meu sonho era ser campeão, viver da luta, mas sabia que seria muito difícil, já que é um meio muito competitivo. Era uma batalha conciliar os estudos com os treinos, mas todos me apoiavam, principalmente meu treinador. Como não tenho relações com meu pai, via nele a figura paterna, era ele que brigava comigo quando eu tirava notas ruins ou fazia algo de errado.

Na temporada anterior, eu não tinha me saído muito bem nos campeonatos. Por mais que eu amasse o que estava fazendo e desse o meu melhor, não conseguia ganhar nada e isso me deixava muito pra baixo. Diversas vezes, pensei até em desistir, parar de competir e me dedicar aos estudos pensando no meu futuro, mas sempre persisti e continuei treinando cada vez mais e mais.

Eu estava treinando desde o começo do ano porque queria conseguir lutar o campeonato mundial de São Paulo; no entanto, para me classificar, precisava lutar todos os campeonatos preliminares, paulista da CBJJ, Rio Open, SP Open, Brasileiro da CBJJ e também o sulamericano.

Para estar apto a lutar, fui a uma nutricionista e estava fazendo musculação. Meu objetivo era ganhar massa muscular e ficar forte para estar com o mesmo porte de meus adversários. Como eu era muito alto

e magro, sempre lutava com pessoas mais baixas e encorpadas que eu, e isso era uma grande desvantagem para mim, porque as técnicas de luta tinham que ser diferentes.

Durante esse processo tive que abrir mão de muitas coisas importantes para um adolescente de 17 anos. Sair nos finais de semana, encher a cara, dormir fora, voltar tarde das festas? Muito raro. Foi muito difícil me afastar dos meus melhores amigos da escola, porque simplesmente não tinha tempo para eles. Muitos me olhavam torto pela mudança de comportamento que eu tive. Antes eu era um garoto que curtia sair à noite e voltar só no dia seguinte, era o mulherengo da turma; e agora mal falava com as pessoas. Minha namorada? Não aguentou. Conseguíamos nos ver no máximo uma vez por semana. Eu gostava muito dela, porém, quase não passávamos tempo juntos... então ela me deixou.

Comecei a frequentar alguns treinos gerais em que lutava com pessoas da mesma categoria que eu e assim tinha uma noção de como seria o meu desempenho. Realmente, eu tinha melhorado, estava com muito mais gás. Até o ano anterior, eu já estava morto no terceiro minuto de luta, agora conseguia terminar um treino tranquilamente. Minhas esperanças só aumentavam, eu estava muito confiante que tudo ia dar certo.

O tempo passou, os treinos ficaram cada vez mais pesados e o dia do campeonato estava chegando. Faltavam apenas duas semanas para o grande evento e não conseguia parar de pensar nele. Escola? Já não ia havia um tempinho. Minha casa? Só pra dormir. O resto do dia inteiro eu passava na academia.

Chegou o dia. Acordei às 7 da manhã porque meu mestre iria me pegar em casa às 8 para irmos ao ginásio. Peguei minha garrafa de

água, meus lanches para o dia, meu quimono e fui para a porta de casa esperá-lo. Comecei a ficar nervoso, já eram 8:30 e ele não chegava nem respondia às minhas mensagens. Como minha luta era às 10:00, eu não sabia se ainda daria tempo. Às 8:55, ele chegou. Fomos voando no caminho e conseguimos chegar a tempo.

Consegui ganhar a primeira, a segunda, a terceira... Lutaria a final só no dia seguinte. Fui pra casa, descansei e no outro dia a mesma coisa... Acordei às 7, peguei minha garrafa de água, meu lanche, meu quimono e fui pra porta. Cheguei com antecedência à luta, fiquei andando pelo ginásio, mas quando fui descer a escada para a pesagem, tropecei e torci o pé. Nunca tinha sentido uma dor tão forte em toda a minha vida. Naquela hora percebi que não iria conseguir lutar. Vi então que aquilo não era pra mim. Desisti.

A grande luta

Lucas Zanquetta de Oliveira Lima

Em mais uma longa sexta-feira, um jovem menino de 15 anos chamado Nerez se destacava em seu treino de futebol em seu bairro, na zona leste de São Paulo. Seu sonho sempre fora se tornar um jogador, pois era o que o deixava feliz, mas ele tinha grandes dificuldades – principalmente longe do campo, dentro de sua casa. Sua família era muito simples, sua mãe era vendedora e seu pai trabalhava em uma lanchonete. Além de estudar, Nerez ajudava em casa tomando conta de seu irmão de apenas 5 anos. Todo dia ele acordava cedo, até no final de semana, quando podia jogar, e só voltava à sua casa à tarde, pois seu treino era demorado.

Treinando, Nerez sempre se destacava e era muito esforçado, mas sabia que com o tempo o seu sonho estava ficando cada vez mais distante, pois a idade no futebol passa muito rápido.

Depois de uma semana cansativa, ele não via a hora de chegar o final de semana para seu grande jogo acontecer. Nerez estava esperando por aquele momento por toda a sua vida e sabia que aquela seria a chance mais próxima de seu sonho ser realizado. A partida era contra o São Paulo e todos sabiam que o time grande estava buscando novos atletas para compor sua base.

Enfim, chegou o dia tão importante na vida do menino, que nem conseguiu dormir na noite anterior. No jogo, porém, Nerez ficou tranquilo, deu o seu primeiro toque na bola e, aos poucos, foi se soltando mais: sabia que podia confiar em toda a sua habilidade. Ao longo da

partida, ele foi melhorando, até que chegou a fazer uma grande jogada que resultou no gol do seu time. Com o tempo, o ponta direita foi chamando mais atenção e logo depois do início do segundo tempo ele voltou a aparecer com destaque, conseguindo deixar sua marca naquele jogo.

O juiz finalmente apitou o fim dos 90 min. O técnico de Nerez o chamou de canto e o levou para falar com o treinador do São Paulo. O menino sabia que a notícia provavelmente seria boa, mas ficou muito nervoso. Finalmente, Nerez ficou sabendo que o São Paulo o queria por uma semana no Centro de Treinamento de Cotia. Sentiu então uma das maiores felicidades de sua vida, mas sabia que aquele era apenas um pequeno pedaço de tudo que poderia acontecer.

Quando chegou em casa, o menino fingiu para os seus pais que não tinha conseguido, mas a mentira não durou muito tempo pois, pela sua cara, sua família sabia que tinha havido algo de diferente, até que ele contou a tão esperada notícia e todos comemoraram.

O final de semana terminou e Nerez passou uma semana no Centro de Treinamento. Foi um dos destaques da peneira e conseguiu uma vaga no sub-15 tricolor. A partir dali, sua vida mudou: o menino deixou sua casa para morar em Cotia e acabou mudando de escola; só voltava para casa no domingo à noite e voltava para o CT no dia seguinte.

Ficou nessa rotina durante dois anos e quando o seu sonho estava cada vez mais próximo de ser realizado, um imprevisto aconteceu. Em um treino, Nerez acabou rompendo o ligamento posterior do joelho e ficou um ano parado. Com muita fisioterapia, o rapaz foi se recuperando e, aos poucos, foi voltando aos gramados mas, infelizmente não conseguia

desenvolver o seu futebol como antes: ele sabia que a sua habilidade não era mais a mesma, acabou ficando para trás e um dia foi chamado pela diretoria.

Neraz sabia que aquele era o seu fim, mas não foi o que aconteceu: a diretoria do São Paulo fechou uma porta mas abriu uma nova para Nerez, como olheiro para novos talentos no futebol. Na hora, ele soube que aquele era seu fim como jogador, mas comrçava uma nova etapa da sua carreira no futebol.

O meu, o seu, o nosso: Pacaembu

Guilherme Pestana Brom

Mais um dia de trabalho. Acordar um pouco depois das quatro, pegar a condução e chegar ao maior templo do futebol brasileiro, pelo menos é o que eu acho. Sim, eu trabalho no Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu. Não é dos trabalhos mais nobres, mas me orgulho em dizer que sou responsável pela manutenção da grama do estádio desde 1971, há quase quarenta anos. Em todo esse tempo, faltei apenas 11 vezes no trabalho, por doença e quando meu pai faleceu com esse maldito problema no coração, que hoje também me assombra.

Devo dizer que o tempo voa. Comecei a trabalhar aqui com 15 anos, ajudando meu pai, que trabalhava na equipe de limpeza do estádio. Ou seja, estive aqui a maior parte da minha vida. Vi muitos títulos aqui, de diversos times, inclusive dezenas de títulos do meu timão.

No dia 16 de março de 2015, uma segunda-feira, aconteceu algo que eu jamais poderia esperar. Meu chefe chamou a mim e ao seu João, que trabalha na equipe de limpeza desde a época de meu pai. Disse que haveria um jogo beneficente dos grandes ídolos que fizeram história no estádio e que trabalharíamos a serviço das duas equipes, portanto, dentro do gramado.

Lá estava eu voltando para casa com um sorriso estampado de orelha a orelha. Eu já estou ficando com uma certa idade, é difícil dizer até quando que estarei apto para fazer esse trabalho exaustivo de que gosto tanto. Cheguei em casa, escura e vazia. Já era tarde, então fiz meu jantar e fui dormir.

E assim foi a semana, cada minuto demorando para passar e, ao mesmo tempo, a cada minuto que passava eu ficava mais contente e ansioso. Não conseguia me imaginar vendo meus grandes ídolos jogando juntos de perto. Alguns deles eu já tinha visto em algumas ocasiões nas quais eu era chamado para ajudar na limpeza do estádio no dia do jogo, conseguia ver alguns craques quando saíam do vestiário em direção ao gramado, mas apenas de longe. Ter a oportunidade de vê-los, todos, de tão perto, com o estádio lotado... parecia-me inimaginável!

Enfim, chegou o grande dia. É hoje. Já estou no gramado, tremendo dos pés à cabeça. Estádio lotado, torcida gritando o nome dos jogadores que já estavam prontos para entrar. Vi o chefe vindo em minha direção e, esbaforido, veio logo dizendo:

- O Clodoaldo acabou de se contundir no aquecimento. Já que você trabalha aqui há tanto tempo, me mandaram te convidar para substituí-lo. Não será nada demais, 30 minutos cada tempo. Você acha que dá conta?

Falta-me fôlego. Fico estático. Retomo a consciência e balanço a cabeça positivamente. Já estou correndo para o vestiário para me trocar. O mesmo vestiário que viu grandes esquadrões passarem. Grandes jogadores. Grandes ídolos.

Acabo de me trocar e me junto aos jogadores que já estão subindo para o gramado. Estou vivendo a sensação mais arrepiante da minha vida. O estádio aplaudindo de pé a todos os grandes jogadores ao meu redor.

O árbitro apita, começa o jogo. A sensação de estar naquele lugar, substituindo um campeão de 70 fez com que o jogo passasse rápido demais. Peguei na bola algumas vezes, fiz alguns passes, alguns desarmes, mas nada demais.

O juiz dá três minutos de acréscimo para o segundo tempo. Eu decido parar de olhar para a bola e começo a admirar essa atmosfera. Minha respiração está extremamente ofegante. Começo a sentir uma dor forte no peito. Ajoelho-me com as duas mãos sobre o coração, depois me deito no gramado. Fico alguns segundos olhando para o céu com um sorriso no rosto e, pouco a pouco, vou perdendo a consciência.

Créditos das ilustrações

Ana Beatriz do Prado Alves **130**
Ana Luíza Robazzi Mussolin **355**
André Katz Zagury Fragelli **328**
André Pisaturo de Moura **358**
Beatriz Ferreira Silva **336**
Bruno Canepa Tosi **12, 364**
Bruno Spina Soares de Oliveira **384**
Carolina Carneiro Naspitz **176**
Carolina de Almeida Martins Ferreira **33**
Diego Barros Silveira **286**
Dora Correa Tavares **291**
Fernanda Brollo Forte **241**
Gabriel Gorga Guimarães **387**
Isabela Hargreaves Rainer **113**
Julia Abramczyk **25**
Julieta Visoni Calliari **43, 100**
Laura Novelli de Miranda Oliveira **81**
Lidia Castanha Silva **11**
Luiza Horowicz Sutton **29**
Luzia Rocha de Barros e Silva **133**
Manuela Levy de Almeida **92**
Maria Eduarda Figueiredo Balestero **68**
Maria Izabel Marangoni Brandão Fialho Gandini **219**
Marina Horowicz Sutton **57**
Max Fahrer **96**
Nino Kuschnaroff Barbosa **171**
Olivia Pinto Bueno de Campos Bicudo **348**
Pedro Gribel de Castro Mendes **351**
Rafael André Sollberg Cembranelli **374**
Rita Tiné torkomian **226**
Sofia Tremel Alves **54**
Tito Mansilha da Costa Mina **276**

Créditos gerais

© Escola Vera Cruz, 2017



Projeto Distolescentopografia

Responsável: Luiz Venâncio Rodrigues Aiello

Professora de Artes Visuais: Maria Celina Pinto de Gusmão

Professora Orientadora da 2ª série: Marli de Barros

Psicólogo Escolar: Alexandre Trinca

Coordenadora do Ensino Médio: Ana Maria Bergamin

Projeto gráfico:



Ilustração da capa: Sophia Buzzacaro Braz

São Paulo/2017